ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

HISTÓRIA QUINHENTISTA

(INÉDITA)

DO

SEGUNDO CÊRCO DE DIO

ILUSTRADA
COM A CORRESPONDÊNCIA ORIGINAL,
TAMBEM INÉDITA,
DE D. JOÃO DE CASTRO, D. JOÃO DE MASCARENHAS,
E OUTROS

PUBLICADA E LARGAMENTE PREFACIADA

POR

ANTONIO BAIÃO
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa

POR ORDEM DA MESMA ACADEMIA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1927

HISTÓRIA QUINHENTISTA

(INÉDITA)

DO

SEGUNDO CÊRCO DE DIO

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

HISTÓRIA QUINHENTISTA
(INÉDITA)
DO
SEGUNDO CÊRCO DE DIO

ILUSTRADA
COM A CORRESPONDÊNCIA ORIGINAL,
TAMBEM INÉDITA,
DE D. JOÃO DE CASTRO, D. JOÃO DE MASCARENHAS,
E OUTROS

PUBLICADA E LARGAMENTE PREFACIADA

POR
ANTONIO BAIÃO
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa

POR ORDEM DA MESMA ACADEMIA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1925

PARECER DA SECÇÃO DE HISTÓRIA ACÊRCA DA PUBLICAÇÃO DA PRESENTE OBRA

O oficial de marinha, sr. D. Carlos de Sousa Coutinho, é possuidor de um manuscrito quinhentista que versa o assunto seguinte: *Historia do cêrco de Dio.*

Percorrendo a *Bibliotheca Lusitana* parece poder atribuir-se a sua autoria a Leonardo Nunes, testemunha presencial dos acontecimentos, o que não é contradictado pelo texto do mesmo códice. Consente o seu proprietário em que a Academia o publique, reservando para si a propriedade do manuscrito e a faculdade de fazer edições futuras.

É esta secção pois de parecer que a publicação da *Chronica do cêrco de Dio* representa mais um assinalado serviço prestado pela nossa Academia à historiagrafia e literatura nacionais. Vem lançar ampla e nova luz sôbre um facto de capital importância da história da nossa conquista e domínio na Índia, no govêrno do grande D. João de Castro. O estudo comparativo da narração dêste códice, com as de Gaspar Correia e Jacinto Freire de Andrade deve ser muito elucidativo e curioso.

Com a publicação salva-se assim um texto precioso e único, pois dêle, que é inédito, se não conhece cópia alguma além desta.

Sala das Sessões da Academia das Sciências de Lisboa, 13 de Julho de 1922.

José Maria Rodrigues
Pedro de Azevedo
David Lopes
Francisco Maria Esteves Pereira
António Baião, relator.
Cândido de Figueiredo.

INTRODUÇÃO

Os écos do segundo Cêrco de Diu depressa galgaram as ondas alterosas dos mares e os cumes nevados das montanhas para do paço da Ribeira junto ao Tejo, se repercutirem pelas cidades, vilas e aldeias do velho Portugal.

Houve um estremecimento geral e comovidamente os olhos se volviam a cada passo e a cada vela nova, vinda do oriente, que na barra do Tejo surgia e aproava. Não é pois de admirar que os cronistas nele prendessem a sua atenção, os humanistas como Goes e Teive lhe dedicassem o melhor dos seus jambicos, dos seus hexâmetros e dos seus arrebiques da latina linguagem e poetas como Jerónimo Côrte Real se inspirassem nas suas façanhas.

Ainda estavam quentes as cinzas dos heróis e já Mestre Pedro Fernandes, escrevendo de Gôa, a 20 de Novembro de 1546, a D. Álvaro de Castro, lhe dizia que não incumbisse a outrem a história de tão magno feito pois êle, achando-se com va-

gar, *tornaria tudo em latim*, para no estrangeiro retumbarem tais façanhas e os portugueses serem não só estimados como temidos (1).

Leio também num velho manuscrito (2) que «o padre mestre fr. Fernando de Castro, dominicano, neto de D. João de Castro, compoz um livro muito curioso das suas proesas e feitos heroicos».

Barbosa Machado fala nas seguintes obras do mesmo vice-rei: *Livro das mercês que fez na India*, adiante extractado e *Relação do que passou no sítio de Diu*, talvez os relatórios também adiante publicados. A Miguel de Castanhoso atribui uma *História do Cêrco de Diu*, não sabemos se referida ao primeiro se ao segundo.

Mas nenhuma destas obras é conhecida e outro tanto aconteceria decerto à que vimos agora dar à estampa, se não fôra o feliz acaso de vir parar às mãos duma pessôa ilustrada que a conservou, doutra que a estudou, identificou e comunicou a sua existência à Academia que benevolamente incumbio ao autor destas linhas de dar o seu parecer a tal respeito, parecer que aprovou e em virtude do qual se publica.

Com efeito, à posse do ilustre oficial de ma-

---

(1) Doc., L. II, pág. 209.

(2) Tôrre do Tombo, 21-E-26, pág. 167.

rinha, D. Carlos de Sousa Coutinho (Linhares), chegou um códice cuja letra, por não ser paleógrafo, desconhecia. Dignou-se êsse velho amigo mostrar-mo e pedir a minha opinião. Imediatamente reconheci nêle um manuscrito quinhentista, mas sem nome de autor.

Capitolo terceiro de como [illegible] entrou en dyo. cõ grande poder e de como se começou ha guerra

Fac-simile da letra do códice cujo texto publicamos

Consegui porém identificar-lho com o auxílio da clássica *Bibliotheca Lusitana*, aproximando-a do texto e duma outra obra (*Chronica de D. João de Castro*) que, embora inédita, é autenticada com nome de autor. Eis pois a dedicatória dessa obra:

Ilustrissimo Snõr.

Se como antre latinos & greguos Espanhois & outras naçóis ouvera antre portugueses tanto cuidado de se pobricar perpetua gloria de sua fama quanto ha o bom uso de cousas grandes nhũa vẽtage lhe fizera o clarissimo & famoso nome de Romanos & greguos (trazemdo aos daguora os feliçes tempos daquelles) mas he antresses tam sobejo o quererem todos fazer tudo pera lhe ficar Antes o guosto & interesse militar que o de escrever alheas façanhas que asy como faltam escritores pera iso Asy o tempo vay guastando suas cousas q̃ nam durão mais que em quanto dura

anovidade dellas. E pello qual. E por que meu principal jntento foy grandissimo deseio dachar cousa em q̃ podese servir vosa Ilustrissima Senhoria / Residindo eu na India no tpo que viso Rey dom Joham de castro que ds aja a governava & vendo o cuidado que todos tinham antes da guerra que de fazer memoria dos grandes acontecimentos della quis tomar cuydado de nũa cousa & noutra me acupar pera que ao menos quando minhas faltas Impidisem ficar esta obra em meu estillo dese verdadeira materea a doctos emgenhos se per elleguante estillo quiserẽ fazer outro tanto. Meu trabalho ficase satisfeito cõ o conheçimẽto q̃ a vossa Senhoria ficaria de quanto o serveria no que de seu serviço podese alcançar. Tres cousas me favoreçerã muyto este cuidado contra quantas desconfianças pera iso pude ter & de mj naçiam pera em tal neguoçio / por as maão. A prymeyra ser o acontecimento destas cousas na India que V. S. tem a carguo de prover & guovernar & de q̃ sabe todallas provinçias Reinos & luguares della tam Inteyramente & com tam corioso conheçimẽto como os propios q̃ cõ seus olhos & esperiençia o tem della / A que Realmente pareçe que deve afeiçam pella grandeza de seus neguocios, E a segunda trataremse aquy cousas do Viso Rey Dom Johaõ de castro de que V. S. foy tam amiguo que depois de sua morte trabalha tanto por que suas cousas vivam pera sempre na memoria dos homẽs por terem o aliçerçe tã vertuoso como claramente pareçe / E a terceyra saber que por suas Ilustrissimas maãos & grãdeza teram suas cousas aquelle luguar & gloria que tam eroycos e venturosos feytos mereçem & donde me amy nam podia ficar pouca gloria do trabalho queo neguoçio me deu se minha ventura fose tam boa que como eu espero V. S. tanto açeptase meu desejo de seu serviço quanto sey que terá guosto da causa em que o eu sirvo / Porque saindome tambom fruyto deste trabalho muyto mais o estimaria que a valia q̃ a maryo deram as batalhas Romanas Ainda que destas tirara outra tanta / Asy que confiado nas tantas Rezoẽs que me parece que tenho acabey aguora esta Cronica que derejida como hé a V. Ilustrissima S. espero que resulte com seu favor a ella famosissimo nome E a my *Leonardo nunez seu muy humilde servidor* nã pequena honrra de minhas

cousas chegarẽ a estado de parecer diante de seu magnifico acatamento onde peço a V. S. que no már de suas grandezas onde traguo o pobre barquo de minha pesoa com os Remos quebrados em afortunado tpõ ache porto onde me salve / E ouça as palavras que nosso Snõr dixe aos hebreos pescadores venite post me / Pera q̃ Relictis retibus Rogue anosso Snõr como faço que acrecente o esclareçido estado de V. S. com muytos Anõs de vida & saude.

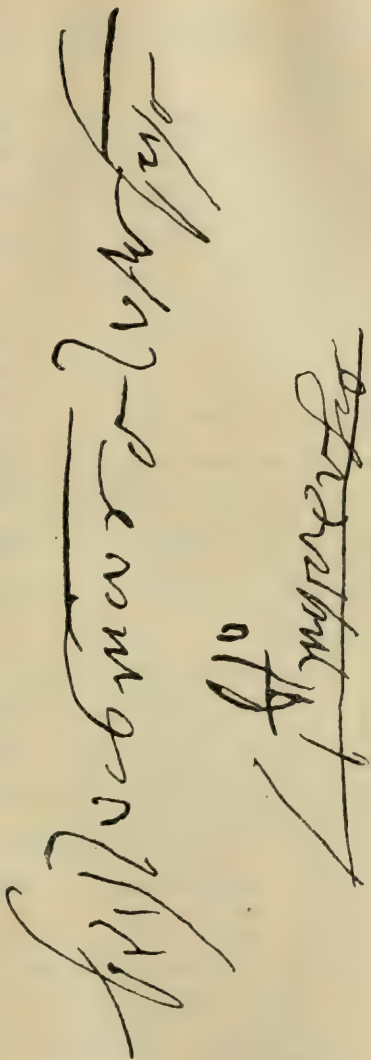
Confronte-se o estilo e as indicações biográficas; leia-se na já citada *Bibliotheca Lusitana* a referência a Leonardo Nunes e assim teremos incontestàvelmente o nome dêste cronista do segundo Cêrco de Diu.

Testemunha de vista, dotado de relativa ilustração clássica, o seu depoïmento, se o despirmos da rètórica pretenciosa, e das confusas declarações, é imensamente valioso.

Coitado, escreveu-o nos intervalos que as queimaduras das mãos lhe permitiram, pois foi uma das vítimas da explosão do baluarte S. João, queimado nas mãos em contra posição a Fernão Vaz Dourado, o célebre cosmógrafo e iluminador cujos pormenores de vida até agora se ignoravam, igualmente queimado nas pernas (1).

Também do livro das mercês feitas por D. João de Castro consta uma concedida ao nosso historiador (2).

---

(1) Doc. LX, pág. 222.

(2) Vid. pág. 302.

A estes poucos dados acêrca do cronista do Cêrco de Diu acrescentaremos sòmente que, a 19 de Fevereiro de 1546, professou na ordem de Cristo.

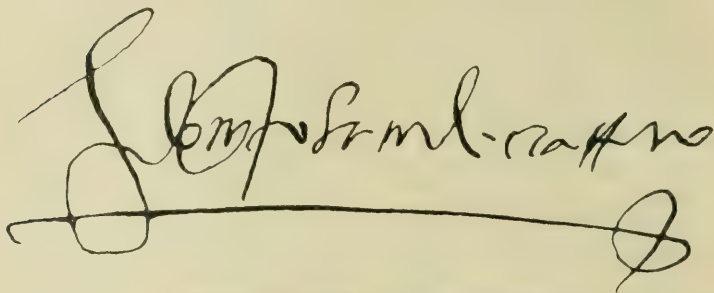
Se atentarmos na sua obra e se a confrontarmos, embora *per suma capita*, com os documentos adiante insertos notaremos que não são grandes as divergências e passos há em que se completam e outros em que os relatórios os confirmam, especialmente os do grande D. João Mascarenhas. Os rumes, afirma Leonardo Nunes, estiveram-se preparando sete anos; determinou Coge-Sofar — o Khodja Sofar dos orientalistas — principiar a guerra no meio de Abril, metendo para isso muita gente na cidade dizendo que era para a enobrecer e não com intuitos bélicos enviando assim um seu capitão com muita tropa nos fins de Março e no princípio de Abril chegou outro. Então D. João Mascarenhas pediu socorro. No dizer de Leonardo Nunes em Diu havia sòmente 170 homens. Com efeito o doc. XXVI é uma carta de D. João Mascarenhas, datada de 6 de Abril e nela dá conta como Coje-Çofar lha escrevera a 1 de Abril protestando amizade e dá pormenores sôbre o que se passava, havendo ligeiras discrepâncias de datas como afirmar que já nos fins de Março viera gente do rei de Cambaia e D. João Mascarenhas dizia ter chegado a 4 de Abril.

A 8 dêste mês já o pobre D. João Mascarenhas tinha a certeza do cêrco e não contente com escrever mandava como emissário o padre vigário e informa (documento XXVIII) que só tinha às suas ordens menos de 200 homens, dos quais só 100 serão de peleja, muitos dos quais lhe queriam fugir pelas necessidades que passavam.

Fac-simile da letra e assinatura de D. João Mascarenhas

O capítulo III da *História* e a carta XXI completam-se também e confirmam-se, referindo-se ambos ao pretexto da guerra, qual foi a construção duma muralha pretendida pelos rumes, sobranceira ao baluarte português, a que D. João Mascarenhas não acedeu. Até a data da prisão de

Simão Feio, quarta feira de trevas, se encontra nos dois.

Nos capítulos IV e V deparam-se notícias não referidas por D. João Mascarenhas e no VI há, quanto à chegada de D. Fernando de Castro, profunda divergência pois, ao passo que o cronista o diz chegado a Diu a 18 de Maio, D. João Mascarenhas atribui o facto a qualquer dia anterior a 5 de Maio; ao passo que o cronista o diz acompanhado por 7 navios, D. João o diz *acompanhado* apenas por outro catur. Os capítulos VI e VIII contam pormenores curiosos, estratagemas de guerra como o do candeeiro de azeite igual aos que usam levar nas procissões, narrado a pág. 28.

A morte de Coje-Çofar é referida no capítulo X e na carta XXXII, atribuindo-a ambos à mesma causa e ao mesmo dia. O desastre de D. Fernando de Castro narrado minuciosamente no capítulo XV encontra-se na carta XXXIII, sendo cheia de interêsse a seqüência dos factos contados nos capítulos anteriores. É ainda na mesma carta que D. João se refere à chegada de D. Álvaro referida no capítulo XVIII. Neste mesmo capítulo se conta o formidável desastre proveniente duma imprudente sortida dos nossos a que o próprio D. Álvaro se refere na carta XXII.

Eis-nos chegados ao ponto culminante e decisivo da defesa de Diu. Vai entrar em scena o valoroso D. João de Castro, tão ardentemente almejado por todos quantos sofriam os duros ataques de Khodja Sofar, Hidal Khan e de Rumekhan. Como guarda avançada manda Vasco da Cunha, cuja correspondência adiante publicamos.

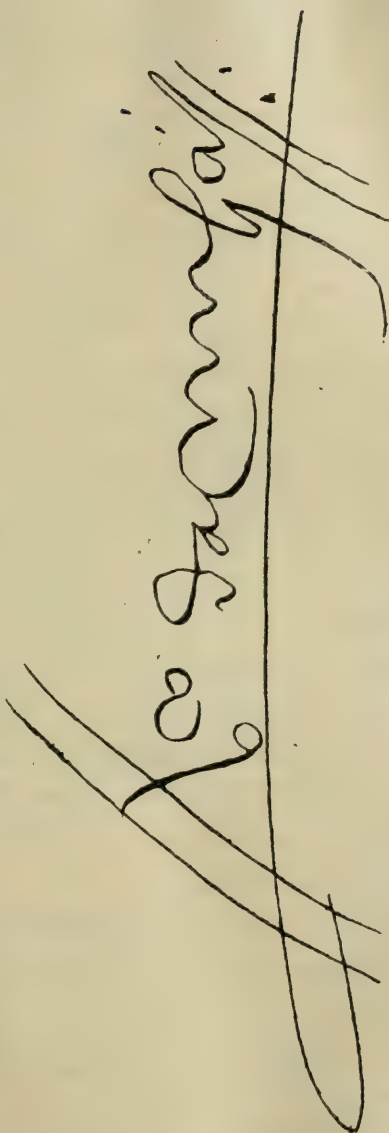
Entretanto apresta-se e vai direito a Baçaim. A sua movimentação enche de *leticia* — a jubi-

Fac-simile da assinatura de D. Álvaro de Castro

losa alegria quinhentista dos nossos avós bem fàcil de adivinhar — os portugueses e de tristeza os adversários. Assim o diz D. João Mascarenhas na carta XXVIII. A sucessão dos factos narra-a Leonardo Nunes nos capítulos XX e seguintes e vê-se de muitos documentos adiante

Fac-simile da assinatura de D. João de Castro

publicados e principalmente do relatório enviado pelo próprio D. João de Castro a D. João III.

Cessem pois a narração rètórica de Jacinto Freire de Andrade e a simples e despretenciosa de Gaspar Correia que a verdade nua e crua emerge das cartas — originais quási tôdas — impressas como elucidação ao texto de Leonardo Nunes. E dizemos quási todas porque não sabemos a origem do importantíssimo relatório transcrito do *Instituto*.

Um grande poeta quinhentista se ocupou também dêste Cêrço.

Na *Carta ao Lector*, que antecede o poema de Jerónimo Côrte Real, *Successo do segundo cerco de Diu*, escreve o seu autor:

Este successo do segundo cerco de Diu (estando o valeroso dom João Mazcarenhas por capitão e governador da fortaleza) foy hũa das notaveis cousas que se fizerão na India, ou por ventura no mundo».

. . . .

«Senti tanto, ver que se hia já perdendo a memoria deste tam raro feito, que determinei escrever o sucesso deste cerco: ainda que fosse em estilo grosseiro, rudo e mal polido. E trabalhei por aver á mão as mais certas e verdadeiras enformações que se podérão achar em homẽs de muito credito, que ao trabalho deste cêrco forão presentes. E se não nomear todos os fidalgos, e soldados que

Fac-simile da assinatura de Vasco da Cunha

deste cerco se achárão, não he a culpa minha: mas não pude aver os nomes de todos: ainda que com muita diligencia o procurei».

Êste poema, a que Camilo chama *deslavado* (1), foi censurado por fr. Bartolomeu Ferreira em 21 de Fevereiro de 1574.

Do índice dos cantos salta à evidência a sua orientação.

O canto 2 trata de como Coge-Çofar com grande diligência e cuidado ordenava um poderoso exército e de como mandou um capitão rume para que secretamente impedisse os mantimentos na fortaleza até que êle chegasse.

O canto 3 trata como o capitão D. João Mascarenhas mandou espias que lhe trouxeram certa nova do cêrco e de como se começou aperceber com muita pressa.

O canto 4 que trata da fala que o capitão D. João Mascarenhas fez aos capitães das estâncias e de como mandou queimar uma grande náo em que Coge-Çofar tinha inventado um sotil e danôso ardil.

O canto 5 que trata como chegou D. Fernando de Castro com nove navios em socorro da fortaleza e de como Coge-Çofar se vinha chegando aos muros para dar batalha.

---

(1) *A Corja*, pág. 108.

Rosto da primeira edição do poêma de que nos ocupamos no texto

O canto 6 que trata como os inimigos batiam a fortaleza e de como el-rei de Cambaia espantado dum tiro se foi da cidade, deixando Juzarcam abexim que governasse a gente que com êle viera.

O canto 7 que trata como os mouros continuavam sua obra com grande diligência para entulhar a cava, e os da fortaleza secretamente lhe furtavam o entulho, na qual obra morreu António Freire, alcaide-mór da fortaleza.

O canto 8 que trata como Simão Feio foi com recado ao capitão-mór e da resposta que o capitão lhe deu; trata também do primeiro combate e do sucesso dêle.

O canto 9 que trata do segundo combate que os mouros deram na fortaleza e de como a entraram e foi tornada a cobrar por D. João Mascarenhas; trata também da morte de Juzarcam, abexim.

O canto 10 que trata do terceiro e quarto combate que os mouros deram e de como levantaram a sua artelharia da frontaria da fortaleza.

O canto 11 que trata do quinto combate que os mouros deram na fortaleza onde, pela falsa informação de um guzarate, os portugueses receberam grande dano no incêndio e ruina do baluarte S. João.

O canto 12 que trata como os mouros minaram

a tôrre de Sant'Iago e como chegaram à fortaleza António Moniz, Garcia Rodrigues de Távora, apartados da armada de D. Álvaro de Castro, filho mais velho do vice-rei: trata também da vinda de alguns fidalgos com outras cousas que sucederam.

O canto 13 que trata como chegaram à fortaleza Luís de Melo de Mendonça e D. Duarte de Menezes filho do conde da Feira e D. Jorge de Meneses com alguns fidalgos; trata também da vinda de D. Álvaro de Castro e D. Francisco de Menezes o de como o capitão-mór saiu aos inimigos tornando-se a recolher com perda de alguns fidalgos.

O canto 14 que trata como foi levado recado ao vice-rei do decurso do cêrco e do estado em que estava a fortaleza: trata também da morte de Nuno Pereira.

O canto 15 que trata como o vice-rei partiu de Gôa levando grossa armada em socorro da fortaleza; trata também como D. Manuel de Lima, chegado de Portugal à Índia, o vice-rei o mandou de Baçaim à costa de Cambaia fazer guerra, onde os mouros receberam muito dano.

O canto 16 que trata como D. Manuel de Lima tornou à costa de Cambaia por mandado do vice-rei, conta-se nele tôdas as cousas que ali fez

nesta segunda viagem, trata também da chegada do vice-rei a Diu.

O canto 17 que trata como o vice-rei entregou a dianteira a D. João Mascarenhas, capitão da fortaleza, e de como se apresentaram aos inimigos.

O canto 18 que trata da gloriosa vitória que o vice-rei D. João de Castro teve dos capitães do Grão Sultão Mamude ajudados dos turcos e do que mais sucedeu depois do vencimento desta tão famosa batalha.

O canto 19 que trata como D. Manuel de Lima por mandado do vice-rei foi buscar duas náos de el-rei de Cambaia e não as achando entrou outra vez na enseada de Cambaia onde destruiu a cidade de Goga.

O canto 20 que trata como D. Manuel de Lima atravessou a enseada de Cambaia com grande trabalho e risco, queimando e destruindo a cidade de Gandar...

Canto 21... trata-se também da chegada do vice-rei a Gôa e da vinda de D. João Mascarenhas a Portugal.

É bem conhecido o autor dêste poema; e se fixamos a nossa atenção na sua biografia é tão sòmente para lhe juntarmos alguns dados emergentes de documentos inéditos.

A sua personalidade ninguém melhor que Diogo

Bernardes a definiu no seguinte terceto dum soneto:

Orpheo a voz lhe deu, Apollo a lira
Amor a branda penna, Marthe a lança
E o seu proprio pinzel a natureza

E António Ferreira resume desta arte todos os louvores e qualidades do elogiado:

Quem póde, ó grão Jeronimo, louvar-te
Dos raros dões que em ti os ceos juntaram?
No pincel vences a natureza e arte:
Na lira, quantos a melhor tocaram:

Na forte espada representas Marthe:
Nos brandos versos poucos te igualaram.
Até no claro sangue e gentileza,
Fortuna, e ceos roubaste a natureza.

Poeta e pintor é êle o próprio iluminador das suas obras cujos originais ainda hoje recatadamente se conservam.

A. F. Barata publicou os «Subsidios para a biographia do poeta Jeronymo Corte Real commemorando a vinda de S. M. El-Rei D. Carlos a Evora em 1899»; êsse opúsculo, que temos presente, funda-se principalmente em registos da Câmara de Évora e em documentos da Biblioteca da Manisola. Os primeiros encontram-se também registados no Arquivo da Tôrre do Tombo e pelo seu cotejo se vê como foi infeliz a leitura de Barata. Quanto ao mais, no opúsculo *Subsidios*

para a biographia, repetem-se inexactidões correntes ao tempo.

É a Sousa Viterbo, nos *Trabalhos náuticos dos portugueses,* que cabe a glória de ter lançado luz a jorros sôbre a biografia do imortal cantor do *Segundo Cêrco de Diu.*

Eis a resenha dos documentos por êle desenterrados da Tôrre do Tombo:

Chanc. D. Seb.ão e D. H.e, Doações, liv. 10, fl. 4 v.º;
» » liv. 26, fl. 224 v.º;
Filipe I, Legitimações, liv. 10, fl. 381 v.º;
» Doações, liv. 17, fl. 448;
D. Seb.ão e D. H.e, Privilegios, liv. 13, fl. 305 v.º;
Filipe I, Doações, liv. 24, fl. 9 v.º;
» Privilegios, liv. 2, fl. 109 v.º;
D. Seb.ão e D. H.e, Doações, liv. 41, fl. 150;
Filipe I, Doações, liv. 4, fl. 317;
» » liv. 18, fl. 235 v.º;
D. João 3.º, Doações, l. 24, fl. 91;
» » liv. 32, fl. 69 v.º;
» » liv. 41, fl. 16;
D. Seb.ão e D. H.e, Privilegios, liv. 2, fl. 109 v.º;
Ordem de X.º, liv. 1, fl. 153 v.º;
Filipe II, Doações, liv. 9, fl. 265;
» liv. 23, fl. 298;
D. M.el liv. 36, fl. 73 v.º;
» liv. 36, fl. 73 v.º;
» liv. 25, fl. 159;
Col.ção S. Vic.te, liv. 8, fl. 67;
Filipe I, Doações, liv. 21, fl. 70.

Entretanto alguns mais podemos juntar aos que tão afanosamente Sousa Viterbo rebuscou e

publicou, também referentes ao pai e mulher do Poeta.

Comecemos pelo *Livro das moradias da casa d'el rei D. Manoel de 1518 e 1519.* Aí encontramos como cavaleiros do Conselho:

Vasco Eanes corte Reall de todo a quatro myll e duzentos e oytẽta e seys por mes auera . . . . xij biij^c Lbiij^o

f. 7;

como moços fidalgos

It. Manuel Corte Reall, filho do Vedor de todo averá cõ cevada allq.^re. . . . . iiij Lxxx

It. Francisco Corte Reall seu irmão averá com cevada iiij Lxxx

fl. 22 v.^o

It. Miguel corte Real filho do Veador de todo a myll por mes ad aver cõ cevada. . . . . iiij Lxxx

It. Geronimo corte Reall, seu Irmaão de todo averá cõ cevada . . . . iiij Lxxx

It. Bernalldo corte Reall seu Irmaão de todo cõ cevada averá . . . . iiij Lxxx

f. 24 v.^o

Arch. da T. do T. Morad. m.^o 1, liv. IV.

João Corte Real, capellão — 1519.

id. id. L.^o V.

João Vaz da Costa f.^o de Pero Vaz Corte Real.

id. id.

Miguel Corte Real — filho do Veedor e seus irmãos (Fr.^co e Brnd.^o?).

id. id.

Manoel Corte Real, filho de Fernão Vaz.

id. id.

Manoel Corte Real e seu irmão (F.^co?).

id. id.

Pero Corte Real, filho de Catarina de Seabra.

id. id.

Pero Corte Real, filho de Fernão Vaz.
id. id.
Tristão da Costa, filho de Gil Vaz Corte Real.
id. id.
Vasco Annes Corte Real.
id. id.
Vasco Annes Corte Real filho de Pero Vaz.
id. id.

Registemos mais a seguinte execução que lhe foi movida:

Muito manyfico sõr

Dom R.º Lobo do conselho dellrrey nosso sõr e veador de sua fazẽda etc. O L.do Fr.co Carn.ro cidadão e juiz do cjuel ẽ esta cidade de Lixboa e termos faço saber a vosa sõrya como perante mỹ pareçeo Christovã Brãdão caval.ro da casa do dito sõr e me apresentou huũa snçã comtra G.mo Corte Real de comtya ho primcipall e custas setenta e tres myl e dozẽtos e quatorze rs. e me requereo que lhe mãdase per ella fazer eixecuçã comtra o dito G.mo Corte Real a qual eu mãdey fazer e foy requerydo me pagase pelo sprivão que este fez e elle lhe deu a penhora da dita divida, hũa tẽça que diz que tem delRey nosso sõr de corẽta e dous myl e quinhentos rs. em cada hũ ano e que se fezesse ẽ elle eixucação e fose per ela paguo o dito Christovam Brãdão segundo mays largamẽte se contem per hũ termo por ele asjnado que fica nos autos da eixucação em poder do sprivão que estes fez pello quall sõr vos peço por merçee e da parte de S. A. requeyro que mande paguar ao dito Christovam Brãdam os ditos setemta e tres mill e dozemtos e quatorze rs. que asy mõtã em ha dita snçã pella dita temça do dito G.mo Corte Reall e bem asy lhe mãdara mays paguar vymte e sete mil e 460 rs. que o dito G.mo Corte Reall fycou devendo ao dito Christovam Brãdão de resto de outra snçã de mor contya que comtra ele ouve pelos quaes V. S. lhe mãdou ẽbarguar a dita temça do dito G.mo Corte Real per bẽ de hũ precatoreo meu q̃ pera V. S. pasou de maneira que se faz em soma todo o que o dito Christovã Brãdão adaver da temça do dito G.mo

Corte Reall deste anno e dos vẽdouros cẽ mjll e seis cẽtos e novẽta rs. até ser delles paguo e satisfeito ho dito Christovam Brãdão nã era paguo ao dito G.mo Corte Reall de cousa algua della e nos autos da eixucaçã ficã postas verbas de como este pasou pera V. S. lhe mamdar paguar a dita comtya de dinheiro pela dita tẽça do dito G.mo Corte Reall feito ẽ esta cidade de Lixbooa oje quỹta feyra xxix dias de abryl Tristam daguyar t.am ho fez ano de mjll e quynhẽtos e corẽta anos (1).

Saltemos uns anos para encontrar os seguintes documentos:

Hieronimo Corte Real professou na ordem de Christo em 28 de fevereiro de 1561 (2).

Recebeo mais o dito Recebedor Antonio Tauares dezoito mil e sete centos e cincoenta reaes de frei Jeronimo Corte Real comendador da Comenda de Sam Vicente da Beira em começo e parte de pago do quarto de c̄.to L rs. em que lhe a dita comenda foi avalliada e por verdade asjnou aquj o dito Recebedor comjgo escriuão a noue de nouẽbro de 1564.

Ant.o Tauares frei luis.

f. 29.

Recebeo mais o dito Recebedor antonio tauares dezoito mil e sete çentos e cincoenta rs. da comenda de Sam Vicente da beira de que he comendador Jeronymo Corte Real, os quaes arrecadou Felipe da Costa executar dos quartos e são em comprimento de pago da dita comenda e por verdade asinou aquj o dito Recebedor comigo escriuão a xxiij de dezembro de 1564.

ant.o tauares frei luis.

f. 29 v.o (3).

---

(1) C. C., P.e II, m. 231, n.o 113.

(2) *Lista das profissões na ordem de Christo*, manuscrito da T. do Tombo.

(3) Arquivo da Tôrre do Tombo. Cart. do Conv.o de Tomar, liv. 103.

A commenda de Sam uicente da uilla de S. Vicente da beira com suas annexas que he do dito segundo processo porque foram apartados ao Reittor uinte quatro mil rs. Comendador fr. Jeronimo Cortereal aualiada em cento e cincoenta mil rs. no anno de 1562.

Id. id. id. L.º 9.
começado e acabado pelo D.r Pero Aluares a 23 de julho de 1563.

Бiiijc L.ta reis no almoxarifado da casa das carnes a Jeronimo Corte rreal, por outros tantos que o ano de bcLxxix lhe ficarão por pagar dos L̄ reis que tem de tença asentados na dita casa em Lixboa a xxix de julho de j̄bclxxxj. — por dõ christoouão de moura.

f. 24 v.º

x̄x̄iiij ixc L reis no Almoxarifado da casa das carnes desta cidade a Jeronimo Corte rreal por outros tantos que o ano pasado de Lxxx, lhe ficarão por pagar na mesma casa dos L̄ reis de tença que nela tem asentados em Lixboa a xix de julho de j̄bcLxxxj por dõ cristouão de moura.

f. 33 (1).

Sôbre a mulher de Jerónimo Côrte Real encontramos os seguintes:

Liuro das moradias da Rainha, dona caterjna nosa senõra do anno de myll qujnhemtos e coremta e tres em o quall estão asemtados todos os moradores feyto em almejrym.

do quall he escrivão pero Roĩz per seu espeçiall mandado /

. . . .

It. Dona luisa da sylua filha de Jorge de Vasconçelos com x̄
do prymeiro quartel . . . . ij̄bc
do segundo . . . . ij̄bc
do terceiro . . . . ij̄bc
do quarto . . . . ij̄bc

f. 13 (2).

(1) Arquivo da Tôrre do Tombo, liv. 3, Ementas.

(2) Arquivo da Tôrre do Tombo, morad. da Casa Real, maço 2 liv. 4.º

Liuro das moradias da Rainha dona Cateryna nossa srã do ano de mil b^e e cinquoenta (1).
escryuão migel de cabrejra per seu especial mandado.

. . . .

Donzelas portugesas

. . . .

Dona Luisa da sylua filha de Jorge de Vasconcelos com dez mill reaes por ano da moradia.
ouue de todo ho primeiro quartel . . . . ĩjb^c
ouue de todo o segundo quartel . . . . ĩjb^e
ouue do terceiro . . . . ĩjb^c
ouue do quarto quartell (2) . . . . ĩjb^c
f. 13.

It — dona marya de mendonça filha de manoel corte Reall donzela com dez mill reaes por ano . . . . x̄ rs.
ouue de todo o primeiro quartel . . . . ĩjb^e
ouue de todo o segundo . . . . ĩjb^c
ouue do terceiro . . . . ĩjb^e
ouue do quarto quartel . . . . ĩjb^c
f. 16 v.º (3).

Dom Johão etc. faço saber a quantos esta minha carta virem que por folguar de fazer mercee a dona Luiza da Silva donzella da Rainha minha sobre todas muito amada e prezada molher ey

---

(1) O primeiro livro de moradias da casa da Rainha D. Catarina, existente, é de 1530, e faltam todos até 1543, não se podendo por isso assegurar em que ano foi admitida D. Luísa.

(2) Nos livros 6.º, 7.º e 8.º dêste maço está a disttibuição e recepção dos 1.º, 2.º e 9.º quartel do dito ano.

Continuam nas recepções dos anos de 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59 e 60 (faltam os livros dos anos de 51 e 52, 61, 62, 63, 64).

(3) Arquivo da Tôrre do Tombo, moradia da Casa Real, maço 2, liv. 5.

por bem e me praz de lhe coutar e defesar em dias de sua vida os seus matos e soueraes do seu casal das figueiras que estaa junto de são bras no termo da villa de benauente e asy doutro seu casal ou monte dos fidalgos que estaa abaixo de peso outrosy termo da dita villa E mando que pessoa alguũa de qualquer calidade que seja não corte nem mande daqui em deante cortar nem leuar dos ditos matos e soueraes, lenha madeira nem mato e fazendo o contrario paguara por cada vez quinhentos reaes da cadea e perderaa os machados ou ferramentas com que cortarem a dita lenha madeira ou mato ametade pera quem os acusar e a outra metade pera os catiuos. Noteficoo asy aos Juizes da dita villa de benauente e lhes mando que fação loguo poblicar e apregoar nella o contheudo nesta minha carta e asy registar esta no liuro da camara da dita villa pera que a todos seja notorio e não possão aleguar inorancia e dii em deante dem a execução as ditas penas naquelles que nellas incorrerem / E mando ao ouuidor da dita villa e a quaesquer outras justiças a que o conhecimento disto pertencer que asy o cumprão e fação inteiramente comprir e guardar sem duuida nem embarguo algũ que a ella seja posto porque asy he minha merçe. Dada em Lixboa a xxj dias do mes dabrill Joham de Seixas a fez ano do nascimento de nosso Senhor Jhũ xpo de j̄b^c Rix / Manoel da Costa a fez escreuer / (1).

Dom Sebastião etc. outra tal carta de padrão como a que fica atras registado de Isabel Lopes f. 78 de cinquoenta mil reis de tença cada anno em vida a donna Luisa da Silua, que foi donzela da Rainha que deos tem dos quais lhe a dita Senhora fez mercê ao tempo que casou com Jeronimo Corte Real por respeito dos muitos seruiços que della tinha recebidos e por outros respeitos e que aja os ditos cinquoenta mil reis do primeiro de janeiro do anno pasado de b^cLxxbiij em deante e feito per diogo lopez em lixboa a xij de março de b^cLxxbiij — escryto per Jorge da Costa.

---

(1) Arquivo da Tôrre do Tombo, liv. 2, Privil. D. João III, fl. 88 v.º

Verba à margem do registo

riscouse este padrão per despacho dos veadores da fazenda feito em xxiij de nouembro de ĵbᶜlxxxij porquanto Jeronimo Corte Real e dona Luisa sua molher renunciarão os ẽ reis de tença que per este padrão avia per licença delRei em Isabel Marques viuva, morador nesta cidade de lixboa como se vio per a justificação do Licenciado Lourenço Correa em lixboa ao primeiro de dezembro de ĵbᵉLxxxij.

xpouão de benauente (1).

Registaremos também aqui os seguintes documentos referentes ao pai do nosso poeta:

Dom manuel etc. A quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que avemdo nos respeito aos muitos seruiços que temos recebidos e ao diante esperamos receber de manuel Corte Real fidalguo de nosa casa e querendolhe fazer graça (2) e mercee temos por bem e nos praz que ele tenha e aja de nos de tença de janeiro que vem de ĵbᶜxx em diante em quanto nosa merce for trimta mil reaes cada anno / E porem mandamos aos veedores (3) de nossa fazenda que lhos facam asemtar em os nossos liuros dela e dar carta deles cada anno pera lugar omde lhe sejam bem paguos e por sua guarda e lembrança delo lhe mandamos dar esta carta per nos asynada e asellada do nosso selo pendente. Dada em a nosa cidade deuora aos xb dias do mes de setembro Jorge fernandez a fez anno de ĵbᶜ e xx (4) //.

---

(1) Arquivo da Tôrre do Tombo, liv. 44, D. Sebastião, fl. 193.

(2) Por distracção poz o oficial do registo — *tença* — em lugar de graça, como é estilo.

(3) Aqui escreveu — *Veradores* — em vez de *Vedores.*

(4) Ou a data da carta deve ser 1519 e não 1520, ou a tença se começaria a vencer do 1.º de janeiro de 1521 e não de 1520; no 1.º caso devia escrever a data *ĵbᶜxix*, faltando portanto um *i* entre

Manoel Corte Reall, filho do Vedor que foy avera quinze dias dabrill e vynte dias de mayo e todo junho a dous mill e quatro cemtos reaes por mes com ceuada alqueire por dya sam quinze dabrill e vynte dias de mayo e todo junho com ceuada Rj dias . . . . b̄ bjc Lrij rs.

Recebeo ho sobre dito per sy em Lx.ª a bj doutubro de 1529 os cimquo mill seiscentos nouenta e dous reis.

franc.º falleiro.

Manoel corte Reall.

f. 84 v.º

Pero Corte Reall avera quinze dias de mayo e todo junho a quinhentos e cymquoemta reaes por mes com ceuada tres quartos por dya. . . . . j̄ijc xxb rs.

Recebeo o sobredito em x de julho de bc xxbj os mill e dozentos e vynte e cymqo reaes.

pero Reall.

bastiam da costa.

f. 101 v.º

Bernalldo corte Reall filho do Vedor que foy avera todo este quartell com ceuada ao dyto respeyto. . . . . . . īiij lRy rs.

Recebeo lixbooa a xx de março de 1527 per João momtes per precuraçaão de seu pay pera mais os quatro mill nouemta e dous.

f. 103 v.º (1).

Dom João etc. A quamtos esta minha carta virem faço saber que Manoel Corte Real Capitam das minhas Ilhas terceira na parte da amgra e de sam Jorge me enviou dizer que as armas que elRey meu Senhor e padre que santa gloria aja hacrecentara a seu pay

---

os *xx;* no 2.º faltou no corpo da carta um *j*, devendo ter escrito j̄bc xxj. Inclinamo-nos a esta segunda hipótese. Arquivo da Tôrre do Tombo, liv. 39, Doações, D. Man. f. 20.

(1) Arquivo da Tôrre do Tombo, morad. maço 1, liv. 7.

Vasque annes Corte Real estauam asemtadas nos liuros da nobreza com o timbre dos costas de que elles decemdiam E por quamto pollo dito acrecentamento as ditas suas armas foram apartadas das dos Costas e se fizera dellas chefe per sy com o apellido de Corte Real lhe comvinha trazerem outro timbre como se fezera a outras armas que por os apelidos somente serem diferentes em hum soo escudo se apartaram com timbres deversos /. Pedindome ouuese por bem darlhe por timbre hũa lamça com hũa bandeira que seus antecessores traziam per fora das ditas armas E vysto per nos seu requerimento e queremdolhe fazer graça e mercee ey por bem e me praz que daquy em deante elle e todollos decemdentes do dito seu pay e seus tragam por timbre nas ditas suas armas hũ braço armado com hũa lança douro e o ferro de prata com hũa bamdeira de prata de duas farpas que se chama confalom com hũa cruz vermelha posto que ja estem asentadas nos ditos liuros com o timbre dos costas / noteficoo asy ao Rey darmas Portugal que ora he e aos que ao deante forem e a todolos outros Reis darmas arautos e pasavamtes e quaesquer justiças oficiaes e pesoas a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento della pertencer e lhes mando que lhe leixem trazer o dito timbre sem a isso lhe ser posto duuida algũa por que asy o hey por bem / ao quall Rey darmas purtugall mamdo que asente e registe nos liuros da nobreza as ditas armas com o dito timbre e asy se asemtaram no liuro das armas e timbres ora novamente feito / dada em a minha cidade devora a vymte e seis dias de nouembro antonio godinho a fez anno do nascjmento de nosso Senhor Jhũ xpo de mil e bcRb annos (1).

Dom Johão etc. A quamtos esta minha virem faço saber que Manoel Corte Real capitão da Capitania d'Amgra na Ilha terceira e da Ilha de sam Jorge me imviou dizer que por suas doações elle podia dar as terras de sesmaria em suas capitanias nas ditas Ilhas segundo forma e hordem do foral e por quamto elle nam estaua

---

(1) Arquivo da Tôrre do Tombo, liv. 43, Doaç. D. João III, f. 3 v.º

nas ditas Ilhas me pedia ouuese por bem que os ouuidores que em suas capitanias tyuer ou as pesoas que pera isso der comisão posam dar as ditas sesmarias asy como elle as dera se fora presemte e visto seu requerimento e querendolhe fazer graça e mercee ey por bem que ho dito Manoel Corte Real posa daar as terras de sesmaria estando no Reyno asy como per bem de suas doações e do forall os pode dar estando nas Ilhas e isto fazendo o ouuidor la as deligemcias que a hordenança em tal caso despoem / Noteficoo asy a todollos Corregedores Juizes Justiças ofeciaes e pesoas a que esta carta for mostrada e o conhecimento della pertencer / e mando que lha cumpram e guardem pela maneira que se nella conthem porque asy he minha mercee / João de Castilho a fez em almeirim a xiij dabril Ano do nacimento de nosso Sõr Jhũ xpo de jb^c^Rbj / e as deligemcias que ho dito ouuidor nas ditas Ilhas hade fazer serão aquellas que per bem do foral e mjnhas hordenações se nas ditas Ilhas hãde fazer (1).

Dom Johão etc. A quamtos esta minha carta virem faço saber que avendo eu respeito aos seruiços que me tem feito Manoel Corte Real fidalguo de minha casa capitão das Ilhas de São Jorge e da terceira na parte dangra, e como he rezão que por elles e polla calidade de sua pessoa receba de mim honra e mercê e acrecentamento e confiando delle e de sua bondade e saber que me saberá bem aconselhar e dar conselho verdadeiro fiel e tal como deue, E por folguar de lhe fazer mercê, por esta presente carta o faço do meu Conselho e ey por bem e mando que daqui em deante seja pera meus conselhos chamado, e nelles estee e que como pessoa do meu co selho goze e vse de todas as honras graças merces priuilegios liberdades e franquezas que hão e de que gozão e vsão os do meu Conselho, e elle jurara em minha chancelaria aos santos evangelhos que bem e verdadeiramente me aconselhe e dê conselho fiel quando lho pedir. E por firmeza della lhe mandei dar esta carta por mim asinada e asellada do meu sello pendente

---

(1) Arquivo da Tôrre do Tombo, liv. 43, Doaç. D. João III, f. 24.

Johão dandrade a fez em lixboa a biij dias do mes de nouembro do ano do nascimento de nosso Senhor Jhũ xpo de mil bc Rix fernão daluarez a fez escreuer (1).

D. Sebastião etc. Aos que esta minha carta de confirmação virem faço saber que por parte de Manoel Corte Real do meu conselho me foy apresemtada hũa carta del Rey meu Senhor e avo que samta gloria aja per elle asynada e pasada per sua chancelaria de que o trellado he o seguinte: //

. . . .

Pedindome o dito Manoel Corte Reall por mercee que por quanto elle tinha e pesui ha herdade contheuda nesta carta ouuesse por bem de lha confirmar E visto seu requerimento queremdolhe fazer graça e mercee tenho por bem e lha confirmo e ey por confirmada com declaração que esta herdade sera descoutada quanto ao caçar coelhos e a pena dos encoutos dos seis mil soldos pagarão aquellas pesoas que cortarem arvore pelo pee ou pasarem com seus gados e quanto aos que cortarem herua ou mato paguarão soomente por cada hũa destas cousas quinhentos reis e com a dita declaração mando que se cumpra he guarde imteyramente asy he da maneira que se nella conthem Amtonio Carualho a fez em lixboa a xij dias de julho Ano do nacimento de noso Senhor Jhũ xpo de jbcLxxiiij E eu Duarte Diaz a fiz escrepuer.

Arquivo da Tôrre do Tombo, *Confirmações gerais*, liv. 4, f. 131.

Com justiça se queixava o nosso poeta, Côrte Real, de não ter conhecimento de todos os heróicos defensores de Diu. Muito outro seria o seu pensar se tivesse presente a obra que publicamos. Adiante se verá nota oficial das recompensas dadas por D. João de Castro. Entretanto seja-nos

---

(1) Arquivo da Tôrre do Tombo, liv. 2, Privil. D. João III, f. 95.

permitido deixar registadas as façanhas de muitos e alguns outros documentos elucidativos.

Comecemos pela exposição dos casados e moradores de Diu:

Sñr. — Hos casados e moradores d'esta sua fortaleza de dio temos a V. A. sçprito allgũas vezes de quan necesario he e hera estar sempre nesta fortaleza provida de todalas cousas necesarias asi demantem.[tos] como de moniçoẽs de geRra com tamta habastança que nunqua nada lhe falltase ao tpo de necessidade mais antes crecese por que esta hera a segurydade da fortaleza he o que compria e cumpre ao serviço de V. A. he por que já no cerquo dos Rumes em que aqui ho servimos com asás trabalhos he risquos de nosas pessoas vimos falltar cousas necesarias a defençan da fortaleza e nosas vidas he depois de pasado o cerquo não vimos os provim.[to] se fazeren nelles defrença do tempo assas per honde neste cerquo que aguora tivemos d'el Rey de Cambaya com todo seu poder e elle em pessoa vejo a cidade he assentou cerquo e se foi e lleixou todo seu poder capitães sobre a fortaleza honde nos tibiran de cerquo sete meses dandonos batarias muy grandes he sutis he muitas minas de foguo por terem homẽs de grandes estucias no tale mester he dandonos conbates per muj.[tas] vezes que fezeran na fortaleza e apozeran hos muros he baluartes da banda da tera de mar contra tam razos como ho campo todo ho muro he fizeráo elles da banda de fora muitas paredes he baluartes tam altos que descobrian toda a fortaleza de demtro donde nos tiravan con alltilheria as casas con que matavão gente e con espingardaria muito mais por honde crea V. A. que a fortaleza esteve em tanto Ris quo como nuca esteve nem cremos que estará he per que neste cerquo em que servimos V. A. vimos que per mingua dalguas cousas principall.[te] pollvora a fortaleza esteve em muyto mór e risquo per que se houvera com abastança a fortaleza não fora tão deribada nen estivera emtanto risquo per que ja de mantimentos de V. A. nesta fortaleza oube muy pouquos per honde nos pareçe que V. A. deve de mandar que se proveja

ysto doutra man.ª daqui por diamte pera que per minguoa de cousas que se não perdem nada da Faz.ª de V. A. estaren nesta fortaleza pera quando forem necessarias se acharen nella e não sendo estarem guardadas e com recado como estão em guoa honde as ha domde não podem vir quando dellas tem necessidade esta fortaleza fazemos esta lembrãça a V. A. por nos parecer muy necessaria a seu serviço por que o cerquo foi de muy grandes trabalhos no qual lhe afirmamos que Luis de Sousa que foi capitão do baluarte de Sam Tomé trabalhou e pelleijou da sua pessoa tambem he guastou com gente que tinha no dito baluarte que nos pareceo seu serviço disto o fazeremos sabedor para que lhe V. A. faça dar por seus trabalhos pera em exempro dos outros folgaren asy de ho servir noso sñor acrescente a vyda he seu reale estado per muitos anos a V. A. desta sua fortaleza de dio hoje vinte he sete de Novembro de 1546.

Alv.º Myz — Bertolameu .... 1546 — *Roque Fernandes Joãm Frz — Emryque Frz de Adre Lopẽz — Gaspar Vaz — Joãm de Samamede de G.º Allvz — P.º Pez — G.º Domigz de Agostynho Frz — P.º Revez — Bernaldes Frz.*

Sobrescripto:

A El Rey Noso Sñr (1).

Vicente de Eça alegava assim os seus serviços em 1546:

Sñor. — Algũas vezes tenho escrito a V. A. en q̃ lhe fazia lenbrãça de meus serviços pera me fazer merçe q̃ eles mereçecen nã sei se V. A. polos nõ achar merecedores dela hou porq̃ nã tam somentes me nã fez nhũa ate gora mas ainda nã vi nhũa carta de Vosa A. por onde me paresece q̃ tinha lenbrãça de mi pera me fazer merce en algũ tenpo ora pois sõr alenbrese V. A. q̃ nã pode ser bem servido com homẽs q̃ andã pelos espritaes digo isto por

(1) *Corpo Cronológico:* Parte 1.ª, maço 78, n.º 95.

mi por q̃ a ia dias q̃ ando por eles por q̃ g.or nhũ nã tan sometes me nã tem feito merçe nhũa mas ainda minha moradia e soldo me nã pagã Rezã paresera a V. A. nã morer heu a fome pois cãdo vim servir a V. A. a esta tera q̃ foi cõ visorei dõ garcia vendi hos moios e fazenda q̃ me ficou de meu pai oqal gastei hen seu serviço e asi me faleçeo hũ irmão en baçain de hũa pedra q̃ levava as costas fazendo a fortaleza ora agora este inverno pasado per falecimẽto de p.o de faria q̃ a V. A ten feito tãto serviço me casou o g.or dõ ioam cõ a f.a mais velha do p.o de faria he cõ q̃ me obrigou a fazenda e o dote q̃ me deu foi q̃ ele me sertificava fazerme V. A. merçe abẽdo Respeito ser ela f.a dũ homẽ q̃ tanto merecia a V. A. por qorẽta anos q̃ avia q̃ servia a V. A. e a orfindade e desenparo dela heu por q̃ o g.or nestas partes Represeta a pesoa de V. A. fiz ho q̃ me mãdou e sendo casado dum mes vindo nova a esta cidade de goa q̃ dio estava atribulada me enbarqei cõ ho f.o do g.or a vinte e qatro de iulho en hũa fusta minha a qal se me abrio no gulfão de man.a por nõ qerer aribar qãdo os outros q̃ cãdo achegei a ilha das vacas tinhãme por perdido vẽdo q̃ a fusta nã estava pera navegar me fui a baçaim aonde cõprei outro navio o qal tãbem cõ outro tẽpo se me abrio ãtan fretei outro navio en q̃ aprouve a noso sõr de chegar a dio aonde por estar abastado de soldados fui senpre metido nos maiores trabalhos q̃ era abrir cõtra minas a muitas minas q̃ hos mouros faziam dos qaes trabalhos sahi cõ hũa perna qasi aleijada q̃ ainda agora core m.to Risqo de pedras de hũa bõbardada cõ muitas febres e frios cotedianos e cõ gastar o pobre casamẽto de minha molher agora peço a V. A. pois he tan vertuosimo prĩncipe qãm.tos seus serviços faz merces ami avendo Respeito a estes serviços me qeira fazer merce de hũa das fortalezas de goa ate dio p.r q̃ cõ verdad — poço dizer a V. A. e asi lho dirẽ se lhe falarẽ verdade q̃ heu fu ihũ dos homẽs q̃ mais gasto fiz p.r q̃ nas cousas q̃ tãto cũpre a V. A. como era defẽderse dio nã me cõtẽto de fazer o q̃ fazẽ m.tos mas antes senpre deseio servir milhor q̃ todos pelo qal vẽdo a fome q̃ os soldados pasavã por serẽ nas mesas m.to poucos e nas mais delas nõ se dar mais q̃ hũ pouco de biscouto m.to Rũi cõ aRos m.to pior e duas mãgas salgadas estẽdi mesa a todo homẽ q̃ a ela qiz hir comer e isto p q̃ tinha hũ homẽ en baçaim q̃ cõtinuadam.te me mãdava m.tos mã-

timẽtos e p nõ aver na fortaleza quem moese pelos meus escravos se moia ho trigo q̃ me vinha e desta ma.ª sostinha a mesa de man.ra q̃ me nũca adoeceo homẽ nhũ peço a V. A. q̃ me perdoe ser tan enfadonho e faço per necesidad p q̃ dous irmãos q̃ tenho nese Reino nẽ me presta pera fazer esta lẽbraça a V. A. por q̃ dõ Vasqo ten qa hũ f.º e dõ fernãdo Reqre pa si q̃ he m.to velho e prove pelo q̃ peço a V. A. q̃ por esta fraqa lẽbraça me qeira fazer a merce q̃ lhe peço sem esperar houtras por q̃ nã tenho aqen lhas faça e paresẽdo lhe q̃ nã sou merecedor da merce q̃ peço a V. A. sera m.to grãde pa mĩ mãdarme hũa nao pa poder levar minha molher como f.ª de seu pai e tudu isto q̃ a Riba digo pasa em verdade e pudera mãdar hũ estromẽto de tudu a V. A. por serẽ cousas minotorias o nã tirei beijo as Reaes mãos de V. A. aqẽ noso Sõr acresẽte os dias de vida e seu mui Real estado de goa a vinte e dous de dezẽbro de 1546. — *Vicente Deça.*

Sobrescripto:

Pera ElRei noso Sõr (1).

Eis a longa e interessante exposição dos casados e moradores de Chaul:

Muito alto muito poderoso princepe ElRey Nosso Senhor

Muitos tempos haa que nosso principal cuidado foy desejar que Vossa Alteza conhecese o firme preposito e amor que temos nos os cazados e moradores desta sua çidade de Chaul pera o servirmos e que amtepomdo sempre as cousas do seu serviço as de nossos proveitos e interesses asĩ nos esmeramos nelas como as de nosso Rey e Senhor naturall que Vossa Alteza he e pois Deus quiz que fosse asĩ com tais merces quaes recebemos e nos elle fez de seu proprio e Real moto sem amtrevir nosso requerimento cousa que numqua vasalos tiverã especialmente conhecemdo a vomtade e amor pera nos ffazer outras maiores damos muitas graças a

(1) *Corpo Cronológico:* Parte 1.ª, maço 78, n.º 107.

nosso Senhor e lhe pedimos que a Vossa Alteza dee muitos dias de vida pera que ao diante nosos serviços vão aumentando de vertude ẽ vertude e elle renumeramdo de grão e grão amẽ. Aas couzas que agora diremos pois he a Vossa Alteza haade crer que he com todo animo de vera verdade desviamdonos de todolos modos comtrarios que seria sacrilegio e ele asÿ o deve ter pera sy pois não pretemdemos nosso interese senão o que cumpre a seu serviço e Rial Estado e achamdo ser asy deve de prover nelas pois por todo o universo he notorio quanto Vossa Alteza mais que todolos outros princepes ama a justiça e quantas mercês e omrras ffaz por adquerir os menistros dela e porque se hão de tomar as palavras segundo o subjecto da materia diremos o que se segue:

Vossa Alteza deve já de saber mais miudamente como a sua fortaleza de Dio foy cerquada desa emtrada do inverno deste anno de corenta e seis ate onze de novembro do dito anno e combatida com tanto genero d'arteficios e maneiras de ardis e muniçõens que olhos nom virão nem orelhas ouvirão nem lingoas o falarã per ElRey de Cambaia e seus capitaẽs e poder todo no qual emtravão ffartaquins abexis rumes levamtisquos que he a milhor gente antre eles nestas partes com os mais naturais do Reyno e foy a cousa de maneira que suas obras parecião imitarem aos demonios que o outro cerquo passado foy figura ou hum sonho a respeito deste. E com tais cousas inefabiles puzerã tanto abalo a estes nossos dous vizinhos que com as vomtades danadas que já antes da cheguada do governador dom João de Crastro tinhão fizerão algumas preparaçõens de guerra esperando que aconteçese algum desastre em dio pera nos acometerem juntamente e defeito o nizamaluquo asÿ se houuve qua com nosquo com humas embaixadas fora de toda a rezão conclusão que enviou ao capitão e outros movimentos de mandar gente que nos deu grande opresão de bastiaẽs armas vigras e per toda a terra não se ocupavão em outra cousa os phitonicos e astronomos auruspiçes prestigiatores em conclução todos os epirmãticos hidromãticos asiomãticos e sertilegos com seus pontos degromãcia senão em saberem ẽ que parava o cerquo em que havia de parar ao diamte e afirmavã a fortaleza ser tomada dos mouros e isto pela grande distancia que avia de dio a eles e pelas demoras dos coreios de

maneira que ate os da agricultura se ocupavão tãobem nestas cousas acompanhando seus idolos e em volta disto nos fazião muitas ofensas escuzavãose com dizerem que o nizamaluquo seu senhor lhes mandava que asỹ fizesem. Quis nosso Senhor pela sua santa mysericordia depois de ela estar em grandissimo risquo de se perder pela muita gente que no inverno morreu de peleja e de doença causada de maus comeres e trabalhos e pela pouqua que fiquava que os trabalhos e deligencias dos sobreditos fiquarã em vão e seus ydolos mimtirozos como sempre o forão e prazerá a ele que perseveramdo em seus maus proposytos seus propios trabalhos serão causa de seu desbarato nesse chamado acheronta amẽ.

O governador como se a guerra loguo moveo na amtrada do enverno mandou com a maior brevidade e deligencia que pode dez catures com gente a dio dos quaes arribaram quatro a baçaim e nom puderão ir por casso do tempo e os seis pasarão com dom fernando seu filho que hy foy morto pelos mouros e oje em dia por seus feitos chorado pelos soldados destas partes e velhas de dio que certo segundo o que delle conta se vivo fora hera obriguado Vossa Alteza de lhe fazer mercês e seu pay tem rrezão de semtir a morte de tall filho.

E loguo na metade da força do emverno pelo governador ter nova que a fortalleza estava posta em grande risquo e opresão mandou o outro filho dom Alvaro de Crastro com huma armada de navios de remo no segundo socoro e chegou a esta cidade a vinte sete de Julho domde loguo sem mais repouso nem demora se sahio e verdadeiramente que a vomtade que levava de chegar a dio era tamta que lhe nom alembrava outra cousa / andava tão imquietado com cuidados que se pos no mais allto cume deles / e cometeo o guolfão tres ou quatro vezes e de todas arribou meio perdido e hũa dellas com o masto quebrado sofrendo do mar ele e os que com ele hião pasamte de trimta dias continuados tormemtas chuvas e tempestades que parecia as cataratas dos çeos se abrirem cousa que os que abitavão na terra o semtião que por isto soo imda que mais nom fora mereserão muitas merses porque numqua se tall imverno vio e em cabo de todos estes trabalhos pasou com a maior parte de sua armada de navios pequenos a

força de braços e vemto a dio onde lhe derão a nova da morte de seu irmão como morrera como muy valemte e esforçado cavaleiro sobre hum baluarte minado a que derão fogo com a mais gemte em sua companhia a qual ele em vida emclinava com dadivas e boas palavras umildes que nos tais tempos muito aproveitam ao serviço de Vossa Alteza / e com a cheguada do dito dom alvaro se susteve a fortalleza ate a ida de seu pay o qual certamente pos tanta deligencia e amor no seu serviço que bem se manifestou pelos autos extereores e o que ele e seus filhos neste caso merecem lhe nom podem tirar os susurros nem os detrahedores porque as cousas asÿ notoreas e publicamente feitas nom são de calidade que se ajam de negar.

E posto que com a cheguada de dom alvaro não tevesem os nossos tamta opresão como a do emverno todavia não fiquou a fortaleza de todo desapresada amtes os mouros tinhão parte nos nossos baluartes com bandeiras arvoradas sem os puderem emporrar por estarem muy fortalecidos de paredes cubertas por cima sob as quais andavão sem serem vistos asÿ vizinhos dos nossos que falando muito paso se ouviã e da hy atiravão com bombardas e espinguardas com que nos matavão a gente e asÿ com minas a que derão fogo e pelas emcobertas se cheguavão guanhãdo terra emparados pouquo e pouquo sem no poderem defender estamdo já a este tempo os muros e baluartes rrasos e desfeitos asÿ com as ditas minas como com maos e ganchos de ferro com que atiravão pedra e pedra sem serem vistos / foy neçesareo o governador abalarse com a mais gemte que pode e com sua cheguada e muita descrição de como se nisto ouuve deu em terra neles com obra de dous mill e quinhentos homẽs por riba de suas paredes e pelejou com eles que herã vimte simquo mill homẽs que ho esperarão quiz nosso Senhor que hos venceu e botou fora da cidade e ilha e matou pasamte de tres mill deles / tomou lhe trimta quatro peças dartelharia de metall grossas em que estava algũa que dos nossos baluartes caidos nos tinha tomada / foy preso hums capitão abexim e mortos tres em que entrou rumequã capitão geral deles filho de Coje sofar que tãbem foy morto no emverno os quaes semdo filhos de christaõs heresis abituados ẽ nom menos erronias que as dos sabeleanos epicurios valemtianos manicheo

papelianos provocarão a outrolos que militavão debaixo de suas diciplinas com suas autoridades e estados a detestarem nossa santa fee catoliqua os quaes acompanhados houverão a fim que merecião nom se fez isto sem amtrevẽr totallmente a potencia divina sempre se deve de dar muitas graças a Deos pois foy a merce tempo que nesta victoria estava toda a seguridade da Imdia.

Muitos afirmão que elRey de sete annos a esta parte detreminou isto e que des hentão se apersebeo do necesareo / algũa aparencia houvese disso pelas muitas municoens jmnumeraveis que juntamente se virão e outros dizem que só causou alguns escamdalos que tinha dos capitaes em lhe neguarem os seguros a que chamão cartazes pera as naos e porem nom sabemos qual foy e nesta parte avemos por milhor duvidar o occulto que afirmar o duvidozo e Vossa Alteza devia de prover nisto e saber qual foy a causa de tantos males como se ordenarão e ordenavão com este movimento tão perjudicial ao seu povo e estado por que se o o ydalquão se abalara sobre Goa ao tempo que ele estava pera iso e prendeo Galvão Viegas que la estaa forçadamente o nizamaluquo asỹ por lhe comprazer pelas pazes que com ele deseja ter que lhe ele negua como por satisfazer a seus apetites e aos delrey de Cambaia de quẽ foy muito cometido ouuvera devir sobre esta cidade e o governador nom pudera pessoallmente acodir a tamtas partes e fora causa de muito mall / os tratos que os capitaẽs teem nas terras em que ho são perjodica muito ao Estado de Vossa Alteza porque com elles escamdelizão muito aos christãos e imfiees e são muy odiosos ao prol comum / atravesão todalas cousas por respeito do mando que tem e nom haa quem posa comprar as mercadorias pera remedio de suas vidas senão com muito trabalho / seus feitores defendem aos conrretores e pesadores que nom vendão nem pesem ffazenda nenhũa sem suas licenças e outralas muitas cousas com que empedem os proveitos dos moradores que seria perceso imfinito recomtalas por onde o seu povo perece e creia Vossa Alteza que quamdo elle he abastado e cumpre servilo o ffazem á sua custa como ora ffizerão os casados moradores desta cidade o que nom poderão ffazer semdo pobres e Vossa Alteza deve de prover nisto primcipallmente neste trato que os capitães desta cidade tem com o dito nizamaluquo de cavallos que lhe

vemdem fiados porque causa muitos desacatamentos e ofemsas que nos cada dia ffazem parecendo lhes que lho consentirão por respeito delle e dizem publicamente que o capitão nõ ha debulir comsyguo por que tem ffazenda no balagarte posto que as taes ofensas e rroturas fosem cometidas em tempo que nom comvinha bulir com eles como hera agora emquamto não viamos afim desta comtenda todavia nom deixavão eles de as cometerem a miude como ffizerão nos tempos passados sem averem o castigo que merecião e perseveravão cada vez mais parecemdo lhes que lho consentirião. Vosa Alteza devia de mandar que quamto os capitaes vemderem os taes cavalos seja a dinheiro na mão e não fiados porque alem do perjuizo sobredito com a arrecadasão do dito dinheiro que nom he tão pouquo que nom seja dez ou quinze mil cruzados cada ano escandelizão a terra os piães e homes seus que andão nelas asÿ por levarem os taes arrecadadores mais do que he devido pelas esperas que lhes fazem como por tratarem mal aos negros que este dinheiro hão de paguar que he de roubos e tiranias que o dito nizamaluquo lança e eles pagão o que nom podem ffazer senão e com muito trabalho por serem pobres lavradores e outros semelhaveis e cesamdo a causa çesarão os feitos.

E com estes tratos e cobiças dalguns dos capitães que vão asy em crecimento que com justa devem ser scryptas em estilo ferreo não lhes allembra o provimemto das fortallezas e o que cumpre a elas senão todo o semtido he como de qua irão ricos como se a ultima felicidade consestise nelas usão de tamta arrogancia em sua jurisdição que se isto ouver de ir avamte nom pode deixar dacomtecer gramde mall / enzecutão seus odios asy pera seus proveitos como por satisfazer as suas vomtades que se nom pode crer / posto que o governador entemdese em algũas cousas desta calidade como fez depois que veio / E os scripvaes com temor dos capitaes nõ passão os estrumentos como devem quando lhos pedem nem em suas residencias se pode saber a verdade pelos negros asÿ por se encolherem com temor como por nom serem tirados por testemunhas. Vossa Alteza devia de mandar que quamdo acabarem dexem fiamças abastantes na terra e seus precuradores e per eles se faça suas residencias e eles se vão pera goa e nom estejam presentes a ela pera que as partes tenhão ouzadia gramde

e pera que nos dese a queixarem e testemunharão o que nom fazem semdo prezemtes senão pouquas pessoas. E posto que o governador dom João de Crastro depois que veio fose sempre acupado asy nas cousas do Idalequã como nesta guerra todavia entendeu em tão breve tempo como haa que chegou em todalas cousas muito bem e como compria ao serviço de Vossa Alteza e bem comum com tamto amor e vomtade de o servir quamto he posyvel aos omanos gasalhamdo seus povos suditos vasalos com merces de palavras e obras pera os prevoquar a seu serviço esquecendose asỹ de seus proveitos que lhe nom alembrão senão os licitos de Vossa Alteza / seus tezouros segundo o que nele symtimos serão nom poupar todolos seus ordenados a causa disto são as vertudes de que he dotado como a todos he manifesto.

E porque as cousas qua são mudaveis com as sucesoens dos governadores e se ordenão segundo suas imclinaçoens lembramos a Vossa Alteza que he muito necessario prover em algumas per seu regimento que aquy diremos primeiramente aver qua contĩnuadamente cinquo ou seis mill omẽs ao menos bem paguos que amdẽ em campo com o governador e as cidades e ffortallezas providas de gemte e abastança e pera isto vir a efeito mandar gente e asỹ defender as licenças pera charamandel bengala china que são lugares em que nom ha suas fortalezas porque os que laa amdão no podem ser prezemtes a estas affromtas como foy agora que deles nom tivemos ajuda asỹ pela gramde distancia que haa aonde eles estão como por averem de naveguar per monçoẽns e tãobem por alguns reves que como se laa achão se deixão la amdar sem lhes alembrar a tornada. E quando se ouuver de dar licenças em remuneração de serviços seja a tão pouquas pessoas que nom nos fasão mimgoa e estas flação as fazendas dos outros que qua ffiquarem porque com estes tratos amdão desafeitos as armas e os matão pouquos e poucos por amdarem separados da nosa congregação. Porque quando cuidamos nas vomtades danadas destes tres reis elRey de Cambaia Idalequão nizamaluquo e que alem de ser gramdes poderes o são ja os seus tão destros nas armas e de tantos ardis que os levamtisquos de quem apremderão lhe nom farão avemtajeis e que o governador com muitas prematiquas e

deligencias que ora fez em aquerir gemte ajumtou somemte a todo mais tres mill homẽs com os que ele levou e estavão em dio avemos que nosso Senhor he o que nos sustenta e a ele atribuimos tudo / porque se alguma dificuldade ouve em se alguns chegarem pera o seu governador causou o muito poupar que nos tempos pasados os seus oficiaes ordenarão na ffazenda de Vossa Alteza e as muitas novidades que emvemtarão as quaes puserão as cousas a desposyção de por pouquos proveitos haver muitas perdas ymrestauraveis dizemos ysto porque semdo o governador em baçaim agora de caminho pera dio domde tamta necesidade avia de gemte chegarão as naos a goa e muitos homens pobres que não tinhão mais que as camizas que trazião pidião ajuda pera se cheguarem pera o governador e comprarem armas nom herão ouvidos segundo os mesmos dizem e ffiquarão sem se embarquarem e outros que ho fizerão vinhão mortos de fome ao lomgo desta costa pidimdo esmolas de porta em porta e por estas cousas e outras desta calidade asȳ como risquarem se dessoldo os ceguos mamquos aleijados em serviço de Vossa Alteza como ate aquy se fez avemdo de ser pelo contrario que ora o governador emmenda fogem os homens de o servirem e tambem por outros exames e novidades perigosas que se emventarão sobre os soldos e mamtimentos e outras cousas que redumdavão em poupar que estão asemtadas per seu regimento Vossa Alteza manda iso mesmo que os filhos dos portugueses nacidos nestas partes se nom asemtem em soldo pela qual causa o nom servem o que ffaria se o fosem e são homes como os outros porque os que se agora acharão com o governador em dio peleijarão e fizerão muito bem e muitos naturaes do Regno portuguez pelo muito periguo em que vião estar os nossos e pelo estado em que estava a fortalleza comvemcidos em nom menos temor que ho dos romaos pelas vozes dos galos quando sem resistemcia emtarão em roma se deixarão ffiquar sem justos impedimentos isto creia Vossa Alteza que he verdade e que se estes filhos de portugueses que ja qua haa muitos fosem asemtados o servirião primcipalmente filhos de muitos cavaleiros que ajudarão a guanhar a Imdia que amdão pobres e orfãos sem legitimas de seus paes e desta maneira alem de se servir delles seria merito amte Deus.

Mas quem emventa emvemçoĩs pera se tamto descuidar de suas cidades e fortallezas como se estivesem no Regno amtre christaõs sem nenhum receio / bom ffora que alembrarão a Vossa Alteza que pois qua estamos simquo mill e tamtas leguoas de nosa patria e impedidos de breves soccorros a comquistar tamtos reis cujos vassalos estamdo em suas propias terras amdão comtinuadamente com armas nas mãos que nos já que as nom trazemos ofensivas que por ordenança de Vossa Allteza aja em cada cidade certo numero de faĩs espimguardas corsoletes e hum armeiro com ordenado deputado que oulhe por elas pera o que ao tempo da necesidade se achem com polvora em abastamça e que se nom perqua asӯ o semtido disto como ate aquy se fez porque este emverno avia aquy muitos homens que não tinhão armas nem dinheiro pera as comprarem e se as houvera deputadas as forão busquar e desta maneira se nõ vemderão aos mouros como alguns por pobreza fazem e seremos delles temidos e seja nisto e no mais o provimento tall que quamdo nom parecer rezão muita liberalidade como pera a comquistar se requere nom se tire o necesario.

Devia mais de mamdar fazer esta fortalleza e a de bacaim muito fortes dos remdimentos das terras porque estão muito fraquas e por regimemto que nas emtradas dos emvernos se meta nellas certa soma de arroz trigo manteigas pera que sobrevimdo algum cerquo se sosterem e remediarem os homems com os taes mamtimentos e pasado o emverno quamdo bem as novidades se vemdem porque nisso se no haade perder dinheiro e asӯ o afirmamos a Vossa Alteza e pois os mouros os metem nas suas fortallezas e os tem guardados de outo e dez annos qual sera a rezão porque ho nom faremos comemdo de suas terras e maõs e nos receamos delles e quando nisto prover devia de mamdar que os capitaẽs oulhasem pelas fortallezas e requeirão aos governadores o necesareo pera elas e nom no ffazendo ao tempo das resydemcias se correjão a custa delles e yrão as cousas per boa ordem. / ffazer muita conta de dio como a chave da Ymdia he necesario e que comtinuadamente estejã hy passamte de mill homẽs e se puderem ser mais milhor seria primcipalmemte ter maneira com que se vão pera ele casados com suas molheres e filhos e ffazerlhes boms partidos favor nos direitos e merces de propiadades pagos de

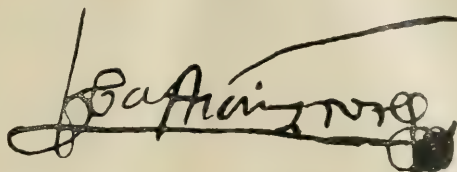
ssoldos e mamtimentos porque pera estes se achegão sempre os homẽs darmas e quando sobrevem algũa cousa os sustentão pelos acompanharem e nom pareça a Vossa Alteza que isto nom he verdade porque os casados e moradores desta cidade socorrerão agora a dio com seus navios de remo que serião vimte aparelhadas a sua propia custa e sustiverão muitos homẽs darmas em instancias com suas fazendas e como se nisto ouverão o governador o deve desprever a Vossa Alteza e se emformar per outras pessoas porque nos por tratarmos de nosos meritos nom nos estendemos a mais.

E tãobem lembramos a Vossa Alteza que se aquy ha vimte piães paguos a sua custa e que he bom que os seis continuadamente quer aja guerra quer não não façã outra cousa senão irem e virem da corte de nizamaluquo e saybão o que se la pasa e em que se pratiqua e de goa am de (ir) vimte pera o Idalquão e outros tamtos de baçaim pera cambaia pois hos haa de sobejo e se paguão a custa de Vossa Alteza e desta maneira se saberá o que vay amtre eles e nos aperceberemos do que for necesario porque isto que ora elRey de Cambaia cometeo numqua o soubemos senão quando se vierão por sobre a fortalleza temdo deliberado muitos dias amtes e qua nom se fazia cousa amtre nos que o eles nom soubesem e com tudo quiz noso senhor por as cousas em tall estado que já os naturaes dizem ve tibi terra cujus rex est puer pelas muitas mortes e dano que desta guerra se lhes seguio.

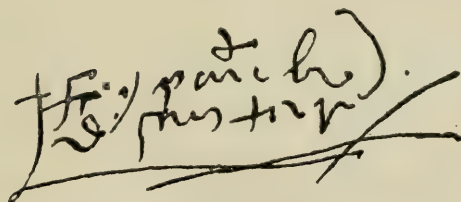
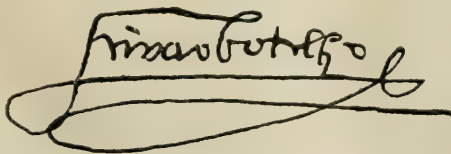
O enxofre nestas partes que he cousa que estes mouros mais estimão e trabalhão dadquerir porque nelle está a principall força sua e os Reys quá que são muito riquos não estimão darem quamto dinheiro lhes pedem por ele e por esta rezão e pela muita cobiça dos nosos o hão e o levão pera suas terras pera polvora com que tamta guerra nos fez elrey de cambaia e creia Vossa Alteza que se carecera dela nom cometera o que cometeo e quanto fizerão com treçados e ffrechas nom ouverão de fazer nojo nenhum a nosa fortalleza e pois este enxofre vem todo ter a Ormuz Vossa Alteza deve de ter maneira que lhe nom levem pois que sem polvora nos nom fiqua nenhum recceyo deles e os que lhe levarem moirão por iso e se faça sobre ele mais exame que na pimenta porque a pimenta nom mata nimguem e o enxofre a

muito e nom aja ahy pasar por tais cousas como estas de tamto perjuizo porque tambem parecem os ladrões nas forquas como os cavaleiros a cavalo e per estas cousas e defesas e outras que Vossa Alteza puzer a atalhar cobiças que he muito necesario mande para elas virem a feito que hum desembargador desta casa de rolação pessoa de muita confiança corra cada anno as cidades e ffortallezas e devasse per apontamentos que pelo governador lhe serão dados alem dos capitulos da ordenação pela terra e seo meneo qua ser outro. E porque estes adversarios a mais escora que tem he na gente da outra costa asӯ como turquos abexis fartaquins de quem tomão as lições da arte militar como já temos dito e pela dita rezão trabalhão de os adquerir com partidos e pasão a estas partes nas naus dos cartazes posto que neles se contenha contraira condição e como quer que o mar he gramde vão aportar a Mangalor, Curate, Goga e Cambaete e outros portos de Cambaia e nom deixão por iso estes Reis de trazerem seus preposytos a efeito e para isto se evitar devia Vossa Alteza mamdar que sempre per seu regimento emvernem quinze ou vimte nabios de remo em dio pera que na fim de julho quando elas começão de vir se vão por na pomta a omde vem demandar e lhes deem busqua e achamdo que nom cumprem os cartazes as tomem por perdidas e desta maneira alem de se atalhar a pasagem desta gemte seremos temidos dos mouros vemdo que a armada na costa como hera no tempo passado. / E tãobem ffara arribar as naos a dio apaguarem os direitos a Vossa Alteza e empedira a pasagem da pimemta pera a enseada de cambaia domde se carregua pera meca em huma via se farão muitos mamdados que doutra maneira chamarlhemos as defezas dos cartazes ley sem execução / e nom dirão os mouros primcipalmemte Cojesofar capitão delRey de cambaia que os portugueses guanharão a Imdia como cavaleiros e a aviã de perder como tratantes / e nom no dizia senom pelo gramde descuido que via nos petechros de guerra amtre tantos amigos fimgidos e forçados como então erão estes Reis atras nomeados / e pelas muitas cobiças dos nossos que causarão os taes descuidos e posto que elle nom tivesse autoridade pera profetizar não dizia cousa de que nom tivessemos alguma experiencia e nesta parte nom respeitamos quem hera o que falava mas o que falava.

E per huma carta de Vossa Alteza que nos por nosso procurador foy dada soubemos que sprevia ao governador que a cerqua da fortalleza que lhe o ano de corenta çimquo sprevemos que mandase fazer na ponte da barra desta cidade fizese o que visse que hera seu serviço e asy que fizese regimento do que aviã de levar os remdeiros do peso e corretajem e outras cousas desta calidade que ele ora nom pode prover nem nos requerelo / porque esta em dio no refazimento da fortalleza com tamto trabalho de seu espirito e pesoa quanto sofre a posybilidade humana e por ser presemte a todas cousas de serviço de Vossa Alteza soportanto calmas e frios sem oras certas pera elas e jsto lhe afirmamos pela verdade que devemos a Deus e a ele e com mais obriguação se ahy ha que de vinculo de vassalos que se forão doutra maneira não lhe toquaremos nisto e pela dita rezão lhe nom podemos sprever o que se pasa e pera o ano Deus queremdo o faremos / e quamto as remdas que lhe mandamos pedir pera esta cidade e que nos fizese merce haver por bem que os casados moradores christãos dela nom paguasem direitos pois os governadores todos asў o asemtarão com o nizamaluquo Vossa Alteza nolo negou e porque ha vimte e tamtos annos que estamos nesta posse e os nom paguamos hoje em dia pedimos lhe que nolo comceda e asў nos faça merce das ditas remdas / ou a do caimbo e qualquer outra que amda nos capitaes porque amdão em muy alltos preços e as nom podemos paguar sem sermos despertados e sem çambador fazer e uzar de muita malicia nas troquas das moedas por casso do muito que pagua e semdo da cidade a tall remda amdara por muy baixos preços e o povo folgara da paguar posto que seja ilicita por se converterem seus proprios proveitos / por que já forão alargadas ao dito povo per provisão de lopo Vaz de Sampaio governador por serem muy perjudiciaes e depois tornarão a lançar mão delas e amdão nos capitaes por nesta terra nom aver quem acodise a yso nem haver regimento senão de quatro annos a esta parte e o que Lopo Vaz neste casso fez foy por conselho e com o parecer do vedor da fazenda como declara a provizão. E porque todas estas cousas herão de calidade pera as Vossa Alteza saber e importavão tanto como veem lhesprevemos esta no modo que vai sprita posto que as partres inferiores e semsi-

tivas nolo impedisem com receio dalguns barbarismos e ignorancia destilo e ortographia movidos das superiores o cometemos com aqueles emtendementos que nos Deus deu que Vossa Alteza pasaria pelas taes falencias e nom tome palavra e palavra senão o semtido e a temção delas principallmente naquilo que apomtamos que deve fazer que nom he pera que asy̆ o detremine senão como quem se imclina pera pela dita via e qualquer outra milhor que ordenar / as cousas que cumprem ao serviço de Vossa Alteza e conservação de seu Rial estado e prol comum de seus vasalos virẽm ao devido fim mas asy̆ como o artifice depois de comceber na mente o artificio procede aos autos exteriores pera a sua deliberação vir a efeito asy̆ pelo mesmo modo depois de emtendidas estas cousas da maneira aquy spritas as represemtamos a Vossa Alteza pera que per sua ordenança as ordene como comsyguão seus efeitos e o seu povo viva quieto e em paz e ele seja servido / nosso senhor acrecemte muitos dias de vida a Vossa Alteza e sustemte seu Rial estado por muitos annos amem sprita em a camara desta sua cidade de chaul aos xbij de Dezembro. Francisco da Veiga sprivão dela a fez ano de j̄bᶜRbj (1). — *Bastyã Alvarez — Jorge Gomez — Antonio Fernandez — Manoel Afonso — Pero Neto — Cosme Correa — Ant.º Pyrez — Francisco Gomez — Gaspar Gonçalvez — Francisco da Veiga — Manoel Correa — João d'Abreu — Francisco Dias — Bastyã Luis — Rui Fernandez — Heronimo Dias — Simão Fernandes — João Rodrigues Dantas.*

Segue-se o alvará de cavaleiro a Sebastião Mendes, notável pela minúcia com que descreve os acontecimentos:

«Dom Joam de Castro do comselho delRei noso sõr seu capitã geral e g.ºʳ da Imdia etc. faço saber a quoamtos este meu alvará de caval.ʳº virem q̃ aos nove dias do mes dabryl de bᶜRbj (546) me cheguou recado a cydade de Guoa omde eu estava q̃ me mam-

---

(1) *Corpo Cronológico:* Parte 1.ª, maço 78, n.º 104.

Fac-simile da letra e assinatura de Sebastião Coelho (pág. 182)

Fac-simile da letra e assinatura de fr. Paulo de Santarem (pág. 216)

Fac-simile da assinatura de Simão Botelho (pág. 214)

dou don Joã Mazcarenhas capitão da fortaleza de Dyo de como elRey de Cambaya mãdava por cerquo a dita fortaleza e vinha Coje Çofar por capitão da jemte cõ outros capitãis primcipais do dito Rey e cõ todo seu poder de jemte e artelharja e loguo ordeney socorro pera [a] dita fortaleza e mandey dom Fernando de Castro meu filho com muitos navjos do remo e cõ ha mais jemte e monjçõcs q̃ neles pode aver por o tempo ser cheguado ao jmverno e não se poder mãdar outros navjos, os quaes capitãis com todo o dito poder delRey de Cambaya se pasarão a cydade [de] Dyo e fizerão hũa pomte de coremta braças de comprjdo q̃ atravesava o ryo da vyla dos uuuuu per a dita cydada ẽ q̃ ẽtulharão sete e oyto braças daguoa dalto q̃ ho dito Ryo tinha pera seu serviço e ordenarão loguo de fazer muros e baluartes defromte da nossa fortaleza cõ muitas estamcyas e framqueiras q̃ serya a tyro despimguarda e menos cẽgindo ha fortaleza de mar a mar de muralhas muy larguas e começaráo a dar baterya a dita fortaleza de muita artelharya grosa e myuda ẽ q̃ ẽtravão basaliscos espalhafatos lyões quartãos e trebucos cõ q̃ arrasarão todos os muros da fortaleza e fizerão ruas cubertas e trymcheas e cavallos de madeira per omde ẽtupirão a cova dele e derão muitos combates a dita fortaleza per muitas partes pera ẽtrarem e depois de os terem derribados o dito dom Joam Mazcarenhas como bom capitão e muito esforçado cavaleiro com a jemte q̃ tynha resystyo e defemdeo a ẽtrada tã anjmosamẽte q̃ numqua os mouros forão poderosos pera lha ẽtrarem neste tempo foy morto o dito Coje Çofar e Jusarcão outro capitão primcipal do dito Rey de Cambaya o qual cõ certos Rumes ajuramẽtados cometes emtrar a dita fortaleza pela rocha da bamda do mar ẽ tempo q̃ polos baluartes e muros de sã tyaguo estavão damdo combate e forão deitados fora pelejando o dito capitão com eles até os deitar e depois disto feito ordenarão de minar os muros e baluartes e cõ foguo forão derrybados e ẽ huũ deles foy morto o dito dom Fernando meu filho e muitos homẽs fidalguos e per esta maneyra vyerão os mouros guanhar os ditos baluartes e a mayor parte dos muros da dita fortaleza e lhes poserão seus guyões e bandeiras e nos propios muros e baluartes nosos q̃ eles guanharão fizerão bastiays e estamcyas dos quaes tyravão cõ sua artelharya as casas e ruas da

dita fortaleza per omde a jẽte amdava a qual se defemdeo cõ comtra muros e paredes q̃ fizerão por demtro por que já a artelharya da fortaleza não podia servjr por lha terem toda cegua e aos xix dias de julho do dito anno me veyo recado do dito capitão da maneira q̃ ha dita fortaleza estava pelo q̃ loguo sẽ embarguo de ser jmverno e as barras estarem çarradas ordeney de mandar dom Alv.º de Castro meu filho capitão-mor do mar da Imdia ẽ socorro dela o qual partyo da cydade [de] Guoa a xxij dias do dito mes cõ xxx navjos de remo e cõ muita jemte monjções e polvora e cõ outros navjos q̃ já per meu mandado estavão aparelhados e comcertados ẽ Chaul e Baçaim q̃ levou cõsyguo q̃ serya per todos cimquoemta velas e ẽtrou na dita fortaleza cõ allguas delas por muytos arrybarem por caso dos gramdes temporaes q̃ no dito tempo cursão sempre nesta costa e achou a dita fortaleza com muj pouca jemte e posta ẽ gramde aperto por allgũa ser morta e outra estar doemte e ferjda sendo já os ditos muros e baluartes postos per terra e guanhados dos mouros porque amtre os mouros e a fortaleza não avja mais q̃ hũa... de pedra ẽsosa q̃ ho dito capitão mandou fazer por comtra muro e depois de o dito dom Alvr.º ser emtrado demtro lhe derão os mouros gramdes combates e fizerão minas as quaes dando foguo acabarão de derrybar algũa cousa dos muros e baluartes q̃ ajmda fiquavão ẽ que eu me fyquey ẽ Guoa fazemdo presas e ajumtãdo a mais jemte q̃ pude pera vyr descerquar a dita fortaleza e mandey diamte sete caravelas cheas de jemte monjções e oficyaes pedreiros e cabouqueiros q̃ na dita fortaleza ẽtrarão e eu me party loguo da cydade [de] Guoa e vim surgir defromte da dita fortaleza a sete dias de novẽbro do dito anno cõ lx fustas e catures doze gualeões e caravelas e cõ mil b^c (1.500) homẽs q̃ foy a jẽte q̃ ẽ tamanha presa podia ajumtar e loguo ao outro dya mandey desẽbarquar a jemte na dita fortaleza e na desẽbarquação se deteverão tres dias per ser muito periguosa e não se poder fazer senão de noyte guardamdo as oras das marés por caso dartelharya q̃ eles tynhão apomtada na dita desembarquação asy por demtro do Ryo como da outra banda da terra firme e a terça feira nove dias do dito mes mãdey dar baterya as estamcias e baluartes q̃ tinhão feito pera me defemder a desẽbarquação asy da fortaleza como do mar

e me desẽbarquey a noyte cõ ter já na dita fortaleza toda a jemte e a quarta feira sendo menhãa crara fiz duas batalhas de toda a minha jemte q̃ podia servir com a quc achey na fortaleza ate dous mil e b^e homẽs e a da bemguarda dey ao dito capitão e na de Retaguarda fuy eu apos ele e cada hũ por sua parte foy cometer as muralhas e des que saimos da fortaleza ate cheguarmos a elas me matarão muita jemte cõ sua artelharya e arcabuzarya e e ẽtrada das muralhas nos foy muy resystida e defemdida por caso de terem de dentro gramdes esquadrões despimguardeiros fecheiros bombas de foguo e outros muytos arteficyos de guerra e sẽ embarguo de tamanha resystencia cõ ajuda de N. S. cõ esforço de capitães fidallguos e lascay se lhes ouve de pasar e dey batalha no campo tendo eles numero de xxb omẽs-s-turcos fartaquẽs arabyos abexis rexbutos dos quaes me deu N. S. compryda vitorea e lhe matamos obra de tres mil omẽs da milhor jemte que amtre eles avja e q̃ foy morto Rumecão capitão geral dellrey de Cambaya e outros muitos capitaẽs e catyvo Jusarcão outrosy grão señor e primcipal capitão do Reino e lhe tomamos xxxb peças dartelharya de metal groso e myudo ẽ q̃ ẽtrarão dous basaliscos e allgũas esperas camelos e salvajes e lhe tomamos a sua cydade [de] Dyo de que estamos de pose e porque neste feyto se achou Bastyã Memdez moço da camara del Rey N. S. e o fez m.^to bem de sua pesoa como se dele esperava a seu requerymẽto o armey por minha mão cavaleiro com as comdições e cerjmonias q̃ ho tal auto requere e portamto o notefico asy a todolos ouvidores juizes e justiças a q̃ este for apresẽtado pera que lhe guardem suas homras prevjlegyos liberdades como S. A. manda. Francisco Fernandez o fez ẽ Dyo a iiij dias de Janeiro de 1547 (1). — *Dom Joham de Crastro.*

O valenciano Vicente Chacho quer fazer valer os seus direitos, e consegue-o, como adiante se verá:

Señora. — Yo soi hun hombre estrangero de los Reinos de Aragon llamanme Vicente Chacho vive nestas partes da Imdia a servir

(1) *Corpo Cronológico:* Parte 1.ª, maço 78, n.º 113.

a V. A. com dom Johan de Crastro que Dios tengua e con hun ijo que aqui tenguo hombre para servir ja de xxbj años, tenemos servindo a V. A. en todo lo que aqui se a hofresido nestes tres años, fui al socorro de Dio com Dom Alvaro de Crastro chegue a socorrer la fortaleza de los primeros el mesmo dia que llegara el dicho Dom Alvaro, tive alli el quarto de modorra siempre serviendo en dicha fortaleza en todo lo que se ofreçio, el dia que mataran dom Framc.º de Menezas sali en los primeros por mandado de don Johão Mascarenhas e de dom Alvaro de Crastro siendo de comtrario parecer como era el de los dichos s.res todavia sali por su mandado con los primeros este dia uvo desconsierto e los nuestros pero yo bolvi en los trazeros en resguardo de mi capitan don alvaro de crastro el rostro a los enemiguos las espaldas a la fortaleza donde fui ferido de huna flexa con la qual siempre dormi al pie del muro vigilando en el baluarte de Gill Cotinho donde siempre tuve el quarto de modorra aziendo reparos e rreveses domde nunqua fui pedrero sino ally, por el quall trabajo estuve mal para morir e gaste mucho nunca falte en ninguna cosa fui con el viso rrey a Ponda e a Baroche Patepatane ẽ a toda la destroicion de Cambaya y en toda la destroicion de las tierras y rios de idalcão y con el viso rei ẽ las tierras firmes el dia que dio la batalha a los capitanes de idalcão, y en todo quanto se ofrecio en estos tres años pasados en los quales por la gran guerra q̃ en elhos se ofreçio y tuvimos fueron mas trabajados que viente años atras pasados por la qual razon estoi en algunas devidas el viso rrei me fisiera merçe para las pagar si viviera que asi me lo tenia prometido e jurado al abito que traya levolo Dios por mi desdicha, agora el governador garcia de saa me a dado capitan da guarda donde me acabe de endividar pensando me con heste hordenado sostentarme y para cavalho y otras cosas nesesarias para le poder servir a la honrra de V. A. gaste mas de trezientos cruzados y por estar la tierra tan perdida el governador de mi hordenado nunqua me a podido dar ninguna cosa por la qual razon suplico a V. R. A. se ynforme de la verdad en lo que diguo de mis serviçios por dom alvaro de crastro y dom João Mascarenhas, nombrandole vicente chacho valenciano que vive al socorro con Nuno Perera y tenia el quarto de modorra en el ba-

luarte de Gill Cotinho y por Amt.º Munis y Miguel da Cunha y todos quantos fidalguos cavalleros hombres honrrados que neste tiempo aqua se alharon y en vuestra corte estuvieren presentes y asi de mestre Pedro vicario general en estas partes que alhava el conoçe y sabe el nombre de los hombres que nestas partes an servido esto se amonestava el visorrei que Dios tengua por ser de su consejo en las cosas esperituales y temporales, bien ynformado V. A. me mande socorrer como de tal primçesa, porque siendo estrangero no puedo requerir y fuy muy natural para le servir V. A. es madre de huerfanos Suplico le me mande socorrer se lo meresço para pagar lo que aqui devo a hombres honrrados que sin conoserme me izieron mercedes y para sostentar my persona y hun ijo que aquy tenguo en su servicio. E pido a V. R. A. me agua m. de la tenaderia maior de Baçaim para seis años, ho la tenadaria de Salsete de Baçain para el dicho tienpo, ho de la tenadaria de Salsete de Guoa que aguora dominamos en las tierras firmes de ydalcão, ho de cinquenta bares de canella. Los quales podre trazer en el navio de la capella de Seilão mercados por mis dineros forros de fretes y de derechos, ho en aquelha merçe que V. A. tome plazer i yo sea socorrido. Al rrey mi s.or tenguo escrito todo el contenido en esta. V. A. le de una palabra por me azer gran m. y me favoresca como de tal princesa. Beso los manos de V. A. en Goa a x de novienbre año de MDxxxxbiij (1). — Seu..... *Vicente chacho valenciano.*

Recomendações feitas á hora da morte por D. João de Castro, a quatro sacerdotes, entre os quaes S. Francisco Xavier, por eles enviados a D. João III

Sñor.—Estamdo ho Viso Rey dõ Joã de Crastro pera falecer nos dise a nos todos quatro, m.tre P.o vigairo gerall frey ant.o custodio, m.tre frãcisco da cõpanhia de Jhũ, frei Joã de Vila do cõde de palavra, que fizessemos esta carta a V. A. ẽ que lhe fizessemos as lẽbrãças seguĩtes ẽ seu nome por elle ja estar em tpõ pera ho nõ poder fazer.

(1) *Corpo Cronológico:* Parte 1.ª, maço 81, n.º 81.

Primeiramẽte lẽbrava hos m.tos e grãdes serviços q̃ fez Manoell de Sousa de Sepulveda a V. A. na batalha de Dio e no fazer da fortaleza hõde deu mesa a m.tos homẽs e teve cargo de fazer ho baluarte de são tomé hõde levou m.to trabalho e asi ẽ todas as outras armadas ho ajudou m.to e acõpanhou pello q̃ pedia a V. A. q̃ aja por seu serviço de lhe fazer m.ta mercê e se V. A. tomou algũ desprazer delle por nõ aceitar a fortaleza de Dio q̃ lhe pedia pella hora ẽ que estava lhe perdoasse.

E asi nos emcomẽdou Fr.co da Cunha q̃ ho lẽbrassemos a V. A. o quall tãbẽ servio muito bẽ em Dio assi na batalha como no fazer das hobras da fortaleza e deu de comer a m.tos homẽs e proveo m.tos doẽtes e despois de Deus elle foy grãde meo por hõde m.tos homẽs cõvalecerão de graves ẽfirmidades e lhe pedia por aquella hora em q̃ estava q̃ lhe perdoasse se delle tomara allgũ desprazer por nõ tomar a fortaleza de Dio.

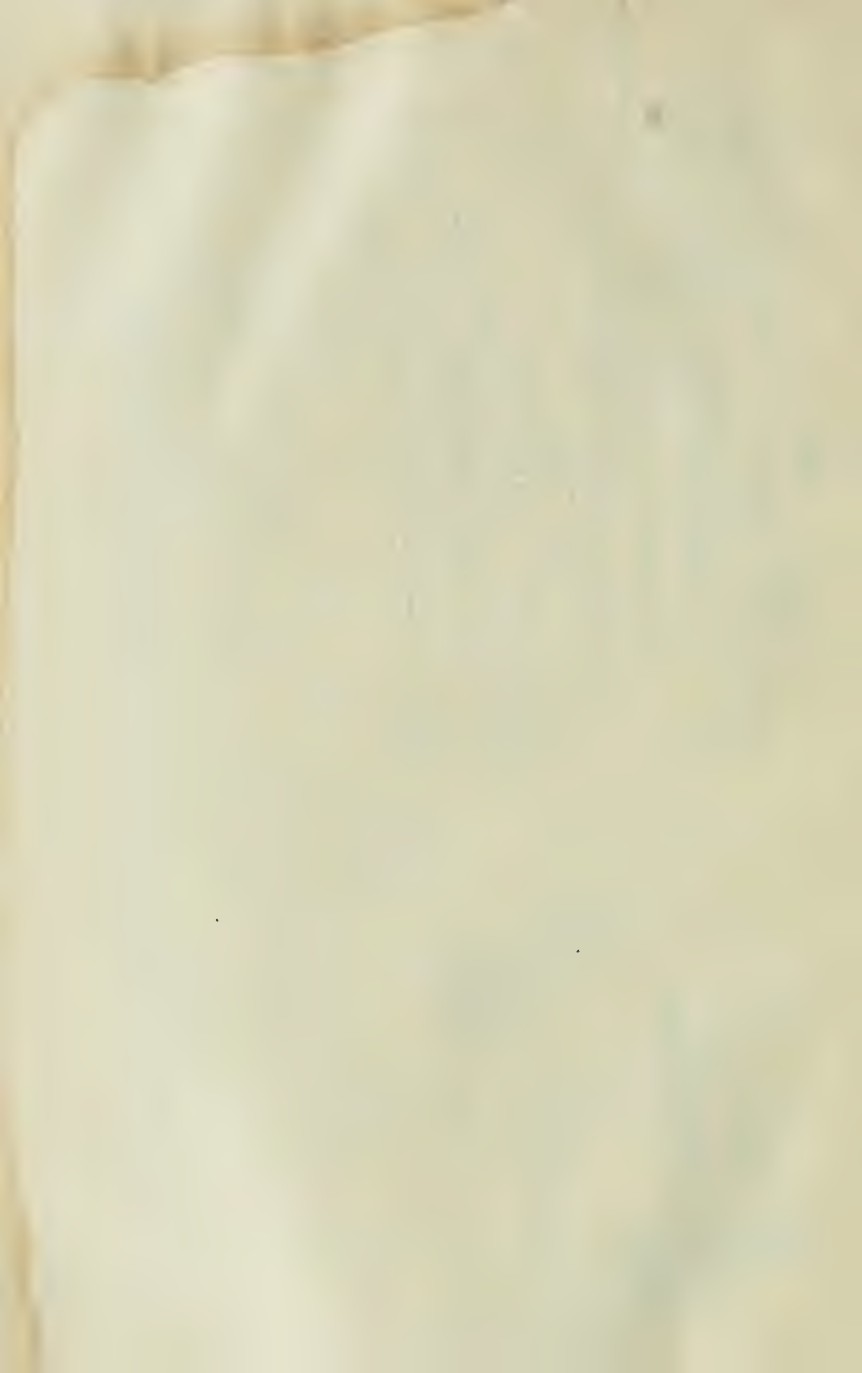
E asi nos dise que ẽcomẽdassemos a V. A. dõ Francisco de Lima e Vasquo da Cunha q̃ tãbẽ ho ajudarão m.to e acõpanharão en seus trabalhos e dõ Francisco ho acõpanhou senpre cõ m.to amor e esteve sẽpre cõ elle ate hora da morte.

Tanben nos disse q̃ emcomẽdassemos a V. A. dõ dioguo dalmeida capitão de goa o quall ho ajudou senpre cõ m.ta diligẽcia nestas guerras das terras firmes e senpre nellas foy dos diãteiros. E tãbẽ nos dise q̃ lẽbrassemos a V. A. ẽ como Antonio Pereira ho ajudara m.to nesta armada q̃ se fez pera Dio e ẽ todas as outras cõ m.ta diligẽcia e q̃ por esta rezam lhe tinha feito mercê ẽ nome de V. A. de hũas aldeas nas terras de baçaij de que paga ho foro hordinairo, pedĩdolhe que aja por seu serviço de lhas cõfirmar.

Item nos dise e ẽcomẽdou muyto cõ grãde efiquacia ho mesmo dia q̃ faleceo que de sua p.te pedissemos a V. A. q̃ por amor de Deus e pella hora em que estava perdoasse amrique de Sousa chichorro avendo respeito a elle estar prove e casar cõ molher horfãa e muito prove e por todas estas cousas nos dizer e passar na verdade e por descarrego de nossas cõciẽcias e cõsolação da alma do defũto asinamos aqui todos oje 22 dias doutubro de 1548 (1). —

---

(1) *Corpo Cronológico:* Parte 1.a, maço 81, n.o 66. — Publicada

Fac-simile das assinaturas do documento atrás: a da esquerda, do fundo, é a do célebre S. Francisco Xavier

Petrus Fernandus — Francisco — Frey Amt.º do casall custos — Frey Joham de Villa de Côde.

Também Diogo Ortiz de Távora não quer ficar no esquecimento e por isso escreve:

Sñor. — Depois que qua sirvo V. A. lhe tenho escrito algũas vezes pidimdolhe que se lembrasse de mim em me fazer merçe assi como a outros fez e atee o presente nam vj que me fizesse merçe dalgũa cousa bem sei que he por lho nam requerer meu pai por ser já muito velho e aguora faço esta lembrança a V. A. de como estas partes ho tenho servido e sirvo.

Eu vim servir a estas partes da Imdia narmada do guovernador Martim Afonso de Sousa e em seu tempo ho fiz nas cousas que se me ofereçeram e no de D. Joham de Crasto me achei no cerco de Dio por hi emvernar do primeiro atee o derradeiro omde fui muito queimado com polvora e ferido e trabalhei nelle atee depois da batalha vemçida e em fazermos a fortaleza e acabarmos, como pode dizer D. Joham Mazcarenhas e D. Alvaro de Crasto e em todas as outras cousas que D. Joham de Crasto fez me achei por sempre nas de serviço de V. A. me ocupar des que nesta terra sam e se tivera com que tambem fora ao reino a lhe pidir merçe e satisfaçã de meus serviços mas os que qua servem e tam pobres como eu se nam teẽ quem lho dee aos mais falta com que se poderẽ embarquar pello que tomei por remedio de qua estar e escrever a meu pai que me mande com que me vaa pois V. A. atee o presente me nõ proveo de cousa algũa e se pollas feridas e queimaduras e pella vontade com que qua servi e sirvo achar que lhe mereço fazerme merçe façama e meu pai a requererá por mim alem desta e de hũa pitiçã que assi mando e aja respeito a meus serviços de tantos anos e á minha pobreza deixando minha molher e filhos e me faça merçê da capitania da Mina que eu sam de vinte e oito anos e quamdo for da India deus querendo serei de

---

na *Monumenta Historica Societatis Jesu,* (Monumenta Xaveriana) Madrid, 1900, t. 1, pág. 467.

trinta e hũu e quando emtrar a servir essa capitania serei de quarenta anos ou mais, nam se poderá dizer que serei moço pera servir que aguora nesta idade em que estou a servira e dera de mim muito boa conta no que me fará muita merçe e emparo a minha molher e filhos que depois que qua sam sempre morrem de fome.

A vida e real estado de V. A. nosso snõr acrescente. De Guoa a dez dias de jan.ro da era de 1549 anos (1). — *Diogo Ortiz de Tavora.*

Sobrescripto: *A elrrei nosso sñor.*

Mais cavaleiros armados por D. João de Castro e confirmados pelo rei D. João III:

A 8 de março de 1549 foi confirmado a João de Lima, cidadão e morador em Gôa, o alvará pelo qual o viso-rei da India, D. João de Castro o armou cavaleiro, atendendo a que ele foi com D. Alvaro de Castro ao socorro de Dio, nessa fortaleza se conservou *emquanto durou o dito çerquo que foy* desde xxiiij *dias do mes de julho do ano de bc R bj (546) atee dez dias de novembro do dito ano;* tambem se achou com D. João de Castro *na batalha e peleja que teve com o dito Cooje Çofar* (sic) *e com os outros capitães e o fazer muito bem de sua p.a* (2).

A 20 de agôsto de 1549 foi confirmado a Manoel de Azevedo filho de Simão de Azevedo, defunto, morador que foi na cidade de Angra, o alvará do viso-rei da India D. João de Castro armando-o cavaleiro, *pello qual se mostrava que por ter recado de dom Johaõ Mazcarenhas capitaõ da fortaleza da çidade de Dio de como a dita fortaleza estava cercada por Coje Çofar capitaõ de elrey de Cambaya mandava ao socorro della dom Alv.o de Castro seu filho capitaõ moor do maar das ditas partes com m.tos navios, gente e muniçőes e que por o dito Manoel dazevedo jr ao dito so-*

---

(1) *Corpo Cronológico:* Parte 1.a, maço 82, n.o 13.

(2) *Privilégios de D. João III*, liv. 2, fl. 66 v.o

corro na armada do dito dom Alv.º e se achar no dito cerquo e no combate e peleja que teverão com os mouros de que ouverão vitoria no qual o dito guovernador se achou por tambem acodir ao dito socorro depois do dito seu filho que foy a dez dias do mes de novembro do ano de mil bc R bj (1546) e o fazer m.to bem de sua p.a (1).

Dom Joam etc. A quamtos esta minha carta virem faço saber que por parte de Jurdão Guaro Falcão, filho de Afonso Guaro, morador na ilha da Madeira, me foy apresentado hum alvará de D. Joam de Castro que Deus perdoe que foy viso rey nas partes da Imdia pelo qual se mostrava que ho dito Jurdão Garo se achava com elle no ano de bc Rbj (546) na batalha que deu a xxb mjll omẽs de gera delRey de Gambaya que estavã ẽ cerquo sobre a cidade de Dio ê que emtravâ muytos capitães primcipaes deste Reyno cõ todo seu poder sendo os cristãos dous mill omẽs de gera somente os quaes lhe matarão tres mill pesoas da milhor gemte que emtre eles avya e asy lhe tomarão mt.ª artelharia e lhes deu N. S. victoria e vemcimento comtra eles e que por o dito Jurdão Guaro ẽ tudo o fazer muy bem de sua pesoa o fizera cavaleiro segundo mais inteiramente era conteudo no dito alvará, pedindo-me o dito Jurdão Guaro que lho cõfyrmase e mandase que lhe fosem goardados os previlegios e lyberdades de cavaleyros e visto seu requerimento e por fazer certo de seu serviço e da calydade de sua pesoa querendo-lhe fazer graça e mercê ey por bem e me praz de lhe confirmar e por esta lhe ey por confirmado... Lopo Roiz a fez ẽ Lix.ª aos xx de set.bro de jbcRix (2).

E feche-se com chave de ouro esta lista de defensores de Diu, uns pretendentes e outros já recompensados apresentando uma carta da célebre

---

(1) *Privilégios de D. João III*, liv. 2, fl. 87 v.º

(2) *Privilégios de D. João III*, fl. 158 v.º do liv. 2.

Isabel Fernandes, mulher de ânimo varonil, que tanto se assinalou:

Senhora. — Teve V. A. sempre tanta llembrança de mim por sua syngullar hecellente vertude que nam tenho eu com que tão gramdes merces posa servir senam comtynuamente em minhas emdinas horacois pedir a noso senhor que acresente a vida de V. A. e que veja em seus dias a ell-Rey noso senhor homem, e lhe entregue seus Reynos, e estado muj acresentados e não demynuidos. O Vizo Rey vejo muitas vezes e o syrvo no que de mim, como de hua pobre molher, se elle pode servir. Diz que me fara merce, mas as merces de V. A. me am de vir, e della as espero heu. V. A. a mujtos annos que me spreveu que ellRey, que noso senhor tenha na sua gllorya, me tomara dous netos; por não ter quem esta merce allembrase a V. A. nam me vieram numqua hos filhamentos; beyjarej as mãos a vossa allteza llembrarse desta merce porque estes dous e outro tenho aguora com dom amtão em Barem na guerra dos turquos, e quererá noso senhor que nestas naos hirão a V. A. boas novas do que dom amtão fizer neste ffejto, tamto de serviço de deus e de V. A. Meus netos hum se chama ffrancisquo daguiar e houtro Jeronymo botelho e houtro amtonio do campo; se V. A. me quer ffazer a merce que me spreveo que lhes tinha ffeyta ellRey, que he ja em glloria, mamdeme hos filhamentos delles que lla não tenho quem ho Requeyra a V. A., a quem noso senhor acresente a vida e Real estado por longuos anos. De Guuoa aos 25 de novembro de 1559. E asy a mujtos anos que peço a V. A. juis dalfamdegua de dyo hou feytor de Batequalla por tempo de tres anos. V. A. me spreveo sempre que me proveria como houvesse despacho, e com estas esperamças vivo; peçolhe por amor da virgem madre de deus que se allembre de mim e me despache, que he para hum filho meu per nome affonço fernandes, que he o derradeiro que me fficou de dezoito que tinha, que todos se guastarão em serviço de deus e de V. A. nestas partes. Ho ano paçado mandey a V. A. hum boyão de cravo em conserva que he bom pera os frios de llaa. Daqui fica Roguando

a deus pelo Real estado de V. A. — *Izabell Fernandes*, a velha de Dio (1).

E não esqueça Baltasar Jorge, que Gabriel Pereira tornou conhecido nos seus *Estudos Eborenses, Evora e o ultramar* e que, sendo juiz da alfândega de Diu, morreu na grande batalha do dia 11.

Conta Gaspar Correia (2):

... «e assy foy morto Baltazar Jorge, juiz da alfandega, de hum só golpe de traçado, que lhe deu hum mouro por cima de hum hombro, com que lhe cortou huma saya de malha e o braço com toda a espadoa».

Mas parece que o nosso Baltasar já o esperava pois, em 14 de Outubro de 1546, declarava no seu testamento:

... «Nesta fortaleza de Diu, estando cercada da gente d'el-rei de Cambaya com quem o governador tem guerra apregoada, havendo seis mezes e meio que o dito cerco é posto no qual cerco dês o principio me eu Baltazar Jorge achei...».

No que se não pode dizer que tivesse muita sorte. Pois nem sequer lhe competiram agradecimentos reais como justamente sucedeu à Câmara de Gôa.

---

(1) Tôrre do Tombo, *Corpo Cronológico*, P.e III, maço 18, doc. 39. — Publicada pelo académico Ramos Coelho a pág. 331 do vol. VI do *Archivo Pitoresco*.

(2) *Lendas da India*, tom. IV, pág. 561.

Eis as próprias palavras de D. João III:

«E tudo o que me escreveis do sobcedymento do cerquo e guerra da fortaleza de Dio folguey muyto de ver, e ouve muito prazer de tão particularmente o fazerdes, e de como sey que essa cydade e os moradores della me nisso servirão e quoão liberalmente folgarão de a socorrer com suas pessoas e navios e com tamanhos guastos e despezas de suas fazendas e a boa vontade com que todos folguastes de fazer o emprestimo que o guovernador vos mamdou pedir pera refazimento da dita fortaleza, o que tudo soube muyto particularmente pela carta que o dito guovernador me escreveo; sobre isto tenho tanto contentamento como he rezão, e a calidade de tão boõs serviços merece e o estimo e volo agradeço muyto e podeis ser certos que por essa rezão e pela muita boa vontade que tenho a essa cidade folguarey sempre de vos fazer mercê» (1).

E por aqui ficaremos, não sem consignar que, apesar de longa a documentação elucidativa do texto de Leonardo Nunes, não é completa, pois, especialmente na colecção de S. Lourenço, se encontram ainda bastantes documentos. Entretanto o leitor ilustrado avaliará o trabalho que representa a publicação da monografia que vai ler.

Celebrados na poesia de Jerónimo Côrte Real e na prosa de Jacinto Freire de Andrade, inscritas nas pedras de Diu, como pode ver-se no opúsculo *Inscripções de Dio* (1865) de Cunha Rivara, as façanhas dos heroicos portugueses defensores de

(1) Carta de 16 de Novembro de 1547 de D. João III à Câmara de Gôa, *Archivo Portuguez-Oriental*, fascículo 1, pág. 12.

Diu ficam agora melhor autenticadas, em face da prosa de Leonardo Nunes e dos próprios originais escritos em sobresalto nos intervalos que os turcos deixavam livres.

Que esta lição de patriotismo sirva de exemplo e estímulo aos portugueses do século XX!

António Baião.

PROLOGUO DA PRESENTE OBRA Q̃ HE DO ACONTECIDO EN DIO.

Sendo capitam desta fortaleza Dom Joham Mascarenhas e governador da India Dom Joham de Castro ho anno de 1547.

culpa do grande descuido, fraqueza e pouquo [zelo] q̃ ha nossa nação portugues tem de suas façanhas pera delas fazer escrituras, resurgio ho meu fraco jngenho que ẽ toda ha sympreza estava morto de sua natureza pelo qual não he muyto esforçarme ha escrever parte delas porque seu verdadeiro testemunho as fará autorjzadas. Gloriar se a Tyto Livjo e Plutarqo do que deles neste meu sumarjo deixo esqueçido, por falta de juizo que polla ventura elles trabalhosamente comprehenderão segũdo são grandes, que cousas podẽ ser mayores, nẽ milhores nẽ majs sanctas nem q̃ ha mente humana majs embaçe q̃ has conquistas delrey noso senhor ẽ q̃ principe, nẽ rey cristão A no mundo q̃ tão custosa e trabalhosa e tão sancta guerra sostenha tãtos tempos contra mouros e jnfiejs e terras tão remotas e apartadas de sua conversaçam quam famoso senhorio he ho seu ho qual põe terror e espãto tantos mjlhares de legoas de costa!

Ante elle estão temendo grão parte dafriqua e lhe dão obediençia muytos reys de ethiopia e arabia e tem matizados os penedos de suas prayas cõ sangue dos seos naturaes e estrãgeyros pelo poder de sua alteza / has terras do egipto pela frontarya do Mõte Synay cõ todo ho estreyto dambas has partes e ha safasma *(sic)* cassa da meca prinçipal e o señoryo do gram turquo estaõ temerosas he amado e servido na persya do real señorjo mauretimo / e tẽ debaixo de seos pees toda ha terra dos jndios, per toda ha costa / até dentro de maluquo não conhecẽ outro señoryo / e nos mylhares das ylhas sẽ conto ate ho fim de todas has regiões q̃ qua saõ descubertas, obedecẽ ha seos señoryos e ao seu real poder e memorado até has derradeiras partes da china q̃ esta mostrando as espaldas Alemanha / pois nas conquistas destas partes todas que elrey seu padre q̃ deus ajaa e sua alteza mãdarão descubrir, e ganhar pela ponta da lusitania lança q̃ milagrosos cassos e façanhosos estremos de cavalaria acõtecerõ per seus capitães ? q̃ cerquo e batalhas campais ? / q̃ asolamentos de cidades e reynos ? q̃ vitorjas tão jnvẽcivejs lhe tẽ dado nosso señor e se não fora tratar cousas donde me não souber sajr / quoãtos capitães jllustres e excellentes trouxera ha memorja ẽ que se virão hos deçios brutos / torquatos / e fabios africanos / donde ha excellencia e militar disciplina estiverão lustrando como rayos do sol / pasmarão ho homero e quinto cursio porque virão suas escrituras borradas de jnueja e o milhor delas ẽ todo ho esqueçimento se a fama não fizera aborto e movera tãtos silençios haa mingoa de escriptores / ey por peccado grave ho esqueçimẽto de cousas tão gloriosas e faça-

nhosas venturas pelas quoaes ho nome verdadeiro de christo noso redemptor he amado e servido pela suma vigilançia e cuidado real e santo zelo q̃ sua alteza tem da sancta fe catholiqua ha qual por seu sancto respeito he venerada e adorada das gentes barbaras e sylves-tres sẽ nenhũa rezam / asy da ylha de sacatora como da mayor parte da costa do malauar / como dos ma-quuães / e outras nações honde nunqua ab jniçio foy ter nome cristão has suas orelhas / hos quoaes tira-dos do custume paterno e natural q̃ he nelles pro-pia ley / quebrarõ seos ydolos e os lançarõ no foguo / e hos seus templos estão consagrados cõ preguadores naturaes, fomjgando os altares cõ incenso e outros aromaticos cheiros diante de deus / q̃ se destas glorio-sas e jllustres memorjas quisera tratar Marco Varrão tãobẽ esbarrara por que seus grandes estremos não podẽ vir ha jmaginação / não presuma ha pluma lusy-tania q̃ pera mayores cousas está goardada porque posto q̃ sua lança favoreça este cuydado estes são hos milhores tempos pera não poderẽ jaa ser cousas mayo-res, nẽ tãobem leixe de o fazer por arreçear jmpresas tão façanhosas porque como são en serviço de Sua Al-teza nosso señor has fara muy façeys cõ a quoal cõ-fiança esforçando meu entendimento e meu jngenho uestido de nova alma, desejoso de seu serviço deter-miney dar licença ha minha pluma e barboro estillo pera tratar do que no çerquo de sua forteleza de dio aconteçeo pela experjençia q̃ tive dela de vista, sẽ pera jsso buscar alheo testemunho de todolos trabalhos / for-tunas / fames / e jnsidias / mortes e miserja de toda-las batalhas e vitorias q̃ nella se acõtecerão porque

jnda que sumarjamente escreva não vou tão particular nas memoratissimas e gloriosas façanhas fectas pelo capitão dom Joham mazquarenhas e seos capitães e soldados / como seja ẽ serviço delrey noso señor / determino de fazer o que sey comprindo cõ ho que devo como bõ e leal portugues são obriguado / cõfiando q̃ minha temçam me salve das pesimas lingoas e mordedores q̃ estão sẽpre brandindo as pontas cõ has peçonhas nellas de toda ha maliçia.

CAPITULO I.

Delrey de Cambaya de como ajuntou poder e exercito pera vir sobre a fortoleza de Dio.

ESPOIS que o governador d'estas partes da India, Nuno da Cunha, que Deus aja, matou na barra desta cidade ao Soltão Baduro, Rey de Cambaya, socedeo em seu lugar um seu sobrinho por nome Soltão Mamundo, que então serja de dezoito annos, pouquo majs ou menos, ao qual ficarão do tempo de seu antecessor alguns capitães naturaes e estrang.ros de grandes experjencias de guerra e grandes senhores e mui poderosos por alguns dos quoaes ElRey era governado e per seu conselho fazia suas cousas e antre estes se conhecia per mais jllustre e de melhor saber e descriçam, Coju-Sofar, de nação jtaliano, homẽ sagaz / e de muyto conçelho, o qual sendo muy grande no Reyno de Cambaya tinha acquirido asy muyto grandes companhas de gente estrangeyra, rumes e christãos de estranhas nações arreneguados

e muitos abexins e nobins e fartaquins e arabios e ElRey por seu conselho fazia outro tanto de maneira que ho reyno de Cambaya florecia jllustrosamente d'armas, asy estrangeyra, como natural, porque ho exercicio q̃ continuadamente usavão do negocio, pera se apparelharẽ, juntamente cõm ho favor q̃ alcãçavão hos virtuosos na malicia, hos fracos valentes e robustos, porque usando todalas cousas se fazião faciles nellas; deu caussa a este alvoroço do Reyno ha imitação dos barboros e infieis, q̃ pela mayor parte he desejoso de mudanças, pera ha ocasion das quaes dizião a ElRey que lhe lembrase ha morte de seu tio, ho soltão Baduco, q̃ hos portugueses matarõ e q̃ ha hũ Rey tão poderoso lhe cabia ẽ lugar de injuria grande estar tão pacifico cõ homẽ q̃ tanto mal e estrago tinhão feyto em Cambaya, cujo poderera muy pouco, porque o moor q̃ eles na jndia ajuntarõ, foy ho do Viso-Rey, Dom Garcya de Noronha, que forõ cinco mil homẽs, q̃ se nos tempos passados fizerõ tanto dano, q̃ forõ d'isso causa hos mogores q̃ os forçara ha toda fraquesa e desaventura e q̃ agora q̃ estavam quietos e asosegados de todas as partes tomase vingança necessaria ha sua honrra e de seus subditos e vasallos e lançase de suas terras estranho senhorio com tomar ha fortoleza de Dio, com q̃ estavão muyto afrontados. Favoreçiã esta presunção cinco basaliscos e dous espalhafatos e um quoartão que comprarõ aos rumes por $\overline{\text{lxx}}$ *(70000)* pardaos, quoando vieram sobre Dyo e outras com peças d'artelharia, camelos e esperas e passamuros e caẽes e toda era de metal e alguma fôra nossa que ha tomarõ no passo sequo, no tempo dant.º da Sylv.ra E

ElRey como era moço e desenquietado pareceolhe bem o conselho dos seus / no qual era ho principal Coju-Sofar q̃ nisto trabalhou com toda ha dissimulação q̃ foy possivel e tanto que foy assentado / mandou fazer muyta polvora de bombarda e de espingoarda, tanta quoãta em sete anos se podia fazer, porque tanto estiverom em se apparelhar; mãdou tãobem fazer muytos pilouros de ferro coado / e de pedra ẽ Patane, ao longuo da costa, aonde se achase ha pedraria desposta pera tal munição e de cotio ha hy muytos espingardeyros e frecheyros dacaninos e malavares e mujtas armas defensyvas, cosoletes e capaçetes e couraças hafóra has q̃ no Reyno de Cambaya se fazem casy ha usança portugues / muyto fortes e boas cõ capacetes q̃ de todas has partes cheguão ao pescoço e diante tẽ suas mascaras de ferro muyto bem feitas, das quoaes armas tinhão cheos mujtos almazens; tinha tambem grandes mestres de fazer mjnas e outros de campo de saberem assentar arrayal e per cerqo; tinhão muyto singulares artilheyros e muitos fundadores, tinhão finalmente todos os homens excelentes q̃ pera tal empresa lhe erão necessarios e toda a artilharia e munições, de toda ha sorte, tanta quoãta se nunca ajuntou, nem homẽs virão pera nenhum cerqo, mas porque estes conçertos não desem sospeita ao governador da India, por causa dos muytos portugueses que andão em Cambaya, fazia-se ElRey temido do Patane e tinhão sua artilharya e almazens das armas tão prestes e concertados pera cada dia que polo custume de ser de muyto tempo careçia dalvoroço e ho majs do tempo estava Coju-Sofar em curas, cujo animo falacio e lison-

geiro simulador, porque de todos os governadores e capitães da India se mostrava grande amigo e servidor e naquella fortolesa com seu trato usara com hos portugueses toda a boa conversação e gasalhado e per discreta jndustria sabia ha desposiçã da India e todas as fortolezas como estavão providas ẽ os almasens e a gente que nellas estava jnverno e verão e hos capitães que erão; de maneira que como em seu poder avja homẽ de fraca experjencia, com suas astucias sabia delle todo o que querja q̃ o q̃ elle querja saber mal peccado todos ho sabẽ / e todos não erão tão manhosos como ele. Carteou se então ElRey de Cambaya com todos hos reys e senhores en cujas terras ElRey Nosso Senhor tem suas fortolezas / ho Bramaluco em Baçaim, o Idalcam em Goa e asy outros por toda ha costa do Malabar pera que estes tanto que visẽ has pazes rotas e ha guerra posta en efeito fizese cada hũ outro tanto ẽ suas terras pera que tendo ho governador da India ẽ todas has partes q̃ fazer não podese dar socorro a njnhuma polo pouco poder que sabẽ q̃ tem de gente e desta maneyra tinha pera sy q̃ não tão soomente tomarja ha fortoleza de Dio, mas que lançaria da India todo ho senhorio q̃ ElRey Nosso Senhor nella tem / e morrerião hos mais dos portugueses. / Convocou tambem e chamou em sua ajuda todos hos reis do sertão e terras ignotas ha nossa conversação q̃ naturalmente tem odio aos portugueses, soo pelo nome de christãos / e destes hũs com dinheiro e outros com gente lhe derom muyta ajuda. / Mandou tambem ao estreyto da Mequa hũ parente de Coju-Sofar com muyto dinheiro ha fazer gente de guerra, turquos e

arabios, dentro no estreyto, em Asibibe e Judá e Quoáquẽ e fóra en Aden e por honde milhor podese ajuntar. / Quis Nosso Senhor que, ajnda q̃ todas estas partes lhe acudirão, hos reys da costa, com quem se carteou não ousarão de bolir consiguo, mas como homẽs en cujos corações moravão discordias e treições estavão cõ ho pee na estribeira, prestes e aparelhados pera fazer o que lhe era cometido, esperando com tudo ho fim da guerra pera que se determjnasem segundo ha fortuna mostrase ho rosto ha qualquer das partes e feito e aparelhado ho negocio necessario estando de paz ElRey de Cambaya cõ ElRey Nosso Senhor e seu governador, sem lhe ter feito coussa de que recebesse escandalo, determjnou romper has pazes; como perfido e falso, começou ha guerra nesta maneira.

CAPITULO II.

Como fez ElRey de Cambaya seu capitão geral a Coju-Sofar e de como meteo a gente na Cidade de Dio e de como se proveo D. Joham Mascarenhas, capitão da fortoleza.

Depois que ho apparato da guerra esteve perfeito fez ElRey seu capitão geral com poder absoluto per conselho comum e provado ha Coju-Sofar que ha este tempo era senhor de Surrate e Ruynel e de grandes terras, ho mais rico de todos hos senhores mouros muy discreto e sesudo, experimẽtado na malicia / e

capitão maravilhoso / e perfeito em tudo e em todas has maneiras denganos e mentyras e treições, homẽ milhor e majs aparelhado pera fazer guerra haos portugueses que quoantos capitães ha nas conquistas delrey Noso Senhor pola grande continuação q̃ teve de seus costumes no pellejar pera por elles lhe fazer ha guerra; ao qual deu tambem ha çidade de Diu, se lhe tomase ha fortolesa, cõ promesas doutras muyto grandes merces e favores.

Coju-Sofar depois que lhe foy cometido ho negocio determjnou de principiar ha guerra na entrada do jnverno porque é no meio d'abril porque não podese vir socorro ha forteleza per todos hos seys mezes porque sabia q̃ dentro não estavão com D. Joham Mascarenhas, capitão dela, majs que cento e setenta soldados e porem com ho tom de paaz meteo dentro na cidade toda ha sua gente, munições e arthelharia e pera jsso escreveo cartas ha D. Johã Mascarenhas nas quoaes se mostrou muito major seu servidor do que nunca fôra e lhe fazia ha saber q̃ ElRey de Cambaya lhe fizera mercê da cidade de Dio, pera a quoal se vinha muito ledo e contente pera estar majs perto delle a q̃ desejava fazer todo ho serviço e que não recebese escandolo de meter nella muyta gente porque ho não fazia senão por ennobrecer a terra e cidade, pera que fose mais serviço dElRey Nosso Senhor e proveyto seu e que lhe pedia q̃ asy ho tivese por bem e com este recado na fim de março mãdou hũ capitão seu com muyta gente, ha quoal como hos mais fossem turcos e ronquadores trazião ho véo da paaz muyto rallo e quem bem quizera oulhar vira logo detras dele negrejar ha guerra; todavia

ho capitão do Coju-Sofar era discreto e trabalhava de ho topar quoanto podia com branduras e recados manhosos e discretos q̃ mandava ao capitão, o qual por muy boa jndustria, vendo juntamente ho estreyto do negocio conheçeo ho lobo com a pelle da ovelha, e tanto que por enculcas teve ha sospeita por verdadeira mandou metter dentro na fortoleza todos hos pedreiros, cavouqueiros e carpinteiros que moravão ha sombra della e todas as vigas, mastos e tavoado que fóra estava e mandou trez homens, discretos na lingoa, trato e costume guzarate por espias ha terra firme has suas çidades prinçipaes pera que discretamente se certificasẽ na verdade, has quoaes espias tornarão com a certeza da guerra e como se chegava muyta gente da cidade de Junage e de Surrate, toda a artelharia e munições em carretas e que a guerra andava em grandes torneios pera vir ha ter principio. Na entrada de abril chegou outro capitão ha cidade de Dio, cõ muyta gente muyto desmandada e soberba e merecendo de ser bem castiguada, na qual acabou de conhecer a trayção sem mais trabalho.

Jaa neste tempo D. Johã Mascarenhas tinha mettido na fortoleza todos hos mantimentos e cousas necessarias pera sua defensam quoanto foy possivel e tinha mandado aos cassados portugueses mercadores que metesem mantimentos quoantos podesem, por quoanto vião ho tempo apparelhado ha esterilidade e ElRey Nosso Senhor não tinha tanto dinheiro na fortoleza pera que podese comprar ho necessario pera todos, mas q̃ cada hũ se provesse do que lhe era necessario porque elle com ho seu dinheiro emprestado asy ho fazia por ser

serviço de Deus e do dito Senhor e asy foy feito que todos meterão ho que poderão, mas com quoanto nisto houve muita providencia, todavia depois ouve esterilidade e fome de carnes e peixe e triguo porque se não podia haver senão da çidade e os mouros atentaram nisso e avião-se trabalhosamente; avia neste tempo na fortoleza cento e setenta homens nõ mais, porque não avja dinheiro pera lhes paguarem e os q̃ estavão erão da valia do capitão e alguns delles por servir ElRey Nosso Senhor que estavão jnverno e verão nella continos.

Jaa era entrado abril, primeiro mez do jnverno, quoando ho capitão escreveo ao governador estas novas e aos capitães de Baçaim e Chaul pera que lhe mandase todo ho socorro q̃ podesẽ, q̃ elle com ha pouca gente que tinha se começou ha fazer prestes, por que se vinha chegando Coju-Sofar, com cuja vinda esperavão ha rotura das pases e principio da guerra.

CAPITULO III.

De como Coju-Sofar entrou em Dio cõ grande poder e de como se começou ha guerra.

Era domingo de Ramos, dezoito dias do mes dabril da era de 1546 quoando Coju-Sofar entrou na çidade de Dio.

Muy prospero e cõ mujta soberba, vestido em dissimulada amizidade trazia comsiguo seu filho Rumecão, condestable-moor de artelharia de ElRey de Cambaya;

trazia quinhentos homẽs darmas, turquos e arabios e doutra gente forasteira que ja disse, hos melhores de todo ho exercito d'ElRey hos quoaes trazião quoatro cẽtos espingardejros e outra mujta gente da terra e pera ho serviço da guerra traziam de xxx mil homẽs pera cima, gente desarmada e vil que soo pera ho serviço aproveytava, [cujo numero] era mayor que de quoãtos soldados tudescos ha no mundo. Tanto que Coju-Sofar foy entrado na çidade loguo ho fez [saber] ao capitão da fortoleza, dizendo que vinha tomar posse da mercê que lhe ElRey fizera e q̃ era muyto ledo por serẽ cheguados hos dias em q̃ ele de muyto perto ho podesse servir. Ho capitão ho mandou loguo visitar por Simão Feyo, moço da Camara da Rainha Nossa Senhora e Juiz d'Alfandega da villa dos Rumes e foy recebido do Coju-Sofar cõ hamostras de grande amizidade, fazendo-lhe sobejas honrras e dada reposta da visitaçam, mandou por ele dizer ao capitão que ElRey de Cambaya, hũa das cousas por que o mandara ha çidade de Dio e lhe fizera della mercê fora pera dar hordem como se comprise ho contrato q̃'o Viso-Rey Dom Garcia cõ ele tinha feyto sobre has pazes e hũa das cousas q̃ no contrato fora, foy que fizesẽ hũa parede, pera que ficasẽ cerquados na çidade, q̃ lhe pedia q̃ disso lhe mãdase ha reposta e ho capitão, visto tal recad, ouve cõselho e juntos todos hos oficiaes de ElRey Nosso Senhor e hos cassados e pessoas a q̃ pertencia tomou acerqua dello seu parecer e tornou ha mandar a Symão Feyo com ha reposta e contrato do Viso-Rey, q̃ Deus aja, na mão e lhe mandou dizer q̃ tudo ho q̃ naquelle contracto cõtinha o querja manter he goardar,

que pera isso estava naquela fortolesa, mas quoanto ha parede se ha fizese por honde ho contrato dizia que ele lha ajudaria ha fazer, q̃ era muyto afastado da fortoleza, mas se ha queria fazer por onde a já derribara Manuel de Sousa de Sepulveda, não curase disso que lha avia de defender; coarta feira de trevas, xxj dias do mes dabril, quoando Simão Feyo foy cõ esta reposta, ha quoal vista por Coju-Sofar, rompeo ho contrato em muytos pedaços e mandou-ho prender e ha dous homẽs portugueses que com elle yão e ho lingoa da fortoleza q̃ era hum bragme e loguo aquela tarde veo com hum gujão e hum batalhão de gente e tirarão muytas espingardadas ha fortoleza e começarão de fazer ha guerra e se ho capitão não provera na vinda do Coju-Sofar, com tolher a yda aos homẽs portugueses ha cidade, muytos mays cativara que não por al andou tres dias nos recados.

CAPITULO IV.

Do syto da fortoleza de Dio e de como foy posta bataria e de como ho capitão se concertou pera ela.

ESTÂ ha fortoleza de Dio, d'ElRey Nosso Senhor situada sobre ha ponta de hũa rocha a quoal hũ rio ou braço de mar que ha costa mete pera dentro ha faz ha maneyra dangulo e ha ponta da rocha he tão estreyta q̃ ha toma ha fortoleza toda de maar a maar e daquela banda he mujto chea de penedos e res-

tringas e alta rocha e da outra ha defende ho baluarte do maar; este baluarte está no meyo do rio e de todas has partes é cerqado dagoa, muj forte e bem artilhado e quasy jnexpugnable por ho lugar do seu sitio, por que da banda da çidade he cerquada de fundas [rochas] honde ha corrente da augoa não consente desembarquação majs espaço q̃ em quoanto ha augoa está estofa. E das outras partes he cerquado de parçel muj baixo. Per antre este baluarte he ha fortoleza vay ho canal dos navyos grandes e pequenos sogeitos ha toda ha fortoleza e ha sua artelharia de qualquer das partes, asy que nenhũa das que ja disse pode ter ha fortalesa batarja, soomente da parte da frontaria da terra ha tẽ, que da banda doloeste, por honde estava murada de fortes muros e de baluartes e tinha hũa cava mujto grande daltura e longura maravilhosa e por estas partes lhe pôs Coju-Sofar bataria desta maneira, jndo dela pera ha cidade dos mouros, distançia de menos que hũ tyro deespingarda, pouca cousa, está hũ pequeno alto q̃ faz ha mesma rocha da parte do rio donde se descobre grande parte da fortoleza. Aly amanheceo quinta feira de endoenças xxj dias dabril hũ baluarte de pedra ensossa de parede muj largua ẽtulhado cõ muyta terra e muyto forte cõ suas bombardeiras e balas dalgodão por ameas, pera espingardaria e era tal que todos hos pelouros das nossas bombardas embaçavão nella, sem lhe fazerem outro nenhum dano. E dali logo com hũa mea espera começarão ha tirar com suas espingardas ha fortoleza da qual ho capitão mandou loguo fechar has portas e provendo ho neçessario ha repartiu hos baluartes e torres por suas capitanias

d'esta maneyra. Ha torre q̃ estava sobre a casa de Santiago deu ha Alonso de Bonifacio, criado da Rainha Nossa Senhora e escrivão da alfandega grande e ho baluarte de S. Thomé, que era ho mais alto he formoso deu a Luis de Sousa e ho baluarte de Sã Johan que era ho mais fraquo deu a Gil Coutinho e ha torre que estava sobre ho joguo da pela deu ha Antonio Freire, alcaide-moor desta fortoleza e ho baluarte Santiago que baterão hos rumes deu a D. Joham dAlmeyda e ho baluarte S. Jorge q̃ estava sobre ha porta nova deu a Antonio Pesanha e ha couraça velha pequena deu a Johã de Venesianos, crjado da Rajnha Nossa Senhora e escrivão da alfandega grande he ha couraça grande que estava na ponta da rocha deu hao feitor Antonio Roiz e no baluarte do maar estava Fernão Carvalho cõ trinta soldados, per todos; com hos capitães dos baluartes e torres repartio a gente que avya na fortaleza goardando todas has forças ho mjlhor que pode, hos quoaes fezerõ muitas vallas de terra e pipas cheas della e as poserõ por riba das suas ameas pera dali jugar ha sua espingardaria da fortoleza e per ante as ameas ha artelheria, por que ha dos mouros que ajnda era mjuda não podese passar aquelles entulhos e a gente ficasse segura pelejando ha sua vontade. E se me atrevera a ter copia de palavras e facunda escritura não leixara de encarecer ho esforço e valentia e nenhũ medo dos soldados desta fortoleza, por que se não pode callar, porque sua ousadia militar era muy grande, porque posto que ho socorro da India tardava mujto e era jaa mujto jnverno em que se ya perdendo mujta esperança delle asy çelebravão a festa do mar-

tyr, corrião esforçados e fortes aos muros e baluartes e asy mostravão ho rosto senhorjl, superbo aos jmigos como se dentro tiverom dous mil soldados; bem se póde crer q̃ a cabeça donde lhe tanto esforço proçedia, levarja seguro contentamento de ter debaixo de sua capitania tão valentes e animosos soldados, hos quoaes esperando de vir sobre eles todo poder dos reys mouros e gentios e o do turquo e q̃ tinhão per nova ser convocado a esta empresa, esperando guerra de mujto tempo, faminta e trabalhosa, mostravão hos coraçóes majs robustos e anjmosos que hos de Theseu e hũa confiança mujto mais jnteira que ha deeitor; finalmente se via neles q̃ Nosso Senhor pernosticava em seus aspeitos hũa certa vitorja, q̃ depois por sua propria piedade mostrou ha muytos.

E tornando ao meu preposito, aos xxij dias do mes de abril amanheceo outro baluarte arriba daquelle pera parte do sul e aos xxiij outro mays arriba goarnecidos e armados como ho primeiro todos em huma corda entorsalhada, ha maneira de nuvens, direyta ha jmaginação da obra pera ho maar e por elles postas suas esperas proseguião sua guerra; todo ho seu trabalho era de noyte, que de dia não ousavão com ho medo q̃ tinhão do baluarte do maar, que lhe tinha morto algũa gente e honrrada; tambem cõ medo da fortaleza que hos tratava maal, com ha artelharja e espingardaria, por que todos hos soldados usavão dela.

CAPITULO V.

De como ho capitão mandou queymar hũa nao de artificios de foguo que hos mouros tinhão pera balroar ho baluarte do maar.

Em quoanto se esta obra fazia não perderam hos jmigos cujdado de fazer guerra ao baluarte do maar e tomarão hũa nao mourisqua mujto grande, que nas suas ribeiras estava varada en terra; a qual lançarõ ao maar e a fabricarõ cõ mujtos castellos e obras ha maneyra de baluarte, em que podese caber mujta gente de guerra e panelas dalquatrão e mujtas bombas e lanças de foguo e mujtas monições e artificios, pera que tanto que ha agoa dese lugar ha emcostasẽ ao baluarte e cõ has espingardadas e panellas dalcatrão, lanças e bombas de foguo fazerem que ha gente se arredase e entrarẽ e matarẽ todos e fazeremse sñores delle, tendo pera sy que cincoenta homẽs que nelle podião estar não erão bastantes pera se defender desta nao de artificios. Foy certificado ho capitão e mandou dous catures cõ seus remeyros guzarates presos abanco, porque não avja outros na fortaleza e dentro neles Jacome Leyte que então era capitão-mór do maar daquella costa de Dio, pelo capitam, que por ser seu soldado, lhe quis dar aquela honrra, cõ xx soldados em cada cature muyto bem armados cõ suas espingardas e cõ mujtas panelas de polvora e bombas de foguo pera queymarẽ sobre ha amarra. Era

bespora de Pascoa ha noyte quoando da fortoleza sayrão e cõ hajuda de Nosso Senhor se forõ remando pelo rio açima, majs calladamente que poderom, levando hos murrões antre hos dedos, cubertos cõ ha palma da mão; ho sagaz capitão dos jmigos como quem esperava por aquela certeza, tinha muj grande vigia, ho quoal tanto que sentyo os catures tyrou hũa espingardada e deu hũ grande brado e loguo ao repicar de hũ syno acudyo tanta gente has armas que cobria toda ha ribeira do rio alevantando barbara e desconcertada grjta que pareciã hos demonjos todos juntos. Começarã de atyrar aos catures mujtas espingardadas, cõ tanta pressa e arroydo, como se aly estivera junto ho poder do governador. E os catures sẽ nenhũ medo forõ avante, tirando tãbẽ cõ suas espingardas, ha tanta gente, que forçadamente os avião de escandalizar; asy pellejando e muj pelejados, apesar de Mafamede, chegarão ha nao que estava surta defronte das casas dElRey e começarõ de lançar dentro mujtas panelas de polvora e bombas de foguo sẽ numca ha nao has querer tomar. No qual se detiverõ hũ grande pedaço da noyte e por derradeiro, vendo que asy convinha, saltarõ algũs dentro e lhe cortarõ has amarras e ha toarom haos catures, hos quoaes tornarõ outra vez pelo meyo do rio, servjdos de mujtas bonbardadas e espingardadas e servjndo tãobem eles ha vierom amarrar ante ha fortoleza e o baluarte do mar, honde muyto devagar lhe foy posto ho foguo e ardeo ha vista dos mouros ẽ tal maneira que todas has terras e mares em circujto fazia lustrar como se fose de dia e hao arroido dos estalos do foguo foy de tam mao pernostigo pera

eles que nunca majs fizerõ, nẽ buscarõ maneira pera fazer guerra ao baluarte, soomente que atirar-lhe as bombardadas, porque ho preposito de ho tomarem primejro que ha fortoleza acabou de aver fim com ha sua nao. Quis Nosso Senhor que fose isto tanto ha salvamento dos seus, que ninguem morreo nesta revolta, nẽ foy ferido majs que hũ soo homẽ.

CAPITULO VI.

Como veo socorro ha fortoleza e de como se proseguia no cerquo e de como chegou ElRey de Cambaya á cidade de Dio.

CRECIA ha obra dos jmigos grandemente por que trinta mil homens de trabalho davam-lhe muj grande lustro; seu proposito foy levarem aquela corda, asy como ya os seus baluartes ate ho mar; asy como yão fazendo as paredes, loguo lhe punhão em cima hũs saquos mujto grandes de terra e ballas dalgodão pera dahy tirarẽ cõ ha espingardaria ha fortoleza e ficarem cobertos de ela, na qual avia lxxx^{ta} pipas de polvora.

Ho cerquo ja avja de durar sem soccorro até todo agosto ou setẽbro, como durou, no qual tempo não podia vir nenhũa cousa da outra costa. Ho capitão tinha nova da vinda dos turcos ha sua armada, e pera guerra d'elles; porque esperavão de ser de mayor conclusam, querião goardar ha polvora e se dela usara cõ toda artilharia, que asy era necessario pera lhe

tolher seu trabalho, em hũ soo mes ha gastara toda e ficara com mujto pouca defensão, porque não podia aver panelas de polvora nem polvora pera contra os turcos, moormente que se não viesem em mayo podiã vir en setembro que sam montoas, pera virem do estreyto, pela quoal rezam não se atreveo ha denodamente e com toda ha artilharja lhe estrovava suas paredes, senão com algũas peças com que moderadamente se gastase ha polvora e lhe dilatase ha obra e lhe mandava tirar, com que lhe fazia mujto grande nojo, pela dilaçam que lhe fazia ter, em redificar seu trabalho, mas como fose tão continuado e de tanta gente não se podia tanto estorvar que não lustrase. Passado era todo abrjl e ha mayor parte de mayo, quoãdo aos dezoito delle entrou pela barra de Dio D. Fernando de Castro, filho menor do governador D. João de Castro, en socorro, cõ sete navyos de remos, que por ser ja ho jnverno muy grande, não cheguara mais cedo e ho restante da armada arribara a Baçaim e cõ elles vinha Dioguo de Reynoso e D. Francisco dalmeyda e Pero Lopez de Sousa e Diogo da Sylva e Antonio da Cunha, cada hũ em seu navyo; vinhão tãobem Gregorio de Vasconsellos, que ho governador, antes da nova, tinha mandado jnvernar com cem homens, em dous navyos e ao desembarcar ouve grandes bombardadas dos jmigos e trabalhando por matar alguem, mas quis Nosso Senhor que sem perjuizo ninhum desembarquarão dentro na fortolesa por hũa bombardeira da couraça que defendia João de Venesianos. Forão recebidos cõ muj grande prazer e contentamento e feito alardo da gente toda, se acha-

rão quatro centos e cincoenta soldados e grande parte deles fidalgos e cavalleiros dElRey Nosso Senhor e outra gente honrrada e de mujta obrigaçã e toda muyto bem armada que não avia algum que não tivese espingarda e não atirasse muj bem cõ ella e loguo de novo se tornou hacrecentar aos capitães dos baluartes pera vigia da fortoleza. E ha D. Fernando de Castro foi dado ho mais fraco lugar pera ho defender cõ sua gente que era ha mjlhor da fortoleza e derom-lhe en sua companhia que ho ajudasse ha vigiar ha Diogo de Reynoso e ha Bastião de Saa e a Diogo da Sylva, ho qual baluarte era ho de S. Johã, de que era capitão Gil Coutinho e em S. Thomé pos ho capitão ha Pero Lopez de Sousa e ha D. Francisco dAlmeida e Antonio da Cunha que ajudasẽ ha vigiar ha Luis de Sousa; erão nos quoarteys cincoenta homẽs ha cada hũ, nestes dous baluartes e na torre de Samtiago donde Alonso de Bonifacio tinha gente que abastase, porque era pequeno e era de menos homẽs e porque estes erão hos lugares honde hos mouros mostravão querer dar batarja, hos quoaes homens de cada quanto, com suas espingardas atyrando de noyte, honde era ho seu trabalho, tiravão continuadamente muytas espingardadas, por mandado do capitão da fortoleza, pera lhes estorvar ha obra e dilatar ho tempo. Não avja homem que não atirase cada noyte em seu quoarto ao menos xxx[ta] corenta espingardadas. Foy confessado depois pelo Jusarcão, que ho governador cativou, que ha menos gente que em todo cerquo lhe matarõ cada dia e cada noyte, asy cõ tiros perdidos, como hos que se empregavão, erão xx pesoas e dia de çincoenta e de

cento, pela quoal rezam muyto majs cedo se achegarão, se ho capitão não provera cõ esta cautella, e hos jmigos tanto que virão ho socorro na fortoleza, poserõ tambem cerquo pelo maar, trazendo mujtos navjos e muy bem armados, hos quoaes tomarõ algũas fustas cõ mantimẽtos, que ho capitão mandara trazer, da outra costa de Chaul e Baçaim e nellas cativarõ algũs homẽs portugueses, que andarão polla costa todo o mes de mayo; doutra parte davão grande obra ás suas paredes, os quoaes depois que fizerõ aquele grande maarha-mar lançando-a pela orta do capitão que estava hũ grande tyro de espingarda da fortoleza, defronte de Sãtiago, por aquela parte se vierão chegando hũas deante das outras, fazendo outras em revez, cobrindo-se sempre da fortoleza pera poderem andar detras dellas sem serem vistos e defeito asy o fazião, tyrãdo sempre por detras dellas mujtas espingardadas e bonbardadas e tambem recebendo as, com que lhe matavão mujta gente e desta maneyra se vieram chegando ate tomarẽ has tres partes do campo e cheguarem ha nossa artilharia, com se meterem debaixo dela, que hos não podia pescar, senão com alguns reveses que hos baluartes tinhão e depois que tiveram tanta parte do campo, nos matarõ algũa gente cõ ha espingardarja e artelharia, que vistos os negocios tam perto, descubrian-se pera hos matarem e matavão elles ha nós. Nesto se detiverõ todo ho mes de mayo e na entrada de junho chegou ElRey de Cambaya, com todo seu poder ha cidade; neste comenos mandou ho capitão ha Fernão Carvalho capitão do baluarte do maar, que mandase seys homens em sua companhia, nũa almadia, a ver se

podia tomar hũa espia, a qual foy tomada has portas da sua cidade, dentre has vigias dEl-Rey de Cambaya, hapesar de l[ta] soldados, ha mea noyte, dos quoaes matarõ muytos e trouxerõ hũ vivo e são, que deu novas da vinda dEl-Rey e de como trazia innumeravel poder de gente; sua vinda foy muj festejada da fortoleza, porque mandou ho capitão tirar toda ha artilharia e espingardaria e tanger todalas trombetas e charamelas pera darem ha entender aos jmigos ho preço em que tinham hos primeiros cerquadores e quanto se honravão da vinda dEl-Rey ao qual festejavão como homem de quem avia de triumfar; asy lhe foy dito de noyte, porque vinhão muitos delles ha falla conosco, que polo custume da conuersação mujtos dos imigos fallavam bem portugues.

CAPITULO VII.

De como se começou ha batarya da artilharia grossa.

Foy respondido ao tom desta festa com hũas vozes muyto desẽtoadas e hatroadoras, porque haos b dias de junho, hũ dia pela manhaã, appareceram antre as paredes que tinhão feitas no baluarte de São Tiago tres mantas mujto grandes, postas sobre hos seus bastiães, muyto grosas e fortes e debaixo delas dous basyliscos e hũ espalhafato muyto grande e outra mujta artelharia meuda, por antre as paredes e começarõ ha bater haa torre de São Tiago e ho baluarte

de Sam Thomé e ho lanço do muro que vay antre hũ e ho outro, hos quoaes lugares ho capitão loguo mandou prover de contra muros muy fortes, entulhados com mujta terra e hao lanço do muro de hũ contramuro de xx pees, entulhado todo, cujo trabalho era seu e de todos hos fidalgos e cavaleiros e soldados que trazião ha pedra e ha terra has costas, das casas que pera isso derribavão e mandou que com hũ basilisco e um lião, que estava em S. Thomé lhe tirasẽ has mantas, as quoaes fazendo sua obra, em cinqo ou seys dias derribarõ has ameas da torre de Santiago e o baluarte de S. Tomé tratarõ mujto mal; mas ho baluarte, com suas peças, lhe deu tanta guerra, que lhe quebrou hũ espalhafato e lhe tratou mal hos basiliscos que não tirarão dahy a hũ mes; todavja, jsto era cõ mujto periguo por que eles com has esperas e meas esperas e camellos e passamuros, que tinhão pelas paredes, tiravão sem ninhũ descanso e mujto certo e afrontavão tanto has bombardeiras que não ousavão hos bombardeiros de chegar a ellas, a carregar peça, nem ajudar a assalhar porque loguo lhe mettião pela bombardeira quoatro cinco pilouros, nẽ escusava este perigo pôr-lhe mantas, porque loguo as quebravão com hos basiliscos e has rachas delas ferjão e matavão mujta gente e comtudo per antre todos estes trabalhos, sẽpre ouve maneira pera lhe çeguarem suas mantas e daquy por deante mandou ho capitão que hos guzarates e marjnheiros andasẽ com bragas e asalhassem ha artelharia, por escusar periguo aos portugueses; poserom tãobẽ defronte do baluarte São João, em hũ valle pequeno que aly se faz, no derradeiro das paredes, hũ quoar-

tão, que tyrava hũ pilouro de pedra, de oyto palmos de redondo, o qual tyrava mujtas vezes e era tão espantoso, que quoando decia do ar, todo homem mudava ha côr, porque parecia cajr na cabeça ha cada hũ e ho bombardeiro que com ele tyrava era tão certo, que de trinta e nove pilouros que tirou os xxx[ta] e cinco meteo na fortoleza e aprouve a Nosso Senhor que não fez mal ha ninguem e tão bem metteu hũ na cisterna e não lhe fez njnhum dano. Foy morto este bombardeiro, (segundo depois se soube) e ho que despois delle quis tyrar errava a escoadrya e lançava todos hos pilouros no seu arrayal, com que lhe matou dous ou tres homẽs e daly por dyante deixarão de tyrar cõ ele. Tanta era ha sobejidão da sua artilharia e tão bem tiravão com ela e com ha espingardaria, que não apparecia hũ homem ha hũ buraco tamanho como dous tostões, quoando logo era morto e mal ferido; ha sua polvora era tão excellente que quoalquer cão de metal passava hũa pipa de terra de banda haa banda. Oyto dias se detiverõ na bataria de S. Thomé e de São Tiago; aos xiij dias do mes, dia do Espirito Santo, parecerõ duas mantas defronte da torre do alcaidemoor, com bataria jnclinada ao baluarte S. Joham, o qual era ho mais pequeno e desẽparado, feyto de muy grandes pedras e delle até á torre de S. Tiago determinarõ sua guerra toda e asy tãobẽ determinarõ de nos abalrroar por quatro ou b lugares, pera que nos espalhasemos e ficassem os logares quantos mais fosẽ, mais fracos e com menos força. Nestas mantas tinham outros dous basiliscos e hũ espalhafato sem manta hafóra camellos e esperas e cães que poseram ao rededor.

CAPITULO VIII.

De como se partyo ElRey de Cambaya pera suas terras e do baluarte da Rama que os mouros fizerõ e da sua destruiçam.

Aquele dia foy ho combate dos jmigos de grande perfia e tyrou a sua artelharia tantas vezes, em todos hos lugares, que pareceo cousa muito fóra da rezão que até ho quartão que quando muito tyrava quoatro tjros tjrou sete e todas as suas quatrocentas espingardas tyravão sem descansar. Fizerõ esta festa ha partida dElRey ho qual leixando ho Jusarcão no arrayal, capitão abixim, acerqua dele mujto estimado, com grande poder dabixins se tornou pera Madaba, sua cidade real donde nunca majs tornou, mas favorecia ha guerra com toda ha gente, dinheyro e mantymentos que lhe erão necessarios. Tanto que lhe os jmigos tiverõ ha torre e baluartes e lanços de muro dantre elles ceguos, começarõ dalevantar defronte do baluarte S. Tomé, destancia de hũ gran tyro de pedra ensossa, entulhado de terra e rama, mujto grande, o qual como se lhe não pode tolher, creceo tanto que veo a poor ẽ mujto alvoroço ha gente da fortoleza porque ha descubrja cayse toda e matarõ algũas pessoas dentro en suas casas. Chamava-se este baluarte da Rama, porque estava todo verde e formoso; pela maneira do seu sitio e pela guerra que delle fazian e se esperava que fizesse, ao tempo do abalrroar. Era tão su-

perfo edificio que se muyto tempo durara, segundo ho yão alevantãdo, que ninhũa pessoa podera andar pela fortoleza, que daly ho não matarõ. Vierão juntamente com estes baluartes chegando per todo ho campo, de maar ha mar, todas suas paredes até ha cava, defronte de S. Tiago, per toda ha roda de sua cerqa fizerõ baluartes e cubelos de pedra ensossa, cõ que estavão mujto fortes, tyravão mujta espingardaria; mas ho capitão da fortoleza, que não avja milhor guerra pera contra elles, que dar-lhe dilação ha sua obra, mandou concertar seus reveses, fortissimamente, com que, com ha artelharia, lhe estorvavão e mujtos morrião, porque de noyte era ho seu trabalho. Mandou fazer hũ candieyro, como os que levão nas procisões, dia de endoenças, que ardendo com seus novelos de linho cheos dazeite, alumiavão todo ho campo, de maneyra que ha sua luz lhe foy morta muita gẽte e ha obra se detinha majs; mas porem, porque a mayor parte destes mortos erão dos trabalhadores mesquinhos dava lhes disso mujto pouco, antes has pancadas e as vezes com ferro, hos fazião proseguir na obra que com medo faziam muyto depressa e tambem por outra parte, tão cortados andavão já delles que desejavão ja de morrer por se verem fóra daquelle trabalho e estavã ha todo ho mal que lhes faziam mujto pacientes. Foy muy guerreado este tempo de hũa parte e da outra, por todo ho mes de junho, no qual todos hos dias nos matavão homẽs portugueses e dia de tres, hafóra gente da terra, marjnheiros, canarjs e guzarates, que ajudavão hassalhar a artelharia e pedreiros e cavouqueiros que andavão trabalhando nos contra muros e contra ameias, na qual

gente da terra matarõ cayse toda, tyrando algũs oficiaes que depois morrerão no cabo do çerqo. Ha torre do alcaide moor e ao baluarte de D. João dAlmeida fazião muyto dano os jmigos, posto que muy guerreados fossẽ cõ sua artelharia, porque ja a este tempo os bombardeiros, pelo costume, carecião de todo medo e hos soldados tãobem erão especiaes bombardeiros e foy pelejado has bombardadas de parte ha parte, muy asperamente, porque hos jmigos pervalecião pela vantagem da muyta munjção e pelo contino trabalho. Chegavão ja as paredes ha cava e tinhão feyto hũ caneiro defronte de S. Thomé, para aly começarem ha entulhar; já a este tempo ho baluarte de S. João não tinha ameas, soomente as que dentro lhe faziam, com que forçadamente yamos perdendo parte d'elle e encolhendo-nos pera dentro, por ser muito pequena ha praça. E ho baluarte da Rama crecia grandemente e tinhão ja nelle bombardeiras por cima e tiravão com algũas esperas, com que matavão algũs homens, ho qual vendo ho capitão e conhecendo ho peior delle, mandou tyrar da couraça grande hũ basilisco que laa estava em defensão da barra e no adro da jgreja, da banda do maar, lhe mandou fazer hũ bastião mujto forte, com resgoardo nos baluartes dos jmigos, que estavão da banda do rio, pelos outeyros e aly ho mandou poer, porque daly descobrja todo ho baluarte da Rama. Deus seja louvado, que lhe quis mostrar camjnho, por honde a todos, tamanho e tão agudo cuytello, tirase da garganta, porque com este basilisco, por estar en tal parte foy chamado ho thisoureiro e com elle lhe foy feita mujta guerra, daly do adro; pôs ao baluarte da Rama ẽ total

destruiçam e fiqua feito pombal solitario, em que hos morcegos esperão ter repouso; porque loguo fez ir pelo aar mujtos cosoletes e capacetes dourados, com seus senhores, feitos em pedaços e muitas touquas brancas; has bombardeiras e os bombardeiros e mujtos guiões que nelle estavão tambem voarão e se perderõ de maneira que ouve nelle espanto e rigor de dentes e muita desaventura, do qual foi tambem grande parte de sobre ha porta nova na qual o capitão mandou poor hũ lião e hũa espera, que por cima da fortoleza descobrya ao baluarte da Rama e estas peças ho acabarão de poor em total ruyna e destruiçam.

CAPITULO IX.

De como se começou de entulhar ha cava e da morte do Coju-Sofar.

Despois que hos ymigos perderom ho cuidado deste baluarte que tinham e despois que tiverão has paredes na borda da cava e despois que hos muros de pedra ensossa, com seus baluartes se cerquarõ e fortaleceram de todas as partes, tendo todo ho campo da frontarja cheo de mujtas paredes em ordem e outras ẽ desordem, com ruas sem nenhũa saida, apparelhadas ás syladas e ha confusam e despois finalmente que Coju-Sofar teve provido com tudo aquilo que convinha a hũ discreto e sagaz capitão, aos xx dias de junho começou de mandar entulhar a cava de S. Thomé, pelo caneyro que ja estava feito, o qual era

de duas paredes, de xx pés hũa da outra, de altura de hũa chuça, cubertos por cima com muj grosas vigas e por cima dellas muyta rama, por que hos artificios de fogo não peguasẽ nelas e pera que os grandes penedos que de riba lançavão, has não podessem quebrar; por este caneiro lançavão muy grandes pedras e muyta terra e rama, que continuadamente corria; sobre este caneiro lançavão hũ tavoado solhado, jncrinado pera baixo, asy como se lança a hũa camara de hũa náo. Sobre a varanda de fóra este tavoado era cuberto de couros dobrados, muy fortes, que ninhuma espingarda os passava e elles erão tão enclynados, que não se podião ver ha boqua dos caneyros, soomente se vya cajr ho entulho por hũa prancha, que ho fazia yr ao meyo da cava; antre ho baluarte S. Tomé e ho de S. Joham, ao longuo do mays baixo da cava, está hũ buraco na rocha que sae de dentro da fortoleza, por honde hũ homẽ cabe todo encurvado e este buraco estava cerrado com pedras e por dentro era fechado com hũ postiguo de pao muy forte e en cima do postiguo tinha muyta soma de entulho. Este postiguo mandou ho capitão abrir e por elle de noute e de dia, com muytos portugueses e marinheiros, muy calladamente, ha formiga, lhe mandou furtar todo ho entulho quoanto elles lançavão; podia-se fazer de dia, porque eles, cõ medo da nosa espingardarja, não ousavão de se descobrjr, pera ver a cava e tãobem não se sentia, pelo aroido que ho caneyro fazia no lançar da pedra. Tres ou quoatro dias e noutes trabalharom sem lhes luzir nenhũa cousa, porque lhe venciamos ho trabalho e no cabo delles lançarõ hũ prumo e vendo que traba-

lhavão debalde, se aventurarão a ver ho que era e depois que ho virão ho forão dizer ao Coju-Sofar que disto ficou ho mais espantado cão, que nunca foy ninhũ e ho animo que ho trazia afeito, injuriado do engano que recebera de sy mesmo, foy posto en tal desesperação, que acabou de crer que tinham os portugueses mujto majs manhoso e discreto capitão do que elle era e que suas astucias e ardis, dissimulações e novas manejras de guerras eram vencidas cõ muyto grandes estremos de discriçam e sofrimento e fortoleza e teve pera sy que D. Joham Mascarenhas lhe fazia vantagem muyto grande, em toda maneira de guerra e experjencia dela, porque ele sempre foy entendido e nunca acabou de ho entender; quoando hestas paredes fabricavão ao longo da cava, ho mandou provocar mujtas veses, ha sajr fora ou mandar sair gente, como Antonio da Sylveyra fazia em seu tempo e vendo que ho não queria fazer, lhe mandou dizer palavras deshonestas, dizendo que era hũa donzella, que soo pera fidalguias aproveitava e que era capitão afemjnado e medroso e que como tal se recolhera, dando louvor aos nossos soldados, em seu vituperio, has quoaes palavras erão muy bem ouvidas do capitão, porque estava has noytes nos muros e era muy grande vigiador, o qual vendo has palavras do muro a que parte pendião rião-se muito delas, porque vio que aquele provocar de gergomires era pera colher gente fóra e ha metter naquellas ruas, que tinhão feitas, antre as paredes e despois com gente grossa acometer e não tivesse por honde se recolher, pera desta maneira jr matando poucos he poucos, porque depois ao bal-

roar não ouvesse tanta defensão e depois de todo ho cerqo acabado vy eu hũa carta em Chaul, de um Manuel Roiz, que estava en Dio cativo, que escreveo a hũ Joham d'Abreu, que he aly casado q̃ dizia na carta q̃ no tempo q̃ ho capitão vencera ho entulho, andava ho perro do Coju-Sofar tã triste e tam triste de desaventura, que chorava publicamente, por que vio que suas manhas e astucias lhe não prestavão pera nada, nem esperava que dahy por diante lhe aproveitassẽ, o qual tanto que foy sabedor que hos portuguezes lhe fortavão ho entulho e que lhe vencião seu trabalho, aos xxiiij dias do mez de junho á tarde, dia de S. Joham, veo ver por honde ou como podia ser e estando olhando per cima de hũa parede ha fortoleza, tendo ha cabeça encostada sobre ha mão direita, veo hũ tyro perdido de hũa bombarda nossa e levou-lhe a mão e ha metade da cabeça e loguo morreo, sem fallar palavra e cumprio-se o que de sy mesmo profetizara, que ha mão de portugues avia de morrer.

CAPITULO X.

De como socedeo ho Rumequão, em lugar de seu pay e de como se fizeram camjnhos pera subirem polos baluartes.

GRANDE silencio ouve por dois ou tres dias no arrayal dos jmigos, donde dantes nos tinhão tirado o ouvir com ho estrondo da artilharia; aqueles dias não tirarõ mais que desas espingardadas,

avjamos por estranho tanta paaz, pelo custume das trovoadas da guerra, não podendo conhecer quoal serja ha causa de tamanha confusão, senão quoando chegou hũ bragme fugitivo, que com cubiça das alviçaras, trazia nova da morte de Coju-Sofar e disse que por elle se causára muy grandissimo alvoroço no rrayal, porque hos soldados enfadados da guerra e receosos de vir cõnosco has mãos querjão jr-se com ho Rumecão, que era filho de Coju-Sofar; mancebo de jdade de xxb anos, pouco majs ou menos, desejoso de vingar ha morte de seu pay, trabalhava pelos deter e concertar, dizendo que esperassem ho recado dElRey que lhe loguo foy mandado e porem, por comum consentimento do exercito levantarõ ho Rumecão por capitão geral, asy como seu pae ho era, o qual depois ElRey confirmou; acabados dois ou tres dias que gastarom nesta litigação e nas obsequias de Coju-Sofar, tornarõ a seu trabalho, com jmpeto mais duplicado, cõ trazerem cõ ele majs de xxxb (trinta e cinco mil) trabalhadores hordenarõ loguo outros muytos canejros, defronte de S. Tomé e S. Joham, hos quoaes caneyros hũ goardava ao outro e porque erão quebrados, não ousavão de lançar por elles, principalmente que ho baluarte S. Johã, com dous camelos que tinha en hũ reves, fazia grande estorvo aos canaes de S. Thomé, mas por que hos mouros desejavam de cegar estes dous camelos, pera entulharem ha sua vontade, vierão a fazer dous bastiães, na ylhargua do baluarte, que fôra da Rama, ao pee, com palmeiras muyto grossas, tão cochadas hũas com outras, que era cousa pera folgar de ver e nele poserom duas mantas muyto grandes, cõ dous basalis-

cos e ao derrador delles dous camelos de marqa mayor de quoatro esperas, com ha qual artelharia seguarão não tão sómente ho reves do baluarte S. Joham, mas ribarom grande parte da torre do alcaide-moor e chegarom ao baluarte de D. João d'Almeida, que nenhum delles lhe podia fazer nojo, de maneira que tanto que tiveram os baluartes cegos, porque neste tempo todalas mantas tiravão e toda mays artelharia e espingardaria entulharom ha cava de S. Thomé e depois de alguns dias ha de S. Joham por sete ou biij (oito) lugares sem lho poderem tolher. Neste tempo avya ja muytos doentes e era morta muyta gente ha ferro e de doença, ha qual vendo ho capitão ha pressa com que tornavão, pareceo-lhe bem mandar disso recado ao governador e ha pedir socorro ha Bacaim e a Chaul e logo mandou em hũ catur a Simão Diaz em x (dez) de julho, que era na força do ynverno, ha Joham Coelho, vigario desta fortoleza, com cartas pera D. Jeronymo de Meneses, per Antonio de Sousa e tãobem pera ho governadór, pera que lhas mandasse por terra, por hũ patamar e loguo neste dia veo em soccorro aos jmigos hũ capitão com b̄ (cinco mil) homens e com ha vinda deste capitão se enbandeirarõm todos, com grande arroydo de trombetas e atabales e com grandes alaridos e dando mostras de toda sua gente ao longo da forteleza, como homens que tinhão ha victoria, ao entulhar da cava, começarão a lançar entulho per todos hos caneiros aos quoaes, alem da gente que tinhão assoldada ao seu serviço trazião todo ho povo da cidade, baneanes, mercadores, meninos e molheres, velhos e velhas, tantos e com tamanho arroido que parecia o proprio jnferno; este trabalho tão

festejado nunca cessava dia nem de noyte, antes por seos coartos repartidos, ao som de hũ syno trabalhavão quoantos lhes era posyvel, não tanto ao seu salvo, todavya, que na agoa jnvolta não perdessem mujtos as vidas, os quoaes por seu mal tãobem servjão pera entulho e sobre sy mesmos fabricavão seu trabalho, mas porẽ ha cava era muy larga e funda e tiverõ muj grande trabalho por que hos ensecava, que não tinhão com entulhar, até que lhes fez desmanchar das proprias paredes e trazer palmeyras e vigas e muytas almadias que lhe lançarõ dentro de maneira que loguo nos taparõ ho postiguo da cava com ho entulho e crescerõ grandemente com elle; ho capitão provendo nisto, vendo que com madeyra queria ser ho negocio, mãdou fazer hũas pipas cheas de materiaes e de polvora acesas com grande foguo e mandou-lhas lançar antre as almadias pera que lhas queimasse e dilatase ho tempo, has quoaes almadias todas arderom que eram cincoenta; sem lhe valer, lançarem-lhe mujtas panellas de agoa em cima do mesmo foguo quebradas, porque posto que morresse a labareda e en cima d'ellas lançassem depois mujto entulho, lá debaixo tornarom ha tomar foguo e fazendo espantosa fumaça arderam todas e deu grande baixo ao entulho; neste comenos ante ho baluarte da Rama e o de S. Thomé vierõ criando hũa serra de pedras myudas, vindo grande soma de gente que ha traziam deante de sy, lançando pouquas e poucas ha fizerom mujto grande, sem poderem ser estorvados e ha poserom na borda da cava e dando perfeição ao seu trabalho acabou de cheguar ha riba com ho entulho da sua parte e por dentro dos caneyros lançarão hũs ca-

vallos de madeira, que são feitos de vigas ou mastos muyto compridos, cubertos e assoalhados de couros dobrados muy fortes que hos cobriam de todalas bandas; estes cavalos foron chegados aos pés dos baluartes e por debaixo delles lançavão ha pedra; tanto que acabarõ de entulhar pelos rostos, ate que chegarão ao releyxo delles e despois que aly chegarõ, vierom per cima dos cavallos com outros mujto mayores pera yrem chegando e alevando ho entulho ho mais que podessem e neste tempo nunca a sua artelharia cessava de atyrar, por que lhe não podessemos tyrar com ha nossa, nem chegar as bombardas e ho capitão pera que elles não acabassem de entulhar, tão prestes como querião, porque toda ha roda dos baluartes não erão entulhados, mandou-lhe lançar muitas jangadas de madeyra, pelos baluartes abaixo, com fogo e artificios muyto boõs, que lhe fizerão muyto grande guerra e lhe queimarão muytas vigas e mastos e derõ muyta detença e juntamente co ysto, temendo-se ho capitão de ser mjnado e que chegassem despois, mandou contramjnar os baluartes per dentro, com suas contramjnas muy concertadas e homẽs que as vigiassem por dentro; pareceo porem aos jmigos que dentro na fortaleza não avya gente que lhes podese resistir, pelas mentyras que hos negros fugitivos lhe diziam e vendo tãobem que querião minar ho baluarte S. Thomé, acharõ que era ja contramjnado e das contramjnas lhe matavamos algũa gente pelos buracos has espingardadas; determinarão darrunhar ho baluarte por fóra e fazer ruas com ho entulho, por honde podessem sobir ha sua vontade quoantos podessem e quisessem; asy ho fizerõ que em poucos dias, sẽ em-

bargo de todo ho fogo e de muytas mortes dos seus, poserom mastos muy lançados pera fóra e assoalhados, por honde podião sobir carretas que quisessem, por causa do muyto entulho que tinhão debaixo, que fazia hos caminhos muito faciles pera ho sobjr e jsto foi no baluarte de S. Thomé e de S. Joham. Vierão arrulhando por dentro do baluarte, leixando ha face da propria parede de hũa parte e da outra pera seu emparo. De maneyra que podião sobir quoantos quisessem, sem poderem ser vistos, nem receberem dano; neste tempo ja nelle não avya nenhũas ameas mas estavamos tão encolheitos forçadamente com ho repayxo que de dentro se fez de paredes e entulhos, que erão senhores do majs do baluarte.

CAPITULO XI.

Do cubello que ho capitão mandou fazer e do primeiro combate no baluarte S. Joham.

ENQUOANTO se jsto fazia da parte contrajra mandou ho capitão fazer hũ cubello da parte de dentro antre os baluartes da batarja de S. Thomé e S. Joham, peguado no muro, do qual podessem pelejar xxx (trinta) ou R.[ta] (quarenta) homens e goardar ho lanço do muro, porque daly com suas espingardas, podião defender os baluartes ambos e deu ha capitanja d'elle [a] Antonio Peçanha e ho seu baluarte que era ho da porta deu a João de Venezianos, porque tinha mujta gente e podiã vigiar ho baluarte e ha couraça e mandou Antonio Roiz, fejtor d'esta fortoleza que

se pasasse com sua gente ao baluarte S. Joham, e pera daly ajudar ha vigiar a D. Fernando de Crasto, que por ser lugar majs fraco avja de ser mjlhor socorrido, porque neste tempo não se temja que pelo maar lhe podese ser feito nenhũ dano. Despois que os ymigos tiverão todolos caminhos ha sua vontade, o que dali por deante avjam de fazer, que era jugar has lançadas, não lhe davão tanta pressa, como requerja ao seu trabalho, mas dilatar-se algũs poucos dias; trouxerõ hũa noyte ao pee dos muros Symão Feo, o quoal bradando mujto rijo dise quem era e foj ouvido e conhecido e perguntado que queria, dise que disesem ao capitão, da parte do Rumecão, que largasse ha fortaleza que bem via que estava tomada, pois que era senhor dos baluartes, pera os seus virem por elles quoando quisessem e lhe darja embarcação pera a India pera elle e pera toda sua gente; e ho capitão lhe mandou loguo dizer que se fosse logo dos mouros, senão que lhe mandarja tirar com hũa bombarda e que esperase hũ pouco ho Rumecão e não lhe fogisse, que elle esperava em Deus de matar a El-Rey por sua mão e a elle trazer na sua estraberia e fartar aos seus soldados do sangue dos guzarates e a esta reposta responderõ hos mouros cõ tantas bombardadas, como palhas pelos lugares, honde tinhão ha artelharia de dia apontada pera aquella hora, por que lhes pareceo que ha ouvir Simão Feio acudiria mujta gente, a que poderia fazer mal e matarom dous homens e Simão Feyo logo ho levaram d'alj e aos xix (dezanove) dias de julho, que foy ao outro dia, antes do sol posto, duas horas, quoando pelos baluartes de S. João arriba começarõ os ymigos de sobir trazendo

formosos giões, pera alvorarem nelle, aos quaes loguo com muita furia resistio D. Fernando de Crasto, com toda ha gente da goarda do baluarte e hos mouros, como valentes cavalleiros, se sobirã em cima do entulho, direitos, em pee, com seus zargunchos nas mãos, brandindo-os e fouces, tjrando com ellas e esgrimjndo hos terçados; foj loguo sobre estes tanta espingardaria, que de corenta homens que sobirão, ninhũ tornou pera baixo vivo, ha fora mujtos que pelos camjnhos habaixo forõ mortos e queimados das grandes panellas de polvora; mui descontentes se retrayrão hos mouros deste varejam, porque acharõ mujta majs gente do que cujdavão e viram que has espingardas erão de verdade, porque quoando lhe davamos ha mostra, dizião que erão espingardões de cana. E porem elles tinhão nas bordas do baluarte appontada ha sua artelharia e despois que hos seus deceram, derão medonhas bombardadas, porque ha nossa gente tinha as lanças sobre ha parede e ho pelouro do basilisco, que dava no entulho, barafustava por cima das cabeças menos de hũ covado, que ho vento soo delle bastava pera poor grande espanto; morreo d'esta vez soomente Joham de Sousa e foram muj poucos feridos e despois deste combate se vigiaram hos baluartes com hos soldados de quada canto estarem juntos da parede ha quoal parede, por ser alta, se sobião por hũs degraos de pedra e ficavom hos homens tão altos como ella e postas has lanças sobre ho entulho, que sobre ella estava, que era jaa mujto, passavão alj hos seus quantos e hos outros que não cabião estavão pelas ylhargas dos baluartes, porque has panellas de polvora, que sempre buscavam ho meyo,

lhes não fizessẽ dano aos mouros; daly por diante nunca majs vierão descobertos aaquelle baluarte, mas de quoando em quoando, muj agachados, sobião ate ho derradeyro lugar, que não podiam ser vistos e daly lançavão suas panelas de polvora has veses, xb (quinze) a cada canto e xx (vinte) e xxx (trinta), como quem lançava ha pedra e escondia ha mão sem aparecer njnguem, porque se timião eles dos baluartes, que se vigiavão hũ ao outro; has vezes davão hamostra dacometimento, com seos estormentos afemjnados e de vil sõo e despois que lhes parecia que ha gente teria cheos os baluartes e estarião nas paredes desparavão hos basaliscos e a outra artelharia, pelas bordas delas, ha quoal embaçava no entulho e queria Nosso Senhor que nos não fizesse mujto dano, todavia matarião asy quoatro ou cinco homens e eu certamente não me parecia, pera perfeição, ho contentamento que tenho de me Deus fazer portugues, no majs que pera que sendo de quoalquer outra gente nacido, me fôra crido com majs resão todo o que escrevera da gloria e merecimento que hos soldados deste reyno alcançavão e ha robusta e excellente maneira que tinhão en seu pellejar, porque nem ha furia dos basaliscos lhe punha espanto com lhes dar sempre ho vento dos seus pilouros na cabeça, nẽ ha multidão das panellas de fogo que cayão antre eles. Antes com animo denodado e forte, no meo da lavareda, brandindo hos fains, porque per antre a fumaça não chegassem os jmigos e queimados se achegarão ao lugar mais perigoso e aly avião de acabar seos quantos, ajnda que estivessem meyos mortos e ho de menos callidade que todos não darja ho seu logar pelo thisoureiro

de Venesa; serião todavja a este tempo mortos delles a ferro majs de cincoenta, hafora hos outros de doença e outros mujtos que estavão doentes e feridos e tornando hao meu preposito hos mouros forão gastando ho tempo nestas suas algaazarjas ate concertarem e acabarem de concertar hos caminhos pera sobirem aos baluartes de S. Thomé e de S. Joham pera sobirem ha sua vontade e na sua cava tinhão lançado toda ha pedra da serra que trazião e adarredor estava cerquada de cavalos e camjnhos feitos por riba das vigas, assoalhados como ja disse. Este baluarte de S. Thomé era mujto grande e posto no mais alto lugar da fortoleza e de feição soberba e alterosa; este trabalhavão hos jmigos de tomar, porque se delle fossem senhores, ficavalhe toda ha fortoleza sogeita e com muj pouco trabalho ha poderião tomar.

CAPITULO XII.

Do segundo combate e de como foi a fortoleza entrada e tornada ha cobrar.

Estava no seu baluarte do mar Fernão Carvalho, ho qual pera a fortaleza tinha singular vigia, porque descobrja delle a moor parte da cidade, hũa noyte, vespora do bem aventurado S. Thiago, vio grande reboliço nella, de tochas e lumjnarjas, nunca acustumadas e vião entrar e sajr nas misquitas, que estavão cheas de candeas e ouvya tãobẽ bradar nos alcorões grande espaço, ho qual como lhe pareceo máo jndicio, se veo

na sua almadya dizel-o ao capitão, o qual tanto que ho soube mandou recado, a todos os capitães e ha toda ha outra gente, que se fizesẽ prestes e estivesẽ armados, porque esperava aquela noyte ou ao outro dia de ter grande combate; vigiava Antonio Peçanha ho cubello que de dentro mandou ho capitão fazer no lanço do muro, dantre hos baluartes da batarja, o qual com hos seus soldados daly formosamente pelejavão; serja no ccarto da alva, duas horas ante manhaã, aos xxb (vinte e cinco) dias de julho, dia do glorioso e bem aventurado San Tiago, quoando has vigias do lanço do muro começarõ ha bradar «Santiagò, Santiago, mata, mata», ha cujos brados forom vistos os jmigos muy quietos e sem nenhum estrondo com seus guyões e bandeiras despregadas, trazendo ho seu mafamede, en hũa vara muito comprida, sobião pollos baluartes arriba e ambos hos baluartes erão cheos ao derrador delles e por baixo avja mujta gente, tanta que mostravão ser en cada baluarte sejs mil homens e tanto que forõ sentidos arremeterão denodadamente e hos portugueses que estavão nos baluartes hos receberom com grandissimo esforço e os mouros de fóra e hos nossos de dentro fazião hũ formoso arroido darmas e a este tempo foi repyquado hũ sino da fortoleza grande e acudio ha gente aos seos lugares e ho capitão cõ ho restante andava com animosa providencia, esforçando hos lugares mais fracos; tamanho era ho arroydo das armas que parecião grandes ferrarias, porque os jmigos vinhão mujto bem armados e hos nossos estavão muyto milhor, avia muitas lanças de foguo darremesso, muytas e mujto grandes panelas de polvora, com que se queymou muita gente;

aly Luis de Sousa, capitão do baluarte de S. Thomé e Pero Lopez de Sousa e D. Francisco d'Almeida e Pero seu irmão e Gregorio de Vasconcellos, com todos os soldados, pelejarão estremadamente e sem nenhu medo, que podem fazer jnveja ás almas, honde laa jazem, dos mais valentes romanos que Roma criou.

D. Francisco de Castro, cuja virtude nas armas e em toda boa maneira era excellente e dava amostras de haver nele merecimentos e grandissimas glorias com todos hos fidalgos e soldados do baluarte, fizerão tantas maravjlhas has lançadas, que pouco lhes falleceo de sajr pelo entulho abaixo, porque arriba delle, hos matarão mujtas vezes e tão bẽ com panellas de foguo lhe matarõ mujta gente e eles revezando seos escadrões por ambos hos baluartes trabalhavão bravamente, mas tudo era por seu mal, porque lhes queimarão has bandeiras e hos alfazes e ho mafamede e deles mujta infinidade, porque has panellas, quoatro levavão hũ coartel de polvora e qualquer dellas, que dava num batalhão de dozentos mouros, era logo desbaratado, principalmente porque se lançavão loguo num delles, quoatro, cinco de maneira que se achou per conta, que este dia com panellas grandes e pequenas se gastarõ oytocentas, todas antre os escoadrões dos mouros, que todas tomarõ fogo. Tambem Antonio Peçanha, do seu cubello com seus soldados, fizeram maravilhoso estrago em ambos os baluartes, porque com a espingardaria lhe matou mais de duzentos homens e do lanço do muro do pee de S. Thomé lhe queymou mais de cento e fez-lhe daly tanta guerra, que hos mouros daquela parte se cobrião majs, que dos baluartes; pera contra elle fazião depois

paredes, porque ha espingardaria, quem da sua ferida escapa, fiqua della muj magoado

Favorecia mujto os jnimigos na guerra, ho vento que sempre nos deu no rosto e trazia contra nós todo ho fumo e poeyra, que nos dava mujto trabalho; e porem, neste combate quis o glorioso San Tiago que se fez ho vento sull, que não era por nós, nem por elles e neste dia mandou ho governador a seu filho D. Alvaro de Castro en socorro pera esta fortoleza com trinta navios e bj^c^ (seiscentos) omẽs e tornando ha meu preposito estando a batalha em seu peso muj pelejada de parte ha parte, as vigias que ho capitão tinha na rocha, pela banda de San Tiago, correrão aos baluartes pera pelejarem nelles e hos jmigos, sem serem vistos, debaixo de capitania do Jusarcão, chegarão certas escadas á rocha e alvorarõ-nas porque era na maré vazia e sobirão nas cassas algũs delles turcos e abexins e poserõ seus guyões sobre os telhados e vinhão tão confiados no negocio, que lhes pareceo que tudo era seu, tanto que hũ turquo, achando hũa mulher nũa das casas, lhe disse que lhe desse hũa faqua e que não ouvesse medo e desempachou a espingarda cõ ha faca e disse que lhe desse dinheiro e ela usando de manha cõ ele, disse que jria buscallo ha casa de fóra por elle e por ser de noyte não vyo ele que ha molher, que sayra fóra de casa e começou de chamar hũa sua comadre e acodio-lhe outra molher casada e era casada com ho patrão da fortoleza, a quoal sabendo da outra ho que era, tomou hũa chuça nas mãos e foy-se pera a porta, e começou de ha defender aos jmigos que não saysem ha rua, os quoaes sobião pela rocha e delles demanda-

vão as portas das casas e delles tyravão dos telhados aos que yão pela rua, sem saberem donde lhe vinha este maal, por ser grande escuro; ha este tempo vinha ho capitão com coatro ou cinco homẽs, por aquela parte, quoando encontrarõ com hũa molher casada, que tambem acodia aos brados da comadre, vinha em sua busca; o qual achou jaa os telhados cheos de guiões e dous ou tres mouros na rua, que loguo se recolherõ ás casas donde sairão e o capitão hapos elles, pelas escadas harriba e outros dous ou tres homens que então chegarão, mas forõ todos lançados abaixo pellos muros; estando pera tornar a sobir dyserõ ao capitão que hũ escodrão de mouros yão ao longo da rocha pera a couraça grande, que serja bõ yr buscar gente aos baluartes, que ha tinhão sobeja, ho quoal elle defendeo discretamente, temendo ho periguo que disso podia nacer, porque arreceou que, se nos baluartes sobisẽ, que ha fortaleza estava em tal condição, que perderjão ho esforço e se faria desarranjo perjudicial, mas despois que fez ganhar has escadas e terrados aos seos pelejando ele tãobẽ como quoalquer soldado diante delles, os leixou ẽxecutando ha vitoria e se foi prover ha couraça e vyo que não havia tal batalhão de mouros, como lhe diserõ, pelo quoal loguo se tornou, correndo aos terrados, honde achou tudo acabado e vio que todos os que sobirão erão mortos, ficando as casas e terrados semeados delles e os que estavão sobindo no releixo, antre as casas e ha rocha que serjão xb (quinze) ou xx (vinte), com panellas de polvora, forão lançadas da rocha habaixo, feitos en pedaços e os que estavão nas escadas, cõ pressa cayrão d'ellas abaixo. E neste tempo rompia

ha alva da rubicunda manhã: Vinha muj graciosa pela vitoria que Nosso Senhor nos dava e appareceo ha praya toda chea de mortos e de vivos que yão fogindo, pera tornarem per honde vierão, mas como erão mays de coatrocentos, sobirão mujto devagar, por que não podião sobir majs que hũ diante do outro e ho capitão mandou poor nos terrados de S. Thiago algũs espingardeiros e soldados, que com suas espingardas matarão na sobida mujto grande soma deles e afóra muytos feridos; nesta revolta morreu o Jusarcão e julgando polos mortos que dentro ficarão, ha gente que para aquela jmpressa vinha parecia ser escolheita por milhor antre todo seu exercito porque hos mortos traziam cosoletes e couraças e terçados e adagas muj goarnecidas de prata e erão homens de gentys apparencias e desposisões; esta briga não foy sentida nos baluartes, porque tão azeda era ha batalha.

E despois que a manhã foy mostrando aos jmigos sua desaventura e ho destroço da banda do maar e virão todos os seus mortos e feridos, que tinhã antre os pees, perfiarão pela vingança delles grande espaço, tanto que fazẽdo companhia, ha mal de seu grado, se ouverão por derradeiro de arredar dos baluartes, nos quoaes e nas rochas perderõ aquelle dia ha vida majs de mil e quinhentos soldados e forõ ferjdos e queymados outros tantos e com ho seu maffamede e has bandeiras e a maior parte dos seos guyões e da nossa parte morrerão sete homens, hos quoaes forõ enterrados com grande folya e prazer e forõ feridos e queymados xxx (trinta) ou R^ta^ (quarenta) a saber Luiz de Mello Lobo e D. Francisco Lobo e Jorge d'Almeida

e Antonio Pessoa e Ruy de Sousa Lourenço de Faria, os quoaes forõ muj quejmados e mujto feridos neste combate e durou ho combate ate has dez horas do dya e ho capitão acabada esta vitorja que lhe Nosso Senhor dera, mediante ho sancto appostolo, se pos en giolhos e lhe deu muytas graças e depois se foy pelos baluartes ha dar os agardecimentos aos capitães e soldados pelo serviço de tão boa vontade, como fizerão ha Deus e a ElRey Nosso Senhor; a qual maneyra de benevolencia foy grandissima en toda maneira de pessoas; não he tãobem rezão que passe cõ silencio e excellente virtude e fermoso animo das donas virtuosas casadas e todas as outras molheres solteiras e de quoalquer estado que seja, que neste ano no cerqo se acharão, porque ẽ tal caso has pedras e as aves dos ceos e as agoas do maar diryão suas façanhas, como testemunhas de suas honrras e trabalhos; porque nunca tal se vio en nenhum tempo, has quoaes durante ho cerquo todo, cõ suás familias, trabalharem em acarretar pedra e terra e servirẽ nos combates sem njnhum medo, com animos e corações varonjs, de dar panelas de polvora aos soldados que com ellas pelejavão e acontecia que has fréchavão has vezes pollas pernas e polos braços e per todo ho corpo, de que morrião e outras quebravão as frechas e tiravã-nas fóra de sy e atadas has feridas com um pano, tornavão ao trabalho e avya algũas dellas que empeçavão nos marjdos mortos e nos filhos ferjdos e outras nas pessoas de sua afinidade e parentesco, cujo mal tinhão rezão de sentir, mas andavão tão promptas no serviço de Deus e d'El-Rey Nosso Senhor, que ate não ser acabada ha pelleja,

não avyão de bolir cõ eles, nẽ despois hos enterravão cõ chorar se não cõ hũa maneira certa que de Deus as cobria q̃ doutra discrição não podia sajr e acabado ho combate acodião aos soldados cõ cousas pera os esforçar cada hũa cõ o que milhor podia e lhes davão de comer cõ suas mãos, cõ muyto boa augoa frya e jsto cõ hũ amor tão virtuoso e cõ hũa vontade tão casta e limpa asy dellas como dos homẽs q̃ creyo q̃ esta soo piedade no q̃ foy grande terçeyra pera cõ ho sõr Deus parecia verdadeiramente relligião de pesoas q̃ votarõ castidade e umildade e paciencia e amor fraternal. Quis jsto Noso Sõr porque ho capitão antes do cerqo he depois delle não foy remoto destas virtudes cuja jmitação permitio q̃ fose dos soldados porque vissem q̃ tal he ho povo como seu Rey e tornando ha meu preposyto ho honrrado genero femjnino julgando sua jmperfeição e fraqueza o q̃ hos homẽs tẽ pollo cõtrayro como sua jmitação de seu merecimento he muyto mayor q̃ ho delles porque da fraqueza sajr nobre e virtuosa fortaleza he muyto majs q̃ da fortaleza sajrẽ cousas fortes.

Antre estas donas se mostrarõ por principaes neste serviço Isabel Madeira molher do mestre Johã, muyto moça e formosa e Gracia Roiz molher de Ruy Freire e Caterina Lopez molher dantonio Gil feitor q̃ ora he desta fortaleza e Isabel Diaz molher de Gaspar Roiz feytor do capitão, has quoaes hafora hos seus trabalhos, suas cousas erão verdadeiras espirituaes e suas fazendas gastadas nisso por serviço de Deus e delrey nosso sñor e outras que pollas não nomear não perdem seu merecimento.

CAPITULO XIII.

Do terceiro combate e de como entulharõ a cava de Santiago.

Era hũa terça feyra ha oras de vespera xxbj dias de julho, quoando hos ymigos cõ suas bandeiras despregadas e arvoradas e guyoẽs posto outro mafamede noutra aste muyto cõprida nos tornarõ ha cometer.

A figura deste seu diabo he hũa soo cabeça cõ grandes cabellos de todas has partes q̃ lhe não parecia nada, tão compridos como hũ covodo, muytos e muy espesos q̃ querẽ parecer de coor de estopa e parece me que são madeixas grandes de linho cortadas por baixo e fica a capa delles redonda. Esta figura trazião por sua guia hos jmigos, sobirão bravamente aos baluartes, cõ jmpeto denodado e muy forte, tyrando mujtos zargũchos darremesso, fouces e lanças de foguo, com toda maneira de peleja, a seu pesar ho avyão de fazer, porque hos seos capitães forõ vistos aos pees dos baluartes, com chuças e terçados nas mãos fazendo sobir e tratar mal aos que decião; porem, D. Fernando de Crasto, com seus soldados e Luis de Sousa e hos outros capitães, com toda ha gente dos seus baluartes arremetterão muy rijamente, que nẽ a bote de fayn quiserão achegar, pelo quoal lhe lançarõ loguo pelos baluartes abaixo, mujtas panellas de polvora com que lhe queimarõ e matarõ mujtos; forõ este dia e ho outro

vistos do combate hos queimados jr polos baluartes abaixo, com toda ha pelle esfolada dos rostos e dos braços, pendurados hos pedaços della, como de pano roto, porque hos vestidos dos mays delles erão de pano dalgodão branco e não tolhyão que ho foguo os queimase; ho qual genero de tormento era muj espantoso, porque dava door sem ninhũa paciencia, sabido pelo que tãobem nos doya, por que não era tanto pela bondade do pano de Portugal e botas e luvas que todos traziamos, por que era tão horrendo este mal, que ho capitão, por falta que algũs tinham de botas, mandou desmanchar todos os seus guodamjcis dourados e davalhos pera elas e pera luvas, que foi grande remedio, porque hos mouros ninhũ dia passava, que não deitassem per toda ha fortoleza, ao menos cento e dozentas panelas de polvora, quoando não auya combate do baluarte de Antonio Peçanha e os seus soldados lhe fizerõ este dia crua guerra has espingardadas, porque se ñão podião goardar delle em nenhũa maneira; tanto mal lhe foy feito este dia que, cõ mujtas mortes e ferimentos, se forão muj descontentes, no qual dia morrerão dos seus mays de iij^{c} (tresentos) homẽs e outros tantos queymados e ferydos; dos nossos não morreo ninhum, Deus seja louvado, mas ouve algũs queimados e feridos, ajnda que forõ poucos; ajudava mujto estes combates hũ camelo e hũa espera, na torre do alcaide-moor, que ho capitão mandara poor de tal feição, que nũca os jmigos os poderom cegar, com has quaes peças tirava hũ seu criado, que com a continuação do tempo se fizera famoso bombardeiro e muj desejado dos ymigos, pelo mal que lhes fazia; favorecia

tãobem estes combates ha torre de Santiago, com muyta espingardaria e hũ camello de marca mayor, que lhe tinhão posto, pera os combates que acabados, lhe tapavão ha bombardarja com muyta pedra; has quoaes torres, porque dos reveses defendião ao baluarte caise ha roda ao tempo destes combates, matavão grande multidão dos jmigos, hos quoaes sentindo-se muyto mays do cubelo e lanço do muro, que de ninhũa outra parte determjnarão de ver se ho podião seguar e fizeram do quoartão bombarda rasteyra e poserõna defronte delle, debaixo de hũa porta, ha maneira de manta e com elle lhe derõ mujtas bombardadas e nunca ho poderõ desbaratar porque sempre tyrou daly ha espingardarya, ate que elles começarõ de picar ho muro pera o romperem, até que se presumyo que minavão ho cubelo; a este tempo jaa dias avja que hos ymigos trabalhavão por entulhar ha cava, defronte da torre de Sãotiago e porem, erão muy varejados cõ hũ camelo, que tyrava do pee da escada do baluarte São Tomé, que era mujto bõ revez pera o pee da torre, porque lhes quebrou os caneiros mujtas vezes e lhes matou muyta gente, por amor do qual camello fizerõ hũs bastiães muyto grandes, cõ suas mantas, has primeiras velhas pera ha torre e aly poserão dous tyros que lhes primeiro desapparelharõ, concertados mujto bem e com elles derão bataria a Sãotomé per aquella parte onde tinhão ho reves pera S. Tiaguo; em fim dalguns dias vierão cegar ho reves do camelo de maneira, que começarão de ho jntulhar ha sua vontade, no qual se detiverão algũs dias por a cava, por aquela parte mais estreyta; tão senhor era ho demo dos corações de mujtos que aly

andavão em desserviço de Deus, cujo serviço e o culto já honrarõ e adorarão ẽ algũ tempo e delle receberõ mujtos galardões e mercês, que nunca hos moveo ninhũa faisca de virtude, pera virem dar quoalquer aviso, pois não ha njnhũ arrenegado, que verdadeiramente não creya que vive como não deve e que ha nossa fee he verdadeira, perfeita e justa e sem ninhũa macullа, mas he nelles ha sensoalidade tão senhora da rezão, que não tão soomente hos traz cegos com suas dolosias he luxurias, mas antes, como mays emperrados ymigos, que hos proprios turcos nacidos mouros pelejavão comnosco e quoando vinhão ha falla com ha fortoleza, usavão todas has malicias e enganos e falsidades, desejando nossa perpetua destruição.

CAPITULO XIV.

Do quoarto combate e de como hos jmigos levarã ha sua artilharia da frontaria da fortoleza.

Aos xxbiij (vinte e oito) dias do mes de julho chegou ho catur ẽ que ho capitão mandara pedir socorro ha Baçaim e a Chaul o quoal trouxe nove soldados cavaleyros especiaes, sẽ capitão, antre hos quoaes vinha Jorge Mendes, Nunez de Lião e Johã Martiz Ferreira e deu novas de como erão has cartas do governador por terra, porque ha costa ajnda a este tempo não se podia navegar de Baçaim pera Guoa pelos mujtos travesões e vento sul que então fazião; grande espanto e alvoroço pos ha vindo do catur; a este tempo

hos jmigos, parecendo-lhes que asy como vinha hũ, podião vir majs, cõ seicentos homẽs que ho governador mandara jnvernar ha Baçaim, que ho sabião por muytas espias que tinhão per toda a costa, principalmente porque todo ho mes de julho foy de mujto bõ tempo; e logo ao outro dia que foram xxjx (vinte e nove) do mes, fazendo grandissima calma, estando has vigias daquelle quarto sem sospeita da sua vinda, porque não tinhão en custume de se bolirẽ ao meyo dia, de jmproviso, cõ grande furia, muy forte e denodadamente, trazendo diante muytas lanças de foguo e panelas de polvora, acommeterão ho lanço do muro, dantre hos baluartes da batarya e se botarõ dentro nelle, cõ guyões arvorados; destes não escapou njnhũ, porque do cubello forõ loguo mortos has espingardadas, mas has vigias posto que ha estas oras erão poucas, receberão ho jmpeto dos jmigos e acodindo ha força da gente, com o capitão da fortalesa, ouve muy quente e travada escaramuça, porque como os jmigos sospeitavão ho soccorro, determjnarão de poor todas suas forças e trazião diante hos milhores do seu exercito, hos quoaes até cõ pilouro de falcão darremesso pelejavão e vinhão arranquando as pedras dos baluartes cõ que esmicharão mujta gente e sobidos, direitos sobre ho jntulho, pellejavão varonilmente cõ zagunchos darremesso e ha mãotente e com muytos faỹs; neste combate pelejarão os capitãos e soldados nossos quaise pela vida soomente, como Cezar dizia, porque os jmigos trazião forças dobradas e tinhão queimada mujta gente nossa, a quoal asy escaldada do foguo, nem por jsso leixava ho seu lugar, senão cõ repostas de muytas lançadas e

cutilladas e cõ panelas muy grandes de polvora faziam fedorenta carniça e chamusco e os jmigos, porque tinhão ho vento por sy levantavão ho poo do entulho dos baluartes, pera que nos seguassem, mas hos corações criados en toda virtude, com hos olhos cerrados, se punhão pegados com has paredes e aly ha pee quedo matavão mouros sem conto e ho accidental acommetimento dos ymigos causou que com ha multidão não se podessẽ todos cobrir, pela quoal rezão, das torres e do cubelo forão muytos deles mortos, porque, posto que viessẽ armados muyto bem, pera bombardadas e espingardadas, não aproveitão armas.

Era muyto pera folguar de ver, a quem fóra do joguo estivesse, ha fermosa fumaça e poeyra que ho combate fazia e ho arroydo das armas que causava aquela confusão, porque hos balluartes, cubelo e muro, todos ardião en grandes labaredas de muyto foguo, que de hũa parte e da outra lançavão e tão alto e espesso era ho fumo, que ya fazendo grandes torres pelo ar e vigagens e amostras que hos materiaes causavão e na terra fazião daar gritos e brados de muyta piedade a quem pouco mal quisese dambalas partes, mas nos como nosso prazer consistia em seu pezar, recebiamos recreaçã, hõ ha musica desentoada e carpida que no arrayal dos jnimigos se ouvya.

Ho capitão a este tempo estava ao pee de Sãotomé, e asy ho mays do tempo do combate, porque algũ gastava em prover se pera algũa outra parte viesẽ jmigos; aly estava porque ho baluarte S. Joham abastava nele D. Fernando, que tinha nelle mujta e muy nobre fidalguia e gente muj honrrada e tãobem ho baluarte era

pequeno e seguramente podia estar bem seguro com taes goardadores e perder ho cuidado dele. Has molhe res e mjninos e negros e todos os doentes do espirital, aly estavão pegados aos muros, servindo do que cada hũ podia era necessario has gritas se davão muj grandes de parte ha parte e como da nossa estivesse toda a alma viva da fortaleza, davão gritos de mujta confusão aos jnimigos, tanto que julgarõ sempre serẽ enganados dos fugitivos. Pellejado foy este meyo dia até ha noyte muy cruamente, que por ser de muyta calma e muy trabalhoso, leixou a nossa gente muy cãssada e hos mouros se forão muj agravados da fortuna, porque aquelle dia morrerão deles mais de mil e trezentos e forão outros tantos muy bem feridos e quejmados; dos nossos morrerão tres homens e forão queimados e feridos mais de xxx.ta (trinta).

Ja a este tempo serjão mortos dos nossos, per todo o cerquo, a ferro e de doença, majs de cento e l.ta (cincoenta) homens e estavão doentes l (cincoenta) e dos que andavão sãos, todos andavão mujto canssados do trabalho de acarretar pedra has costas e terra ha cabeça pera hos entulhos dos contra-muros e repayros que faziamos dentro, cujo poo era pestinencial e das continuas vigias que estavamos sẽpre armados, por muyta calma e por muita chuiva, da qual não avja lugar pera se ninguem cobrir, porque não tinhamos com que ho fazer e dos continos rebates, desenquietado ho juizo, recebendo sempre jnfinitas pedradas, pera milhor dizer, com batalha de dia e de noyte, cõ ha mão sempre na pelleja e has costas no trabalho e com os corpos pezados e maçados, de maneyra que não tinha-

mos outra consolação nem prazer, senão ho dya em que avyamos de pelejar, com bandeiras despregadas, porque nos dava Nosso Senhor gloriosa vitorja delles, e nos vingavamos de quoanta miseria nos fazião padecer e fazianola muito mayor não termos que comer na fortalesa e ho que avya era muyto caro e nós, nem hos capitães jaa não tinhamos com que ho comprar nẽ El-Rey Nosso Senhor não tinha dinheiro.

Valya hũ candil de triguo amassado que serja pouco mais ou menos de xx (vinte) alqueires, cento e xx (vinte) pardaos douro, que são cem cruzados e no grão setenta; se se achava hũa galinha pera hũ doente valja oyto, dez cruzados. Avia tres meses que não comyamos carne, senão de gatos e arrôs e grãos, que não punhão nihũa sustancia, nem avia vinho; ha terra tãobem era muyto doentia e deleixada nestes tempos, porque anda ho sol por riba della de maneira que padeciamos muj grandes trabalhos; ha polvora a este tempo falecia e não avja majs que ha que fazião cada dia na fortalesa q̃ serja hũ quoartel e ho basalisco ha gastava toda, nẽ panelas senão as que cada hũ dava de sua casa, com que lhe fazião de comer, por amor do qual jnventou ho capitão duas telhas juntas hũa com outra e breadas mujto bem, com panos polas ylhargas e cabeças, com seus murões e os vãos dellas cheos de polvora e com isto se pellejava de noyte e de dia, porque has pedradas e paneladas nunca cessavão de voar.

Hos ymigos neste tempo, receando que ha nossa armada viesse, porque ho soccorro que mandarão pedir não era chegado, levarão defronte da fortalesa toda ha sua artelharia e não leixarão nenhũa, que despois

que foy sentido, nos não deu pouco descanso, porque nos parecerão que estavão postos no estremo de toda ha fraqueza e de feito que se ho soccorro então viera ho Rumecão fora morto ou preso e desbaratado e ho seu poder e ho dElRey destruido e a artelharia tomada.

CAPITULO XV.

De como os ymigos minarão ho baluarte S. Joham e da nobre cavallaria que aly matarõ e da tranqueira que se fez.

ESTAVA ho baluarte São Joham situado sobre hũ pedaço de cava velha que ha fortaleza tinha no tempo dAntonio da Sylveira e sobre hũ pedaço de rocha, porque quoando Manoel de Sousa de Sepulveda ho acabou de reedificar, esta fortaleza ficava mujto majs larga do que dantes era, entopindo aquela parte que estava debaixo do baluarte e lançou ha outra per fóra delle; e hos jmigos, per seu pee, pela velha da banda de São Tomé, determjnarão de mjnar, a quoal mjna não pode ser vista, nem sẽtida, porque elles pera ysso mandarão picar ho muro todo e tãobem mandarão entulhar ha cava do lanço do muro, ha fim de que ho arroido que has pedras fazião, não se sentissem hos piquões que mjnavão ho baluarte; tãobẽ pelo rosto delle arrunharão tanto na terra, que forão dar cõ ha nossa contramina, que hya demandar aly, parecendo-nos que por aly mjnarião e pera nos embaraçarẽ poserão fogo ha tilha da madeyra, sobre que jugava a artelharia que

lhe ficara, no que tinhão ganhado do baluarte e começarão de vir trazendo baluartes de madeira por elle arriba, mostrando querer vir arrunhando e que nos fosemos encolhendo cada vez majs e asy fosẽ senhores de tudo; o qual ardil, como fose tão guerreiro, nos fazia poor aly todo ho cuidado.

E logo pelas ylhargas do baluarte lhe forão feitos reveses, por antre as paredes, por honde se via ho que elles fazião e por honde has espingardas lhe matarom mujta gente, no qual engano elles andavão tão profiosos e contumazes, que morrjão como bestas e sempre yão por diante tanto que nós, posta toda a diligencia naquela parte, lhe possémos em hũ reves hũ berço, pera lhe tirar, cõ ele aos cavallos e na nossa contramjna foy posto hũ barril de polvora, pera quoando eles viesẽ pelejar ou algũ magote arrunhar lhe desemos foguo e hos mouros avoassem, mas Nosso Senhor que era servido de outra coussa, ho consentio doutra maneira.

Neste tempo se veyo hũ vigarjm guzarate que era dos seos trabalhadores e chegouse ao pee de hũ baluarte, o qual hum soldado chamou deriba e ele se veyo logo meter na fortaleza e perguntado pelo capitão ho estado do exercito dos jmigos, dise que os patanes vinhão sobre ElRey de Cambaya, pera ho destrujrẽ, do qual elle estava mujto arreceoso e que avja dous dias que Mojatecão, capitão de mujta gente e grande senhor era vindo com cento de cavallo, a buscar a artelharia e ha chamar ho Rumecão que levantase ho arrayal e se fose ẽ socorro dElRey e que pera jso levarão daly a artelharia, mas que determinava de hũa soo vez esperi-

mentar ha sua ventura, o qual guzarate mentio em coanto disse, soomente na vinda do Mojatecão o qual vejo com xiiij (quatorze mil) homẽs e no levar da artelharia, pelo qual foy crido e sua malicia cõsistia em fazer ajuntar ha gente nos baluartes pera o dia que ele dizia do derradeiro combate e aly nos darem fogo e tãobẽ avya certos dias que não davão amostra de quererem pellejar, soomente fazião o que jaa disse.

Erguião sobre S. Tomé mujto grandes paredes, mujtas e muy altas e grosas que hos nossos camelos não podião derribar, nẽ ho vasalisco da ygreja pescar, porque erão pegadas com ho baluarte e não sobejavão por riba, o qual nos parecia que serja pera ho seu resgoardo do derradeiro combate; pera ho qual não avja homem que não andasse alvoroçado, como pera grande festa e como quem esperava de ser por ella descercados.

A este tempo estava D. Fernando doente e asy doente se fez prestes pera o dia quoando fose, sem lho njnguem poder tolher e asy ho fizerão mujtos fidalgos e soldados doentes, que por ser aquele dia tão desejado, determinarão de se achar nos baluartes. Era hũa terça-feira dia de S. Lourenço a x (dez) dias do mez dagosto, quoando os ymigos, has doze oras do dya, começarão de se virẽ chegando da cidade per antre as paredes cõ suas bandeiras despregadas e cõ seos gujões pera os muros, contra hos quoaes se fez logo toda a gente prestes e todos forõ postos nos lugares acostumados; os jmigos se detiverão algũ espaço e despois fizerão amostra de querer sobir aos baluartes e logo se tornarão ha arredar, o qual visto pelo capitão mandou

dizer ao baluarte de S. Johã, aos capitaes que se arredassem, cõ ha gente pera fóra e leixassem nelle muj pouca gente pera ho vigiar, porque lhe parecia que querjão daar fogo a algũas mjnas e serjão oras de meyo dia, pouco majs ou menos.

Has palavras ajnda não erão acabadas, quoando os jmigos sobirão aos balluartes cõ grande grita e feros acometimentos e resistindo-lhe rijo ho primeiro jmpeto e encontro se tornarão ha retrair, como homẽs medrosos e que fogião e se arredarão do baluarte, grande espaço, honde se Nosso Senhor nos não tivera prometido, por nosos pecados, grande castigo, bẽ se podera ver que aquillo era jndicio de querer dar fogo ha mina; tanto que forão arredados, derão com hũa panella de polvora no baluarte da Rama, nũ canejro de polvora e tomando fogo se foy acendendo com grande velocidade até dar na cava velha que estava mynada e lhe derão mujta polvora e salitre e era muj grande mjna, a qual fez ho baluarte refinar pera o ceo, quoanto dizia ho meyo e todo ho lanço do muro sobre que estava feito, quebrado e arrunhado e outra metade, que estava sobre ha rocha, tornou pera fora; hos homẽs que estavam com as lanças sobre ho entulho forão lançados na cava, das ylhargas e no campo, os quoaes como não cajrão de mujto alto, hũs com hos braços quebrados e outros com as pernas torcidas e outros todos pisados, com hos olhos e rosto escalavrados, hũs pela porta e outros pelo baluarte se recolherõ dentro; os que estavã no meyo do baluarte, delles cairão pera dentro mortos debaixo dos penedos e deles lançou ha mjna, com ha força da polvora ha volta das pedras, tão alto

pera o ceo que não tinha semelhança domens ha triste maneira de morrer e piadosa.

Estes que avoarão mujto alto foy hũ delles Luys de Mello e o feitor Antonio Roiz e dous ou tres soldados todos forão no majs alto do aar, ate honde chegarão com has lanças e suas rodellas nas mãos, mas como laa desatinassẽ, soltarão has armas e cajrão lhè as espadas e os cornjnhos de cevar dos pescoços e os capacetes das cabeças e hos çapatos dos pés e embrulhados cõ tudo e com as pedras vinhão fazendo clamores de mujta piedade; algũs delles cayrão dentro na fortaleza e algũs delles cairão antre os jnimigos feitos em pedaços, onde lhes logo cortarão as cabeças.

Morrerião neste baluarte cincoenta homens, mujta parte delles fidalgos e cavaleyros mujto honrrados, que por amor de D. Fernando de Crasto estavam nelle, o qual aly morreo da parte de dentro, de ydade de dezaseis ou dezasete annos que em sua condição mostrava ser velho de lx (sessenta) e foy enterrado dentro na see e morreo Gil Coutinho e Dyogo de Reinoso e Alvaro Ferreira e Ruy de Sousa e Lourenço de Faria e Johã Brandão e Jorge dAlmeida e Tristão de Saa e D. Francisco Lobo e hũ filho de Pero de Faria e ho feitor Antonio Roiz e Garcia Ferraz e muytos fidalgos e cavalleiros outros, que por não fazer mujta escriptura não nomeio; escaparão xxiij (vinte e trez) homens, dos quoaes despois morrerão tres, -s.- (a saber): D. Johã dAlmeida e Johã Brandão e hũ criado de D. Fernando.

Serião todos os homẽs, com portugueses e homens da terra e escravos que aly estavão, majs de cento e xx (vinte) pessoas, os quoaes as molheres enterrarõ casi

de noyte a todos; acabado de fazer ha mina aquela destruição, ficou camjnho ou estrada patente antre nós e hos jmigos e na defensão dela não avya mais que trez ou coatro homẽs, porque todos os outros morrerão; haa qual desaventura ho capitão veyo logo correndo, com alguns soldados que serião per todos sete ou oyto com hũ clerigo que trazia hũ crucifixo nas mãos e após elle acodio tãobẽ algũa gente e quoando vyo ha cousa daquella maneira começou de os esforçar a todos lembrando-lhes que morressẽ pela fee de Christo, que aly vião crucificado, cuja verdadeira especia, por amor delles padecera e por elles pagara todos seos pecados e agora que tinhão antre as mãos podello servjr o que hũ verdadeiro christão he obrigado não falecer; que lhes lembrase que morrião martires e bẽaventurados e sem pagarem culpa nẽ padecerem pena, avião de jr ao paraiso; que morrer não era majs que hũ breve espaço, que não tinhão mayor mal que não saber hũ omem o que Deus delle esperava de fazer, por seos peccados, porque segundo a nossa fee sabião sua certa e bẽ aventurança; trabalhasẽ e pelejasẽ varonilmente que tãobem Nosso Senhor nos podia dar victoria com poucos, como com mujtos, porque, não na multidão do exercito estava ha victoria da guerra, mas de Deus vem ha fortaleza e en voltas destas palavras pelejava como soldado muj esforçadamente; acudirão logo ha grande pressa majs soldados dos outros baluartes e defenderão aspcramente aquela estrada muj esforçados, ás lançadas e espingardadas; muj esforçados começarão com has pedras que dentro cajrão, de alevantar hũa tranqueira, pondo duas portas diante, á maneira de emparo.

Foy feita mujto bem, que até noyte, apesar dos ymigos que de refresco tinhão xxiij (vinte e trez mil) omens e gastavam formosamente de seu almazem; fizerão hũa tranqueira arrezoada e lançando de parte ha parte mujtas panelas de polvora e grão soma de pedradas, pelejando sempre como boõs cavalleiros, hũs no trabalho e outros na peleja e as molheres doentes no serviço asy nos defendemos ate noyte, que se elles forão muy descontentes, porque tãobem pera elles este dia o seu boc cado foy como o dadão e quis Nosso Senhor que tãobem eles padecessẽ.

Forão mortos aquelle dia dos jmigos majs de iij[c] (trezentos) turcos e abexins e feridos majs de biij[c] (oitocentos) e podião muj bem ser vistos pelo camjnho que descobria todo o seu campo; e os outros baluartes e torres e cubelo forão grande parte disto; creyo que ho glorioso S. Lourenço, asy como ẽ seu dia aconteceo, por vontade do Senhor Deus tamanho jnsidio e destruição, asy quis ser en nossa ajuda, porque eu não sjnto agora que estou fóra daquele trabalho quoaes forão os iij[c] (trezentos) homens que ho poderão defender por que ho nigrige do negocio podia matar despanto, quoanto majs com tantos milhares de jmigos, como nos acometerão, e certo que tamanho milagre não vyo ninguem en nossos dias, verdade he que tãobem foy milagroso ho esforçado capitão e dos soldados ho grandissimo e nõ vencido esforço com que pellejavão, aos quoaes, porque faço jnjuria ẽ fallar nella, não vou majs por diante, por que tem necessidade da authoridade de Plutarcho, sua escriptura.

Sobre ho fazer desta tranqueira morrerão algũs sol-

dados e morreo tãobem mestre Johão, sorugião desta fortaleza; e sua molher, moça dilicada que delle tinha coatro mjninos e se querjão grandemente ho amortalhou e ho enterrou depois de passado ho dia sẽ chorar publicamente, nẽ fazer gritos femjninos, antes consolou suas amigas, que ha vinhão a consolar e acabado ho seu enterramento se tornou ao muro ajudar a enterrar os outros, segundo era tida por virtuosa, lhe foy tido o que fez ha grande estremo de fortaleza. E tornando ao meu preposito, depois de jdos os jmigos se acabou de fazer ha tranqueira e ha posemos de dentro en tanta altura que ficava no andar do muro, donde dantes era e foy muy bẽ fortalecida e feitos seos degráos por dentro, pera sobir a ella de tal maneira foy defendida daly por deante, que nunca mays ousou mouro damostrar ha cabeça por cima de laa e ha nós deu trabalho muytos dias, pelo grande cheiro mao e pestinencial que saya dalgũs mortos que ficarão debaixo, que se não poderõ tirar.

CAPITULO XVI.

De como mjnarão ho baluarte S. Tomé e ha torre de S. Tiago.

Muy grande foy a soberba dos ymigos e ho com lhe sajr tão bem sua mjna, porque logo tornarão a trazer grande parte da sua artelharia, fazendo grandes ameaças gloriando-se de palavras barbaras e de taes pesoas; favorecia tãobem ha sua so-

berba ho tempo que neste mes dagosto foy de tormenta desfeita e veyo ha força do jnverno com todalas chuvas e trovoadas e ho socorro não podia vir en ninhũa maneira e começarão logo ha tomar com dobrada força seu trabalho e picavão ho lanço do muro dantre os balluartes com muj gram prèsa, tanto que sospeitavamos que mjnavão ho cubello de Antonio Peçanha; porque ho muro era fortissimo e facilmente se não podia rompper, chegarão junto cõ ele grande soma de lenha e rama seca e poseron-lhe ho fogo e ardia de noyte e de dia, en muyto alta labareda, pera queimarem as pedras do muro e depois con vinagre e picões e desbarroarem toda e bem no recanto que faz ho muro de S. Thomé, antre ho baluarte, fizerão hũa contramjna, ha quoal logo começarão ha contramjnar.

Aos xiiij (quatorze) dias do mes chegou Antonio Monjz e Garcia Roiz de Tavora cõ nove soldados muj bõos cavaleiros, em hũa galueta, que são navjos como muletas de Sãotarem, mas são èstroncadas e algũ tanto altarosas; cõ sua vinda ouve asaz prazer na fortoleza, por serẽ elles e porque derom novas de D. Alvoro de Crasto, filho do governador, majs velho e D. Francisco de Meneses, vinhão en socorro cõ cincoenta vellas de remo e com mays de mil soldados que ficavão em Gataj dezaseis legoas da travesa pera Dio, trabalhando com ho tempo pera chegarem tanto que dese logar. Esta galueta vinha diante por debaixo do maar, porque são navios que se enchem mujtas vezes dagoa e como são cheos, arribão ha pôpa e tornõna ha baldear fóra e tornão ao seu camjnho e outra vez neste trabalho vierão Antonio Moniz e Garcia Roiz e neste tempo

jaa as nosas contramjnas de São Tomé yão descobrindo as contramjnas dos ymigos, os quoaes tanto que has sentirão, fizerão logo repuxo muj depressa e aos dezaseis do mes lhe derom fogo, mas porque ho capitão mãdava estar ha lerta, como virão arredar hos ymigos, tãobem se arredarão e não perigou nenhũ portugues, Deus seja louvado, mas hos mouros, corridos de não entrarẽ, ao outro dia de S. Lourenço, não quiserão desta vez arredar mujto, pera logo acometerẽ; ho repuxo, que não tinha ha fortaleza necessaria, tornou mujto rijo pera eles, cõ ha face de fóra do baluarte, quoanto dizia ho canto e ferio e matou majs de trezentos mouros e a mór parte do fogo se vazou pelas nossas contramjnas e ao rebentar da mjna foy a poeira muj espessa e hũa escuridão de poo que fez do dia noite, que duraria hũa quoarta *(sic)* dora, mas hos soldados por antre ela rremetterão has tranqueiras e outros, não lhe lembrando que podião dar tãobem fogo ao cubelo, sobirão en çima mais de xb (quinze) homens, porque ho lanço do muro do cubelo pera S. Thomé ninguẽ parecia nele, nẽ ousava e tanto que se foy a poeira, pareceo ho baluarte de S. Thomé cheo de inimigos e ha tranqueira de S. João, do cubelo de hũa parte pera a outra, forão mortos ás espingardadas majs de dozentos mouros e das outras partes outros tantos mortos e feridos e deles forão mujto queimados e nunca Nosso Senhor quis que faltassẽ, mas milagrosamente duravão, não sey donde saya gente, nẽ quem enchia os lugares de peleja, porque naquelles tempos tudo era cheo de dentro; has gritas que lhe davão parecia de mil pesoas e era certo que não avia pera pelejar

majs de cento e cincoenta soldados e hos majs delles feridos e queymados e hos mouros se arredarão muy afrontados e duvidosos da sua vitoria, porque vendo nossa defensão e ho mal que nos tinhão feito, sabendo que erão mortos dozentos e l.ta (cincoenta) homẽs e outros muytos doentes, dos negros que fogião pela fortaleza, que estava toda rota e sabendo quoantos erão no principio da fortalesa, nẽ de cerquo não se sabião determjnar, mas como enperrados na contumacia, tyravão mujtas bombardadas ha ygreja, pera lhe derribarẽ hos curucheos e enxecutarão ha sanha com sua artelharia, pelas cousas que descobrião.

Neste comenos fogirão tres negros que se lançarão das casas pela rocha ao longo da praya e a nado se recolherão, estes certificarão aos jmigos que dentro na fortaleza não avya majs de setenta homẽs, que podesẽ tomar armas e estes todos escalavrados e cõ tanta eficacia fortalecerão sua mentira e lhes fizerão crer que era asy, que cõ este pensamento vierão mujtas vezes en batalhões, com suas bandeiras estendidas, determjnados pera pellejar e tanto que chegarão aos muros e ouvyrão repicar, tornarõ-se a recolher como omẽs cheos de medo, te que hũ dia vinhão da maneira acustumada, remeterão todos ao baluarte S. Tomé com grande grita e tãto que hos nossos forõ cõ eles, deixarõ o baluarte supitamente, parecẽdo-lhes que não achasẽ njnguẽ nas tranqueiras, porque virão aly todolos lxx (setenta) homẽs que hos negros lhe diserão.

Remetterão a ella feitos todos nũ tropel, cuidando jaa que era sua, mas forão tão mofinos que acharão laa outros lxx (setenta) e quoando os virão tornaromse

logo ha recolher, de manejra que visto ho engano dos fugitivos e visto que era por demajs seos combates, nũca majs usarão deles, mas fazendo buracos no lanço do muro, que eles queimarão tirarão muytas espingardadas por eles, ha gente que morava na cova, que he hũ lugar arruado, dentro na fortaleza, em que ha moradores; porque he majs baixo dous ou tres lanços do andar das ruas e cassas da fortaleza, se chama ha cova e nela matarão polos buracos muytos negros, porque ha descobrião toda; mas logo ho capitão lhe mandou fazer emparo nas ruas e furar as cassas hũas pelas outras e asy andavão seguros e tãobem lançavão na cova estropalhos de pano cheos de polvora e materiaes e as pontas acezas pera queymarẽ as cassas que algũas dellas erão de ola e destes lançavão cada dia cento e dozentos, sẽ fazer njnhum dano, Deus seja louvado.

Tãobem por outra parte começarão de mjnar ha torre de S. Tiago e logo foy contramjnada por dentro e sendo deles ha contramjna sentida, primeyro que descubrisẽ ha sua, fizeron seu repuxo e aos dezoito do mes lhe derom fogo e como ha torre estivesse aballada, não lhe valleo contramjna, mas cayo toda pera sua banda, ficando ho muro são; quis Nosso Senhor que não periogou njnguem, mas ganharõ nelle hũ camelo são e outro quebrado e logo sobirão pela derribada hacima e poserõ seos guiões e ha espingardaria diante da parte de fóra e daly nos fazião mujto dano e ho receberão de hũ camelo que poserom diante ou defronte deles, que ha mujtos fez en pedaços; mas ha casa de S. Tiago ficou de maneira, que ha metade, quoanto diz ho corpo da ygreja, não era sua nem nossa, porque elles pelo

buraco da mina nos tolhião ha entrada e nós de hũa parede que fizemos no meyo da jgreja lhe tolhamos a ele e nesta controversia, ora lançandoos se gastava áquella parte ho tempo.

CAPITULO XVII.

Do soccorro que veyo á fortaleza e de hũ combate e de como mjnarão ho lanço do muro.

Aos xxij (vinte e dois) dias do mez dagosto chegou em socorro Luis de Melo de Mendoçá, que depois morreo do trabalho, em Chaul, com nove soldados nũa galueta, com que deo mujto contentamento pelas novas da armada que trazia, trabalhava por chegar; aos xxiij (vinte e tres) dias chegou D. Duarte de Meneses, filho do Conde da Feira e D. Jorge de Meneses, num catur com dezoito soldados e foi-lhes cometido ajudar ho baluarte S. Tomé, honde jaa estava Antonio Monjz, porque os jmigos ho tinhão cayse todo, cõ virẽ arunhando ha terra pelas ylhargas honde fôra ha mjna, junto cõ ho muro e deixando ho campo dele quoanto diz ho entulho pera suá parte.

Sobre ho qual arrunhar ouve mujtos mortos delles, mas como erão muytos, não deixavão seu trabalho; cõ ha vinda destes capitães, hao outro dia, que foy de muy grande chujva, determinarão ho capitam de lhes tornar ha tomar o que eles tinhão ganhado do baluarte e posto na concrusão, saltarõ de jmproviso dentro cõ elles, que como estivesẽ poucos, cõ bem pouco trabalho os lan-

çarõ fóra; os mouros, ao sõ de hũa trombeta, acudirão todos da sua cidade, repartidos pela torre de S. Tiago e por S. Tomé e pela tranqueira foy ho combate ferido e pelejado ás lançadas e cutiladas soomente e zargunchos darremesso, que pela chujva ser grande, não laborava ho fogo, mas eles tiravão mujtas frechadas, cõ que ferião alguns omẽs e comtudo ouve deles mujtos mortos. Jaa se querião arredar, quoando estiou ho dia e deu lugar ha espingardaria e panellas de polvora, cõ as quaes lhe matarom ajnda mujta gente.

Duraria ho combate cinco horas de relogio, quoando perto da nojte hos jmigos se afastarõ de todo e ficou ho lugar das cavas cheo deles, e dos nosos não morreo nĩnhum, Deus seja louvado, e logo aos xxbj (vinte e seis) dias do mes dagosto chegou D. João datayde e Francisco Guilhel, com dous catures e xb (quinze) homens en cada hũ e cõ sua vinda foy ho capitão muj ledo e contente e ha gente toda, porque alem de nos ajudarem mujto ao trabalho, trazião marjnheiros pera ho acarretar de pedra.

Estava ho lanço do muro antre ha tranqueira e ho cubelo dAntonio Peçanha, ao qual aquele dia os mouros derom fogo, que estava mjnado e arrebentou toda ate ho cubello que jaa estava desmanchado, por que ho não mjnassem e não fez mal ha ninguem, porque toda ha parte de dentro, cõ temor da mjna, estava feito hũ contramuro forte, groso e alto, que não leixou correr ha pedra; neste contramuro se começou a tranqueira a elevar, pera fazer jgoal da outra mas hos mouros tinhão assentado hũ camello defronte pera aquilo e tjrava a frol da pedra que punhamos em riba da pa-

rede, pera matarem com ela ha gente naquillo, mas não quis Nosso Senhor, porque andava ho capitão acarretando ha pedra, per sua pessoa com hos soldados, que lhe tinhão ho cerquo, sem ninhum nunca ser ferido, até que os mouros canssarão datyrar e fizeram da sua parte hũ contramuro, porque não podesemos sajr a eles. E ao outro dia chegou Ruj Freire Fernandez, feitor de Chaul e trazia xx (vinte) homens e dahy por deante vierão outros muytos, porque ya ho tempo dando lugar, que me escusa de os nomear a todos; neste tempo tinham os jmigos tanto arrunhado do baluarte S. Tomé, que ho tornarão ha arrunhar todo, quoanto diz ho entulho e lançarão na boca do noso basalisco hũa corda muyto grosa pera ho levarem pera baixo e en cima do baluarte, no que era jaa seu, fizeram mujtas paredes, hũas em revez das outras, pera daly tirarẽ com ha sua spingardaria a quem vigiasse no muro do baluarte que era nosso; mas ho basalisco da ygreja que pescava hos altos de S. Thomé os despovoou de tal maneyra que ninhũa cousa viva parecia em cima delle.

CAPITULO XVIII.

De como chegarõ em soccorro D. Alvoro e D. Francisco de Meneses e de como sairão fóra ha pelejar e da ponte que os mouros fizerõ.

Aos xxbiij (vinte e oito) dias do mes chegarão D. Alvoro de Crasto e D. Francisco de Meneses os quoaes com hos navjos que trazião e com hos que ja erão vindos serjam xxb (vinte e cinco) e tra-

zião l.ta (cincoenta) homens, pouco majs ou menos, porque os outros, não podendo sofrer ha força do tempo, arribarõ a Baçajm e tornarõ depois per todo ho mes de setembro cada hũ como podia; grandissimo contentamento e alegria foy per toda ha fortaleza, pela vinda de dous tão excellentes capitães, porque esperavão que cõ sua ajuda serjan descercados; ho capitão hos mandou logo agassalhar, per suas estancias e deu has tranqueiras ha D. Alvoro, porque com sua gente abastava soo pera ellas, porque tinha muyta gente e ha outra majs, com D. Francisco e os outros capitães estavão en S. Tomé e S. Tiago ao qual aquelle tempo hos jmigos não ousavão de aparecer, por causa dos outros camellos que ho capitão mandou poer na frontaria das suas paredes, com que hos desbaratou, porque matavão eles mujta gente pelas ruas ás espingardadas, os quoaes no baluarte S. Tomé começarão de dar obra ha quererem levar ho basilisco, por que era mujto grande e tinha as rodas dos molynetes metidas na terra e não se podião tirar pera dentro, mas eles de fóra asy como jaa vinhão arrunhando, trabalharõ tanto debaixo delle que ho fizerão abaixar hũ pouco e não cayo porque estava preso pela culatra e repayro com mujtas amarras dentro na fortoleza, esperando de ho poderem soster desta maneira, porque doutra não podia ser.

Hos soldados que de refresco vieram, receosos do arrunhar dos mouros e do picar que hajnda fazião no lanço do muro e vendo tãobem morrer ante sy algũs portugueses, que hos mouros matavão e ouvjndo falar nas mynas que he espantoso genero de guerra, como homẽs desacustumados dela, pesava-lhes mujto de se

verem cerqados e desejavão de jr pelejar fóra da fortaleza, parecendo-lhes que logo lançarião os mouros fóra, os quoaes como tivessẽ jaa neste tempo mais de xb (quinze mil) homens na cidade e lhe matavão mujtos cada dia, fortaleceram-se muyto bẽ, de paredes muyto altas e de treze palmos de largura, dos primeiros baluartes que fizeram até ha tranqueira de S. Joham, deixando-a toda dentro e todo seu estudo era fazer minas nos muros.

Enganava muyto aos nossos ha erva do jnverno que era mujto grande e alta e encobria grande parte da parede, que ha fazia parecer baixa; pela qual andavão mujto alvoroçados, pera sair fóra e algũs falavão mujto soltos e dizião que fizésẽ hũ capitão de barro, pois ho da fortalesa não querja sair fóra e socedeo abaixar-se ho basilisco hũ pouco, como jaa disse e pareceo a todos que tiravão hos mouros por elle e que ho levavam.

Foi tudo por tamanha injuria aos soldados que se vieram todos ao terreiro e disserom que derribassem as cassas ao capitão has espingardadas, pois não queria sajr fóra, ho qual visto por elle e por D. Francisco de Meneses e D. Alvoro de Crasto, parecendo-lhes que tão bons desejos desbaratarião xx (vinte) reis, leixou mujto boa goarda dos baluartes e tranqueiras e ho primeyro dia de setembro, ha tarde sairão fóra pera pellejar com hos mouros e levando ha deanteira Dom Alvoro de Crasto e D. Francisco de Meneses; hos quoaes chegando ás paredes se lançarão da outra parte, com alguma gente e as acompanhou muj gran parte da outra que ficava, chegando as paredes e vendo ho engano das ervas, que fazião as paredes baixas e erão muy altas e

ha vinda matarão algũs homens com ha espingardaria dos mouros, porque não fazião mais que disparar ás espingardadas e deitarem-se antre as paredes e as ervas para se cobrirem com ellas; o qual vendo ho capitão os fez logo levantar e começar de sobir has paredes, has quoaes os mouros defendião vallentemente, cõ muytas frechadas e espingardadas e com todo ho genero de pelleja e como ha nossa gente viesse feita em batalhões tyravão elles ha montão de dentro dos seos caneyros e antre as paredes, mujto ao seu salvo, ferião e matavão mujtos.

Veria ha força da gente no campo e della no meyo da ponte, não era acabado de chegar á parede, quoãdo hos ymigos remeterão ha nossa fortalesa pelos baluartes, commettendo tão bem ha entrada, que como fosẽ mujtos, pera tudo tinhão gente; ho qual como visse hũ soldado, não lhe lembrando que ficava guarda nos muros ou não sei qual foy a fortuna que ho moveo ou se Deus asy o ordenou, começou de bradar em alta vóz «ha fortalesa, senhores, que he entrada», dos quoaes brados se causou grão desarranjo e porque ho capitão, com todo o seu poder nunca pode vedar ho jmpeto da gente, que não acodisẽ, porque ha mayor parte deles virarão as costas aos jmigos sem ninhũa ordem e se vierão recolhendo, por mais que ho capitão nisso trabalhou, ho qual tanto que achou D. Alvoro e D. Francisco de Meneses menos e acompanhado dalgũa gente determjnarão de morrer, por os salvar e se tornou em sua busca; logo lhe diseram algũs homens que de dentro das paredes sayão, que D. Francisco era morto e que D. Alvoro que tornava ha sobir has paredes pera a for-

taleza, ho derribarão de riba da parede cõ hũa pedrada que ho esmichou, por riba do capacete e lhe fez hũ grande jnchaço na cabeça e tomando-o consjgo, se veyo pera a fortalesa, ajuntando e recolhendo ha gente ho melhor que poude; matarão este dia dos nossos perto de xxx (trinta) homens, antre os quoaes foy D. Francisco de Meneses e D. Francisco dAlmeida e Lopo de Sousa e Ruy Fernandez, feitor de Chaull e Francisco Guilhel e Nuno Pereira que despois morreo jndo pera Goa com outros mujtos cavalleiros e criados dElRey Nosso Senhor e vierão tãobem muytos feridos, hũ d'elles foy D. Jorge de Meneses que veyo todo atassalhado de cutiladas e cõ hũa espingardada nũ coadril, mujto rojm e porem sarou e depois logo ho capitão mandou enbarcar Nuno Pereira, aquella noyte, pera Goa, por ser laa mjlhor curado porque asy ho pedio elle e levou recado ao governador do que passava neste tempo.

Hos mouros arrunharão tanto no baluarte S. Tomé que ha artelharia, sem njnhum trabalho cayo antre eles, posto que estivese atada por dentro, porque ho peso do basalisco com eles tirarẽ com elle, quebrou has amarras e cordas e levarão-no e mays hũ lião e hũa salvagem de ferro arrebentada, que estava sem repayro no baluarte; n'este tempo mandou ho capitão alevantar hũ contra baluarte ha S. Tomé, muyto forte com seos degraos até riba, o qual vigiavão e defendião corenta homens e quoantos quizessem. Fizerão tãobem os jmigos hũa obra muyto grande, cõ que entulharõ ho rio da cidade, até ha villa dos Rumes, que he sete braças daltura, com mujtas pedras por honde fizeram hũa estrada, que jão por ela carretas e não valeo ha grande agoa

que aly he muyta, nẽ ho tempo das luas com que trazẽ mujto mayor força, porque ha pesar de tudo venceram ho trabalho e fizeram ha ponte; tãobem determinarõ de derribar cõ mujtas mjnas ha fortalesa toda, porque jndo elles derribando e nós encolhendo, nos botassem asy fóra, pois ás lançadas não podiam.

Já a este tempo njnhũa cousa arreceiavã ao governador porque tinha ho Rumecão dentro na cidade xxbj (vinte e seis mil) homens e asy estavão seguros na cousa que tinhão feito, ao longo dos nossos muros, da banda de fora, suas casas asoalhadas por riba e suas estancias alcatifadas com chagunco dagoa fria e seus bazares aly perto, com tamanha confiança como se estiveram na cidade de Madaba; ali tinhão suas mesquitas en riba da casa de S. Tiago, da banda de fóra, chamavão ao Alcorão ha mea noyte e ante manhã sem nunca lhe podermos matar ho caciz.

CAPITULO XIX.

Do que fez o governador quoando soube as novas de Dio e do soccorro que mandou e das náus de Cambaya que se tomarão e das mynas que os mouros fizerã e de como ho Governador chegou a Baçaim e do que fez.

PASSAROM hos jmigos todo ho mes de setembro, no qual chegou a Goa requado ao governador da morte de seu filho D. Fernando de Castro e do estado da fortalesa o qual, tanto que soube que es-

tava por ElRey Nosso Senhor, sem memoria de outra cousa, cavalgou ricamente vestido, com ledo rostro e parecer benevolo, acompanhado de toda a fidalguja e mujta gente de cavalo, se foy escaramuçar ao campo honde deu mostra de mujto contentamento e tornando pera a cidade, correndo e folgando, achou has novas que levava Nuno Pereira, o qual vinha morto do dia passado e dos seos soube o que na fortalesa passava e como era morto D. Francisco de Meneses e por ele e por Nuno Pereira mostrou grande sentimento e mandou logo a Vasco da Cunha nũ navio, com poderes de capitão-moor, pera que recolhesse todos os navjos que da armada de D. Alvaro andavão espalhados pela costa e asy tomasse todos os outros que achase en Chaul e Baçajm, com a gente que nestas fortalesas estivese e os levasse ha Dio.

E asy o fez e na fim de setembro chegou e cõ sua vinda se acharão na fortalesa perto de mil e trezentos omẽs; mandou tão bem ho governador dizer a D. Johã Mascarenhas, que lhe pedia que não saisse ha pellejar fóra, ate sua chegada e no mesmo tempo mandou fazer prestes cinco ou seys caravellas, cheas de mujta gente, com seos capitães e munições de polvora e de pelouros e panelas e muytas escadas e padiolas e cousas desta calidade e mujtos pedrejros e cavouqueiros pera fazerem repayros e paredes na fortalesa, que carecia de todo destes officiaes e os soldados servjão dos seos officios. Com a chegada destas caravellas ouve na fortalesa, de mil e setecentos homens pera cima, todos com suas espingardas. Neste mes de setembro e doutubro se tomarão algũas náos de presa, de Cam-

baya, que vinhão do estreyto de Mequa e da costa do Arabio, com fazendas e muyta gente a qual foy a que a Chaul foy toda enforquada e a que veyo a esta fortaleza lhe mandarão cortar as cabeças a todos, asy mjninos, como molheres, como todo ho outro genero de pessoas, antre os quoaes matarão ho parente de Cojo-Sofar, que foy fazer ha gente ao estreyto e a trazia espalhada pelas naos.

E posto que dava por sy xxx (trinta mil) cruzados, mujto mays folgou ho capitão cõ sua cabeça pera lha mandar por o rjo arriba, como fez as outras todas, que cõ ha enchente da augoa as levou ha maré ás suas prayas e portas da cidade. Os jmigos determjnarão todavia de jr avante, cõ suas mjnas e começarão loguo de fazer hũa na torre do alcaide-moor, a qual como foy sentida ha começarão de vazar, per dentro do seu entulho, por que ha não derribasẽ toda, por que se a derribasẽ ficava toda a fortaleza descuberta e fazia muyto dano dos outeyros, com a artelharia e aos doze de outubro lhe derão fogo e não fez majs que cair ha face de fóra pera elles e dentro ferio dous ou tres homens e daqui se pasarão ao muro donde tyravão espingardadas ha cóva e fizeram dous grandes buracos nela e daly tyravão com dous camelos ha systerna, que estava á entrada da cova, pera a quebrarẽ, se podesẽ, no quoal logo ho capitão proveo e mandou fazer nũa rua da cova, hũa parede ha maneira de bastião e fez aly asestar hũ camello de marca mayor, pera os seos buracos e cõ elle lhe deram tantas bombardadas, que lhe fizeram levar os tyros e tapar os buracos que tynhão feitos.

Arvoravão tambem hos mouros antre as paredes do balluarte S. Tomé dous trabucos, nos quoaes tjravão mujtas e mujto grandes panellas de polvora, porque as não ousavão ha lançar dos muros nem podiam, porque ho fizeram antre nós e eles e despois tjravão com muyto grandes pedras, com que fazião muj grande dano e determjnarão de fazer outra myna no baluarte de D. João dAlmeida, ha qual logo se começou de vazar por dentro do entulho e comtudo ao primeyro de novembro lhe deram fogo e arrebentou pera fóra, sem fazer mal dentro a ninguem; não contentes de forçar e ajnda quiserão minar ho muro, que vay da torre do alcaydemoor pera tranqueira de S. Joham, mas porque foy contramjnada não fizerão nada, posto que lhe deram fogo; nestes dias se sospeitava que na rocha, de baixo S. Tomé e de Sãotiago, queriam fazer outras mjnas, porque picavão nella por ambas as partes.

Haquella sospeita ho capitão proveo, com mandar fazer huũ contra-baluarte a S. Tomé, algũ tanto afastado do prymeiro e muyto forte e dele pera S. Tiago mandou fazer hũ muro arredado doutro, porque se os mouros arrebentasẽ ha rocha, ficassemos emparados e cubertos; en quoanto se jsto fazia, se vinha chegando ho governador de Goa, com sua armada de remo, esperando por alguns galeões e gente e asy se veyo meter en Baçaim, onde acabou de ajuntar a armada toda. O qual dali mandou D. Manoel de Lima, cõ algũa fustalha ha correr a costa, ate Çurate e elle o fez e meteo mujtas cotias no fundo, de mantimentos e toda ha cousa viva que se nellas achou meteo a espada e depois delle tornado, avendo jaa dezaseis dias que ho go-

vernador estava em Baçajn, estando sempre no maar se partyo pera a fortaleza de Dio, trazendo consigo mujtos pyões da terra, afóra outros que trazia de Goa e mandou outra vez D. Manuel com xb (quinze) ou xx (vinte) fustas, que fossem correndo ha costa e emseada e que depois se fose ajuntar com elle á jlha dos mortos, que são sete legoas da fortaleza. D. Manuel de Lima se partyo e nas terras do Bramaluco não entrou, pela cortezia que teve com o governador, em não vir sobre Baçaim, mandando-lho ElRey de Cambaya, cujo vasalo ele era ou per outras algũas rezões, de que ele sera sabedor, mas de Damam pera enseada foy dando ẽ algũs rios e lugares marjtimos pequenos, honde queimou todos hos navjos e cotjas, que achou, asy no maar como na terra e todo arroz e mantimentos e matou toda a cousa viva, asy racional como jrracional, no qual pôs muj gram espanto, por toda ha terra do Guzarate, fazendo sempre ha guerra. Desta maneira se veyo ha jlha dos mortos ajuntar com ho governador no qual tempo chegou de Cochim Lourenço Pirez de Tavora, capitão moor da armada do Reyno, num catur ha fortoleza.

CAPITULO XX.

De como ho governador sorgio na barra de Dio e de como se fazião prestes hos exercitos ambos pera batalha.

Aos sete dias do mes de novembro sorgio ho governador na barra de Dio, com oytenta e tantas vellas; gallyões e caravelas treze e ho mais fustalha; tanto que ho governador sorgio, logo mandou chamar ho capitão da fortaleza, pera tomar com ele seu parecer, acerqa do que se devja fazer e depois que antre eles foy acordado, se tornou ho capitão, o qual mandou fazer hũa escada de mão de páo atada nũa bombardeira que ha couraça grande tem na ponta da rocha, honde está situada, por honde com ha maré se podiam muj bem desembarcar, sem os picar a artelharia dos jmigos e mandou fazer outra escada, nũ canto da mesma couraça, da banda da rocha, por honde com ha maré, podem desembarcar sem njnhũ perigo, por estes lugares deu ordem ho capitão ha desembarcaçam da gente toda, ao domingo e 2ª e 3ª feira, que eram ha nove do mes e mandou que ho espalhafato de metal, que estava no proprio rosto da couraça, se posese noutra bombardeira, que descobria hos primeiros baluartes e paredes dos jmigos e mandou poer na couraça velha outro espalhafato de ferro asestado ás suas tranqueiras e hũa salvagem muyto grande na couraça da porta, que lhes fez grande guerra e mandou encher dartelharia ho baluarte de sobre ha porta nova.

Mandou tãobem fazer prestes ho baluarte do maar, pera que todo o dia da 3ª feira e toda ha noyte lhe desẽ tantas bombardadas, quoantas a artelharia podese sofrer, o qual foy feito da propria maneira, que foy muy grande batarya; mas as paredes dos muros erão tão fortes que lhe fazião bem pouco dano, mas comtodo arrunharão algũas paredes, por honde depois os soldados sobirão e no mesmo dia que se deu esta bataria, mandou o governador duas caravellas defronte do baluarte de Dyogo Lopez, ha dar-lhe tambem batarya; hos jmigos vendo ysto, se fizerão prestes pera pellejar com ho governador e começarão de se fortificar, pelos lugares dos muros e abrirão mays ha cava dantre nós e eles, no baluarte S. Tomé e as paredes della fizeram pera elles sem njnhum camjnho, mas armarão antre elas hũa confusão, per tão alheas maneiras de rezão que parecião moradas do jnferno, por que hũa cassa ya demandar mujto baixo e a outra mujto alto e avia bequos em reves hũs dos outros que jão ter a hũas cavas escuras que parecyão purgatorios e outras ruas tortas sem njnhuma saida, chea de todo embaraço; estas estolancas e desconcerto se não pode mostrar por escritura, nem concertar por palavras; cobrirão-nas de fraca madeira e rama pera se hacasso fose que pelos muros e baluartes sajse ha gente, cayse naquelas covas e laberintho e asy hos matasẽ ha sua vontade; tãobem tinhão outras cassas mujto boas de seu viver de que já fiz menção.

Proverão tãobem has paredes de mujtas panelas de polvora e bombas de fogo e de mujtos espingardeiros, cujo numero serja setecentos e de mujtos frecheiros e

de mujtos cantos desarezoados e os baluartes que estavão no cabo das paredes, sobre ho rio, fizerõ muyto mays largos e fortes e poserõ neles tres ou coatro peças de artelharia grosa, que descobria toda ha ponte até ha porta, pera os desPararem se por aly viesse ho governador e poseram por toda aquella parte e frontaria x̄b̄ (quinze mil) homẽs darmas dos quoaes b̄īj̄ (sete mil) eram turcos e os outros estrangeiros, os quoaes estavam na dianteira, pera receberem ho jmpeto do governador, repartido por suas estancias e algũs delles nos nosos baluartes, na parede pera seos baluártes; encherão hũ pouco que lhe ficara do baluarte da Rama, de espingardeiros e nestas partes poserão ha mayor parte da sua fortaleza, por que ho Rumecão, como ja disse, tinha x̄x̄b̄ (vinte e cinco mil) homens darmas pera aquelle negocio e estava tão seguro que se ria de ho poder ho governador desbaratar e proverão tãobem ho baluarte, que se chama de Dyogo Lopez, que he na ponta do muro da sua cidade, da banda do maar honde estava huma calheta, pera desembarcação dos navjos do Reino, por honde sospeitavõ que ho governador quereria dar neles, ho qual baluarte tinhã jaa desmanchado de todo, pera da sua pedra fazer paredes, en tres dias, que ho governador esteve sem dar nelles, ho reedeficarão, como dantes era e lhe poserõ mujta artelharia e na sua goarda sete centos homẽs, por que pela fortaleza e lugar não erão mais necessarios e na ponte que fizerão pera vjla dos Rumes, poserõ outros tantos, porque sospeitavão que poderião por aly ser cometidos.

E por antre as paredes ha majs gente pera acodirẽ ao necessario e desta maneira se apparelharão e esta-

vão sempre cõ as armas nas mãos, cõ terem toda ha sua artelharia asestada na nossa ponte e dela nos nosos muros, por honde estavão majs certos de sajr o governador.

Ho qual tanto que aos nove de novembro desembarcou na fortaleza, mandou que todolos piães, que cõ elle vierão de Baçaim e de Goa, se metesẽ nos navyos do Reyno, cõ cada hũ seu pique e que os levasẽ arvorados e mandou que hos marjnheiros fosẽ remando, cõ hũa mão e na outra levasem cada hũ, seu pedaço de murrão acesos, hos quoaes piques repartidos per toda ha fustalha e dados murrões pera seu tempo, mandou que cando lhe fizesẽ sinal com tres foguetes, da couraça grande, começasẽ de remaar e fosẽ demandar ha calheta do baluarte de Dyogo Lopez, nas quoaes fustas deu ha entender que ja sua pessoa e seu poder com levarem muytas trombetas e ataballes e charamelas e cõ hũa bandeira muyto grande e ho seu foroce e elle com toda ha gente que tinha serjão dois mil e iiij^c (quatro centos) soldados, determjnou de sayr pela parte da fortaleza e dar nas tranqueiras dos jmigos, deixando Antonio Corrêa, feitor que foi de Baçaim, pera goardar com muytos soldados, algũs sãos e outros mal despostos que pera pee quedo poderião bem pelejar.

E porque mujtas veses, por mujtas partes deste sumario, faço mensão das pedradas que os jmigos tyravão ou senão outro genero de guerra, não pareça a alguẽ, que pelo nome seja menos perigoso que os outros, os quoaes não são de funda, senão de braço que amollão os cosoletes pelos espigões e os capacetes fazẽ amolar na cabeça e arrebentar pelos lugares majs for-

tes e fazẽ feridas ate ho casco, mas se dão em parte desarmada, aleijão e quebrantão e fazem triste guerra, por que como custa pouco, não descansão nem falecem. São estes mouros tão braceiros que se asy tivessem ho estamago, todas as vitorias serjam suas, se nós não fosemos cristãos.

CAPITULO XXI.

Da memoratissima batalha que ho governador D. Joham de Crasto deu aos capitães d'El-Rey de Cambaya e de como os matou e venceo e desbaratou e de como lhe tomou sua cidade e bandeira real e artelharia.

Queria amanhecer aos x (dez) dias do mez de nonovembro, vespera do glorioso S. Martinho, quoando D. Johã de Crasto, depois de ter ouvido missa com todolos capitães e soldados, mandou lançar tres foguetes na couraça grande, que era sinal que hos navyos de remo acometesem, por honde lhes elle mandara, o qual elles fizeram mujto bem e elle começou de jr pela porta da fortaleza.

Levava ha dianteira ho capitão dela D. Joham Mascarenhas, o qual pera remate de todalas suas glorias, quis ajnda ganhar esta, honde não estava pouco certo perder a vida por ela, cõ hos soldados que cõ ele se acharom no cerquo, os quaes erão jaa mujto poucos e cõ ele yam algũs outros capitães cõ sua gente que serjam per todos iij[c] (tresentos) homẽs, levando os das

espingardas espalhados diante e os dos fajns num escoadrom çarado, levando mujtas escadas pera sobirem ás paredes dos jmigos e tanto que vinhão as fustas que vinhão demandar ho baluarte de Dyogo Lopez com tantos murrões e piques vendo la yr o foroce e ha bandeira real, por que en amanhecendo tudo lustrava, cujdarão que aly vinha ho governador e correram mujtos deles áquela parte e os outros quoando se virão cometidos, pela porta poserom fogo ha sua artelharia que tinhão asestada na ponte, ha quoal dando fogo, matou algũs homens, que levavão as escadas e os soldados começarão de requuar e largarãnas e foy ho embaraço de maneira que se ya fazendo desarranjo, porque hos que recuavão e os que sayão da fortaleza empinavão se na ponte e não podião jr por diante nem por detras.

Vendo isto ho governador e Lourenço Pirez de Tavora, que cõ ele ya por lho ele rogar, arranquarão das espadas e o governador ferio algũs soldados, bradando rijo e dandose a conhecer.

Tudo jsto não aproveitava pera mais que pera lhes darẽ lugar, por honde pasasẽ, com algũs que ho seguirão, mas ho capitão que hya diante, com sua gente acometeo as paredes, com jmpeto muy esforçado, que não tiverão necessidade descadas, se não pelas paredes arriba começarão de sobir, com todas suas forças, recebendo tantas espingardadas e frechadas que punhã espanto ao proprio visto são portugueses *(sic)*.

Do qual recontro morrerão dos nosssos mais de R.ta (quarenta) soldados; começou-se hũa espantosa e crua batalha, por que hos jmigos, com grandes gritas, firmes

ha pee quedo pelejavão muj esforçadamente, dando hos mais façanhosos golpes, que se nunca viram, porque ha Cosme de Paiva cortarão hũa perna pela coixa, de hũ golpe, que saltou afastado dele grande pedaço e elle morreo logo e derão outro golpe a Vasco Fernandez, que era tanadar de Bardez, estando baixo matando hũ mouro, que lhe cortaram hũa saya de malha e todo ho corpo pela trazeira, que ho abrirão hate ho meyo e a outro homem cortarão meya cabeça fóra e outros deste teor e elles receberão tãobem grandes golpes, porque se achou mouro, com hũa perna e coixa e outra cortada de hũ golpe e outros abertos ate ho meyo dos peitos e outros d'esta maneira.

Has espingardadas erão tantas que cada hũ estimava bem pouco ha sua vida; has frechadas erão tão espessas, que tolhião ha claridade ao dia e ho arrojdo das armas era tam espantoso, mjsturado com hũ poo mujto alto e peçonhento, que fazia ha batalha majs crua, mas como fose ferida do capitão, que lhe tinha bõs desejos e dos soldados magoados de fómes e de trabalhos, que tinhão perdido ho medo ha desaventuras, apertarõ cõ hos mouros tão rijo, que os fizerom jr virando has costas pelo meyo do campo e elles hapós elles e de quoando em coando *(sic)* viravão.

Neste comenos sobio o governador por hũ baluarte dos mouros e logo após ele Lourenço Pirez de Tavora e Frey Antonio do Casal, custodio de S. Francisco, revestido nũa alva e sua estolla, cõ hũ crucifixo nas mãos, pera esforço dos soldados e após ele sayo ho alferez da bandeira real, que era Duarte Barbudo, criado dElRey Nosso Senhor e alcaide que foy na cidade de Lixboa,

o qual duas vezes foy derribado da parede pera tras e todavia meteo ha bandeira antre hos mouros e apos elle entrarõ algũs soldados.

Ho governador, tanto que foy antre os jmigos, começou ha correr has paredes, ao longo por dentro, demãdando has estancias que estavão nos nosos muros, cheas de jnimigos, honde ouve grande recontro e ha batalha durando e esteve desta parte en grande peço, pelas muytas espingardadas e frechadas dos mouros, que tjravão dantre os caneiros, porque pellejavão muj bravamente, de feiçam que hos nossos recuarõ algũ tanto, mas tornando outra vez ha furia, posto que de todas as partes fosẽ muy feridos e afrontados, com jmpeto portugues e denodado, apertaram com hos ymigos tão asperamente, que ha virtude antiga e ha milagrosa cavalarya, não poderam sofrer, mas começarão de virar as costas muj, *(sic)* tornando has vezes.

Neste comenos derão ao governador duas frechadas na adarga e andava cõ ellas muj gentil homem e ha Lourenço Pirez de Tavora derão cinco noutra adarga. Jaa a este tempo era entrada das paredes pera dentro muyta gente e a batalha se foy fazendo muy ferida, porque morrião muytos jmigos, hos quoaes derão hũa pedrada no crucifixo que ho padre levava, que lhe quebrarão hũ braço e ho braço da cruz, o que foy todo apanhado e recolhido e pareceo cousa de milagre porque logo os jmigos acabarõ de perder ho campo de todo e os regatos do barbaro sangue começarão de fazer enseada por antre os penedos e as asteas das lanças e os gumes das nossas espadas portuguesas começarão de entrar hos braços de seos senhores, com

tamanha furya, que hos jmigos acabarõ de fogir muj rijamente, seguindo o governador ho acance da gloriosa victoria, cõ grandissima crueza, atravessando ho campo ate ho maar, correndo ha gente as estancias e muros de S. Tiago, fazendo grande estrago e matanças, tanto que todas suas paredes ficarão cerquadas de mortos; neste comenos ya ho capitão pelo meyo do campo, seguindo ha victoria, fazendo milagroso vencimento e com ho governador se ajuntou mujta gente que estava sobre ho maar e da parte do baluarte de Dyogo Lopez vieram hos mouros que ho laa estavã esperando e quoando virão que hos seos erão desbaratados, lançarõ ha fogir; como elles erão tantos que não podião correr hũs cõ os outros, morrião cõ menos trabalho dos vitoriosos.

Ho governador e ho capitão da fortaleza seguião ho alcance, cada hũ por sua parte, matando hos soldados a todos quoantos achavã, velhos e velhas e meninos, até as molheres prenhes lhe tiravão os filhos do ventre e lhe cortavão as cabeças em cima das mãjs; nem derão vida ha gatos e a cãjs, nem a bois, nem a cavalos, nem a ninhũa cousa viva, daquele primeiro jmpeto.

E com esta furia forão correndo, fazendo espantoso estrago, até que lançarõ os jmigos pelas portas da sua cidade fóra, leixando as cavas cheas delles; matando-os dentro nelas, com grandes pedras e com mujtas espingardadas e correndo mais por diante, perto da jlha, semearão hos campos de corpos mortos e has ribeiras do rio, honde se envazavam mujtos até ho pescoço e foy tamanha ha furia, que haté que não correram ha mayor parte da jlha e reverdeserão has ervas com sangue guzarate e fartarão ha propria terra delles, não descan-

sarõ; neste alcance e vitoria, alem de mujtas cruezas, foram mortas muitas molheres formosas, por que mandara o governador que sob pena de morte, que a ninguem cativassem.

Ouve grandes roubos e presas e toda ha cidade foy metida ha saco, a qual estava com todas suas praças cheas de carne fresca e as molheres fazendo de comer, estavam tão cheas de toda a ortaliça, como de pessoas que tinhão ha batalha em bem pouca cõta.

Ho governador despois que vjo a mercê que lhe Nosso Senhor fizera cavalgou nũa faqua que hahi se achou e foy recolher ha gente ao campo, hos quoaes ho vinhão abraçar pelas pernas e elle hos recebia cõ tamanho prazer e gassalhado, que parecia metelos na alma e logo mandou recado ho capitão ao governador, como ha vitoria estava segura e elle lhe mandou algũs capitães, pera acabar de matar quoantos mouros achasẽ escondidos na cidade e outros mandou pela jlha, pera recolher a gente que andava desmandada, seguindo ha vitoria crudelissimamente.

Morreryão nesta batalha dos jmigos mays de quatro mil almas e dos portugueses morrerjão l.ta e b (cincoenta e cinco), com os feridos que despois morrerõ, antre os quoaes morreo Jorge de Sousa e D. João Manoel e Francisco dAzevedo e Bautista Pereira e Cosme de Payva e Baltesar Jorge de Valdes e Duarte Roiz Mosinho e Vasco Fernandez, tanadar de Bardez e Ayres Gomes de Quoadros e o contador Julião Fernandez e outros cavaleiros mujto honrrados. Nesta batalha ganhou o governador aos jmigos xxxbj (trinta e seis) peças dartelharia de metal, hũ basalisco e camelos e espe-

ras e meas esperas e cãys, afora a que fora nossa, que se lhe tornou ha ganhar; trouxerão ao governador preso ho Jusarcam abexim, jrmão do outro Jusarcão que morreo dia de S. Tiago, grande senhor, a quem foram dadas as terras do jrmão e ho titolo de Jusarcão, que he como marquez em Portugal. A este fez o governador mujta honra e está preso sẽ ferros na fortaleza, com cavalleiros muj honrados que ho goardam.

Ganhou tãobem ho governador nesta batalha ha bandeira real dos jmigos, a qual tem em seu poder; ho Rumecão, seu capitão-moor do campo e filho de Coju-Sofar foy morto tãobem nesta batalha, de pedradas dentro nũa cava da sua propria cidade, vestido em panos de vil pessoa, por ver se asy poderia escapar e foy conhecido antre hos mortos. E hos jmigos tanto que foram passados ha terra firme se foram pera diversas partes e ho Mojatequão se foy direito pera suas terras sem curar de ver ElRey. Outros estão tres legoas desta fortaleza, esperando seu recado, o qual tãobem perdeo nesta batalha ho Acerdecão, capitão que ho dia dantes viera com cinco mil homens de Canijs e ho Fidadecão, capitão da gente estrangeira e perdeo toda ha honrra da sua côrte e riqueza de seu estado, per todo ho tempo da guerra, porque hate dous capitães que escaparam; ho Acidecão abexim levou duas espingardadas e está em risco de morrer.

Affirmarão algũns cativos que depois da furia se tornarõ, que forã pergũtados separadamente. pelo qual se crê por verdade, que emcoanto a batalha durou virão a moor parte dos jmigos, antre as ameas do eirado da jgreja, uma molher com ho rosto mais alvo que

ha neve e tão alaryfe e luminoso, que não podia njnguem olhar dereito pera ela, que devja de ser a Sacratissima sempre Virgẽ Maria Madre de Deus, sem cuja ajuda se não podia vencer tamanha batalha, nẽ defender tão espedaçada fortalesa e afirmarão majs que virão tantos portugueses, que pera cada mouro avia dez. Nosso Senhor seja louvado, pera sempre sem fim.

CAPITULO XXII.

Do estado da fortaleza de Dio e de como ho governador começou outra vez a fazer ha fortaleza.

Morrerão neste cerquo, per todo ho fim dabril até dez de novembro, majs de qujnhentos e cincoenta portugueses, a ferro ha moor parte d'elles e algũs de doença, grandes partes d'eles fidalgos e capitães excelentes, cavaleiros especiaes e todos os outros muj escolhidos, soldados sem njnhũ medo e ficou desta vez ha fortaleza mujto piadosa e maltratada, por que era toda fechada pelos cumes e paredes das casas e muros; nela não avja njnhũ telhado, nem caal nas paredes, porque tudo lhe cayo com ho estrondo da artelharia e as jgrejas martires com todas as cassas nobres e populares erão furadas por mujtas partes, das bombardadas dos jmigos e por outra parte ela, como doce pelicano deu do seu sangue a seos filhos, porque pera repayro dos seus muros e defensão dos seos defensores, deu a moor parte das suas casas de maneira que estava mostrando suas fortunas, com as

ruas e lugares nobres feitas solytarias praças, honde não ha senão poucas casas e muj poucos gasalhados, porque querendo escrever hos conformes desconcertos e desarrezoadas gritas e laberinthos que hos jmigos tinhão feitos, não pode ser crido, nem os olhos podem trazer ha jmaginação como aquilo podese ser fabricado.

Abasta que nunca em algum tempo se vio cerquo da maneira deste, nem homẽs virão outros fabricadores do proprio Inferno, nẽ ouve no mundo cousa pera os olhos folgarem tanto de ver, como esta, porque se ouvese sete cousas milagrosas no mundo, com esta podião ser oito.

Ho governador depois de tudo acabado mandou derribar a ponte, que estava feita no passo secco do cabo da ylha e a outra ponte que vay pera a villa dos Rumes, por duas partes e passarõ catures por elas e todas suas mesquitas e alcorões lhe mandou derribar todolos muros em circuito da ylha e as casas dElRey e da Rainha que era sua fortaleza e dia da gloriosa Santa Catherina mandou dizer hũa missa fóra da fortaleza, por honde ha avião de fazer novamente que he muyto pouco espaço alem da cava e acabada ha missa tomou ele hũa pedra que foy ha primeira que se assentou e ho capitão outra e Frey Paulo outra e outros padres cada hũ sua e despois hos capitães e fidalgos e todos hos soldados e começou-se de fazer ha fortalesa dElRey Nosso Senhor, a qual prazera haquelle mui piadoso senhor, en cuja mão são todos os poderes e vitorias e mediante a qual ha defendeo ho capitam D. Johã Mascarenhas e acabou de ganhar e poer en liberdade

o governador D. Joham de Crasto, que ella ha faça mui prospera e senhora destes reynos de Cambaya e lhe dê perpetua paaz e soseguo, pera seu santo serviço.

Quoando me determjney a fazer este sumario, que eu quisera que fôra caronica, pera mandar ao reyno, pela obrigação que tenho ha patria e natureza portugues ẽ lhe dar tão boas novas, ficou-me pera ysto tão pouco tempo, que dey mais trabalho ao escritor, do que era possivel e asy porque não tinha outro registo, senão ho da memorja, que he labil e fraca, como porque me convinha dentro em xb (quinze) dias fazer ho proprio e dous trelados pera jrem pera ho reyno, asy que esta fatigaçã espiritual, que foy muy grande, me cansou tanto, que deixei por esquecimento, descrever mujtas cousas e particolares, que ho governador D. Joham de Crasto fez, de que não tão soomente confesso ignorancia, mas mereço por ysso castigo, como foy a singular maneira que teve de dar a entender aos mouros, que hos queria acometer pelo baluarte do maar e yr correndo ha ylha de longo com ha fustalha e ele posto em pee, en cima do toldo da sua fusta, vendo todolos logares que pareciāo bõs, ao longo da costa, honde os jmigos tirarã muytas bombardadas, sem por iso deixar de ver ho que queria fazer crer, nem se decer de como ya, mas logo aquella noyte amanhecerão has caravellas que hatraz digo, a dar batarya ao baluarte de Dyogo Lopez e tãobem quoando quis dar esta batalha, antes dous dias mandou arrancar has portas da fortaleza das coucieyras e tiralas fora, porque era ho milagre do negocio tam medonho, que quis mostrar aos soldados que não tinhão mjlhor gasalhado, que ho da cidade dos mou-

ros, pera que ho ganhasẽ e não tornassem por detraz, as que estavão feitas dos mouros; e tãobem de como fez mercê aos mestiços que bem pellejarão, de os mandar assentar en soldo, que hos outros governadores nunca quiserõ fazer e ele ho fez, porque hos outros todos se esforçasẽ e desejasẽ a milicia, pera serem vitoriosos nella, e porque não ha ninhũ homẽ, que não deseje de ser honrrado, se vir que lhe aproveita; e tãobẽ mandou jr aos aleixados que ficarã do cerquo e da batalha, ha Baçaim que pois não podiam servjr a El-Rey Nosso Senhor e em seu serviço se aleixarom, lhes querja fazer mercê e repartir as terras e aldeas de Baçaim por eles e ao outro dar viagens, pera terem que comer e disto mandou poor escritos pelas portas das jgrejas e fortaleza, em contrayro dos outros governadores, que tiravão hos soldos e mantimentos que era negocio mui feo e miseravel e parecia obra de jmigos, que hos proprios mouros avjão por crueza.

E ha mujtos soldados que ficaram sãos fez mercê e repartio por elles algũs officios e a outros deu viagens e outras cousas, que ho tempo offereceo e elle pode e porque ho governador he tão pobre e ho tomou este negocio, em tempo tão desfalecido de dinheiro, que não tinha ninhũ com que lhes pagar, nem com que fazer ha fortaleza, pelo qual mandou ha Goa ha Dyogo Roiz d'Azevedo, criado dEl-Rey Nosso Senhor ha pedir ha Camara $\overline{\text{xx}}$ (vinte mil) pardaós pera pagar á gente emprestados, porque não tinha baixellas d'ouro, nem joyas preciosas que hos outros governadores sempre tiverão pera empenhar, senão hos vasos e baixelas de Fabricio, sobre que se não empresta dinheiro e man-

dou hũa pouca cantidade das suas barbas, que estivesẽ por penhor na camara, até serem os cassados entregues do seu dinheiro, por certas rendas da cidade, que pera jso lhes limitou e mandou has barbas, has quoaes eu vy na mão de Diogo Roiz d'Azevedo, que mas amostrou, atadas nũ lenço verdadejramente, nem tão trabalhosa aventura da guerra, en que de novo se ganhou a India e foy outro camilo pera quem tal vitoria e tam milagrosa estava goardada se não pera elle, en que Nosso Senhor quis mostrar que taes avjão de ser todolos governadores, mujto pobres por sua vontade, podendo ser mujto rjcos e mujtos riquos de castidade, podendo ser mujto pobres della, muj amigo e zeloso da justiça e observancia della e do serviço d'ElRey Nosso Senhor e do bem comũ, tanto que tem ho principado nisso, de todos os seos antecessores e de todas estas cousas e doutras muyto milhores em que ho trabalho fazia ho espirito descuidado; determjno, prasendo ha Nosso Senhor, emendar-me e tirar de culpa, na caronica que determjno fazer deste cerquo, em que ey de ser muito particular, porque este he hũ muj breve sumaryo, acerqua das grandes cousas, que nesta fortaleza aconteceram, que tẽ necessidade de copiosa escritura e menos ho capitão de espirito.

Trelado da carta que El-Rey de Cambaya mandou ao Çamorím, Rey de Calecuu

Muyto nobre e conselheiro São Samõ, Rey de Calecuu.

Deus vos acrecente pela vontade que vos tenho.

Sabereis que no tempo passado, que ha geração portuguez são mal quisto en todas as partes, porque matão e roubão e defendem os camjnhos aos que vão á cassa da Meca fazer oração, sempre são cõ hos mouros em lhe tomar suas fazendas e os destrujr e matar e cada vez vão sendo mays fortes e por amor de minha ley, como Rey que tem muita força, quis que vós e eu façamos ysto, en botar esta maa geração fóra; eu como Rey poderoso comecei mandar ho meu gram conselheiro e poderoso capitão Codabadecão e outro poderoso meu conselheiro Mojatecão e outro poderoso capitão ho Rumecão e outro capitão poderoso Jusarcão; mandey estes capitães, cõ muyto poder pera fazer todo ho mal que podessẽ ha esta maa gente e com muytos rumes, com muytas espingardas e mujtos parseos poderosos e muytos mogores poderosos e mujtos janesyros poderosos e muyta gente abjxim e parseos sẽ conto; esta gente vay com muytos apparelhos de guerra de toda ha sorte e muita artelharia, onde entrão bazaliscos e outra artelharia grossa de sortes e levão muyto thisouro que são coatro corul e cada corul tem cem mil tangas; este thisouro levão pera gasto da guerra e os senhores d'aquem estão jaa da minha banda e do

meu conselho e logo começará haa guerra em Chaul e en Goa e vosa nobre pesoa que foy sempre e destes que fazer aos christãos e as amizades e escrituras que tivestes com o Soldam Badur, esas aveys de ter comigo e asy ão de ser confirmadas, sẽ ninhũa duvida e, porque vos tenho por verdadejro amigo, vos mandey commeter, sem ninhũa intercessão; eu como Rey poderoso jaa mandey fazer isto e vós como verdadeiro e meu amigo, que façaes ha guerra aos portugueses e ha guerra que fizestes cõ hũa força, façaes agora com duas e com boa vontade, porque en todas as partes lhe demos trabalho e alevantemos ha guerra e espero que por tempo os Reis de todas as partes lhe dem guerra e faremos por os botar fóra e jsto ponho logo en obra. Feita a quoatro dias delua dabril da era de Mafamede de novecentos e xxxbj (trinta e seis).

Estes são os homens fidalgos conhecidos que são mortos no cerquo de Dio e que de doenças depois morrerão e do gram trabalho que tiverõ no cerqo.

D. Francisco de Meneses
D. Duarte de Meneses, filho do Conde da Feira, de doença
D. Fernando de Crasto, filho do Governador
D. João Manoel, filho de D. Bernardo
D. Manuel da Sylveira, de doença
D. Francisco d'Almeida, filho de D. Lopo
D. João d'Almeida, seu irmão
D. Francisco Lobo
Dyogo de Reinoso
Ruy de Sousa Pinheiro
Johã Falcam
Alvaro Ferreira, filho dAntonio Ferreira
Seu irmão Nuno Ferreira, de doença
Francisco dazevedo
Mathias de Sousa, de doença
Jorge de Sousa, filho dAnrrique de Sousa
Manoel de Faria, filho de João de Faria
Lopo Gonçalvez de Lião
Johã Brandão, filho de Fernão Brandão
Johã de Sousa
Anrrique da Sylva
Baltesar da Sylva, de doença
Antonio de Saa, filho de Francisco de Saa, de doença
Antonio Pesanha, de doença

Luis de Mello, de doença
Gil Coutinho
Nuno Pereira, casado en Goa
Lopo de Sousa de Lima
Johão Roiz de Sousa, seu jrmão
Duarte dazevedo
Belchior Moniz Coutinho, de doença
Luis de Melo
Luis de Noronha, jrmão do capitão da praya, de doença
e outros muytos cavalleiros que no cerquo matarão, que aqui não ponho
Vasco da Cunha
Cosme de Payva
D. Duarte de Lima

Estes são hos homẽs fidalgos que tãobem são falecidos de doença, fóra do cerqo, em Baçaim.

Antonio de Lemos
Antonio de Souto Mayor
Luis de Sousa, no Estreito
D. Vasco dAbrantes
Pero de Faria
Fernão de Crasto, no Estreito
Affonso Anrriquez de Sepulveda
Braz d'Araujo, veador da Fazenda
Miguel Vaaz, vigario geral da India
Seu companheiro, Frei Vicente
Lucas dAbreu
Jorge da Sylva

Antonio de Souto Mayor
Lourenço de Faria
Jorge dAlmeida
Jorge de Barcellos
Johã Roiz de Caldas
Pero Francisco
Christovão Çalema
Gaspar Pacheco
Manoel do Valle
Gaspar Nogeira
Dyogo Mendes Dourado
Simão Roiz Luxuria
Antonio Roiz, seu irmão
Pero Roiz
Domingos Rangel
Antonio de Madureyra
Antonio Pereira
Luis Alvarez
Ayres Ferreira
Manoel Ferreira
Alvaro Mendez
André Vilelva
Dyogo da Gama
Um padre spatra de Dio
Marcos de S. Migel
Antonio Boto
Tristão de Saa
Thomas do Cabedal
Martim Botelho
Francisco Pirez
Paulo Coelho

Johã Cardoso
Manuel Diaz
Johã Cardoso
Antonio Corrêa
Garcia Fernandez /
Francisco Homem
Pero Lopes, casado
Mestre Jorge
Ambrosyo Diaz
Ruy Vaaz Guedez
Bras Luis
Jorge Fernandez, mulato
Manuel Fernandez
Gil Corrêa
Jorge Fernandez
Vasco de Grada
Nuno Velho
Mestre Johã
Dyogo Ferrão
Francisco da Costa
Domingos Lopez
Antonio Coelho
André Coelho
Bertolomeu Diaz
Francisco dAmorjm
Fernão Roiz
Lourenço da Sylva
Gonçalo Fernandez
João de Venesianos
Dyogo Borges
Francisco dAguiar

Francisco Roiz
Diogo Vajuto
O m.[no] da fortaleza
Pero do Canto
Ho mestre dos punhos
Dyogo Diaz
Simão Lourenço
Pero Fernandez
Afonso Gomez
Francisco Fernandez
Ruy Fernandez
Ysidoro Cardoso
Francisco Guilhem
Antonio Freire
Gaspar de Mello
Johã de Souro
Duarte de Lemos
Dyogo Roiz
Baltesar Vieira
Domingos da Lagea
Bertolameu Alvrez
Vasco Fernandez
Baltesar Jorge
Duarte Roiz Mousynho
Ayres de Coadros
Fernão Guisados
Fernão Carvalho
Jorge Fernandez
Manoel da Costa
Johan Fernandez
Pero da Veiga

Denis Pirez
Francisco Borges
Lopo desa
Dyogo Ribejro
Francisco Fernandez
Francisco dafonsequa
Dyogo de Novaes
João Peçanha
Ambrosjo Diaz
Alvoro Vieira
Antonio Fernandez
Bautista Pereira
Jorge d'Aveiro
Salvador Fernandez
Valentim Rabello
Francisco Homem
Gaspar Coelho
Jeronimo de Lemos
Vicente de Sousa
Johão Galvão

APENDICE DOCUMENTAL

CARTAS ORIGINAIS A RESPEITO DO CÊRCO DE DIO

APENDICE DOCUMENTAL

CARTAS ORIGINAIS A RESPEITO DO CÊRCO DE DIO

CARTAS DE D. JOAO DE CASTRO

I

Dom Allv.º filho:

Tamto que embora cheguardes a Chaul escrevermes quoamtos navios forão comvosquo e quoamta gemte levão e asy a viaje que tivestes, os capitaẽs e fidallguos que vaõ cõvosquo. Vos roguo mujto que agasalhes sempre m.to bem, prymcypalmente Nuno Pereyra q̃ leyxa sua casa, molher e filhos por jr comvosquo e que tudo o que ouverdes de fazer lhe day parte e tomay sempre seu comselho, porque he muyto bom homem e muy sesudo e muyto cavaleyro e muyto voso amyguo e meu e ha vos dacomselhar desemguanadamente ao q̃ cumpre a vossa homrra.

Dom João de Tayde temde gramde cuydado delle e tratayho como companheyro e paremte e filho de huũ dos majs prymçypaes homẽs de Portugual, de maneyra que pareça a todos q̃ soes jrmaõs, os capitaẽs das fortalezas por omde fordes sejaõ de vos muy homrrados e acatados e não comsymtaes que a gemte da vosa ar-

mada faça desaguysado nem asuada em suas fortalezas e se o fizer castigay os muy bem, tamto que vos noso sôr puser em Dio me manday loguo requado de vosa cheguada fazemdo me a saber ho estado em que estaa a fortaleza e os navios com que cheguastes, se la estiver dõ Fr.co de Meneses como eu cuydo day vos muyto a sua amyzade e nos comselhos q̃ se tomarem dezey sempre a dom João Mascarenhas q̃ mande chamar Nuno Pereira. Eu escrevo a dom Fernando q̃ depoys do cerquo alevamtado se vaa cõvosquo darmada, temde cuydado de lhe aver lla huũa boa fusta remeyra.

Bastião Coelho agasalhay muyto e homrray de maneyra q̃ symta de vos muyta amjzade. Todallas vezes que me della escreverdes escreve ao byspo, veador da fazemda, sacretayro, Ruy Glz. Domynguo pela manhã, prazendo a Noso Sõr, semdo o tempo pera jso vos fares a vela e açerqua da navegação fares tudo cõ comselho de Duarte Pereyra que he homem tão sofycyemte como sabês. A bemçã de Deus e a mynha vos emvyo de Goa a xxiiij de julho de 546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 182.)

II

Dom Allv.º filho:

O Itenararyo de Vosa viaje vy e não follguey menos de saber que punheys em memorya vosos trabalhos, e da boa viaje que tivestes. Deus vos fez gramde merçe em vos dar tal naveguação quoal numqua deu a nymguẽ nestas partes e foy de maneyra que fyquara em memorya da gemte. E pojs asy he per vosa parte he

neçesaryo que não desmereçaes outras muytas que vos pode dar, o que poderes allcamçar cõ hũa soo cousa e he, com lhe dardes graças de tamanha merçe e benefiçyo.

Follguey muyto de me mandardes dizer bem de todollos homẽs que vão comvosquo e sempre ho fazey asy posto que allguũs o não mereção porque emfim majs val fazer bem a roỹs que pedir a boõs. Estou muy deseyoso de saber o que majs pasastes na jornada e como emtrastes em Dio; emcomendovos muyto q̃ precures de ganhar benyvulemçya dos homẽs e vos mostrardes pouquo reguroso no mando cõtamto que vos não leyxes acallcanhar de nymguem. Os capitaẽs das fortalezas por omde amdardes sejam de vos muy acatados e comversados cõ muyta cortesya e bom emsyno de maneyra que emquoanto for em vos vos fiquem muy amyguos.

A provysão que me mamdastes pedir vos mamdo aquy.

Quoalquer cousa que acomtecer ou q̃ ouverdes de fazer nesa armada vos acomselhay com Nuno Pereyra, Balltesar da Sillva, Manoel de Sousa, por que são homẽs de muyta espiryemçya nestas partes. Dom João de Tayde tratay como jrmão per sua pesoa e ser filho de huũ homem taõ prymçypal. O dinh.ro que ouverdes myster me manday pedir porque ajnda que ho eu não tenha mjlhor sera buscallo eu que emvergonhardes vos vós.

A benção de Deus e a mynha vos emvio de Guoa a xbij daguosto de 1546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 189.)

III

Dom Allv.º filho:

Ha vymte e seys dias que naõ sey novas de vos nem de Dio de que estou muyto espamtado nem tenho juizo pera saber determynar o que jsto he, mamdovos la Framcysquo Fernamdez a que chamaõ Morycale pera amdar comvosquo, fazeylhe muyto guasalhado e aproveytayvos delle por que he valemte homem e gramde homem do mar e sabe toda esa emseada de cor, e por aver todas estas cousas nelle vollo quys mamdar, por tanto fazeylhe toda boa companhya e guasalhado que for posyvel e comprymdovos jr ha allguũ luguar de peryguo e de sostãçya podelo meter demtro na vosa fusta pera volla mamdar, porque he homem que tera a barba tesa a todo comtraste.

De Cochym e Cananor já me são vimdas muytas fustas porem espero por majs, partjrey desta çydade ate quynze de setembro com ajuda de Noso Sñor e espero de ser la muy prestes. A benção de Deus e a mynha vos emvyo de Guoa ao derradeyro daguosto de 1546.

E he o proprio omẽ pera capitam da vossa fusta. —*Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 190.)

IV

Dom Allv.º filho:

La vay Vasquo da Cunha que he gramde voso amyguo por amor de mỹ que se tiverdes casa ho aguasalhes

comvosquo e faze dormyr na casa omde vos dormyrdes. Per Duarte Pereyra vos mando allguũas cousas de comer roguovos muyto que as comays e vos trates muyto bem pera que vos eu ache muyto bem desposto quoamdo eu for. Cada vez que Symaõ Allvarez vos pedir huũ catur esquypado pera fazer as droguas que haõ dir pera ho reyno lho mamday dar porque he muyto necesaryo. Huũa mea duzya de marmellos vos mamdo que ouve qua, partyres com o sõr dom Joaõ Mascarenhas, mas o mor quynhaõ sera o voso. Dom Joaõ de Tayde vos emcomemdo muyto. A bẽçã de Deus e a mynha vos emvyo de Guoa a bij de setembro de 1546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 191.)

V

Dom Allv.º filho:

Tamto que Payo Roiz daraujo ouvyo dizer que os vossos capitaẽs estavaõ em Baçaym cevamdo gayollas de perdizes, pos logo huũa capa aberta verde e huũa gorra vermelha e determynou de vos jr busquar, portamto fazelhe lla gramde festa e gasalhado porque naõ lhe podes fazer tamto que ele majs naõ mereça. Os homẽs de Guoa dizem que eu naõ eyde partyr senaõ depoys q̃ vyer a gemte de choramandel e a do reyno e os casados de Cochym porque dizem q̃ cumpre asy ao estado do governador e eu porem tenho ja a mynha fusta diamte do allmazem e depojs que me embebedo diguo q̃ eyde partyr amtes de oyto dias. Aguora estaõ pagamdo a gemte e em acabamdo o pagamento som

posto no mar. A bemção de Deus e a mynha vos emvyo de Guoa a x de set.º de 1546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 192.)

VI

Dom Allv.º filho:

Amador Lopez vos mamda as cartas que vos mamdarão do reyno. Huũa arqua que vos vem cõ vestidos naõ vem nesta nao como vyerem vollos mamdarey senaõ for jdo. Aquy vos mando huũa carta de novas que me escreveo Lucas.

Estes capitaẽs que la vão das caravelas saõ homẽs muyto homrrados, fazeylhes muyto guasalhado. Eu partyrey desta çydade a vymte deste mez de setembro com perto de myl e quynhentos homẽs cõ os quoaes e os que la estaõ espero em Noso Sõr de fazer huũ boõ feyto. Dom Ant.º voso prymo vem nesta armada na nao de Lourenço Pirez.

A bemçaõ de Deus e a mynha vos emvyo de Guoa a xbj de set.º de 1546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 193.)

VII

Filho Dom Alvaro:

Em gramde estremo me pesou de vosa doemça e em gramde estremo folgey de saber questaveis ja bem. Lembrovos que adoecestes em vista do trabalho e que as graças da jornada foram alheas e tambem vos lembro q̃ temdes ganhado tamta omrra de vosa pesoa q̃

se naõ fala nos catures senã de vosa cavalaria e depois de vosa vertude. Rogovos mujto que naõ des ocasiam de se perderem tamanhos primçipios como sam os vosos e vos queirais tratar bem e nã trabalhardes tamto q̃ cayaes em emfermidades e se todas estas cousas nã abastarem lembrovos q̃ nã tenho outro filho senã a vos e que comtudo isto eu vos ponho nos perigos neçeçarios mas queriavos guardar dos desneçeçarios porque a vosa vida leva a rastro a minha e a de vosa mai, polo que vos roguo q̃ trabalhes sobejamente por cobrar saude e forças e nã sayaes de casa até minha cheguada a Dio porque se vos vir sam e salvo nã terei em nada todolos trabalhos do mumdo.

Eu estou de caminho e levo onze ou doze naos e galeoẽs e setenta fustas e muita gemte, com ajuda de Deus tudo se acabara bem. A bemçaõ de Deus e a minha vos emvio de Baçaim ha 13 doutubro. — *Dom Joham de Castro.* (Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 195.

VIII

Dom Allv.º filho:

Receby vosas cartas polo Pereyrynha e follguey muyto com tudo o que me nelas dezeis e muyto majs com gastardes muyto e agasalhardes toda esa gemte prove e doje por diamte gastay ajmda majs larguo e agasalhay majs espycyalmente os proves e homẽs que não tem a colheyta. Joam Teyx.ra feytor de Baçaym he ja paguo de tudo o que vos tynha mamdado e asy o sera amtes que eu parta Amtonyo Ribeyro.

Eu cheguey a Baçaym a x deste mes doutubro com

cymquoenta fustas e catures e vem de Guoa muytos galeoẽs carreguados de gemte e aquy tomo outros prazemdo a Deus demtro neste mes doutubro serey la com sesenta fustas e oyto galeoẽs e acabarse ha esa demamda. Levo muyta gemte e muyto boa e toda muy desejosa de cheguar. Dom Joaõ vos dara comta de huũ neguoçeo, oulhay q̃ se faça lá cõ gramde requado e temto. Pareceme muyto bem mamdardes degollar quoamtos guzarates e mouros se tomaõ e eu outro tamto faço qua. Se a gemte for sobeja nesa fortaleza bem me parecya andarem mea duzia de catures tomando todas esas naos e cotyas q̃ naveguaõ e porem avemdose myster a gemte na fortaleza mylhor he defemder nosa capa que querer tomar alhea se njsto fyzerdes allguũa cousa seja cõ parecer do capitaõ e de Vasquo da Cunha e se allguem ouuer dir a estas presas aproveytay vos la de Morycale que he muyto homẽ pera yso e naõ daraõ a guzarate nem a mouro a vyda e mamdarmes loguo a gramde presa huũ catúr sem embarguo que me parece q̃ ja me naõ tomara ẽ Baçaym senaõ no camynho avysamdome de toda a gemte que estaa nesa fortaleza e asy novas das caravellas e de todo o majs e estou pera me emforquar desas caravellas la naõ serẽ e m... pera ellas e pera os que vaõ demtro e pera Guomez Vydal porque saõ homẽs de m... q̃ naõ sabem navegar senaõ pera tomarem portos e rios e comerem paõ fresquo e rabaõs e seladas e amdarem as p... e dezeyho asy ao capitaõ e a Vasquo da Cunha e a frey Paullo, porque já naõ eyde fallar se naõ desta maneira e m... pera mestre Dioguo e pera quoamtos apostollos vẽ de Purtugal porque syrvo muyto

bem elrey noso sõr e eles saõ grandes jpocritas que querem aver bispados pera darem remda a seus fjlhos e terem mãcebas gordas e naõ quero dizer q̃ m... pera Manoell de Sousa, ho das jlhas porque ho naõ tenho ajmda por marqua diso porem tenho o seu catur varado e como vyer o patraõ mor hoeyde mamdar queymar e a cymza delle botalla no mar omde numqua majs pareça.

Dou vos novas de Guomez Vydall q̃ em Chaull tyrou toda a artelharya até o tyro da coxya e aquy em Baçaym omde eu estava tyrou sos dous berços e dou vos novas q̃ partymdo hũ dia de Cyfardaõ omde fiz aguoada ho outro dia vẽdo Chaul me vyeraõ os capitaẽs caramunhar q̃ naõ tinhaõ aguoa e q̃ pereçyaõ a sede e douvos nouas que Fr.co Fernandez hee muyto boõ homem e que lho eyde fazer muyto bem. Ele vos leva duas jarras huũa de maçapaẽs e fartĩs e outra de comserva e porque lloguo eyde ser cõvosquo vos naõ escrevo majs. A bẽçã de Deus e a mynha vos envyo escrita ẽ Baçaym oje quymta feyra xiiij doutubro de 1546.

Encomẽdovos muyto frey Paullo e Symaõ Allvarez q̃ tenhaes m.to bom cuydado delles.—*Dõ Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 196.)

IX

Dom Allv.o filho:

Oje quoarta feyra partem as naos e galeoẽs e eu ao outro dia vou muyto desejoso de vos ver e acabar esta jornada que tamto trabalho nos tem dado. Eu vou

tomar a jlha dos mortos pera ahy armar a gemte e a comçertar he necesaryo que lloguo me mandes por Sallvador Fernandez todallas pipas darmas q̃ levaraõ as caravelas e quynhentas lamças e piques e jsto venha em duas ou tres fustas ou como vos bem pareçer e com muyta delygemçya, depojs de partydo ho Pereyrynha me veo muyta gemte e muyta armada de man.ra que vos veres çedo huũa fermosa frota cõ ajuda de Noso Snõr e afirmome que porey em terra dous myl homẽs, ou muyto pouco menos. Lá vos mamdo huũa gayolla de perdizes roguovos muyto que as comajs todas e vos poupes pera quoamdo em bora for. Lá escrevo a dom João que pratique comvosquo sobre a mynha desembarquaçaõ e posto que eu aja de fallar comvosquo amtes q̃ desembarque todavia me escrevê por Sallvador Fernandez o que vos disto pareçe. A bemçaõ de Deus e a minha vos ẽvyo de Baçaym a xxbij d'outubro de 1546.

E asy me mamdares quoatro cayxoẽs de polvora despimgarda e quoatro quymtaes de chumbo e todollos piques que as caravellas trouxerão. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 194.)

X

Filho dom Alvaro:

La mando Amtonio Pessoa pera trazer armas e lamças, fazelhe mujto gasalhado porque me tem ajudado nesta viaje gramdemente. Mamdaime dizer como estais e rogo vos q̃ vos nom alvorose minha chegada pera sahirdes fora, mas vos cures muito bem e trabalhes de aver saude porque naõ seya causa de eu poder per-

der hũ tal filho como me Deus tem dado em vos. Tudo o que vos pedir Amtonio Pessoa lhe mandai dar e qualquer navio de minha cõpanhia q̃ la for ter fazeo tomar pera mi e dos de la somente se venha pera mi Pireirinha e Moricale. A bemção de Deus e a minha vos emvio. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 206.)

XI

Dom Allv.º filho:

Aquy vos mamdo duas sortes daçucare rosado e huũa gayolla com oyto perdizes e allguũas amostras de vynho. Rogovos muyto que vos cures muyto bem e naõ vos pareça que estaa em vossa maõ cobrardes saude mas que he cousa que Deus daa polo tempo.

Eu estou esperamdo dom Manoel de Lima e os galeoẽs que vẽ atras q̃ naõ podem tardar dous dias pera como vierem aballar pera esta fortaleza.

A bẽçã de Deus e a mynha vos ẽvyo desta jlha oje iij de nov.ʳᵒ de 1546.

As perdizes disseme Sallvador q̃ tynheys la muytas naõ vollas mamdo e qua as mãdo goardar perque vollas naõ peçã e asy vos leva hũa cayxa de marmelada. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 205.)

XII

Dom Allv.º filho:

Estou muy desejoso de saber novas de vossa saude

e espero em Deus de me vyrem muyto boas. As novas de qua saõ que me veo huũ embayxador delrey de cambaya e eu naõ lhe quys falar nem ver e mamdey ho lamçar na vyla dos rumes. As obras fazemse muyto bem feytas e vaõ em bom pomto.

Dom Manoel de Lyma tem queymado guoga e muytos lugares outros e feyto gramde estroyção na costa e Amt.º Moniz tomou Por e o destroyo e queymou muytas naos q̃ demtro estavaõ. Roguovos muyto q̃ vos leyxes estar em Guoa depojs de muyto saõ por que naõ sey omde emvernarey, podeme ser neçesaryo trazerdes ma gente de Guoa e outras cousas muytas. Mamdayme muytas novas de vos e se la puderem achar allguũs brymquos como orelheyras ou cousa desta calydade pera vosas jrmaãs pedy a Ruy gonçalvez que as merque e mamday lhas.

A bemçã de Deus e a mynha vos emvyo de Dio a bij de dezembro de 1546.

Eu escrevo a Ruy Gonçalvez que me mãde llogo alympar as cubertas daço q̃ estaõ no allmazem e me aja huũ cavalo gramde que as possa bem sofrer e por amor de mỹ q̃ mamdes muytas vezes pasear huũ cavallo cõ elas pela rua direyta q̃ as vejaõ os mouros. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 209.)

XIII

Dom Allv.º filho:

Depojs que vos fostes de Dio não vy mais carta vosa. Verdade he que sempre me deraõ boas novas de

vosa saude e com jsto estou muyto contente. Rogovos muyto que despojs que vos Deus der saude vos naõ bulaes é vos leyxes estar porque me cumpre muyto vosa estada em Guoa, por que cõ ajuda de Noso Sõr amtes q̃ nela entre espero de dar huũa pamquada boa e pera jso sera neçesaryo levardes toda a gente q̃ ahy estaa ao luguar omde vos eu escrever.

A terra qua estaa de paz e as caramunhas vaõ e vem. As vezes me ẽfado muyto e outras mostro huũ... a quoamtos ha no mumdo.

O leque q̃ mamdou fazer Pero Framcysquo pera Dom Lujs voso cunhado rogovos muyto q̃ saybaes omde estaa e q̃ façaes cõ Ruy Gonçalvez q̃ o pague e o entregues a Amt.º Leme ou a outra pesoa segura q̃ o leve a Cochjm a Lourenço Pirez de Tavora pera o levar.

A bemçaõ de Deus e a mynha vos emvyo de Dio a xiiij de dezembro de 1546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 217.)

XIV

Dom Alvaro filho:

Nã sei a que ponha tardarme tamto recado de vos, rogovos mujto q̃ mos mandes mujto ameude e que vos cures muito bem e depois de vos Deus dar saude vos cures inda muito milhor.

Lá vai Amtonio Martĩs q̃ tem mujto bem servido agasalhao bem e faze dele muita comta por que me pareçe muito oonrado omẽ. Ele vai mui desejoso de vos fazer mil prazeres isto lhe deves.

A bemçaõ de Deus e a minha vos emvio de Dio ha 16 de dezembro. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 210.)

XV

Dom Allv.º filho:

Omtem q̃ foraõ xbij dias de dezembro me deu Guomçalo Amdre huũa carta vosa que me deu a vida por saber q̃ estaveys bem desposto. Rogovos muyto q̃ tenhaes gramde temto ẽ vosa saúde e façaes comta q̃ ho fazes da vosa e da mynha e depois de vos Noso Sõr tornar a vosas forças a desposysaõ vos leyxes estar em Guoa levamdo muyto boa vida porque no cabo deste verão averey mjster toda a gemte desa cydade a quoal naõ podera tirar njmguem senão vos.

Todolos cjdadoẽs e moradores desa cjdade homray e agasalhay muyto porque diso levo grãde contentamento e sobre todos Ruy Gonçalvez o quoal vos rogo mujto q̃ ho acatês e homrrês e façaes grandes festas e cyrymonyas todollas vezes q̃ ho vyrdes ẽ vosa casa por que bem sabes quoãto lhe devemos a ele e a snr̃a dona Isabel.

Amtonio Monyz tomou huũa nao muyto riqua a quoal mamdo loguo la polo veador da fazemda pera se emtregar a Ruy Gonçalvez. Tenho lamçado as redes a outras as quoaes espero em Deus de me virem ter a maõ. A bemçaõ de Deus e a mjnha vos ẽvio de Dio a xbiij de dezembro de 1546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 218.)

XVI

Dom Alvaro filho:

Fiquej muito ledo de vos ver hir de tamtas importunaçoẽs e tam má terra e muj trjste por não hir comvosquo pera vos curar. Rogovos muito q̃ loguo me mamdes dizer como estais e asi que vos naõ anoje com a bemçã porque Noso Sôr vos dara saude porque ele faz todas minhas cousas e tem cuidado delas per sua bomdade.

Tudo ho q̃ ouverdes mister pedi a Rui Gomçalvez e ocupayo em cousas em q̃ levardes prazer e comtentamento porque niso averei que se emNpregua bem e se compra em moyos e eramças.

A bemçaõ de Deus e a minha vos emvio de Dio ha 20 de novembro. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 207.)

XVII

Dom Allv.º filho:

Homde vay o padre frey Paullo não tenho que vos escrever de qua, somente afirmarvos que nenhũa cousa desejo tamto como saber de vosa saude, e que em nenhuũa cousa me fazes majs a vontade que em vos leyxardes estar ẽ Goa e paseardes com Ruy Gonçalvez na rua dereyta. Tudo o que la ouverdes myster lhe pedy e ele volo dara porque naõ quero hordenado senaõ pera ho vos gastardes nem syrvo elrey senaõ pera vos dar a merçe que me ele fizer. A bemçaõ de Deus e a

mynha vos emvio de Dio ha xxiij de novembro de 1546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol IV, fl. 208.)

XVIII

Dom Allv.º filho:

O filho delrey de Capem me deu huũa carta vosa per que soube que estaveys de saude cõ q̃ muyto folguey por que me tardavaõ ja tamto novas de vos que naõ sabya a que o pusese e pojs me Deus faz tamta merçe que vos de saude roguovos muyto que ha saybaes comservar e vos leyxes estar comemdo e bebemdo e levamdo muyto boa vida.

Dizesme que vos empurtunaõ la muyto relygyosos naõ he maravylha porque seu oficyo he ese. Se vos muyto apertarem day comvosquo em huũa qymtaã cõ huũ par de bebados e huũ chocarreyro q̃ estee dizemdo graças e leixaivos estar. Façovos a saber q̃ o byspo voso amyguo mandou aguora qua o velhaquo do vygayro a servyr sua vigayrarya e escrevelhe hũa carta q̃ vos la mostrara Ruy Gonçalvez das grãdes vertudes que avia nellas a quoal eu tenho pera mãdar a elrey noso sõr por gramde joya.

Olhay que cousa he tomar peytas e dadivas. Eu vos prometo que eu jogue huũ jogo ao byspo cõ que ele arrenegue e mamde por Myguel Vaz vigayro geral e o tenha comyguo e faça muytas cousas q̃ me elrey noso sõr mamda. Quoãto he ao neguocio q̃ me toquaes em vosa carta eu vos escreverey depojs majs largamemte sobre jso.

A bemçã de Deus e a mjnha vos emvio de Dio a xxb de dezembro de 1546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 219.)

XIX

Dom Allv.º filho:

Aquy vos mamdo huũas cartas per Lourenço Pirez de Tavora e huũa jarra de mel q̃ me deu o filho delrey de Capem em que vinhaõ muytos parafīs demtro os quoaes eu tomey pera vos e pera my e o mel leyxey pera Louremço Pirez.

Rogo vos muyto que busques huũa pesoa q̃ a muyta presa va pera lla e lhe mãdes este mel e estas cartas. E escrevo ao veador da fazemda que se por vemtura ao tempo que la cheguarem ele for ja partydo lhas mande per allguũ capitaõ ou pesoa que lhas possa levar.

A bemçaõ de Deus e a mynha vos emvio de Dio a xxbj de dezembro de 1546. — *Dom Joham de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 220.)

XX

Lembramças que faço a Vosa Merçe as quoaes se pratiquaõ o dia doje em Italya, Espanha, Françа que saõ as partes do mumdo homde ha arte de guerra estaa mais apurada(1).

He espreso mamdado que na fortaleza çerquada se

---

(1) Á margem: *Pera o serqo de Dio do g.or dom J.o de Castro.*

naõ abra a porta pera deyxar sayr homẽs a pelejar porque das taes escaramuças naçe perderem se muytas vezes as fortalezas. Este perceyto pareçe que se deve de guoardar em Dio jmda muyto mays jmteyramemte por caso que as portas naõ tem revelȳs omde se a gẽte recolha quoamdo torna do campo pera a fortaleza e pera lhes abryr a porta he muy perygoso e defeso nem se sofre. Porque temos vjsto perderemse muytos luguares na revollta de quererem emtrar todos jumtos e quoamdo quer que se comçede sayr fora a gemte he comsyderãdo ho capitaõ que tem muyta gemte e pouquo mamtimemto porque em tal caso he obryguado a botar tanta gente fora ate que lhe matem a que tem sobeja e fique cõ a que se pode sustemtar e defender sua fortaleza porque a nenhum capitaõ se da comysão nem lhe mamdaõ que peleje cos jmyguos no cãpo mas que guoarde sua fortaleza.

Outrosy he obryguado o capitaõ a botar fora toda a gemte trasordinarya, prymcypalmemte velhos e menynos e molheres, porque estes davaõ e naõ aproveytaõ por caso os menynos choraõ e as molherss carpemse e os velhos daõ maos cõselhos.

Quoamto a maneyra das vegyas usamça he amtre os guerreyros muy ouservada que se hũa fortaleza tem çento e çymquoenta soldados ponho por ẽxempro, fazerem as vegyas de tres em tres dias que cae a çymquoemta por dia, estes ãode começar ao sol posto toquamdo seus tambores e pyfros corręndo toda sua muralha e deyxamdo suas escuytas nos luguares mays neçesaryos e jmportantes e o corpo da vegya da gemte q̃ sobeya destes cymquoemta, despoys de postas suas

escuytas, jrse a fazer sua vegya na praça ou meo da fertaleza os quoaes dormyraõ vestidos com seu capitaõ, e faraõ tres rolldas de noyte por riba do muro com pifaros e tambores pomdo e tiramdo as escuytas a suas oras devydas.

He obryguado o capitaõ allferes ou sargemto omde quer que ha gemte dordenança a jr de ora em ora recorrer suas escuytas pera reconheçerem se se tem boa vigya.

Se os jmyguos derem rebate saõ obryguados os da vegya correrem aos baluartes como se agora dixesemos que hũa fortaleza tem quoatro baluartes que de dez em dez fosem a cada baluarte e os outros dez que fiquaõ faraõ sua rolda por çyma do muro com seus pifaros e tambores e os çemto se recolheraõ no corpo da vegya e estaraõ jumtos pera que o capitaõ socorra cõ eles omde for mays neçesaryo.

Se ho capitaõ tem sospeyta de jmyguos mãdara botar preguaõ que nenhũm solldado durma senaõ vestido so pena da vyda.

Se os jmyguos toquarem armar de sobresallto que por nenhũa maneyra os artylheyros posaõ socorrer ha artelharya tan asynha, o capitaõ naõ tirara os dez solldados que estaõ em cada baluarte, porque acomteçe mujtas vezes e prymçypalmente de noyte quoamdo ha artelharya tem pouqua posebelydade que os jmyguos dam synal de batalha com gramde gryta e estrom de tambores e pifros per hũa parte e vam dalla batalha muy calladamente per outra e por tamto cumpre ter se gramde cuydado e boa vegya asy de dia como de noyte e sera avisado ho capitaõ que per nenhũa ma-

neyra deyxe os baluartes sem escuytas em nenhum tempo.

Os solldados que estaõ ẽ gornyçaõ seraõ arcabuzeyros e o capitaõ sera obryguado de fazer alardo de quoatro em quoatro dias, pera saber se tem pyllouros pollvora e muram.

Ho solldado que estiver por escuyta vegyamdo estara com seu muraõ açeso e seu arquabuz carreguado e no corpo da vegya avera sempre foguo pera que os solldados açemdaõ seus murroẽs.

Nenhum solldado trara majs vestido que huũas callças e jubaõ e sua coura.

Nenhum solldado dormyra senaõ com seu gybaõ vestido e com suas armas a pomto.

Os bombardeyros sabera cada huũ a que baluarte ha dacodir e de que tiros ha de ter cuydado e deyxara sua artelharya asestada, posta em seus traveses pera guoardar e defemder a muralha e estar a pomto de dia e de noyte.

A artelharya desa fortaleza mamdara Vosa M.ce por nos baluartes e não nas cortynas do muro, porque a que estaa nas cortinas ofemde de rostro e naõ defemde a muralha, e esta ofemsa o dia doje naõ se ouserva, porque naõ tras nenhum proveyto comsyguo, amtes a vemtura a se quebrar o tiro de fora e guastar a monyçaõ e fazer mayores despesas e por a fortaleza em cõdiçaõ, por que ha artelharya que estaa asentada de rostro esta descuberta de fora da batarya dos jmyguos e todollos tiros que tira se podem chamar perdidos e se açertaõ de fazer allguũ mal naõ he esa a ofemsa que sallva a fortalleza, e portamto a prymcypal defemsaõ

he mamdar de se asemtar ha artelharya pera defemder a muralha e que a dum baluarte respomda ao outro, e neles estara ha artelharya que hofemda a quem amdar pollo campo.

Tera Vosa Merçe gramde temto no guastar da pollvora porque muytas vezes se acomteçe que por quererem atirar sem neçesydade vem depoys a não poderem tirar com muyta neçesydade, porque gastão na pollvora em tiros de pouqua sostamçya e que fazem pouquo noyo aos de fora e muyto aos de demtro, pola fallta que lhe faz a monyçaõ afora se avemturar nestas cousas de pouqua jmportamçya ha arrebemtar ha artelharya.

Quoamdo os jmyguos batem hũa muralha os de demtro se fortefiquaõ de muytas maneyras, mas as mays prymcypaes saõ duas -s- ou fazem cava por demtro, ou repayros de vyguas e madeyra; destas duas as cavas me pareçem mylhor sendo a terra desposta pera jso quero dizer que se posaõ bem cavar, e sempre a cava sera mays compryda que ho pedaço do muro que se bate, pera que dos cabos dela corram outras duas que vaõ entestar no muro saõ. E fazemdose esta obra botares a terra da cava pera a banda da vila pera que faça repayro aos de demtro, e nas cavas que aõ dir emtestar no muro se poraõ allguũas peças dartelharya que tyrem por través e defemdaõ a emtrada pera demtro. E porem naõ semdo a terra de calydade que se posa bem cavar, emtaõ saõ mylhores os repayros de madeyra por caso da brevydade cõ que se faz.

Na cysterna tenha Vosa Merçe gramde temto asy no se guastar daguoa como em lhe naõ poderem lamçar peçonha, e pera jso cumpre trazela chave no braço e

se tem frestas ou portas mamdarlhas tapar e leyxar huũa so servemtia.

A sorte dos tiros que Vosa Merçe ha de ter nos baluartes que joguem per traves haõ de ser pedreyros e camellos e estes tiraraõ com lamternas a que qua me pareçe que chamaõ roquas, e se os baluartes naõ tiverem desposysaõ de juguar cada hum por traves mays de huũa peça, he neçesaryo emtaõ ter sempre hum fallquaõ emcarretado pera que emquoamto se carregua a peça jogue o fallquaõ de maneyra que os lamços do muro que destes traveses se guoardão fiquem sempre acompanhados.

Aos capitaẽs dos baluartes tomares as menajes que dia nem noyte nem ora sajaõ deles sẽ voso mãdado e fares diso huũ asemto em huũ lyvro omde eles asynarão e duas testemunhas.

A artelharya de que Vosa Merçe ha de fazer fumdamemto he a grosa -s- lyões e serpes e esperas, porque a força e pujamça da fortaleza estaa na boa artelharya por razaõ que asy como os jmyguos vem com suas trymcheas asemtar sua batarya e asestar sua artelharya pera bater a muralha, e por ela dar luguar á jmfamtarya que posa dar batalha de maõs, nem mays nem menos ha de presomyr a tal fortaleza de descubryr o seu repayro, porque asy como a fortaleza tem groso muro pera defemderse de sua artelharya, asy aos de fora lhe he gramde trabalho, porque haõ de vir cõ gramde repayro, asy de trymcheas como de batarya, pera virẽ cubertos da pujamça da artelharya da fortaleza, o qual naõ fazem se reconheçem não se ajudarem da fortaleza da boa artelharya ou naõ na temdo, porque

emtaõ com fraquo repayro se acheguão aos muros a fazerẽ sua defemsaõ, e se vos dixerem que ha artelharya grosa sem a meuda naõ serve de nada a jsto diguo que ho lyaõ ou serpe servem de pujamte, e de tiro meudo qaoamdo cumpre e de arquabuzarya nesta maneyra -s- quoamdo cumpre da pujamte damdolhe sua cargua ordenada e quoamdo de tiro meúdo cõ pouqua cargua serve dias e noytes sem se esquemtar, e quoamdo cumpre tirar a gemte, com lanternas ou roquas cheas de pedras, e mays ofemde hũa lamterna destas que se tira comtra gente, que ho desparar de çem arquabuzes.

Outras muytas cousas leyxo de lembrar a V. M. porque tenho por çerto que asy as que lhe lembro como as em que lhe não fallo lhe saõ muy presemtes e tambem esta arte da guerra he huã arte ja mays tem firmeza nẽ se acaba de saber por que de dia ẽ dia e dora ẽ ora novas cousas e novos segredos, asy no ofemder como no defemder descobre e jmvemta portamto estê V. M. muyto daviso pera as novydades cõ q̃ lhe podẽ vir seus jmyguos e proveja comtra eles cõ seu m.to saber e espryemcya q̃ tem e como o tẽpo der lugar a navegaçaõ eu serey co ele taõ prestes como huũ rayo.

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 243.)

CARTAS DE D. ALVARO DE CASTRO

XXI

Sõr

Ha fortuna cãsa e Deus hee piadoso polo q̃ cheguamos ha Dio a 17 daguosto cõ vĩtasete velas dipois de

termos harribado tres vezes como V. M. terá ya sabido.

Meu irmaõ ꝗ Deus aya hachei morto e serto q̃ V. M. perdeo hũ f.º he eu hũ irmaõ pera m.to sẽtir mas nos havemos de morrer e ho mayar da guerra saõ omẽs e os milhores, pareçe q̃ quis Noso Sõr q̃ pagasemos porqui e não se perdese esta fortaleza, a qual Noso Sõr salvou e o capitaõ sostẽtou por sua muita cavalaria e saber; ela está já segura e fora de correr risco polo q̃ V. M. deve dar muitas graças ha Deus.

Ho estado em questa esta fortalleza hee este: os muros estaõ no chaõ e ha nosa artelharia naõ yogua ya por falta de polvora, as estãcias dos himiguos naõ tẽ ya artelharia q̃ toda hee tirada ẽtupẽ o rio de quoquala pera a outra bãda de fora pera dẽtro saõ estradas mores quas dal valade nẽ ha outros muros senaõ omẽs. O de que mais yogetaõ hee de minas de polvora pareçe que querem esperar ho impito de V. M. porẽ ainda te guora não se pode tirar delles seu proposito. V. M. deve mãdar polvara e mãdar a Baçaim e Chaul q̃ mãdẽ mãtimẽtos porque disso se careçe aqui.

Harros ha muito pera poder fartar ha armada de V. M. Faltaõ na 19 navios porque a verdade hee q̃ mãdar gẽte nessa terra e cometer algũa cousa cõ ela he graõ mofina. N.º P.ra me segue sẽpre ao lado de maneira q̃ hee neçesario q̃ lhe pague V. M. isso cũa grãde merce. Dipois escreverei a V. M. quais foraõ os capitãis q̃ cheguaraõ; podem estar metidos nesta fortaleza quinhẽtos omẽs de refresco hi ela poderá ter cẽto e sĩcoẽta.

Eu fico aqui metido e cõpria me fazer casa de novo

porquc as fustas q̃ me traziaõ de comer e fato naõ saõ vĩdas mas Duarte Pereira me proveo de m.to Faça-me V. M. tãta merçe q̃ lhe faça m.to gazalhado õra, pois me meteo aqui. As mais meudezas elle as cõtara. Noso Sõr acrecẽte vida e saude de V. M. por lõgos tẽpos.— Oye 17 dagosto. — *Dõ Alv.o de Crasto.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 173.)

XXII

Sõr

Dipois q̃ se foi Duarte Pereira tiverã nos estes perros tamtas sobiaõ cavas q̃ se amofinou ha gẽte desta fortaleza q̃ saisemos, ate q̃ saimos he eu hia na diãteira, mãdei dõ J.o dataide cõ simcoẽta omẽs e por derradeiro demos todos yũtos he eu e dõ Fr.co de Meneses ẽtrãmos polo muro cõ nove ou dez omẽs, ẽ quẽtrou dõ Duarte P.ra e P.o Lopez de Sousa, dõ Yorge de Meneses, Lopo de Sousa, e outros lascarĩs. Ãdamos hũ poco as lãçadas porẽ fomos taõ ospedados de pedradas, frechas, espĩgardas q̃ foi m.to escaparmos. A gẽte pose ẽ fugida de maneira q̃ cõpryo ao capitaõ recolherse. Dõ Fr.co de Meneses foi morto e outros omẽs he eu cõ outros fidalguos escapamos porque hũ criado de V. M. chamado Sirveira foi dizer ao capitaõ q̃ me tinhaõ cativo polo q̃ tornou e cõ seu favor nos podemos salvar. A mĩ naõ me fizeraõ nada somẽte huã pedrada na cabeça, naõ cousa m.ta, hi outras polo corpo. Hũas espingardas e frechas q̃ me deraõ naõ me fizeraõ nada. Creia V. M. que Deus me salvou e a catro omẽs q̃ escapamos dos quẽtramos dẽtro. Morreriaõ aqui oito omẽs e seraõ

feridos trĩta. Cũpre vir V. M. ho mais sedo q̃ poder. Noso Sõr acrecẽte vida saude de V. M. por lõgos tẽpos.— *Dõ Alv.º de Crasto.* (Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 175.)

XXIII

Sõr

Ha 15 de setẽbro cheguou ha esta fortaleza Fr.co Fernandez marical q̃ nos naõ pos piqueno esforço, nẽ fez piqueno imves a nosos himigos. Cõ sua chegada fizemos grãde festa atirãdo a artelharia hi espĩgardaria repicãdo sinos e fazẽdo folias de que os mouros ficaraõ mui espãtados e pergũtaraõ loguo porque faziamos tãta festa.

Cõ sabermos quaõ prestes V. M. está foi m.to bõ porque os perros dizianos cada dia q̃ V. M. estava mui devagar e q̃ lhe não fazia tẽpo. Aguora sabẽdo eles esta nova naõ será m.to alevãtarẽ o serco porque eles arraçeaõ m.to avermos dir dar neles e não fazẽ senaõ tapar todolos caminhos q̃ tinhaõ pera nos por õde nos podiamos emtrar cõ elles e naõ nos pareçe qua q̃ elles quereraõ aguardar polo impeto de V. M. e sasim for V. M. triumfará dũa fermosa vjtoria ha qual cõ ha esperãça em Deus está mui çerto tela.

V. M. naõ deve cheguar a esta fortaleza senaõ cõ gẽte q̃ saia loguo a tomar todo o cãpo porque alẽ de naõ ser bẽ estar ali sercado ha saida pera estes mouros hee m.to milhor polo baluarte de Di.º Lopez q̃ por esta fortaleza por cauza das m.tas paredes e roim caminho q̃ pera elles temos e taõbẽ dar lhe por dous cabos pareçe m.to milhor.

Esta fortaleza tẽ ya gẽte e cõ ha q̃ ade vir nas fustras hatras estara de maneira pera V. M. poder tardar mais oito dias e vir como ade vir e quãdo quer q̃ V. M. ache novas q̃ estaa o serco alevãtado alẽbro-lhe q̃ esta o tẽpo pera poder dar hũa pãcada ẽ Baroche ou Çurate, os quais tẽ m.to pouca gẽte e poucas moniçoẽs e se asi for naõ deixe de me levar em tal impreza porque sou omẽ q̃ sei ya ẽtrar por hũ muro arriba e por muitas rezoĩs pareçe bẽ apreçar V. M. sua vĩda cõ ha qual e cõ ayuda do alto Deus naõ haverá cousa q̃ ho aguarde nẽ sidade, cãpos, q̃ naõ pusuamos.

Ha esta fortalesa nã dã nenhũ cõbate nẽ lhe tiraõ cõ mais tiros q̃ cõ dous caĩs hi espĩgardaria mas des que viemos de fora nos naõ mataraõ mais q̃ hũ omẽ na trãqueira ẽ q̃ eu estou ãdãdo nos fazẽdo hũ reves.

Ha ya dous dias q̃ cheguou hũ negro q̃ ho capitaõ mãdou a sidade saber novas, o qual daa estas mas naõ tẽ omẽ m.ta prova de serẽ çertas.

Diz o negro que averá na sidade mil e quinhẽtos omẽs de peleya ẽ que diz aver seseta espĩgardeiros e diz naõ fazerẽ a sidade forte nẽ terẽ nela nenhũ tiro senaõ em Gogala tẽ oito e diz ver acarretar m.to fato da sidade pera fora o que nos vemos taõbẽ desta fortaleza e que nẽ portas deixaõ q̃ naõ levẽ; diz q̃ elrei esta em Madabaa e que careçẽ m.to de mãtimẽto. Estas saõ as novas q̃ deu. Daqui a poucos dias mãdaremos a V. M. nova çerta de tudo isso porquãto acabamos agora de cõcerta(r) hũa mãchua pera a ir tomar.

Eu, sõr, dou de comer a mais de duzẽtos e sĩcoẽta omẽs e reção a toda ha p.a q̃ ha quer porque me pareçe q̃ hee rezão que eu saiba onrar esta jornada em

q̃ me V. M. deu tãta óra como foi fazer me capitaõ mor do mar e mãdarme socorrer Dio e salvalo (q̃ naõ eu q̃ me tẽ feito Deus) e V. M. piquena merçe nẽ estar pouco cõtemte de mĩ e dipois q̃ V. M. vir esta fortaleza verá q̃uãto todos mereçemos.

Eu tenho minha estãcia na trãqueira q̃ se cõtẽ des ne o cubelo dos cazados ate porta velha casi durmo ao lõguo do muro e ho q̃ dou a meus soldados de comer hee carne paõ q̃ nĩguẽ tẽ lẽtilhas, arros, tamaras, paças, amẽdoas e verdade hee que dõ Fr.^co^ de Lima terá mais bocadinhos, mas cõ estes cõtẽto estes soldados q̃ saõ pera tomarẽ Adẽ.

Como vierẽ as fustas q̃ faltaõ pareçe bẽ a mĩ e o capitaõ mãdar me a duzia a Pate e por isso tomar as naos q̃ vẽ dormus e nelas hiraõ quadrilheiros q̃ arrecadẽ hẽ tudo.

Francisco Fernandez tornoa mãdar a V. M. porque me pareçe q̃ folguara cada dia de saber o q̃ qua vai faça me V. M. tãta merçe q̃ mo torne logo a mãdar e lhe faça muito gazalhado pois veo de Cochim primeiro a Dio q̃ os de Guoa, Chaul e Baçaim e taõbẽ me faça tamanha merçe q̃ alevãte hũ degredo a hũ omẽ que lhe ele diraa. Por ele mãdo a V. M. hũ saco damẽdoas e hũ saco de paças e posto que fose mais natural fruta de qua pilouros de quartaõ e bazaliscos, esta taõbẽ podera servir. Faltaõ me daqui dezoito fustas mas cada dia haguardo por elas.

Nosso Sõr dee a V. M. prospera viagẽ e m.^ta^ vida e m.^ta^ saúde. — De Dio 16 de setẽbro. — *Dõ Alv.^o^ de Crasto.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 185.)

XXIV

Sõr

Por Haleixos dabreu escrevi ha V. M. o como estes perros vinhaõ minar a torre do alcaide mor. Dãotaõ pera qua naõ tẽ mais feito q̃ terẽ ya chegado co seu caneiro ou rua de paredes ha cava e terẽ ya posto ho cavallo de madeira cõ q̃ imtupẽ a cava, mas imda naõ tẽ começado. Nos fazemos haa dita torre hũa cõtramina prazera a Deus que lhes trovaremos seu imtemto. Asĩ mais tẽ feito no baluarte sãtomé hũ trabuco cõ q̃ nos botaõ pedras hi caloĩs de polvara e a vĩta quatro deste mes ha hũ quarto da prima sẽdo dous relogios paçados nos deraõ hũ cõbate de muita espĩgardaria e m.[tos] caloẽs dalcatraõ e polvara mas naõ ouzaraõ de vir a bote de faim e neste cõbate naõ mataraõ nẽ queimaraõ nẽ feriraõ nĩguẽ.

Saõ ja chegadas haquhi a esta costa treze ou catorze fustas das q̃ andavaõ harribãdo como naõ viaõ terra e V.[co] da Cunha tẽ outras tãtas yũtas e o tẽpo hee taõ bõ que naõ devẽ tardar dous dias. V. M. fez hũa bõa cousa ẽ mãdar qua V.[co] da Cunha porque allẽ de ser omẽ pera trazer qua toda ha armada hee omẽ m.[to] pera ter nesta fortaleza e serto que eu prĩcipalmente recebi nisto grãnde merçe e peço ha V. M. q̃ asĩ como se serve delle tenha lẽbrãça de lhe fazer hoferecẽdo se algũa cousa pera iso, todavia esta fortaleza tẽ necesidade de mais gẽte porque hũa cousa comesta q̃ tãto importa ha christandade he estado delrei nosso sõr e salvaçaõ desta terra devese de reseguramento, maiormẽte estas fustas naõ trazẽdo tãta gẽte como lhe haa botavaõ

cõta e se V. M. ouver de mãdar alguẽ façanos merçe que seia dõ Manoel de Lima pois hee pera iso he esta fortaleza receberá nele hũ bõ cavaleiro, ho qual lẽbro a V. M. quaõ seu parẽte he e lhe leva vẽtaje pera que lhe faça m.[ta] õra favor merçe purque ho q̃ se faz a estes omẽs mete se em casa e o dos outros bota se na rua. Bẽ sei quaõ escusado era fazer lhe esta lẽbrãça pois sei quaõ amiguo V. M. hee de dõ Manoel, mas filhos devẽ ter licẽça pera estas cousas.

Heu mãdo por Simaõ galego hũ omẽ ha Baçaim o mor hofiçial da Imdia pera fazer cal, mãde V. M. a Baçaim que lhe dê todo haviamento q̃ lhe cõprir e quãdo V. M. vier parecẽdo lhe bem pode o trazer cõsiguo pera ha qua fazer.

Qua soube da morte de N.º Pereira de que sertafico a V. M. ser o mais triste omẽ do mũdo, asĩ por ser seu amiguo como por sẽntir perderẽ sua molher e filhos hũ marido e pai o qual naõ veo a esta guerra senaõ por amor de mĩ. Peço a V. M. q̃ se me algũa merçe ade fazer seia mãdar cõsolar m.[to] sua molher e ter lẽbrãça de suas filhas como V. M. de todalas orfãs e ha algũas lhe naõ sera ẽ tãta obrigaçaõ como a estas.

Bastiaõ Coelho he omẽ a q̃ V. M. deseia fazer merçe e que lha mereçe se per ventura V. M. mãdar navio a Portugal, deveo mãdar nele porque hee ele m.[to] pera iso he esteve neste serco pera saber represẽtar tudo e mais nĩguẽ pode ir q̃ milhor reprezẽte na verdade as cousas de V. M. qele e o navio naõ parecia quamas ao capitaõ he a mĩ mãndalo.

Haqui hee ya ẽtrada muita polvara e murroĩs despĩgarda e caloĩs de q̃ esta fortaleza muito careçia.

Simaõ galego estãdo muito doẽte de currumẽtos veo aqui ẽ tres dias cõ tres pipas de polvara e duzẽtos e sĩcoẽta murroĩs e outros tantos caloĩs mereçe ser de V. M. õrrado pois faz doẽte o q̃ naõ fazẽ os saõs e q̃ mais hobrigaçaõ lhe tinhaõ.

Ao feitor de Baçaim J° Teixeira sou ẽ muita obrigaçaõ porque hee omẽ que me proveo aqui de tudo o necesario cõ tãta võtade e amor que lhe naõ poso pagar isso senaõ cõ lho V. M. mãdar agradeser m.^to pois faz isso e o naõ fazẽ outros q̃ mais rezaõ tinhaõ.

Aqui saõ ya cheguadas quĩze fustas as quais trazẽ imfinitos mãtimẽtos e moniçoĩs de maneira que me faltão de minha armada somẽte dez navios os quais devẽ vir cõ V.^co da Cunha.

Por agora naõ ha mais q̃ dizer. Noso Sõr acrecẽte vida saude de V. M. por lõgos tẽpos. De Dio oye 17 de setembro.

Dõ Y.° Mascarenhas pareçe-lhe q̃ fara em seu partido irse este ano caminho de Portugal porque tẽ ele merecido fazer lhe el muita merçe e taõbẽ cõ ele naõ acabar de servir o seu tẽpo por ĩteiro. Hee outro pedaço dobrigaçaõ; eu fui o proprio q̃ lhacõselhei q̃ se fose porque me parese a mĩ bẽ comẽ q̃ tãta õrra tem guanhado naõ navẽture mais em Portugueses, que saõ omẽs pera ha perderẽ mais q̃ pera a ganharẽ e cõtudo isso ele naõ se tem asẽtado nẽ se tem detreminado até vir V. M. e lhe dar seu pareçer q̃ hee o q̃ele ade seguir emmẽtes vi ver segũdo se mostra e veyo nele hũa amizade cõ V. M. e hũ amor mui intẽço e porque pode ser que ha V. M. lhe pareca bẽ jr se ele pera Portugal, devia V. M. ter hũa nao destas q̃ vẽ do reino ẽ aberto

pera elle e naõ na dar ate sele detreminar e alẽ disso mereçe de fazer lhe V. M. m.ta merçe porque esta guerra de cãbaia lhe tẽ gastado hũ bõ golpe de denheiro q̃ ele deve asim em simco mil pardaos q̃ lhe Coye çofar tomou como nogrãde gasto que teve des q̃ se comesou este serco. E nisto as menos palavras abastaõ pera quẽ hee tãto seu amiguo como V. M. Noso Sõr acrecẽte vida saude de V. M. por lõgos tẽpos. De Dio 18 de setẽbro. — *Dõ Alv.º de Castro.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 191.)

CARTA DE D. FERNANDO DE CASTRO

(DIRIGIDA A D. ALVARO DE CASTRO)

XXV

Sõr

Pezar de tal que esta omẽ qua cõ bombardadas e Vosa M. cõ azevias e mãjares delicados he bem sabe nosso sõr ho que faz q̃ cada cousa poem omde he neçesajro.

V. M. la pera amores e despachos dos proves e eu qua pera gerra. He se taõbem eu para jsto naõ prestar como ouzarey semtarme com ele a meza. Deste serquo não tenho q̃ dizer a Vosa M. porque nos naõ tem ajmda estes negrinhos nẽ amea derrubada. Cõ elrey de Quambaja vir a Dio cõ saber q̃ estava eu nele. Bejo as maõs de V. M. O primeyro de Julho.

De quẽ naõ deseja nada senaõ pera o servir. — *Dõ Fernãdo de Crasto.* (Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 168.)

CARTAS DE D. JOÃO MASCARENHAS

XXVI

Sñor

Ho prymeiro dia dabrjll me spreveo Coje Çofar que elRey de Cambaya lhe tinha dado esta cidade e que ele a açeitara pera nobreçer e pera a fazer remder mais do que remdia com o favor q̃ esperava de fazer aos mercadores e que pera ysto avia de mamdar ca Caracem seu gemro pera estar aquy por tanadar e pera esta amizade ser daquy por diamte amtre nos muyto mayor logo dahy a tres q̃ foraõ a quatro do dito mes veo aquy ter hum rume per seu mamdado com trezemtos ou quatroçemtos lascarys e estes todos rumes e abexis e per este mesmo rume que aquy veo como tanadar me spreveo outra carta em que me dizia que la fora noua a elRey seu sõr de como aquy vieraõ ter duas ou tres ẽbarcaçoẽs carregadas de monyçoẽs pera esta fortaleza e que V. S. que vinha ca ẽvernar pera tomar esta çidade e que elrey com esta nova o mandara chamar e que estivera de todo detremynado pera se vir meter nesta cidade e que ele que lhe disera que naõ dese credito sua A. aaquelas novas porque naõ podiaõ ser e que se lhofferecera pera elle em pesoa vir a Dio a saber parte disto se era asy ou naõ e q̃ elrey lhe lançara maõ por este seu offereçimento polo qual elle naõ podia leixar de vir ca mas que esta sua vimda naõ avia de ser senaõ pera fazer muyta mais amizade

comnosco do que damtes tinhamos: E toda via a mim affyrmaõ me que ele vem a fazer esta parede antre nos e a çidade e que pera o gasto desta obra lhe tem elrey dado hũa soma de dinheiro se ysto asy for e eles quiserem fazer esta parede pelo lugar onde a já outra vez quiseraõ fazer a M.[el] de Sousa eu lho defemderey com ajuda de Noso Sõr posto que nesta fortaleza tenha mujto pouca gemte porque aquy não terey agora mais que duzemtos omẽs e estes muyto descomtentes porque lhe nom pagaõ nem ha ca dinheiro pera yso como ja tenho sprito a V. S. mas quysto asy seja se estes mouros quiserem fazer a parede polo lugar por omde a já começaraõ eu porey todalas forças q̃ puder pera lho defemder até morrer sobre yso porque podemdo eles llevar ysto avamte ficaraõ taõ sobramçeiros sobre esta fortaleza que com a artelharya de cima do seu muro e dos seus balluartes que ele taõ bem haõ de fazer se puderem mataraõ quamta gemte estiver nesta fortaleza sem nos diso podermos goardar pola qual rezaõ eu ffarey tudo o que puder por lhos defender. Se a quiserẽ fazer pelo m.º da çidade naõ me parece que lha poderey defemder porque pera ysto avia mester gemte pera de todo os poder botar fora da cidade e esta não na ha aquy e eles tambem me parece que a nom quereraõ fazer por laa porque lhe naõ serve, disto será o que for, faço saber a V. S. pera que sayba o que cá pasa nesta fortaleza nom ha mais que doze bombardeiros porque os mais que aquy aviaõ foraõ se por lhe naõ pagarem.

. . . .

Noso Senhor acrecente a vida e o estado de V. S.

como eu desejo de Dio a bj dabryll de 546. — Beyjo as maōs a Vossa S.[ria] — *Dō J.º Mascarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 149.)

XXVII

Sōr

Eu tenho já sprito a V. M. tudo o que lhe nesta poso dizer por Francisco Gylher que la foy o que lhe agora digo mays he q̃ fiqo vemdo ja o cerqo a olho como o padre vigayro la comtara a V. M. e porque me remeto a ele nō falo nysto mais senaō pidir a Vosa Merçe que se dela ajnda puder vir gemte ẽ algũa maneira q̃ faça lembramça ao sōr g.[or] porque ma mamde ainda que por desneçesaryo tenho lembrarlhe mais do q̃ o eu faço porque afirmo a V. M. q̃ fico com menos de duzemtos omẽs e os çemto soos seraō pera pelejar.

Eu sprevo ao sōr g.[or] que mando la a Ruy Freire pera Sua S. la mamdar ẽvernar porque o ey per prejudiciall nesta fortaleza pola muyta amizade que tem com Coje Çofar.

Beijarei as maōs a V. M. lembrar ao sōr g.[or] que o mamde la fiqar e q̃ nom torne no catur porque ele de ca vay hum pouqo ẽgarrado naō querya eu que soubese que mamdo eu pidyr ysto. Beijo as maōs de V. M. — de Dio a biij dias dabryll de 546. — Servydor de Vosa Merce — *Dō Y.º masqarenhas.* (1)

(Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 527.)

---

(1) Esta carta é dirigida a D. Alvaro de Castro.

XXVIII

Sõr

Eu tenho sprito a V. S. per Francisco Gylher a gemte que era ẽtrada nesta çidade e porque naquela carta lhe falava ajnda com hũa pequena duvjda agora porque estou ja sẽ ela me pareceo neçesaryo sprever-lhe estoutra e mandar o padre vigarjo com ela pera que dele se V. S. posa ẽformar do que ca vay eu disto nom tenho mais que dizer a V. S. senaõ questes omẽs vem de todo detremynado a rompela paz, tem metido ja artelharya nesta cidade e polvora e esperaõ por outra mujta que vem ja por caminho a mor parte dela meuda mas antre esta meuda trazẽ oyto tiros grosos ẽ que ẽtra hum espalhafato. Isto soube por hum omẽ que veo demvolta com ella e deixou a ja tres jornadas de Madaba pera ca num lugar que se chama Dolea e elrey de Cambaya tem despedido quatro capitaẽs pera virem apos ela e estes saó os primcipaes do seu reino e hũ deles se chama Mojatecaõ e outro Jusarcaõ e outro Cidebabega e outro Patane a que naõ sey o nome afora Coje Çofar que diz que vem por artilheiro. Esta gente que veo diante começaõ a fazer aquy graandes apercebimentos e mandaõ fazer muytos cestos grãdes e pequenos e comçertaõ na ponte do paso e fazẽna muyto mais ancha do que era.

Tem mandado chamar todolos pedreiros e cavõqueiros que ha per todolos lugares derredor desta cidade pera fazerẽ a parede a qual parede me dizẽ que haõ de fazer com muytos balluartes em que haõ de poer esta artelharya que trazem se a qujserẽ fazer por

omde ja começaraõ a fazer a M.[el] de Sousa ẽ nenhũa man.[ra] lho eyde comsemtir porque ficaõ de todo sobre nos como ja sprevi a V. S. se a quisesẽ fazer per omde Dom Garcia de Loronha que Deus perdoe marcou forçadamente lho comsemtirey porque nom tenho gemte pera lhe poder defẽder la porque eu fiqo aquy com menos de duzemtos omẽs e soo os çemto seraõ de peleja e saberem eles ysto me pareçe que foi hũa das partes que os moveo a ẽpremder este negocio agora. Eu tenho mamdado pedir socorro de gemte a Baçaim e a Chaull polo proprio padre vig.[ro] que dahy mandey q̃ fose dar comta diso a V. S. Beijarei as maõs a V. S. mamdarme dizer o q̃ farey sobre esta parede se me vier gemte e ma V. S. dela puder mandar.

Em companhia do vig.[ro] mando Ruy Freire porque he m.[to] amigo de Coje Çofar e eyo por odioso neste tempo nesta fortaleza. Beijarey as maõs a V. S. mandalo la deter que me naõ torne ca este jmverno por que me parece ysto neçesaryo. N. S. acreçemte a vida e estado de V. S. como eu desejo. Desta fortaleza de Dio a biij dabryll de 546. — Beijo as maõs a Vosa Sr.[ia] — *Dõ J.º Masqarenhas.* (Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 151.)

XXIX

Sõr

Depois que esta gente de Coje Çofar chegou a esta çidade e que eu ẽtemdy ao que vinhão detreminey de maperceber do que me era necesaryo da çidade pera comer e outras cousas pera podermos ofemder e algũa parte disto metemos na fortaleza mas como eles ẽten-

deraõ nosso preposyto começarãnos a hir tolhendo tudo. De maneira que eles chegaraõ a quatro dabrjll e quando veo aos dez naõ nos deixarã ja comprar nenhũa cousa na cidade e asy ficamos jagora sẽ de la podermos aver nada e com quoamto eles nisto ja de todo vaõ quebramdo a paz eu faço ajnda que o naõ ẽtemdo porque sejaõ elles sos os que esta guerra alevamtem. O que eu ategora tenho sabido datremynação de Coje Çofar he que ele se moveo a este negoçio per cartas domẽ desta fortaleza em que se hobrigava se ele ca viese a poer fogo na casa da polvora porque esta polvora estaa ẽ duas casas e a mor parte dela estaa numa que esta de todo pera cayr porque tem duzemtas myll gretas e outros tamtos buraqos e no jmverno pasado lhe mamdey ja tapar muytas destas e ajnda agora lhe achey hum buraqo que cahia sobre as pipas da polvora por esta rezaõ naõ fora muyto poder ysto acomteçer se lhe eu naõ atalhara asy ẽ mandar tres omẽs daquy que mamdey de que eu tinha ruim presũçaõ como ẽ mudar agora esta polvora desta casa pera a outra omde eu tenho que ela estará segura com ajuda de Noso Sõr.

Coje Çofar diz que manda fazer aquy muytos algodoẽs pera com balas cheas nos ẽtupir a cava mas eu espero ẽ Deus que ela se ẽtupa mais da sua gemte morta se eles a ysto vierem que dalgodoẽs. Ategora que saõ omze dabrill naõ he ajmda ca chegado nenhũ navio da outra costa. Desejamdo eu muyto de eles virem por me trazerẽ algũa gemte porque a que aquy tenho he muyto pouca.

A D. Joaõ dalmeida e a Ant.º paçanha que aquy estaõ pidy por merçee que desem de comer a algũa

parte destes omẽs porque me queryaõ todos fugir pola necesydade em que se aquy viaõ, agora ficamos damdo de comer a todos os que aquy ha e com ysto asemtaraõ em quererem estar. E dom Joaõ e Ant.º Paçanha saõ taõ proves que ade ser neçesaryo mãdarlhe V. S. ca fazer merçe dalgũa cousa pera pagarẽ o que pera estas mesas pedem ẽprestado e eles teraõ bem mereçido ysto asy ẽ nas dar como pelo trabalho que neste çerqo haõ de pasar e nysto nom tenho mais que dizer a V. S. senã que N. S. lhacrecemte a vida e estado como eu desejo. De Dio a xj dabryll de 546 — Beyjo as maos a V. S. — *Dõ J.º Mascarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 152.)

XXX

Sõr

Ho sõr dom Fernamdo veo ca ter o mylhor tempo do mumdo e depois que ele chegou cõfeso que mavivou os esprytos de maneira que nom tenho numa palha ao turqo nem ao mumdo todo se ça vier porque debaixo da bamdeira do sõr dom Fernamdo todalas cousas ẽposyves me pareçeraõ muyto leves dacabar. Eu beijo as maõs a V. M. polo que me spreve e polo ofereçimento que la fez ao sõr g.or pera se vir meter nesta fortaleza, mas o sõr g.or oulhou bem ẽ lhe nom dar porque com V. M. ca vir naõ fora rezaõ estarmos çercados fora neçesaryo trazer tamta gemte que os puderamos çercar a eles porque V. M. nom ade vir pera sofrer batarya senaõ pera dar e por yso qoamdo V. M. vier venha desta maneira, e nos ẽtretanto estaremos

ẽgordamdo estes perros o mays que pudermos pera que os V. M. ache e satisfaça os seus desejos aa minha vomtade.

As novas de como ca fiqo sabera V. M. por Duarte Pereira e por outra carta que sprevo ao sõr g.[or] mais compryda questa porque naõ tenho tempo cõ os ospedes que me vieraõ pera sprever a V. M. caõ largo eu quisera. — Beijo as maõs a V. M. de Dio a b dias de Mayo de 1546 — Servydor de Vosa Mercê — *Dõ J.º Masqarenhas* (1). (Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 526.)

XXXI

Sõr

A dezoyto dias dabryll chegou Coje Çofar a esta çidade e no mesmo dia que chegou me mamdou dizer por dous mouros omrados como era chegado e que a sua vimda naõ era senã pera fazer mays amizades e mylhores pazes antre elrey noso sõr e elrey de Cambaya de que nunca forã mas que ele trazia hum formaõ delrey ẽ que lhe mandava fazer algũas cousas e dizer me outras que mandase la hum omẽ de que me cõfiase pera as praticar com ele. A ysto mãdey la Symaõ Feyo que he cryado da R.ª nosa sõra e servia aquy de juiz de gogala per ele me mamdou Coje Çofar dizer que elrey o mamdava a esta çidade a fazer a parede q̃ estava no contrato das pazes que o viso rey D. Garcia fizera com eles ẽ nome delrey noso sõr e que lhe mãdava q̃ a fezese polo propio lugar do comtrato e

(1) C.ta p.a D. Alv.o de Castro.

que lhe disera q̃ me mandase pedir licença pera ysto que se lha dese q̃ a fizese e se lha nom dese que tambem a fizese e que querya mays elrey de Cambaya que todolos seus navios dos seus portos que navegasẽ pola sua costa ate hum lugar que se chama Poor que pudesem navegar sem cartazes per quoamto elrey de Cambaya naõ podia sofrer esta sogeyçaõ daverem de pedir cartazes os seus navios pera navegarem pola sua costa quysto era o que elrey de Cambaya querya e o que ele vinha fazer que se lho comcedesem que teryamos muyta amizade e muyta paz e se lho nom comçedesem que ẽtaõ farya cada hum de nos o que pudese.

A estas cousas lhe respomdy que me espantava m.to dele vir com estes requerym.tos a mim sabemdo ele q̃ hum capitaõ duma fortaleza naõ tem majs halçada nẽ outra obrigaçaõ q̃ de goardar aquelas pazes que os governadores em nome delrey noso sõr fazem e lhe mandaõ que goardem que se elrey de Cambaya desejava a amizade delrey noso sõr e a querya que V. S. estava muyto perto a quẽ ele devya desprever e pidir tudo o que quisese e que se elrey de Cambaya nom quisese sobre estas cousas sprever a V. S. que lhe sprevese Coje Çofar a ele que me dese a mim licemça pera lhas sprever e que a gardasemos polo que V. S. nysto mamdase que eu tinha por çerto que V. S. farya com elrey de Cambaya tudo o que fose rezaõ. A ysto me respondeo Coje Çofar que ele nom avia desprever nenhũa destas cousas a elrey de Cambaya que o podia fazer mas que ele nom avia dagardar por nenhũa reposta destas e que logo avia de começar a fazer a parede polo lugar do comtrato e que quẽ fose comtra

o comtrato q̃ este quebrarya a paz e que todavia lhe respomdese se lhe dava licemça pera fazer por aly ou naõ.

Quamdo vy esta comcrusaõ tomey o parecer de todolos omẽs que nesta fortaleza estavaõ e todos jumtamente asẽtamos que goardasemos o comtrato ao pe da lletra asy como o visorey fizera porque nos ategora nom tivemos numca outras pazes senã estas e por estas vivemos aquy e estas gardamos e eu nom tinha outra obrigaçaõ senaõ de as poor na cabeça polo qual lhe mandey dizer pelo mesmo Symaõ Feyo que eu naõ estava aquy senaõ pera gardar e compryr aquele comtrato asy nẽ mais nẽ menos como o Viso Rey fizera e que pera eu ysto goardar não era neçesaryo mamdar elrey de Cambaya hũa tamanha pesoa comele a fazer a parede polo lugar per omde lho visorey limitou que a pudesem fazer porque por ally qualquer dos tanadares que aquy estavã a puderaõ sẽpre fazer se a quiseraõ e que se os outros capitaẽs pasados lhe ysto defemderaõ que nõ fora senã porque a eles queryaõ fazer por fora do lugar do comtrato mas que polo comtrato que se quisesẽ que eu lhajudase a fazer com a gente que aquy tinha que de muyto boa vontade os ajudarya a yso, mas pera que ele soubese o por omde avia de fazer e de quantos palmos avia de ser que lhe mamdava o trelado do comtrato pera que o vise e que daly se me naõ afastase dous dedos.

Imdo Symaõ Feyo com este recado e com o trelado do comtrato na maõ o mamdou Coje Çofar meter no tromqo sẽ no querer ouvir a ele e a dous cryados seus que levou comsygo e a minha limgoa e a Crysna rem-

dejro e a hum naique dos piaẽs dallfamdega e a todolos outros spravos de purtugueses que se la acharaõ neste dia na çidade a todos tomaraõ e premderaõ e logo no mesmo dia q̃ jsto pasou q̃ foy quoarta feira de trevas depois de jamtar me vieraõ fazer hum bastiaõ de pedra sollta e terra da bamda do rio no lugar omde começaraõ a fazer a parede em tempo de M.^el^ de Sousa. Após este fizeraõ logo outros polo propio lugar e ajnda agora os fazem e desta mnr.^ra^ me tem ja cercado de todo com eles e todos saõ desta pedra sollta com muyto ẽtulho. Da cidade me pareçe q̃ fazem muyta pouqa comta porque desmãcharaõ casas e minas pera esta obra q̃ fizeraõ tem me posto ja neles tres ou quatro tiros dartelharya e estes pareceme que saõ meas esperas ou cãys e estes puserãnos afim de defemderem as desẽbarcaçoẽs dos navios q̃ aquy viesẽ e asy como se os catures descobrem lhe tiraõ logo mas Deus seja louvado tem nos f.^to^ pouqo nojo ategora.

Fuy avisado per hum limgoa que mamdey tomar que detremjnava Coje Çofar de mandar abalroar o baluarte do mar com hũa nao que aquy ficou de Meca muy grande e esta que avia dir apegada com outra a man.^ra^ de jamgada e posto que no balluarte do mar estava hum omẽ por capitaõ que se chama Fernaõ Carvalho que teme muyto pouco estes ardis todavia eu arreceeyme disto e mandey de noyte com a preamar quando a mare começou a vazar Jacome Leite que he hum omẽ a quẽ V. S. ade fazer merçe porque merece ele toda a que lhe fizerem a este mamdey ẽ dous catures que me fose queimar aquela nao que estava alẽ das casas delrey apegada com terra. Jacome Leyte

naõ se comtentou de a queimar la posto que lha defemderaõ quanto pode ser mas la lhe cortou as amarras e lhe lamçou hum cabo com que a trouxe a toa ate defromte desta fortalleza omde lhe poos o fogo e se desfez toda ẽ cimza.

Hũa gerra lhe tenho f.[ta] que he a mayor que se lhe neste tempo pode fazer q̃ foy tolherlhe os mantimentos que lhe vem da outra costa porque tenho sabido que lhe fazẽ m.[ta] mimgoa ysto fiz desdo prym.[ro] dia que me começaraõ a tolher o mãtim.[to] da çidade q̃ foraõ a dez dabryll porque ẽtaõ sprevy loguo a dom Geronymo que nom leixase la carregar as cotias que la eraõ ẽ busca deste mantimento pomdo lhe algũ jmpidimento a ysto que parecese onesto porquanto ajnda a este tempo não erão decrarados comnosqo de todo e todolos navios de purtugeses que neste tempo aquy vieraõ ter com arroz nom consemty que nenhũ ẽtrase no Rio tiramdo algũs que mandava descarregar ao cays desta fortaleza e porque deste arroz ha aquy hũa grão cantidade mandey a outros que se tornasẽ com o arroz pera a outra costa e depois que Coje Çofar alevantou a gerra estes dous catures que aquy tinha mamdey os amdar ao mar e que me metesẽ no fumdo todolos dunes de mantim.[tos] que pera este porto viesẽ. Acharaõ os catures hũa nao carregada darroz com outros seis ou sete dunes e a todos estes meteraõ no fumdo e hũs tres ou quatro que me trouxeraõ carregados deste mantimento aquy defromte deles lhe mandey dar fumdo. Ho arroz antes disto valia aquy na çidade a treze tãgas e a catorze agora tenho sabydo que val ja o cãdyll antre eles a trynta e cimqo.

A polvora trabalho quanto poso pola poupar e asy taõbem ey de poupar os omẽs o mays que puder ate estar desẽganado dos rumes porque esta gente naõ he marqa desomẽ ẽ famdegar como ela muyto.

Ho sõr dõ Fernamdo chegou ca e Diogo Reynoso cõ ele e foraõ os prymeiros dous catures que aquy vieraõ com tal socorro e tal pesoa como o sõr dom Fernando sera pequeno feito defender esta fortaleza a guzarates porque nos nõ somos omẽs senaõ pera as tomar a turqos e se eles cá vierẽ o sõr dom Fernando fara ysto bom. Faço queixume dele a V. S. que naõ quis pousar nestas casas e alem disto faz-me taõ sobejas onrras e tamanhas mercees q̃ ando todo dia e toda noite corrido. Bastiaõ Coelho me deu hum regimento de V. S. o qual eu trabalharey por compryr todo o tempo que na gerra andar porque naõ saymdo dele poderey ganhar mays onrras se asy ouver jmigos do que ganhou Ant.º de Leyva. Bastiaõ Coelho he taõ onrrado omẽ e taõ esprementado nesta miliçia que asy por ysto como por mo V. S. mandar eu nõ farey nenhũa cousa sẽ seu comselho. Eu tenho detremynado de mandar ẽvernar dous catures ao rio asy pera com eles ocupar a fantesya a Coje Çofar como pera seguramça do baluarte do mar e porque eles desta parte do balluarte pera fortaleza naõ poderaõ estar com a artelharya ey os de mamdar poor num canall que esta da outra banda do balluarte apegado com o muro do propio balluarte omde podem estar escudados do tempo porque da outra bamda tem mais abrigo que destoutra.

V. S. salembrara qoamdo o noso sõr ca trouxer de mandar trazer na sua armada quantos pedrejros e ca-

voquejros ouver ẽ Goa porque tenho ca jmaginado hũa obra que Vitruvio naõ pudera mays jmaginar que fazemdo-a V. S. como ade fazer fica esta çidade de juro e derdade delrey noso s̃ôr e elrey de Cambaya e o turqo com esta obra feyta acabaraõ de todo ẽ todo de desesperar de Dio e numqa mais os inimigos ouvirã falar nesta çidade nẽ nesta fortaleza e V. S. nam pase por ysto porque eu mobrigo a lhe fazer ysto bom e mais he muyto pequena obra e ase de gastar muyto pouqo ẽ se fazer.

V. S. de muytas graças a Noso Sõr pola merçe que lhe fez ẽ elrey de Cambaya mover esta gerra porque nesta terra nom se podia fazer nenhũ serviço a elrey noso sõr tamanho como fazerẽlhe esta cidade sua porque a todo o tempo que se a paz fizer ficamdo nosa he ter mais nesta terra duzẽtos myll cruzados de remda que ela ade render e ẽquanto sapaz não fizer as prezas forraraõ todolos gastos da gerra.

Eu mandey daquy a Ruy Freire a V. S. e tambem mamdey a Chaul outro omẽ que se chama Fr.co Roiz e asy mamdey preso outro que se chama Jorge de Melo guzarate q̃ foy de Jorge Cardim. Ao tempo que os mamdey nom sabia eu mais deles que serẽ muyto amigos de mouros e por esta rezaõ parecerã me oudiosos nesta fortaleza. Depois deles hidos me descobrio hum abexim crystaõ que veo na companhia desta gemte que Coje Çofar nom vinha senaõ a chamada damigos que tinha nesta fortaleza. Outros banyanes me mandaraõ avisar da çidade que oulhase pola casa da polvora e pola çysterna. Outra negra desta fortaleza me dise outras cousas mays questas e verdadejramente que a

cõfiamça com que estes omẽs aquy chegaraõ e a man.[ra] de que vieraõ pareçe que era algũa cousa disto. Polo qual mãdey ao ouvjdor que secretamente tirase hũa devasa destas cousas pera mandar a V. S. e Duarte Pereira a leva e asy tambem a negra pera que V. S. lhe la ouça o que me caa dise.

Noso Sõr acreçemte a vida e o estado de V. S. como eu desejo.

Desta fortaleza a cinqo de mayo de 546. — Beyjo as maõs a Vosa S.[ria]. — *Dõ J.º Mascarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 155.)

XXXII

Sñor

Nunca esperey delRey de Cambaya que taõ cedo me fizese pidir socorro porque eu fazia-lhe comta a gusarates e eles cercarãome como framçeses porque as obras que tem feitas e a ordem delas he cousa muyto pera ver e pera lembrar muyto tempo e porque ysto he cousa que V. S. hade vir verme. Nom alargo a lhe comtar particularmente a camtidade de paredes e cubelos e balluartes q̃ fizeraõ defromte dos meus ate se virem pegar com a minha cava, nesta obra ate acabarem de chegar a cava puseraõ dous meses trabalhamdo nela cõtinuamente de noite e de dia sẽ lhe poder defemder com a artelharya posto que lhe custase as vidas a muytos que lhe temos mortos, ha vimte e nove dias que me daõ batarya e começarã madar no balluarte saõ Tome estamdo a sua artelharya asemte da bamda do mar e defromte da minha qymta que lhe

servya a eles destamçia e asy haõ de ser as qymtas que os omẽs de bem hão de ter.

Soube per hũa limgoa que tomey que detremynavaõ de me derribar todo aquele lamço de muro que vay de saõ Tomé pera samtiago. Isto me fez fazer outro comtramuro de pedra ẽ soço de quimze palmos de largura e de vaõ dezaseis pallmos que começey logo a mamdar ẽtulhar com muyta presa e temdo m.º ẽtulhado fugiraõ me de caa negros que parece que lhe deraõ novas desta obra. Por omde logo mudaraõ a batarya a outra parte e desta bãda me naõ bateraõ mais que nove dias. Daquy se foraõ poor defromte do balluarte saõ Joaõ q̃ he hum q̃ fez M.el de Sousa taõ baixo e taõ agachado que sem no derribarem daa muyta esperãça de sy a poderem emtrar por ele.

Este me começarã logo a bater e daquela parte omde o bateraõ me levaraõ logo até a rocha.

Cõpryo-me terçalo pelo m.º com hũa parede grosa de pedra ẽ soço e taparlhe as bombardeiras de rosto com hũa parede q̃ fiz da mesma pedra per derrador das ameyas e o vaõ disto mamdey ẽtulhar com muyta terra. Esta obra ficou taõ boa que os pilouros nela faziaõ pouca moça desta bamda tambem me batiaõ o ballurte saõ Tomé per estoutra parte a que tambem acody com hũas comtra ameyas que lhe mamdey fazer que ajmda ate gora estaõ saãs. A torre de samtiago tinha duas bombardeiras ẽ que jugava duas bombardas q̃ lhe faziã muyto nojo estas me cegaraõ ambas derribamdo lhe todolas ameyas que tinha, a do través lhe sostive algũs dias a poder de repairos que lhe fiz mas por derradeiro tambem ma çegaraõ. Ao prymeiro lugar

da cava que chegaraõ per hũa rua de paredes com que vieraõ cuberta com vigas de çima e per çima delas rama e terra. Foy defromte de Sam Tomé e logo por ela me começaraõ a ẽtulhar a cava. Hũ domingo pola manhã a dezoito dias de junho corria per aquelle boqueiraõ na cava de noite e de dia pedra e terra e algũa rama que tambem lançavaõ avia ja sete ou oyto dias que eu tinha hum postigo aberto na cava pera este fim por omde lhe furtava de dia tudo o que eles lamçavaõ começaraõ eles a querer defemder que lhe naõ furtasemos ho ẽtulho e logo aos prymeiros dous dias defemdemdo ysto me mataraõ o allcayde mor que era omẽ que se lhe naõ podia pagar o serviço que até ẽtaõ tinha feito neste çerqo com nenhũa cousa deste mumdo e por yso crya eu que lho quis Noso Sõr pagar com ho parayso, todavia porque me feryaõ muytos marynheiros e negros que eu trazia neste trabalho mãdei fazer hũa rua de paredes alltas que sahia do meu postigo até a outra bamda da cava e laa ao lomgo da rocha mamdey poor vigas ẽcostadas a rocha ficamdo por debaixo delas caminho pera poder tirar ho ẽtulho e per cima das paredes pus barrotes e taboas e terra per çima delas por omde a gente daly por diamte amdava segura das suas pedras e espingardas com que tiravaõ quando esta obra viraõ llevaraõ maõ do ẽtulho algũs dias e nestes lhe acabamos nos dalimpar a cava.

O prym.ro dia de batarya que me deraõ chegou elrey a esta çidade e esteve nela omze dias e neste propio tempo que ele aquy esteve mamdey tomar hũa limgoa numa allmadia ẽ que foraõ cimqomẽs que lhe foraõ tomar apegado com as casas delrey q̃ foy hũa

cousa que eu soube depois de que se elrey muyto espamtou porque estes cimqomẽs que lá foraõ acharaõ mais de trymta negros na praya e damtre todos tomaraõ hum e matarã tres dos outros e deles vieraõ dous ferydos. Por este negro soube como elrey estava na çidade que ate ẽtaõ naõ sabya e como viera pera estar aquy dous meses e que tinha mamdado chamar muyta outra gemte. Estamdo nesta detremynaçaõ a cabo domze dias que aquy esteve se foy e leixou aquy hum capitaõ seu que veo cõ ele que se chama Jujarcaõ que he capitaõ dos abexis. Desta hida delrey ficámos hum pouqo soberbos porque lhe fizemos tamtas festas os dias que ele aquy esteve e tyramos lhe tamta bombardada que alem de lhe matarmos muyta gemte com as bombardas quebramos lhe dous tiros grosos e arrebemtou-lhe hum e estes eraõ dous basalisqos e hũ espalhafato per omde nos pareçeo que se foraõ de medo que de nos ouve. Depois delrey hido soçedeo este ẽtulhar da cava que acima digo e vimdo Coje Çofar ver dia de saõ Joaõ a tarde o lugar por omde ẽtulhavaõ acertou de desparar hum camelete noso da torre que M.el de Sousa fez sobre a porta velha e este pilouro ẽcaminhou-o Deus de maneira que matou Coje Çofar q̃ foi a mór dita e a mór boa ventura que á Imdia agora podia vir e ysto deve V. S. dagardecer a Deus muyto por lhe tirar ẽ seu tempo hum jmigo taõ perjudiçial a toda esta terra e taõ sabedor como este era.

Ho cerqo naõ afrouxou nada per sua morte mas amtes mapertaõ agora muyto mays porque depois de me terẽ cegas todalas bombardeiras de rosto dos balluartes vieraõ me asẽtar a sua artelharya apegado com

a cava de sam tomé detras dum balluarte q̃ eles fizeraõ domde me tem já cego todallas bombardeiras dos travezes asy do balluarte saõ Joaõ como o da torre como a outra do balluarte que os rumes bateraõ. A temçaõ de me cegarẽ estes travezes he quererem ẽtulhar a cava do balluarte saõ Joaõ e a outra de sam tomé pera omde tem jaa feito quatro bocas asy como a prymeira pera por elas lamçarẽ tamto ẽtulho que lhe nom posamos vemçer. E porque nos ha muytos dias q̃ trabalhamos e temos muyta austinẽcia no comer he causa ysto de madoeçer muyta gemte e os que adoeçẽ naõ podem comvalleçer porque naõ tem com que. E termaõ mortos vimte e tantos omẽs afora outros ferydos porque estamos sẽpre depois q̃ chegaraõ de noite e de dia as espimgardadas com eles pola qual rezaõ nom somos poderosos pera lhe poder tirar da cava o que eles esta segumda vez lamçarem porque haõ dẽtulhar per muytas partes e porque tenho sospeyta que depois que me ẽtulharẽ a cava do baluarte saõ tomé que mo haõ de mynar. Começolhe amanhãa abryr hũa contramyna que atravese todo o balluarte porque quamdo eles vierẽ com a sua que os posamos atalhar cedo e se tiver tempo outro tamto ey de fazer no baluarte saõ Joaõ.

Naõ nomeyo aquy a V. S. os capitaẽs dos balluartes e os trabalhos que neles tem pasado e a merçe q̃ por yso mereçem porque quamdo Noso Sõr ca trouxer a V. S. o saberá e verá de mais perto. Do sõr dõ Fernamdo digo a V. S. que he o mor trabalhador que eu ẽ todolos dias de minha vida vy porque ele soo tem feito todalas obras que caa fizemos e vigia toda noyte e asy deseja de matar todos estes mouros e taõ rijo e

taõ esforçado amda como se nenhũa destoutras cousas fizera e com ysto nos esforça a todos.

Eu sprevy a dom Geronymo que me mandase socorro de gente porque a ey mester se me vyer espero ẽ deus que quando V. S. caa chegar ache o cerqo alevãtado e a cidade despejada porque estes omẽs haõ de querer sallvar a sua artelharya que aquy tem que he muyta e muyto bôa porque saõ quatro basalisqos muyto gramdes e dous espalhafatos e hum qoartaõ e artelharya outra de toda sorte e esta nom haõ eles de querer avemturar porque a çidade tẽna toda derribada e todolos muros dela da parte do mar por omde se nom haõ de fazer já fortes nela e por esta rezaõ folgarya eu de me vir gente com que lhe pudese tomar algũa parte desta artelharya porque esta fortaleza haa mester.

Noso Sõr acreçemte a vida e o estado de V. S. de Dio a ij de julho de 546 — beyjo as maõs de V. S. — *Dõ J.º Mascarenhas.* (Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 163.)

XXXIII

Sõr

Ajmda que outrem de esta nova por maa a V. S. que he o faleçimento do sõr dom Fernando que Deus tem na sua glorya, eu nom lha dou senõ por booa porque com o seu esforço ẽ quanto viveo e com ẽxempro da sua morte nos anymou a todos tamto que pudemos soster esta fortaleza até gora comtra toda rezaõ dos omẽs por ysto deve V. S. de dar muytas graças a Noso Sõr pola merçe que lhe nesta parte tem feyta

poys ouve por bem que se salvase esta fortaleza custamdo a V. S. a vida de seu f.º. Outros omẽs o acompanharaõ na morte que tambem creo que o acompanharaõ no çeo. Depois que me deraõ fogo a este balluarte mo deraõ tambem ao balluarte saõ thome e a torre de samtiago e a hum lamço do muro. Tudo ysto me derribaraõ mas aprouve a Noso Sõr que nestas tres mynas que me depois arrebemtaraõ naõ perygou nenhũ purtugues mas tudo ysto fiqou raso. Nos ho defemdemos com tanto perygo como Deus sabe porque a este tempo nom tinha mais que oytemta omẽs saõs e estes repartidos per todos estes lugares por omde nos podiaõ acometer e asy pouqos e espalhados quis Noso Sõr que sostivesemos a furya dos jmigos que durou hũa das vezes depois de jãtar ata noite doutros cõbates que me deraõ ẽ vida do sõr dom Fernando naõ nos conto a V. S. porque se nom pode falar neles senaõ muyto devagar. A comcrusaõ do negoçio agora he que o sõr dom Alv.º chegou aquy a vimtoyto dagosto com vimte e duas velas ẽ que poderya trazer perto de quatroçemtos omẽs com sua pesoa e cõ esta gemte a fortaleza estaa segura e nos a defemderemos até V. S. vir. Estes negros o que até gora mostraõ he quererẽ se fazer fortes na çidade porque atravesaõ o rio todo com hũa pomte que say do cays de Gogala e falleçelhe já muyto pouqo pera acabarem de çarrar. Se eu tivera polvora puderalhe ẽpidir esta obra mas ha vimta çimqo dias que se me esgotou a polvora de todo pomdo lhe toda a provysaõ q̃ pude. E desna ẽntaõ pera qa naõ tenho mais que ha que me fazẽ cada dia q̃ he muyto pouqa. Estes negros naõ deixaõ de picar e de nos derribar da fortaleza tudo

o que elles podem, pareçeme que ade ser neçesaryo sayrmos fora pera lhe desmancharmos os caminhos por omde vem aos nosos muros e aos nosos balluartes. Espero ẽ deus que soçedera bem e tenho esta esperãça nelle porque tenho visto ẽ todo este çerqo que elle foy o que pelejou por nos ategora. Todavia esta fortaleza tem neçesydade de V. S. ser çedo nela porque ha mester muyto trabalho pera se tornar a refazer e ysto naõ pode ser sẽ de todo nos desçercarmos botamdo os fora da çidade e nos caa nom me pareçe que abastaremos pera os poder botar fora se se elles naõ forẽ per sua vontade.

Noso Sõr acreçemte a vida e o estado de V. S. como eu desejo. Desta fortaleza a x x biij (28) dias dagosto de 546.—Beyjo as maõs a V. S.—*Dõ J.º Masqarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 171.)

XXXIV

Sõr

Depoys de ser partydo de qua Bastyã Quoelho saquabarã os mouros de senhorear do baluarte sã tomé dele me levarã hũ basalysquo e hũ lyã e hũa salvaja arrebẽtada a quausa de tudo ysto asy ser foy naõ poder tyrar estes tyros do baluarte quãdo o podera fazer porque a este tẽpo naõ tynha jẽte nesta fortaleza q̃ lhe podese dar vẽto trabalhãdo nos muyto por ysto porque outros tyro quõ q̃ podemos tyramos como foy hũa espera e hũ quamelo e hũa gyan depoys q̃ o sõr dõ Alvaro chegou avya jẽte pera os poder tyrar tynhã os mouros levado tãto ẽtulho de sã tomé q̃ ja se naõ

podya ẽtrar no baluarte senaõ por hũ muyto estreyto quamynho e os tyros estavã ja depẽndurados de todo pera a sua parte porque desta maneyra me ganharã o baluarte furtãdome o ẽtulho por baixo e pera ysto lhe deu lugar a myna q̃ neste baluarte arrebentarã a levada destes tyros foy quausa da sayda q̃ fyzemos cõ tamanha onyã do povo que eu naõ pude deyxar de lhe fazer a võtade porque se lha nõ fyzera pareçya q̃ tomaraõ eles a lycẽça aỹda q̃ lha eu naõ dera e q̃ fyzerã outras qousas aỹda muyto peores questa pola qual rezã me deyxey yr a polo queles queryaõ dyzẽndolhe todavya muytas vezes quã mal me pareçya yr fora aquelas oras e mays sẽ termos quamynho aberto pera poder ẽtrar qos mouros q̃ me desẽ lugar pera o mãdar abryr aquela noute e q̃ o outro dja pola menhã poderyamos ẽtrar por ele naõ me quyserã ouvyr ysto senaõ quas maos e quos qoçes desfaryã todalas suas paredes dyxerã dysto tãto q̃ eu naõ pude al fazer senaõ deyxar me vẽcer deles.

Dou agora esta cõta a V. Sria porque lha naõ dey nas outras qartas q̃ lhesqrevy porque me nõ deu lugar a payxaõ a lha poder dar e jũto cõ ysto fyqou a jẽte taõ amodrõtada e o baluarte de saõ tomé avya myster tãto repayro de dẽtro pera nos fazermos fortes cõtra ele que aqupaçaõ de qudyr a essas qousas me nõ deu tẽpo pera poder aqudyr a outra nenhũa. Agora Deus seja louvado fyquamos bẽ porque foy a gẽte perdẽdo o medo e vay lhe ja pareçẽdo q̃ nos poderemos defẽder destes emygos qõ ajuda de Noso Sõr até Vosa Sria vyr e qõ sua chegada qua esperamos ẽ Deus q̃ nõ fyque deles nenhũ rasto e dygo ysto porque me pareçe ategora

q̃ detremynã eles desperar a Vosa Sria na çydade posto quo qeu tenho sabydo eles ategora naõ fazẽ nela nenhũa maneyra de fortefyquaçã mas ãtes a tẽm despejada toda.

Eu tenho mãdado la hũ negro pera saber a cõta q̃ fazẽ aӯda me naõ veo agora eyde mãdar outro e taõbẽ mãdo cõcertar hũa mãchua q̃ tynha aquy pera ver se pollo ryo lhe posso tomar algũa lӯgoa o q̃ por estas vyas poder saber eu o farey saber a Vosa Sria e qũ tudo nos temos neçesydade de V. S. vyr cedo e se V. S. logo naõ poder trazer a jẽte qua myster pera vyr cõ ele mãdenos algũa gẽte dyãte porque cõ ela e qõ a que qua esta q̃ serã quynhentos omẽs podera esta fortaleza estar segura ate a chegada de V. S. Aquy adoeçenos muyta gẽte e naõ a qousa nesta fortaleza cõ q̃ os possã qurar tẽ V. S. neçesydade de trazer botyqa qõsygo porque qua naõ na ha e galynhas nã falo por questas vyrã quãdo vyerẽ navyos. Pera V. S. fazer esta fortaleza me pareçe q̃ será neçesaryo mãdar fazer qual ẽ Baçaӯ porque aquy naõ sey se se poderá ter o avyamẽto pera ela que ha myster qua naõ a lenha e taõbẽ e neçesayro mãdala V. S. de lá trazer nos naõ temos qua nenhũa polvora de nenhũa maneyra e a mays dhũ mes q̃ estou sẽ ela esperava q̃ me vyese de Baçaӯ ate gora me naõ vyeraõ mays q̃ duas pipas dela e desta gastamos. Dysto nõ tenho mays que dyzer o sõr dõ Alvoro fyqua muyto bẽ desposto e tẽ mostrado tamanhas partes nesta vyajẽ q̃ V. S. deve de dar muytas graças a Noso Sõr por lhe dar tal fylho.

Noso Sór acrecẽte vyda e estado de V. S. como eu desejo.

Desta fortaleza a dezoito de setẽbro. — Beyjo as maõs a V. Sria. — *Dõ J.º Masqarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 181.)

XXXV

Sõr

Em quãto Vosa Sria qua nõ chegar pareceme neçesayro escreverlhe qualquer novydade questes negros fyzerẽ depoys quo sõr dõ Alvoro qua chegou até vỹte de setẽbro nenhũa quousa fyzerã no seu quãpo nẽ tynha mays nele q̃ hũ so tyro pequeno quõ q̃ tyravã os quatures porque a mays artelharya tynhã ja levada a vỹte de setẽbro tornarã a trazer algũa artelharya em que entrã hũ basalisquo e quamelos de marqa mayor e espera se qõ estas nos quomeçã agora a dar batarya de novo e alevãtarã mays a sua parede e fyzerã outros qubelos de novo e jũtamẽte qõ ysto vẽ cõ outra rua de paredes pera a torre nova q̃ Manoel de Sousa fez sobela porta velha a sua tẽçã he vyrẽme mynar esta torre e darẽlhe fogo e tenho que o ãde fazer taõbẽ ao outro baluarte quos rumes qõbaterã ysto lhe defẽderemos qua quãto pudermos nos nã podemos mays fazer que detelos mays quatro ou çỹquo dyas por questas qousas naõ se podẽ defẽder senaõ qõ os botarẽ fora deste quãto pera ysto a myster mays jẽte da que aquy temos porque cõ a jẽte q̃ o sõr dom Alvoro trouxe cõ a que aquy estava seryamos quynhẽtos omẽs mas questavã dãtes adoeçerã todos e os mays taõ mal q̃ lhe dey lycẽça pera syrẽ qurar a outra costa dos que vyerã qõ ö sõr dom

Alvoro stã doẽtes mays de cẽ omẽs e estes naõ podẽ qõvalecer aquy por que naõ tẽ galynhas pera comerẽ e por aquy pode Vosa Sria julgar a gẽte q̃ nesta fortaleza fiqua q̃ eu lha fyrmo q̃ pera goardar o que esta derrybado e pouqua quãto mays pera defẽder o q̃ derrybarẽ de novo estes negros naõ me pareçe q̃ os poderemos deter mays sẽ dar fogo a torre e o baluarte q̃ dez dias purquãto esta quava destas duas peças é muyto bayxa e esta ja mea emtulhada da batarya q̃ me dãtes tynhaõ dada pola qual rrezã a vỹda de Vosa Srya qũpre star muyto breve e assy tãbẽ qũpre muyto mãdar Vosa Srya a mays jẽte q̃ puder q̃ sẽdo posyvel posã ser quonosquo dẽtro nestes dez dyas pera ysto a Vosa Srya de mãdar nos navyos q̃ vyerẽ omẽs q̃ tenhã vergonha e õrra pẽra chegarẽ qua. Dygo ysto pola armada quo sõr dõ Alvoro trouxe qõsygo q̃ nũqua ate gora podemos qua aver ho rabo dela esta qulpa naõ deve de ser senaõ dos qomyteres porque os quapytaỹs devẽ de saber pouquo desta ẽseada a qual tẽ a navegaçã taõ facyl qe cõ todo tẽpo se pode navegar porque mays sãda nela qõ mares q̃ quõvẽto e porque este omẽ q̃ ay vay neste quatur e o q̃ mays sabe dela q̃ todos quãtos a nesta qosta o deve Vosa Srya demãdar qos navyos q̃ vyerẽ e Vosa Srya vyra pos eles cõ toda a presa q̃ poder porque estes negros naõ agardõ mays q̃ ver Vosa Srya ńesta barra porqueu tenho por çerto queles o naõ agardẽ na çydade e seles forẽ taõ sãdeus q̃ o queyrã fazer espero ẽ Noso Sõr q̃ Vosa Srya esquãdalyze de maneyra q̃ lhe venhã aqometer pazes day a muyto pouqos dyas. Noso Sõr aqrecẽte vyda e estado de Vosa Srya como eu desejo. Desta fortaleza a vỹte tres

de setẽbro. — Beyjo as maõs a Vosa Srya. — *Dõ J.º Masqarenhas* (1). (Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 201.)

XXXVI

Sõr

A vyntaseis de setembro começou a chegar ho Rabo darmada do sõr dõ Alv.º e Vasquo da Cunha me dixeraõ q̃ fiquava ẽ Baçaym pera as trazer pareçeme q̃ ele aquabara de trazer as mays, mas estes navyos vẽ com m.to pouqua jemte q̃ a mays dela se desẽbarcou das arrybadas q̃ fizerã e nos agora temos neçecydade de mais como ja tenho escrito a V. S. perque estes mouros naõ deyxaõ de nos apertar e de toda man.ra queles podẽ eles chegarã ja co seu caneyro queu escrevy a V. S. queles começavã a fazer e vierã ter co ele amtre a torre questa sobola porta e o baluarte cos rumes combaterã desta torre ao baluarte ha cymquo braças e mea pareçe poys se vyerã lamçar neste meo q̃ he pera fazerẽ mjnas ẽ ambas por queste foy sempre ho seu trabalho e dysto se tẽ mostrado grãdes mesteres, ha ordem destes seos caneyros he esta.

Fazẽnos de paredes altas e grosas e na boqua per omde se pode ẽtrar co eles trazẽ hũa cousa como cavalos de madeyra forte e de boa grosura forrada de coyros com que tapã toda ha ẽtrada e solhã per cyma estas paredes com palmeyras bravas e per cima delas poem rama verde e mato porque lhe nã poso fazer nojo nenhũ fogo que sobreles posamos lãçar e desta man.ra

(1) Tôda do punho de D. João Mascarenhas.

vẽ ate se pegarẽ conoso muro ysto nã se lhe podẽdo defẽder senã mandalo lhe derrybar estas paredes quãtas vezes a eles fizerẽ e porque nos ysto nã posamos ordenã eles quatro e cymquo caneyros destes jũtos porque quamdo lhe derrybarmos hũ q̃ lhes naõ posamos derrybar os outros e ysto he o queles agora ẽprẽdẽ a fazer sobre esta torre e este baluarte. Eu ategora trabalhey muito per aver hũa lymgoa e eles tem tamanha vegya ẽ sy que numqua ma puderã tomar e esta noyte estãdo Symaõ galego pera partyr fogyo de lá hũ mestyço e veo aquy ter e diz ele que ha seys meses q̃ esta preso la o mãdo a V. S. pera que dele sẽforme do negoçyo como qua esta o que mamỹ pareçeo doquele diz e do quẽtẽdo destes mouros he quẽles nã am dagardar V. S. na cydade e nã samde tyrar de sobolos nosos muros até nã verẽ V. S. cos olhos ou saberẽ questa m.^to perto polo qual mamỹ parecya bẽ que se V. S. ẽ Goa ouver de fazer algũa detẽça que a venha fazer antes a Baçaym por que sabẽdo esta jemte questa V. S. tam perto pode ser qualevãntarã ho cerquo e se nos V. S. pudese mãdar por ẽtretãto algũa jẽte mays ser nos hya qua muj boa por quafirmo a V. S. que temos neçeçydade dela nã tãto pera o questá derrybado como pera o queles podẽ derrybar haquy até V. S. vyr.

Ant.^o Moniz veo aquy ter nũa galiota por mãdado do sõr dõ Alv.^o tam cedo e a tam bõ tẽpo quele foy de nos muj bẽ recebydo depoys que chegou ouve combates ẽ quele mostrou açaz de sua p.^a onde ho feryrã e queymarã o sõr dõ alv.^o pede per ele hũa merçe a V. S. eu lhe poso afyrmar q̃ mereçe ele toda a que lhe V. S. fizer.

Eu tambẽ nã deyxarey de pedyr hũa merçe a V. S. pera mj posto que pareça agora fora de tẽpo mas eu espero ẽ Deus que co a chegada de V. S. qua ho seja pera ysto poder ser eu querya mjr este ano pera Portugall sa gerra de cambaya safastase tam longe desta fortaleza que lhe dese pouqua apersam e ysto se o V. S. asy mãdar e lhe pareçer bem e ajumtamdose estas cousas ambas farmya V. S. muj grãde merçe ẽ meter guardada hũa nao desas quagora vyerã pera me poder yr nela e aquabado V. S. de chegar qua sabera logo se me pode V. S. fazer esta merçe a mj se a outrẽ e por quisto hade fiquar pera este tpõ me naõ alargo mays neste negoçyo.

Noso Sõr acrecẽte vida he estado como eu desejo. Deste curral a xxbij de setẽbro. — Beyjo as maõs a Vosa Srya. — *Dõ J.º Masqarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 205.)

XXXVII

Sñor

A vimtoyto dias de set.º chegou aquy V.co da Cunha com todolos navios que caa faltavaõ darmada do sõr dom Allv.ro V. S. crea que ele fez a mor cousa do mundo ẽ nos trazer porque segumdo amdavaõ acustumados a arribar pareçeme que se Vasqo da Cunha os naõ trouxera que eles naõ vieraõ cá senaõ com V. S. Aalem de fazer vir esta armada com sua p.ª folgey muyto porque he omem sobre quẽ o sõr dom Alv.ro pode descamsar ẽ qualquer parte que o quiser poor

ajmda que elle naõ quer que o sõr dom Alv.ro se syrva dele senaõ ẽ o naõ apartar de sy.

Jorge de Sousa veo logo apos ele caa ter numa caravela em que trouxe muy boa gemte mas o que lhe V. S. deve e elrey noso sõr desta jornada he chegar aquy sẽ querer tomar pelo caminho nenhũs refresqos que pode ser se ẽtrara ẽ algum porto que chegara caa com m.o menos da gemte com que de la partyo. Payo Roiz daraujo chegou omtem q̃ foraõ quatro doutubro no caminho diz que tomou hũ galeaõ de Coje Çofar q̃ laa mamdou a V. S. e trouxe na caravela hũs poucos de rumes e outros doutras naçoẽs a que o sõr dom Alv.ro mamdou cortar as cabeças.

Caa vieraõ ter outras naos que o sõr dom Alv.ro mamdou tomar e tambem nelàs mamdou cortar as cabeças a hũ golpe de gusarates que nelas vinhaõ e asy pouco e pouco espero em Noso Sõr que nos deixe vimgar dos trabalhos e perdas que nos estes perros tem dado. E porque o sõr dom Alv.ro spreve mays largo disto a V. S. por yso o naõ faço eu aquy.

Eu sprevy a V. S. que me parecerya bem a detemça que V. S. avia de fazer nesta jornada fazèla antes ẽ Baçaim que ẽ Goa agora me parece jaa o comtrayro polo que tenho vysto deste tomar dos portos e mais da comdiçaõ dos portugueses que naõ se ẽbarcaõ nũca de taõ boa vontade que nom se desẽbarquẽ de muyto mylhor ajmda que nyso percaõ naõ socorrer hũa fortaleza de tamta jmportançia como esta he pola qual rezaõ se pudese ser quamdo por este caminho Deus trouxer a V. S. naõ ẽtrar a armada ẽ nenhũ porto pareçeme q̃ fumdirya ysto trazer V. S. comsygo mays hum bom

golpe de gemte ẽ Baçaim e ẽ Chaull nos dizem caa que amda muyta gemte por esta pode V. S. mamdar porque pareçe laa desneçesarya porque com Dio sade segurar Baçaim e amamsar todolos reis da Imdia.

Ho negoçio esta caa da man.[ra] que tenho sprito a V. S. senaõ quanto haa dous dias que symto que me mynaõ sam thome por debaixo da rocha. Esta myna presumo que a fizeraõ per hua cava velha que este balluarte tinha no tempo de Rumecaõ a qual cava eles abryraõ tamto que foraõ sõres do balluarte e desta cava pera alem salevãtaraõ e se fizeraõ fortes no balluarte ficando amtre noos e elles a mesma cava e por esta nos vem mynamdo a rocha porque abrymdo algũa parte desta rocha ficaõ eles seguros da outra bamda do balluarte domde estaõ e daly ficaõ sobre noos muyto sobramçeyros. A temçaõ desta sua myna pareçeme que he derribarme outra maneyra do balluarte que eu levamtey defromte deste e porque nela tinha aposẽtado numa casa muyto achegada a este balluarte semty de noite o seu picar e depois que me nysto afirmey com outros omẽs mãdeyos comtramynar per hũa çysterna que nesta casa avia que era o lugar mais aparelhado e mais perto omde eles pareçe que vinhaõ de quantos podiaõ ser, mas nesta fortaleza nom tenho jagora mais que dous cavouqueiros que servem nesta cousa, muyto camsados e muyto fracos diseraõme que V. S. mamdava caa hũa caravela carregada deles, certefiqo a V. S. que he o moor socorro que nos agora poderya vir se caa chegase porque me começaõ ja a mynar o balluarte que os rumes cõbaterã e a torre começarã amanhã, mas a torre tenho eu jaa m.[a] *(meia)* desẽtulhada, no

balluarte naõ tenho bolydo porque naõ bastamos a tamta obra.

Hum purtugues que amda lamçado com os mouros veo falar hũa noyte destas aa tramqueyra e nos dise que nos goardasemos de sam thomé e de samtiago porque dahy a quatro dias ẽ amanhecẽdo nos aviã dacometer pelo qual tivesemos em noos muyto boa vigia. Destas palavras lamçey maõ pera estar atalayado e logo ordeney de fazermos hũa parede com hũa man.ra de cubelo no m.o nũ terreyro que esta de samthomé até samtiago, polo m.o deste terreiro corre esta parede ficamdo as ruas abertas pera nos podermos ajudar das lamças e na parede ade estar a nosa espimgardarya domde espero ẽ Noso Sñor que eles haõ de receber muyta perda se vierem.

Nesta fortaleza ficaraõ quinhemtos omẽs saõs pouco mais ou pouco menos, doemtes fora dos spritaes haa çemto e setemta e tamtos tirados per rol. Em dous spritais que aquy ordenamos poderá aver perto doitemta doemtes, os omẽs com o trabalho e com o vegiar de dia aa calma e de noite ao sereno adoeçem cada dia e convaleçem muyto mall. V. S. tem neçesydade de mandar trazer muyta abastança de botiqa porque Symaõ Alvarez e Joaõ Garces que caa veo de Chaul naõ vieraõ taõ providos destas cousas que lhe naõ faleçaõ muytas.

Estes mouros todalas amostras que ategora fazẽ he pareçer que haõde esperar que V. S. os bote fora desta cidade; pera ysto he neçesaryo que V. S. venha com gemte e pera noos e nos neçesaryo vir muito depresa porque nos nom acabemos todos de consumir com doemças e outros males que a gerra e os trabalhos fazẽ.

Do sõr dom Alv.º faço queixume a V. S. que naõ quer senaõ trabalhar e vigiar e pelejar mais que todos naõ me valem requerymentos nẽ outras muytas lẽbrãças que lhe tenho feytas nẽ me pareçe que ysto pode ter emenda se o V. S. naõ vier a tirar disto, eu ho sirvo ẽ tudo o que poso ele me deve por ysto muyto pouco e V. S. m.to menos porque eu naõ quero ganhar mais nesta terra que ter ao sõr dom Alv.ro por tamanho meu sõr como eu cuydo que o elle ade ser sẽpre.

Noso Sõr acrecente a vida e o estado de V. S. como eu desejo. De Dio a cimqo doutubro de 546. — Beyjo as maos a V. Srya. — *Dõ J.º Masqarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 207.)

XXXVIII

Sõr

Com a chegada de V. S. a Baçaim fomos todolos omẽs desta fortaleza taõ ledos como caõ trystes estes nosos jmigos por yso devẽ destar naõ pode ser mor synall desta sua trysteza q̃ fazerem agora mostras de gramdes prazeres com a mesma nova que tyverõ de V. S. estar taõ perto. Eu tenho por çerto que este seu prazer naõ he outro senã desejarem tamtos de servirem ja fora desta gerra como eu desejo de me ver fora deste cerqo. Com a vinda de V. S. espero ẽ Noso Sõr que estes nosos desejos se cumpraõ. Todavia estes mouros fazẽ se fortes quanto podem; os seus cubelos que tinhaõ e a sua parede que une a esta fortaleza de mar a mar

alevãtarãnos mays e ẽgrosarõnos; alem disto per todalas partes omde acaba estaa ẽtulhada fizeraõ paredes ao lomgo da cava pera que nõ posamos ẽtrar por aly com eles e jumtamente com ysto tem outros caneyros nos mesmos lugares muyto piores demtrar que as mesmas paredes per fora pela bamda do mar omde soya a ser o baluarte que chamaraõ de Dyogo Lopez q̃ eles ja tinhaõ derrybado tornarã a alevãtar outro no mesmo lugar e fizeraõ tambẽ hum pedaço de muro pera tolher a desẽbarcaçaõ e a ẽtrada por aquela parte. Na vila dos rumes num balluarte que tinhã no cabo da bamda da terra alevãtarãno e abryrãlhe bombardeyras. Estas cousas pareçem craras mostras de se quererem defemder polo qual V. S. tem neçesydade de gemte por que avemos de fazer comta que avemos de calar esta cydade; estas fustas e catures tenho sabydo que estaõ ẽ descredito amtre estes negros porque haõ que naõ trazẽ ẽ sy senã muyto pouca gemte pelo qual V. S. se deve meter ẽ sam lluys (?) e trazer todos eses galeoẽs comsygo e todalas mays naos que V. S. ahy tiver carregadas de call trazelas tambẽ em companhia da armada porque de tudo se ha omẽ dajudar qoamdo he neçesaryo com estes cavoq.^ros^ e pedreyros que trouxe este catur folguey muyto e vierã a muyto bom tempo porque a torre e o baluarte que eu sprevo a V. S. que me queryaõ minar ja me tem dado com ela no chaõ e com parte do balluarte e o muro da nosa parte ficou ẽ pe pór causa do ẽtulho que lhe neste tinha vazado agora tornaõ com outro caneyro ao mesmo muro com estes cavoq.^ros^ trabalharey por defemder este muro com os comtramynar ẽ sam thome e ẽ sam tiago espero cada dia que mar-

rebemtem hũ par de mynas e pera ysto desejo caa madeyra pera podermos acudir com presteza o remedio destas cousas, na caravela dizẽ que vem hũ piloto que nũca caa veo nẽ sabe nada e do mestre dizẽ outro tamto pareceme que devya V. S. de mamdar nela a Alexo dabreu q̃ foy no catur e elle a trara caa.

Quãto o que me V. S. mãdou q̃ fyzesse logo aquela mesma noute q̃ o muryquale qua chegou mãdey daquy o brãmene quõ ametade da quõserva da boceta repartyda por Symaõ Alvarez asy como Vosa Srja mãdou e ẽ tudo quõpry o seu mãdamẽto o brãmene mãdey botar da outra bãda da terra fyrme e naõ lhe desquobry ho negoçyo senõ a ora q̃ o mãdey e daly logo se foy ẽbarquar taõ quõtẽte de sy e quõ fazer o negoçyo taõ facyl que tenho muyta esperãça quade fazer a obra muyto bẽ feyta ho mestyço desquobry o negoçyo o outro dya a noute depoys de ser partydo o brãmene fazẽdolhe qrer quera ele so nesta cousa como mele aquabou douvyr fezme ho quaso majs leve quo bramene por õde logo o mãdey ẽbarqar e q̃ o fosẽ lãçar no quabo da ylha pola bãda de fora e porque eu mãdey aos omẽs q̃ o levavã que lhe fossẽ prymeyro desqubryr a terra pera o poderẽ botar fora seguro de o verẽ os omẽs q̃ mãdey vyrã vejyas por toda a ylha por õde mo tornarã a trazer mas o brãmane sayo da outra bãda qo a terra desquberta e sẽ no verẽ agora ey de mãdar botar ho mestyço naquela mesma parte por quele taõbẽ asy mo requere e pode ser q̃ querera Nosso Sõr q̃ sẽ armas desbaratemos estes perros tãto seus ymygos quomo estes saõ.

Noso Sõr aqreçẽte vyda e estado de Vosa Srya.

Desta fortaleza a 19 de outubro. Symaõ Botelho chegou dormuz ouje terça feyra; ho sõr dõ alvoro teve hũas febres muyto pequenas jagora esta sẽ elas Deus seja louvado e fyqua muyto bẽ; Symaõ Alvarez o qurou delas e fyqua bẽ quõtẽte de sy de lhas botar taõ sedo fora. — Beyjo as maõs a Vosa Srya. — *Dõ J.º Masqarenhas.* (Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 215.)

XXXIX

Sõr

Ese bramene e taõ despachado e taõ tomado do diabo q̃ foy a cidade e veo e diz q̃ fez tudo o que lheu mãdey. Mando asy a V. S. pera que sayba dele as novas que dela trouxe. Como vier o mestiço tambẽ o mãdarey a V. S. e por ele ou por algũa limgoa que espero de tomar porque o eyde trabalhar m.to pera saber ho que ambos fizerã o qoanto levou o negoçio.

Este bramene diz que nom ha majs que tres myll omẽs na çidade que he chico cevo pera a minha soo espada, mas jumtamente com jsto diz ele q̃ trouxeraõ agora dũ lugar que se chama guynar dez ou doze peças de tiros pequenos e que os tem postos numa parede nova q̃ fizeraõ jumto cõ a allfãdega. Isto naõ comçerta com tres myll omẽs poys craro mostraõ querer defemder a çidade e comtudo ho que omẽ vee de ca; pareçe que tambem nã pode aver mais gemte questa porque se fora mays ẽpergaramola polo campo ou pola pasagem da pomte porque por estas partes omde os omẽs pode ver naõ se mostrã senã pouqos, comtudo V. S. traga a mais gemte que puder e goardese deste bramene

porque tem hũa filosomya e hũa agudeza pera fazer çem myll treyçoẽs, as mais novas que caa tiver desta cousa eu as farey logo a saber a V. S.

Ho madeyra chegou caa com a sua gente q̃ foy hũ gramde allivio pera os que trabalhavamos neste offiçio de cavoq.[ros] e pedr.[ros], mas tambem me lembrou que tem V. S. neçesydade de mandar trazer de Chaull amaçadores de chumbo que diz que ha laa muytos que naõ servẽ doutra cousa e com estes caa sera graõ despacho pera a obra.

Ho sõr dom Alv.[o] fica saõ porque depois que se lhe foy a febre nom lhe tornou majs, come agora cabrytos e perdizes dormuz muyto gordas e muyto symgulares por aquy verá V. S. como fiqa.

Noso Sõr acrecemte a vida e o estado de V. S. como elle deseja. — De Dio a xxiij doutubro de 546. — Beyjo as maõs de V. S. — *Dõ J.º Masqarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 234.)

XL

Sõr

Este mestiço tornou tambem a vir e diz q̃ fez laa a sua obra como ele laa comtara a V. S. ele e o bramene ẽcomtraõse de man.[ra] no comtar das novas que ẽ nenhũa cousa comçertaõ senaõ ẽ dizer que estes negros naõ tem polv.[ra] no all que este hia fazer me pareçe q̃ fala este mestiço mays verdade ẽ algũa parte fiquo cremdo q̃ fez o q̃ elle diz que lhe V. S. la ouvira, mas nas novas da cidade e da gemte que aquy estaa

tenhome com o que o bramene diz porque o que ele comta esta mais achegado o que omẽ vee e o que pareçe rezaõ. A mesma noite que este mestiço veo q̃ foy a deste domimgo veo tambem hũ negro que Vasquo da Cunha tinha mamdado de Chaull este taõ pouquo ẽ nenhũa cousa comçerta com estoutros senaõ ẽ dizer tambem que naõ tem polv.[ra] e que tem duas ou tres mynas feytas e que haõ de dar fogo muyto çedo, ysto dizẽ tambem esoutros. Da gemte diz este de Vasquo da Cunha q̃ he muyto menos do que diz o bramene e diz tamta menos que me pareçe que naõ fala verdade ẽ nada mas o das mynas tenho por çerto.

Oje este dia me pareçeo bem despedir hũ ẽbaixador a hũ porto que se chama Jaquete de que saõ sõres os reis butos que comtinuamemte tem gerra com elrey de Cambaya e daõ lhe m.[ta] apresaõ quamdo lha querem fazer porque saõ avidos nesta terra por vallemtes omẽs e ãmtigamemte foy este reyno de Cambaya seu deles e qoamdo os mouros o acabaraõ de ganhar fizeraõ a paz com os reis butos que lhe aviaõ de pagar de todalas remdas da terra a qoarta parte; ysto pareçe que lhe compryaõ naqueles prym.[ros] tempos agora naõ lhe daõ ja nada, domde vem alevãtarẽse os reis butos o mais do tempo e fazerẽ na gerra como ladroẽs porque naõ se atreverã eles a mais ate gora e todavya me dizẽ que se se ajumtarem todos que se poderã ajumtar ate vimte mil de cavalo, estes obedecem todos a dous sõres q̃ estaõ ẽ Jaquete que saõ jlhas e terra per obra de natureza taõ fortes que numca lhe elrey de Cambaya aly pode fazer nojo, a estes omẽs sprevo hũa carta e leva hũ Diogo Vaz crystaõ casado nesta fortaleza natural de

Cambaya e muyto bom omẽ, vay nũ catur de Jorge Pirez o qall mo deu pera hir Migel Vaz nelle gemro do tromq.ro de Goa que he omẽ que sabe m.to bem aquele porto parte esta noite de seg.a feira. O trelado da carta mamdo ahy a V. S. pera que veja ao que me ofereço. Atrevime a fazer ysto sem licemça de V. S. porque pareçeo bem ao sór dom Alv.o fazelo asy e abreviar o tempo a estes negoçios pareçe que he agora o mylhor.

Noso Sõr acreçemte a vida e o estado de V. S. como ele deseja. — De Dio a xxb dias doutubro de 546. — Beyjo as maõs a Vosa Srȳa. — *Dõ J.o Masqarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 235.)

XLI

Sõr

A noute q̃ de qua foy Ãtonyo Pessoa torney a mãdar ver o baluarte de Diogo Lopez por Jeronymo Botaqua qryado do ȳfãte dõ Luys e por Mygel Vaz e por outro omẽ q̃ se chama P.o Bayã porque estes omẽs vyrã este baluarte ja muytas vezes e sabyã mays dele q̃ os outros o q̃ me dele dyserã ho sõr dõ Alvoro e Vasquo Qunha o dyrã a Vosa Srȳa por õde ja por esta parte naõ he a desẽbarquaçaõ taõ boa quomo eu dãtes tynha por ẽformaçaõ do sõr dõ Alvoro e Vasquo da Qunha e eu estavamos afeyçoados a desẽbarquar Vosa Srȳa na ylha e hũa das rezoẽs por õde mysto pareçya bẽ era porque me fazyã esta estrada polo baluarte de Dyogo Lopez mays facyl e sẽdo asy podera ho golpe de gẽte que por aly ẽtrar fazer dar lugar a Vosa Sȳa poder ẽtrar pola

outra bãda mas cõ ysto questes omẽs agora vyrã me tornou a fazer duvydar na desẽbarquaçã da ylha se quõ esta artelharya q̃ lhe agora ponho fyzermos quamynho pareçeme q̃ nenhũ sera taõ bõ quomo este por ysto tenho neçesydade de pylouros de marqua mayor de quamelo e taõbẽ da repayros e de rodas pera outros q̃ qua estaõ sẽ elas e de quarvã porque deyxamos de pregar hũ repayro por naõ aver quarvã pera se fazer hũ prego e taõbẽ me Vosa Srỹa mãde os mylhores bõbardeyros q̃ ay vẽ porque necesayro ẽpregar bẽ estes tyros quomẽ ade fazer ho dya q̃ Vosa Srỹa qua chegar porque tyrãdolhe mays çedo terã eles tẽpo pera se fazerẽ por aly taõ fortes q̃ dypoys lhe façaõ eles pouquo nojo.

Noso Sõr aqrecẽte vyda e estado de Vosa Srỹa como eu desejo. — Desta fortaleza ouje quarta feyra. — Beyjo as maõs a Vosa Srỹa. — *Dõ J.º Masqarenhas.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 236.)

XLII

Sñor

Muyto tempo ha que desejey vosa amizade e nom se offereçeo ategora cousa ẽ que eu esta vomtade podese amostrar como nesta que agora temos amtre maõs que he a gerra delrey de Cambaya que he taõ tredo e taõ mao e taõ tirano como vos mylhor sabeis pois vos tem custado mays porque estes saõ os mouros que vos tem tomado vosas terras e vosos reynos e mortos vosos pais e vosos avos e naõ camsaõ cada dia de vos fazerẽ todo mal e dano que podem e queremdo ysto mesmo

usar comnosquo alevamtamdo a gerra debaixo da paz e amizade que com eles tinhamos a treyçaõ nos veo cerqar esta fortaleza que posto que os muros dela nos tenhaõ derribados noos nos temos bem vimgados ẽ suas p.as porque matamos Coje Çofar e Jujarcaõ com outra muyta gemte sua e asy esperamos de matar a todos estoutros que caa ficaõ. O g.or esta ja ẽ Baçaim e traz comsygo cem velas ẽ que tras mais de seis myll omẽs; eu estou aquy nesta fortaleza com o filho do g.or o mais velho que he capitaõ mor do mar e tem comsygo dous myll omẽs; elle e eu vos oferecemos a amizade do g.or seu pay pera com todolos purtugeses vos tornar a ajudar a recobrar vosos reinos com toda a destroyçaõ e dano de fogo e samge que se puder fazer a elrey de Cambaya e a todolos mouros que o ajudaõ, mas ysto ade ser ajumtamdo vos vos outros todos e fazerdes hum exercyto daquela amtiga e taõ cavaleyrosa e nobre casta dos reis butos cujo esforço deles he nomeado per todo o mumdo e ẽtaõ asy jũtos ẽtrardes por estas terras de vosos jmigos fazemdo nelles cruel destroyçaõ e vos por esa parte da terra demtro e o g.or com seus capitães por estoutra da bamda do mar naõ podera deixar elrey de Cambaya de ser destroydo e asy por tempo o botaremos fora do reyno e vos outros fycareys com a vosa glorya taõ crara como foy ja nos tempos pasados e alcamsareis o voso reyno que tamto tempo ha que temdes perdydo.

E pera cousa de tamanho louvor voso e de que tamto bem vos vem nom deve daver comselho senã polo logo ẽ obra por que agora nom aveis dachar quẽ vos resysta por que todo o poder delrey de Cambaya

esta acupado agora comnosquo e nos os acuparemos sempre tamto que eles naõ tenhã poder pera acudir a tamtas partes. Olhay qoamto vos ysto cumpre agardeceyme fazervos esta lembramça ẽ tal tempo mamday vosos ẽbaixadores logo ao g.^{or} neste catur que ja o haõ dachar nesta çidade qoamdo chegarem e fazey vosos pautos e amizades com ele porque ele as fara comvosquo a vosa vomtade asy pola fama que vos outros temdes como polo desejo que tem de destroyr elrey de Cambaya e jumtamente com ysto começay logo a fazer a gerra pola vosa parte porque ysto he o com que aveis dobrygar ao g.^{or} a fazer por vos o que lhe pidirdes e eu moffereço daquy pera ser o terceyro neste negoçio e pera vos ajudar com a p.^{a} e com a vida com tudo ho mays q̃ de mim quiserdes.

Despachaime logo ese omẽ porque nã se perca tempo porque o que se agora puder fazer nũ dia nom sadagoardar por outro. — (P.^{a} o sõr g.^{or}, meu sõr).

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 237.)

CARTAS DE SEBASTIAÕ COELHO

XLIII

Snõr

Eu party desa cjdade sesta feyra xbj dabryll cõ P.^{o} Lopez de Sousa como V. S. mãdou e botamos loguo pela barra fora ẽ anoutecẽdo e fomos ao dia segynte aos ylheos queymados a tarde e dahy se fez no camjnho toda delygẽcia posyvell pera alcãçarmos o sõr dom

Fernãdo o q̃ nõ podemos fazer porque he filho de V. S. E chegamos a Chaull sabado bespora de Pascoa estãdo ao ofyçeo e ahy dey a carta de V. S. ao capitaõ e mãdou com ela hũ pyaõ q̃ fomos a Baçaym amanheçer segũda feyra e estivemos ahy aquele dia até tarde e nũca la chegou e ahy achamos q̃ partjra dy o sõr dom Fernãdo avya dous dias e nos fizemos o mesmo dia nosa aguoada e o demais e fomos ẽ seu seguymento logo esa noute porque certo nõ ẽntramos ẽ rjos nẽ ẽ aguoadas nese camjnho como he costume da Imdia e como outros faziaõ. Ese dia amdey cõ o sõr dom Geronymo lãçãdo medydas e ordenãdo ha estacada a quall hade ter hũa cava m.to larga e allta pela bãda de fora e dous traveses que guardaõ toda e responde hum ao outro e vay pelas casas de Garcya desa que saõ fora de todas de maneira q̃ fyca o corpo das casas pera fora da estacada tãbẽ por traves e da outra bãda que he barro e terra rija hũa cava alta e larga a maneira de vala cõ a terra lãçada a bãda de dẽtro e mitydo por ela hũa esteyra q̃ vay logo ahy perto. E asy lhe lẽbrey q̃ naqueles traveses da estacada nõ mãdase por artelharya grosa senã berços e cousa que se podese bẽ recolher se fosse neçesareo.

Item lhe lembrey q̃ tjnha m.ta artelharya no muro posta nas ameyas ẽ cada hameya hũa peça q̃ hatjrase toda ha das ameyas e a posese nos baluartes qestã ẽ lugar de traveses e as ameyas q̃ saõ todas abertas ate ho ardar *(sic)* do muro q̃ as mãdase tapar ẽ altura que dẽ pelos peytos a hũ homẽ porque asy tẽ o muro todo de vasso pera se nõ poder amdar por ele.

. . . .

Tanto que ẽtramos dey a carta de V. S. ao sõr dom Fernãdo e a outra ao capytaõ e asy o regimento das lẽbrãças q̃ lhe fez e ẽ algũas delas ele tynha ja feyto o q̃ lhe V. S. mãdava fazer e nas outras fara o que lhe por elas mãda. Ele fez e faz cõ o sõr dom Fernando todos os cõprymentos e cousas q̃ ele deve a V. S. e a quẽ ele he q̃ nõ falta põto e demais do q̃ lhe ele ja deve. Eu lhe dixe á parte o que V. S. mãdara a todos estes fydalgos e os oferycym.tos q̃ fezera aqueles q̃ per suas cartas soubese q̃ ho cõtẽtavaõ e serviã e aos q̃ ho cõtrayro fyzesẽ pelo cõtrayro do q̃ ele fycou majs cõtẽte que se lhe dera Malaca ou outra cousa mayor. Ele me qyzera per força agasalhar ẽ sua casa eu lhe dixe que nõ podia deyxar o sõr dom Fernãdo ẽ nhũ modo do mũdo e ẽtã me fez m.tos ofereçimentos de tudo o q̃ me fose neçesareo.

Item. Acerqua destes mouros ate gora nõ tẽ feyto estãçeas pera bater esta fortaleza e as estãçeas q̃ fazẽ e tẽ feytas saõ fortefycar se de nos e levaõ hũa parede de pedra e algũ ẽtulho toda asy de hũ mar a outro e o q̃ ẽtẽdo daly he que se vaõ asy cerrãdo e fazẽdo fortes pera que mais seguramẽte posaõ fazer a obra que quygerẽ porque se eles como poderosos e snõres do cãpo ouverã de cõbater e bater esta fortaleza fyzerã suas estãceas pera sua batarya e ẽ caso q̃ hymda lhe nõ fora chegada artelharya tjverãnas feytas e porẽ ategora nõ tẽ senã duas estãceas sobre a desẽbarcaçaõ cõ cynquo ou seis peças dartelharya e porẽ na mesma parede q̃ vaõ fazẽdo tẽ ẽ tres lugares artelharya per maneyra de bombardeyras e nõ tyrã cõ elas como homẽs q̃ as tẽ aly ẽ sua defẽsaõ e guarda de seu cãpo ẽ outra cousa

nõ ẽtẽdẽ senã ẽ fazer esta parede de pedra ẽsoso e devẽ levar ẽtulho pela outra bãda dela e nysto trabalhaõ de noute por caso da nosa artelharya nõ se pode deles ao presẽte ver ou de sua detremynaçaõ ate eles acabarẽ jsto pera vermos o pera que ho fyzeraõ.

Item. — Esta fortaleza esta pera cõ esta gẽte asaz forte e pera cõ outra mais ryja e porẽ eu sey q̃ quãdo a V. S. vyr tera m.tas cousas q̃ lhe tachara e ẽmẽdara e perdoe Deus a quẽ fez nesta frõtarya çỹco baluartes ẽ taõ pouco espaço q̃ nhũ se ajuda hũ a outro e naquele lãço bastavaõ dous e a sua artelharya q̃ respõdera de hũ a outro e nã dereyta as suas mesmas estãceas q̃ em bẽ pouco tẽpo a podẽ çegar.

Item. — De mãtymentos esta arrezoadamente e agoa q̃ ẽ q̃ nõ chova dous anos nõ lhe falltara como tyvermos arroz do qall aquy ha muy grã cãtjdade e agoa pera beber como temos logo nos nõ podẽ tomar a fome.

Item. — Oje terça feyra quatro deste mes ẽtrou aquy Gregoreo de Vascõcelos e Dyogo da Sylva e asy cõ ajuda de Nosso Sõr vyrã todos os que estaõ por vyr e pera o verã vyra V. S. a fazer q̃ nũca mais Cãbaya posa anojar esta fortaleza ãtes ela anojara Cãbaya quãdo quyger e des que ha V. S. vyr vera cõ quaõ pouca cousa se jsto pode fazer e sojygar a cidade de Dyo q̃ nũca bula cõsyguo nẽ tenha pera jsto poder e porque lhe nõ pareça q̃ he cousa m.to nova lho quero dizer e he o segynte:

Aquele baluarte q̃ os rumes tomaraõ esta ẽ hũa lỹgua darea muy estreyta como V. S. bẽ sabe e ẽ toda a frõtarya da çidade e na mayor pasajem della se aly se fyzese hũa fortaleza fortefycada como ha de ser forte cõ

seu recolhymento pera o ryo pera tomar ou dar o que lhe for necesareo e aquella lymgoa darea aberta dũa bãda a outra q̃ he m.[to] pouco espaço pera que fycase ylha e aquele lãço de muro da cidade de lomgo do mar derrybado. Esta so fortaleza terya a cidade taõ sogygada q̃ nõ lhe sayrya nũca de mãdado nẽ se podia nũca mais Dio temer de cousa algũa e a cjdade rẽderya m.[to] mais do q̃ rẽde e serya mais povoada de mercadores e trato e jsto se farya q̃ vyr V. S. cõ seu poder dãdo o tẽpo e as cõjũçoẽs dele a jsto lugar.

O sõr dom Fernãdo fyca m.[to] bẽ desposto e m.[to] bẽ apousẽtado nas casas da feytorya q̃ saõ mjlhores q̃ as do capitaõ e nõ quys nelas guadamecĩs nẽ outra cousa senã suas armas e dos seus lascarỹs e m.[tas] lãças e rodelas e espỹgardas e pelas camaras muitos catres de todos eses fidalgos e pesoas q̃ vierã cõ elle q̃ os agasalha todo cõsyguo e a mj faz mill honrras e merces mais do que eu posso servyr a V. S. e a ele. Agora ordenamos ele cõ os seus lascarỹs corrermos o muro duas vezes na noute quãto a outras frageyrices ele he o prymeiro q̃ lãça maõ do balde ou cayxaõ de polvora ou de qualquer outra cousa e quãto ao de mais nũca se V. S. descontẽtara la nẽ o sõr capitaõ qua do q̃ ele fyzer. E tãbẽ se por caso chegarmos a poder cortar majs necesydade hade ter de freyo pera o ter q̃ esporas pera chegar porque dyzẽ as velhas q̃ o espinho logo naçe com o byco.

Nas mais novas de qua e desta fortaleza e do que se achou na casa da polvora ou sospeyta de trayçaõ nõ me ãtremeto a escrever a V. S. porque o sõr capitaõ lho escrevera e mais na verdade e tãbẽ cuydo q̃ lhe

mãda a ẽqueryçaõ sobrysto tyrada. Somente lhe digo q̃ me dyxe Ant.º da Cunha na jlha das vacas quãdo dahy levarã Ruy Freyre q̃ lhe dezia cada dya q̃ fosẽ pela ẽsyada q̃ Cãbaya era toda sua e que ele hyrya ẽ terra e lhe mãdarya vyr todos os refrescos e mãtjmentos quãtos ele quygese. Outra cousa nõ ha ao presẽte senã fazer lẽbrãça a V. S. q̃ se eu for taõ bẽavẽturado q̃ acabe meus dias ẽ serviço de Deus e delRey e seu q̃ se lẽbre pera cõ Sua Alteza q̃ tenho dous f.ºs e hũa f.ª por casar.

A Sãtjsyma Trȳdade a vyda e estado de V. S. queyra guardar e acrecẽtar como por ele he desejado. —Desta fortaleza de Dyo a iiij de mayo de bᶜ e Rbj anos como cryado e feytura de V. S. — *Bastiam Coelho.* — Ao G.ºʳ da Imdea. (Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 159.)

XLIV

Snõr

Pelo Pereyrynha esprevy a V. S. do que neste çerco pasava ate quele tempo q̃ era no prẽcypeo e nõ tjnhaõ hymda feyto majs mostra q̃ a que lhe esprevy. Despois dysto vyeraõ cõ seu campo taõ em ordem e taõ guardado ate serẽ jũto da nosa cava que nũca frãceses nẽ ytaleanos tall ordem trouxerã nẽ se chegaraõ taõ a seu salvo nẽ taõ ymcubertos aos muros trazẽdo diãte de sy m.ᵗᵃˢ balas dallgodaõ e per detras destas fazyaõ de noute suas paredes taõ largas e ẽtulhadas q̃ nõ aproveytava bater nelas cõ artelharya de maneira q̃ da cidade ate nosa cava he hũ labarȳto de paredes e pela diamteyra delas pera nos seus baluartes feytos pera

guarda de seu cãpo de cãtarya e ẽtulhados q̃ nhũ dano lhe fazemos cõ artelharya.

Tanto q̃ jsto fyzerã começarão a fazer algũa mostra mais pela bãda de santyago q̃ per outra e loguo lhe dobramos aquele muro e fyzemos toda a grosura do muro ẽ ameyas e outro cõtramuro per dẽtro de boas paredes hũ e o outro e ẽtulhados e as paredes pedra ẽsoso.

Nos cõ jsto feyto mostraraõ hũa estãçea dartelharya grosa-s-hũ basalysco m.to grãde e dous espalhafatos pera nos baterẽ ho baluarte saõ tomé. E defrõte do baluarte saõ Y.o poserã outra estãcea de batarya de dous basalyscos e hũ espalhafato e asy tem esperas meyas esperas salvagẽes e camelos de marca mayor e pasamuros e caẽs e roqueyras toda sorte dartelharya q̃ afora as seis peças nomeadas tẽ corẽta e tãtas peças outras e hũ quartaõ q̃ pela primeira meteo mais espãto ẽ algũa gẽte q̃ toda a outra artelharya.

A quatro dias do mes de junho ẽtrou elrey de Cãbaya na cidade e logo ao dia segỹte nos começaraõ a bater per saõ tome e nos do mesmo baluarte e dos outros lhe batemos taõ fortemente sẽpre na sua artelharya q̃ lhe quebramos as tres peças q̃ deyxarã de tyrar e a este tẽpo nos tinhaõ ja esmouchado ho baluarte ate jũto da rocha do amdar da cava. E eu saya cada dia a cava a ver o q̃ ẽtrava pelo muro pera repayrarmos per dẽtro e fyzemos hũas cõtrameyas per dẽtro de pedra ẽsoso muy largas e ẽtulhadas antes q̃ as ameyas acabasẽ de cahyr e cõ as bombardeyras mesmas abertas e recolhemos artelharya mais dẽtro pera de dẽtro tyrar sẽpre tãto q̃ estes tres tyros lhe

faltaraõ deyxaraõ este baluarte e baterã o baluarte saõ Y.º q̃ he muy pequeno e fycou muy baxo e muy agachado e no mais bayxo desta fortaleza e asy o cortarã e esmucharã ate baxo como fyzerã ao outro. Este atalhamos pelo meyo e fyzemos noso muro de duas paredes nove ou dez palmos cada hũa e outros nove ou dez dẽtulho.

Tanto que fyzerã jsto fyzerã jũto da cava hũ grãde outeyro de pedra pera ẽparo e detras fyzerã hũ baluarte de pedra e rama e terra m.to forte e taõ alto q̃ nos devasavaõ todo o baluarte de saõ Y.º e a mayor parte do muro e partes da fortaleza. A jsto acodymos cõ duas paredes m.to altas e m.to bẽ ẽtulhadas e ergemolas tãto q̃ nos tornamos a ẽ[co]brir deles no quall eles estaõ cõ m.ta espygardarya.

Deste baluarte pera a cava q̃ he muy perto fyzerã hũa rua estreyta de duas paredes e cuberta de vygas ate chegar a borda da cava cõ hũa prãcha de tavoa e domĩgo pela manhãa q̃ foraõ xx dias do mes de junho começarã por aly a ẽtulhar a cava o que foy grãde medo pera a gẽte fraca. Tãto que eles começaraõ a ẽtulhar saltamos dẽtro na cava e eles botavaõ de ryba e nos furtavamos debaxo e metyamos na fortaleza asy pedras muy grãdes como rama e todo outro modo dẽtulho e ãdamos asy tres dias que nos naõ sẽtyrã somente lãçavaõ hũ prumo sobre ho ẽtulho pera verẽ se lhe crecia m.to ou pouco. E porque quãdo eu achey q̃ nesta fortaleza nõ avya bõbardeyras de traves fyz abryr duas no baluarte saõ tomé e hũa no de saõ Y.º e outra na torre q̃ tyrasẽ de lomgo do muro e deste traves da torre e do de saõ Y.º fazyaõ grãde dano aos

q̃ ẽtulhavaõ e lhe desbaratarã as paredes e vygas e matarã m.ta gẽte. E dya de saõ Y.º a tarde ou do corpo de Noso Redẽtor yhu xp̃o veyo Coge Çofar ordenar q̃ de detras do seu baluarte q̃ chamamos da rama por ser feyto de rama e terras fyzesẽ hũa estãcea pera cõ duas peças ou tres grosas nos desmãcharẽ aqueles traveses de que reçebyã tãto dano.

E ãdãdo fazẽdo jsto mãdou q̃ lãçasẽ o prumo no ẽtulho pera ver homde chegava e lãçarã duas vezes e davaõ ẽ murouçozinho dele q̃ estava alto e quãdo apalparaõ mais cayo o prumo até o fũdo da cava e ẽtaõ asomou hũ turco a cabeça e vymos e dyxe a Coge Çofar q̃ lhe tyravamos tudo o q̃ eles lãçavaõ e o Coge Çofar diz q̃ pos a maõ no rosto e estãdo asy tyrou hũ camelete do traves da rorre *(sic)* e levoulhe a maõ e a cabeça e acabou seus dias q̃ foy grãdysemo bẽ pera asesego da ymdea pois ele era ho ẽvẽtor dos ardys e gerra e o aquerydor dos rumes e tãbẽ pera nos nõ se podia dar milhor bõbardada. Logo ao outro dia segỹte nos veyo hũ bramene cõ a nova dysto e agora oje primeiro de julho chegou aquy hũ patamar de baçaym per quẽ acabamos de retefycar o negoçeo.

Todo este muro de Saõ Tomé até torre nos tẽ desameyado q̃ hũa so espygarda nõ pode tyrar dele agora lho amdamos cõtra ameando q̃ nõ se pode acudyr a tãto trabalho. A torre de santjago esta esmouchada toda q̃ cõ hũ so pasamuro a desfyzerã q̃ verdadeyramente estes muros forã mjlhor de pedra e barro q̃ de pedra çynza como saõ.

Ojè prymeiro de Julho nos comesarã a bater os traveses os qaes ãtre oje e amanhã os terã cegos e des-

feytos porque a sua artelharya nõ se tẽ nada o nosso muro e querẽ ẽtulhar a cava e segũdo agora vẽ mostrãdo per partes que lhe nõ podemos furtar o ẽtulho, e a parte por homde ho mais brebe aõ de fazer ha de ser per este baluarte saõ Y.º q̃ he muy baxo e asy a cava dele e somente a pedra e ẽtulho q̃ caya dele chegava ja arryba se lho nõ tyramos.

ElRey esteve xj dias na cidade e matarãlhe hũ sobrynho ou parẽte de hũa bõbardada e foyse. Agora nõ he hjmda vydo recado delrey depois da morte de Coje Çofar q̃ lhe tẽ esprito e esperã per mãdado seu. Eles ymdagora lẽ na mesma lyçaõ que lhe deyxou Coge Çofar e apertã como homẽs q̃ nõ querẽ mostrar fraqueza cõ ha sua morte.

Dizẽ q̃ tẽ quynhẽtos rumes e çynquo mjll homẽs outrosy q̃ ha neles quatrocẽtas espygardas e porẽ cõtudo jsto eu espero em Nosso Sõr e na sua bẽta madre q̃ eles nos deyxẽ aquy esta artelharya ou parte dela.

De polvora e monyçoẽs e outras cousas tocãtes a estas nõ esprevo a V. S. porque ho capitaõ lho esprevera mais certo somente sey q̃ temos m.to ma polvora de bombarda e espygarda o ser m.ta ou pouca o capytaõ ho escreverá.

De outras muitas cousas e meudezas nõ escrevo a V. S. fycaraõ pera seu tẽpo somente lhe dygo q̃ eu me achey ja ẽ algũs cercos asy ajudãdo a defẽder como ẽ outros ajudãdo a cõbater mas des que naçy até oje nũca vy gẽte çercada taõ descuydada nẽ taõ froxa nẽ muro çercado ẽ q̃ ha oras e tẽpos ẽ que se nõ achara hũ so homẽ ẽ todo o muro nẽ os capitaẽs das estãceas se corrẽ

dysto nẽ de lhe fogyrẽ os negros todos os dias do mũdo pellas suas estãçias e dia de fogyrẽ tres vezes e vaõ lhe dyzer q̃ nõ temos mais de cẽ homẽs e q̃ todos os outros saõ doẽtes e ferydos e mortos e q̃ temos catures prestes pera fogyrmos como nos apartarẽ e cõ jsto nos apertaõ e sey q̃ antes de m.tos dias avemos de vyr a botes de lãça e nhũ medo tenho a esta fortaleza senã a hũ desastre per descuydo ou froxydade segũdo o que nesta gẽte vejo q̃ serya m.to preluxo esprever as partecolarydades dysto e ficarã pera seu tẽpo.

O snõr dom Fernãdo fyca m.to bẽ louvares a Nosso Sõr e davẽtagẽ do que ãdava ẽ Goa e he o mais frageyro homẽ q̃ ha nesta fortaleza e ele faz q̃ aja algũs outros e esta profetyzado de todos q̃ será o mjlhor quysto e de milhor fama homẽ q̃ ouver na Ymdea e praza a Nosso Sõr q̃ lhe de m.tos dias de vyda pera ho ser e a V. S. pera o ver por que certo q̃ cada vez lhe pareçera milhor e lhe quererá mais.

Eu mãdo a meu f.o hũs apõtamentos cerrados e lhe esprevo q̃ se Deus de mj̃ fizer algũa cousa q̃ os de a V. S. a q̃ peço q̃ por servyço de Deus e pela võtade q̃ eu sẽpre tyve de ho servyr me queyra alcãçar delRey q̃ ẽ satysfaçaõ de meu servyço page eses ẽcarregos e dyvedas pera descargo de minhalma e cõciẽcia q̃ se ẽ vyda nõ gozar de merçe q̃ ẽ morte a minha alma allcãce algũa descarga.

Aquy serã mortos xxb (25) homẽs de mouros e outros m.tos de camaras e temos m.tos doẽtes e a gẽte nõ he tãta como lla soava e porẽ m.ta he pois temos Deus de nosa parte e pelejamos pela sua santa fé catolyca. xxbij (27) pylouros de quartaõ nos meterã nesta

fortaleza e louvares a Deus nhũ dano fizerã ẽ casa do sõr dom Fernãdo cahyo hũ ãte dez ou doze catres e homde ele ao propeo põto estyvera zõbãdo cõ Manoel de Farya e louvado seja Nosso Sõr nõ fez nada nẽ tocou ẽ catre furou o telhado e o sobrado e foy se soterrar na logea. Na cizterna dagoa cayo hũ e arrombou aboboda e deu pelagoa lançou se logo o prumo nõ fez cousa nhũa ẽ bayxo.

Mãtym.to temos m.to arroz e grãos e m.to açucare e mãteyga ymda nõ falta outra cousa nõ ha hũa galynha vall tres pardaos e m.o e qatro. O sõr dom Fernãdo he o q̃ tẽ mylhor de comer q̃ nygẽ outrẽ e a sua mesa sẽpre no q̃ de primeiro a pos nõ ha outra cousa q̃ dizer ao presẽte senã tornarlhe a lẽbrar q̃ na morte se Nosso Sõr for servydo q̃ eu moura se lẽbre de minha era e de mjnhas cousas a sãtjsema trӯdade ha vyda e estado de V. S. queyra guardar e acrecẽtar como por ele he desejado. Desta fraqueza *(sic)* de Dyo ao primeiro de julho de bc e Rbj (546) anos. — Como cryado e feytura de V. S. — *Bastiam Coelho.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 167.)

CARTAS DE VASCO DA CUNHA

XLV

Snõr

Foy tão grãde ho prazer ẽ todos nesta forteleza co a chegada de V. S. a Baçaӯ como nos ymjgos trysteza e não dou deles outra prova q̃ fjmgyrẽ prazeres desa-

custumados e m.to conhecydos. Eu estou tão cõfyado na mjserycordya de Deus q̃ hade dar a V. S. hũa fermosa vytorya e pera ysto ser como todos desejamos lẽbro a V. S. q̃ venha como vẽ cõ tudo jũto e cõ aparato das velas grosas q̃ traz de que todos estão muy ledos e ajnda q̃ ysto tarde algũs djas naõ lhe pese porque hos ymygos ja se naõ podẽ fazer mays fortes do questaõ nẽ os nosos muros mays dyrybados e ajnda que os ymygos estẽ sobre nos V. S. esta bẽ seguro de nos ẽtrarẽ cõ ajuda de Deus e de tays cavaleyros como qua tẽ e porque ho capytaõ escreve ysto meudamente a V. S. pareçeome escusado fazer grãde leytura ajnda que ho caso tudo requere.

A cousa que me mor cuydado da he a sayda de V. S. q̃ pareçe rezaõ naõ ser por esta forteleza e polo baluarte de D.º Lopez pareçe q̃ naõ pode ser polo m.to q̃ se tẽ fortefyquado pola vyla dos Rumes fyqua a põte por pasar. Pera ysto naõ podemos tomar hũ negro e ja lhe armamos. Saõ agora la os dous q̃ V. S. mãdou q̃ pareçe q̃ tẽ esprytos dos dyabos naõ pode ser q̃ algũ naõ torne, nẽ taõ pouco nos deyxa de pareçer q̃ am de fazer obra q̃ seija ela a mjlhor e mays a preposyto do queu vy outra nhũa.

Os dous q̃ mãdey nhũ me tornou pareçe q̃ tẽ mjlhor guarda ẽ sy e q̃ se forẽ ha ordẽ que nos naõ segymos, todavya hase de trabalhar o posyvell por tomar lỹgoa e sabermos per homde he mjlhor ẽtrada.

Hos cavouqueyros vyeraõ ajnda a tẽpo por que agora tornaõ a vyr a querer nos mjnar o baluarte q̃ hos rumes cõbateraõ ho quall abrymos per çyma e desẽtulhamos hũa pequena parte que foy a causa por

que naõ veo dele ao chaõ mays q̃ hũ quãto co a myna q̃ nele tynha feito a q̃ deraõ fogo a doze deste mes e na mesma ora jũtamẽte a torre de sobela porta velha da quall cayo a façe de fora. Este dya pelo aparato q̃ fizeraõ os ymjgos nos pareçeo q̃ davaõ tãbẽ fogo a san tomé e san tyago pera o quall estavamos a põto qujs Noso Snõr q̃ nhũ dano reçebemos aynda q̃ ho ynpeto da torre e baluarte foy muy grãde poys lãçou no mar grãde soma de pedras e presomjmos que a eles fez nojo ẽ san tome e san tyago avemos por çerto aver grãdes mjnas poys as sẽtymos m.^tos dyas e a este fym fazemos a grã presa hũ cubelo fronteyro as suas estãcyas pera que fyquemos ygoays naltura e antre eses dous santos temos ha dyas f.^to hũ lãço de muro cõ amdaymo e seteyras e sobretudo grãde tẽto ẽ arredar a gẽte porque presomjmos q̃ sayndo como eles cuydaõ q̃ fyquemos rasos q̃ nos naõ faça nojo ha çuryada da sua artelharya e parãdo acodyremos as maõs ho que naõ poso acabar comjgo de crer q̃ tall çometaõ, antes presumo q̃ guardaõ ysto pera ho dya das[a]yda porque lhes pareçe q̃ naõ avemos de sayr pola porta.

Ho snór dom Alv.^o ha dyas q̃ por esta sospeyta de ser ho cõbate nestes lugares ẽ q̃ pode aver afronta e neçesydade se pasou pegado cõ eles honde tẽ hũa colcha ẽ q̃ sẽnvrulha do terenho e come no terreyro naõ tẽ estamçya çerta pera poder acodyr omde for mjlhor; da de comer a quatrocẽtos soldados e eu afyrmo que nysto e noutras obras semelhãtes gaste ho q̃ V. S. naõ tẽ. Eu reçebo dele m.^tas homras e merçes e tãtas q̃ naõ sey quãdo ou ẽ q̃ lhas eyde servjr. Agora torno de novo a fazer queyxume dele a V. S. porque toma tãto trabalho

q̃ mespâto ho corpo q̃ pode sofrer tall e ẽ sua p.ª naõ quer ter o tẽto neçesaryo antes se poẽ a m.tos perygos q̃ a mĩ pareçẽ sobejos e aos lascarỹs neçesaryos e porẽ V. S. por me fazer merçe que lhe naõ escreva q̃ sabe ysto por mỹ porque ho tomara mall.

Por Morycale escreverey ho que mays soçeder por quesperamos q̃ tenhamos de q̃ ho fazer. Do capytaõ qujsera escrever a V. S. muy largo e de seu esforço e vertude ho q̃ naõ faço por quã pouca grorya nyso reçebe e cõtudo naõ quero deyxar dafyrmar a V. S. q̃ tẽ pasado afrõtas e desgostos cõ omẽs e questa dysto taõ ẽfadado e cãsado q̃ mespâto como he vyvo, nẽ cuyde V. S. q̃ so padeçe trabalho la honde vẽ q̃ qua os ha dysygãys e tãtos q̃ naõ synto cousa porque deyxase dyr viver nũ ermo por naõ ver omẽs purtugeses e por aquy vera V. S. quaõ ẽganado estou cos homẽs da Ymdya sobre que me tocou ẽ sua carta mas ho tempo he de fazer saco e atalo muy bẽ e acabara V. S. este feito cõ bẽ e sabera cousas de q̃ de m.tas graças a Deus e qujça q̃ ho façaõ jr da Ymdya mays çedo. Perdoeme V. S. porque naõ ha sofrym.to quabaste nẽ pacyẽcya.

Noso Snõr acrecẽte a vyda e estado de V. S. e lhe de a vytorya q̃ lheu desejo cõtra estes ymjgos. — De Dyo oje terça f.ra. — *V.co da Cunha.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 221.)

XLVI

Snõr

Foy ter a Dyo cõtra vontade dos mouros hũa nao de fartaquĩs de que he capytaõ hũ parẽte delrey de qualẽ

só pelo q̃ dyxe neste chaul dos nosos e dos ymygos era rezaõ ajmda q̃ tyvera culpa perdoarlha quãto mays q̃ foy a Moqua cõ cartas de V. S. e sabẽdo q̃ pelejavaõ ẽ Dyo se foy meter na forteleza e nela pagou dereytos avysandoa per açenos q̃ se fosse sem no querer fazer dom do q̃ trazya pareçe q̃ ho sõr dom Alv.º qujs q̃ sapresẽtase ho capytaõ ante V. S. ho tempo naõ era pera yso somente pera leyxar jr e cõtudo fyqua ysto asy ho capytaõ escrevera mays largo. Fyz estas regras pera lhe lẽbrar q̃ cousas de qualẽ foraõ sẽpre tratadas de nos como sua fyeldade mereçe. Noso Sõr acrecẽte sua vyda e estado de chaull oje domỹgo. — *V.co da Cunha.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 213.)

XLVII

Snõr

Ho fazer alardo e cõta dos homẽs me naõ pareçeo qua bẽ porque saõ m.tos doemtes e asy jũtamente tẽ todos q̃ somos mjll e trezẽtos hos que poderaõ ser saõ seyscẽtos saõs e trezẽtos doẽtes ou mays e todos de febres e nhũ morre nẽ taõ pouco cõvaleçẽ daõ grãdysima apresaõ e posemonos *(sic)* e pareçeonos bẽ des que cheguey naõ dar a nhũ li.ça porque vaõ djzẽdo cousas quẽfraquecẽ os q̃ V. S. ade trazer desas fortelezas tẽ nysto grãde m.º ho sõr dom Alv.º e custalhe m.to do seu afora ho trabalho, dizer a V. S. ho como ho qua syrvo me pareçe escusado som.te crea q̃ ho sõr dom Alv.º naõ da paso sẽ mj̃ e q̃ tudo ho q̃ cõpryr a sua honra e serviço de V. S. eu ho farey ynteyramente. A Duarte Pereira he V. S. ẽ grãde hobrygaçaõ e por bõ ẽxẽpro lhe deve

V. S. de fazer merçe e ẽ espyçyall pelo amor q̃ tẽ ao sõr dom Alv.º e como pỹta seus trabalhos e o vyr esta forteleza a sacorela do qall tenho sabydo q̃ foy cõtra vomtade de m.tos a q̃ Noso Sõr perdoe ysto e outras cousas e a mj cõ eles. Noso Sõr acreçẽte a vyda e estado de V. S. per m.tos anos. De Dyo oje terça feyra cỹquo de setẽbro.

Symaõ Alvarez faz qua m.to serviço a V. S. e tẽ grãde cuydado do que lhẽcomẽdou e he mereçedor de toda a honrra q̃ lhe fyzer porque alẽ de seu hofyçyo tãbẽ se arma e serve de soldado. — *V.co da Cunha.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 225.)

XLVIII

Snõr

Eu cheguey a esta fortaleza terça feira a mea noyte quatorze de setembro cõ noroestes forçosos sem nunqua poder andar hũa legoa a vela e loguo em amanhecemdo mãdey a carta de V. S. a dom Geronymo e asy lhe esprevj que fizese deter os navjos que estavaõ na jlha das vaquas da companhia do sõr dom Alvaro por me pareçer rezã fazelos deter ate eu cheguar pera os levar a Dio porque doutra maneira pareçe hũ pouquo que esta duvjdosa a sua yda por me avjsarẽ neste chaul que andaõ as presas volta ou mar e na vollta a terra e disto nã dizẽ mais por vergonha do que dizẽ que tem feito e fazem.

Esta propria noyte q̃ cheguey chegou aquj P.º Preto de Dio hũ pouquo malltratado ca o fuy ver pera saber dele o como Dio fiquaria pimtoumo negoçio de man.ra

que me pareçeo rezaõ espreve-lo a Vosa Sria. Diz que o ẽtulho do rjo he ja acabado cõ suas ameas e nele posta mujta artelharja asestada pera o rio e desembarqadoyro e que na cidade se fazem fortes de tranqueyras nas ruas; diz mais q̃ tem prezumçaõ que tem mjnada a cova e que se temẽ os nossos destas mjnas lhe ẽtrarẽ muito dẽtro e de os cimgyrẽ a redomda e que ẽtra nisto a rocha de sãtiaguo.

E posto que deste negocio Vosa Srĩa estẽ jaa avysado quamto abaste comtudo me pareceo rezaõ pois paso de coremta anos fazer-lhe lembrãça do que em algua maneira parece que cumpre q̃ he lembrar que alem de toda gẽte purtugueza devja Vosa Srĩa trazer dous mil omẽs da terra que jnda que nã seja pera mais que pera os lamçar diamte na prymeyra furya pareceme q̃ serve de muito e ajmda que a jsto se posa dizer que naõ he gemte pera se dela fazer tamanha comta diguo que ajnda que naõ seja pera mais que pera este primeyro recomtro pareçe cousa muj necesaira.

Perdoeme Vosa Srĩa de tã lomge e sem ver o negocio estar lhe damdo ja ardis fazmo fazer ter jsto ẽ mujto e tambem pareçe rezaõ polo q̃ nos tem custado vir Vosa Srỹa de maneira que acabe este feyto que ey que he o mor que se nunqua fez e em que esta o remate dos trabalhos desta terra.

Eu tenho sabydo neste Chaull q̃ he ẽtrada ẽ Cãbaya per estas naos do estreyto mujta gemte bramqa com que o turquo se tornou a começar de novo e com grande jmpeto e nã queyra Vosa Srĩa outra prova somente ver que com tam grãde socorro calmo foy o noso naõ se lhe pode estorvar terem os baluartes e nã se poderẽ

os nosos servjr senã polas casas furadas hũas por outras.

Eu levo deste chaull sete velas e as duas ẽ que vy que saõ nove e de Baçajm me afirmaõ que tãbem levam algũas afora os arribamtes qespero dachar e desta man.ra Deos querendo espero de chegarẽ comjguo a Dio hua boa soma de velas e gemte.

Levo daquj e de Baçajm cousas de que soube que a ẽ Dio mujta necesydade e algũa polvora de bombarda e murroĩs despimguarda e panelas de polvora e mujtos caloes vazios. Levo mais hũ cõdestabre que esteve ẽ Dio no cerquo pasado, homẽ de gemtill ẽgenho e pratiquo nestes negoçios e que se atreve fazer artefiçios pera nã estarmos tãto ẽ braços cos jmjgos; levo mais hũa soma de bombas de fogo de cana e mujtos bambus pera as la fazer e aquj deixo ao feitor per lembramça que faça hua soma delas de ferro que pera o dia da sayda de Vosa Srĩa diz este homẽ serẽ muj nesesaryas por serẽ muyto espamtosas aos ymjguos e Vosa Srĩa devja de mandar de lá trazer algũas porque naõ sey quamtas o feytor aquj mãdara fazer polo mao negocyo q̃ haqui he o de ferreyros pola terra estar danada. Eu espero em Noso Sõr q̃ mjnha cheguada a Dio seja bem recebyda tamto que lá for espreverey a Vosa Srĩa o que me pareçer de mais perto.

O capitaõ Amtonio de Sousa amdou m.to no aviamẽto destes navjos e que se polo seu fora todolos mais dos homẽs deste luguar folguara de ver ẽ Dio e crea Vosa Srĩa que nisto e no mais faz mais do que pode. Naõ diguo aquj a gemte que levo nestes navjos porque de Baçajm o farey tamto que a tever toda jumta.

Tristaõ Pinto estava prestes em hũ catur seu a sua custa e despesa cõ quj̃ze soldados e per hũa provysaõ de Vosa Srĩa nã vay comjguo e o mesmo lhe estrovou já nã jr cõ o snõr dom Alvaro de que esta muj agravado e na verdade pareçe que ẽ tall caso devjã de sobreestar todos os negocyos desta calydade até Vosa Srĩa acabar ẽbora esta samta romarya pera a quall nã devja de fiquar nhũ cõtador nẽ esprivã nẽ outra nhũa p.ª desta calydade que Vosa Srĩa naõ comvydase.

P.º Preto alem do gasto e trabalho q̃ fez ẽ jr a Dio me ofereçeo dir pera o serviço delrey e asy me deu a sua fusta que levo. Esprevo jsto a Vosa Srĩa pera que lho agradeça e tambẽ o feytor Amtonio Ribeyro pos muyta deligẽcia no avyamẽto destes navjos que vam comjguo. Noso Sõr acresemte a vyda e estado de Vosa Srĩa de Chaull oje dezaseis dias de setembro. — *V.co da Cunha.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 195.)

XLIX

Snõr

Lẽbrame q̃ vy adevynhar a V. S. ou pera mjlhor falar q̃ tẽ espryto de profecya m.ta gẽte he desembarquada darmada quya pera Dyo a qall honde esta naõ pareçeo e a que pode vay se meter ẽ Goa sem lho poder tolher capytaõ porque de Baçaym chegou aquy hũa fusta hũ dia a noyte e antes q̃ amanheçese se partyo cõ omẽs fogydos soube q̃ ao capytaõ dela dera dom Jeronymo juramento e ẽ galvetas sacolhẽ pareçe neçesarya cousa mãdar V. S. fazer hũ bõ castygo pera ẽxẽpro ẽ algũa maneyra me pareçe que lhe faz fazer

ysto arreçearẽ Dyo e jsto he ho q̃ tenho alquãçado e ajnda mall por que ho fazẽ tãto na praça q̃ temo ho venham os mouros ẽtẽder.

Nã quero dizer a V. S. a vergonha ẽ que me vejo neste Chaull naõ me vall boas palavras nẽ obrygarme a mãtelos ẽ Dyo, estou m.to reçeoso darãquarẽ poucos comjgo.

Levo daquy hũ omẽ da terra cryado antre nos quẽtẽde bẽ a nosa lingoa e modo a que dey dir.º tẽ abylidade pera andar na çydade e meter se cõ outros soldados e notar ho q̃ vyr e trazer requado quysera levar outro e aos q̃ ho comety arreçearã se espero ẽ Deus qeste nos avyse do que lá vay. Naõ achey aquy duas galvetas nẽ hũa cõ as quays determjnava vermos algũ negro dẽtro pelo ryo acyma de Madrafaba (?) sẽ Baçaym ha chel levalaey. Synto quãta neçesydade V. S. tẽ de ser ẽformado do que pasa e da determjnaçaõ delRey e tãbẽ pera os nosos porque temo estas mjnas naõ nos façaõ algũ dano.

Chegou aquy Cyde de Sousa no seu galeõ pareçeonos bẽ descarregar se a presa pera de Baçaym levar mãtymentos tãto q̃ me vyr com dom Jeronymo e souber dele q̃ ho pode carregar jrsa logo cõ requado que lhe mãdarey. Neste navyo achey hũ omẽ q̃ sabe m.to de pedreyro e ajnda me dizẽ dele q̃ tẽ grãde ẽgenho, he purtuges e por ysto estou dovydoso. Eu ho levo e naõ vou pouco ledo cõ elle.

Ho tanador ou hũ f.º seu q̃ aquj leyxou faz cousas m.to fora de toda rezaõ e pera hũ capytaõ arrebẽtar polas ylhargas. Eu lhe mãdey hũ requado lẽbrãdolhe hamjzade do nizamaluquo e o estado ẽ q̃ ho tynha posto

ho ydallcaõ porque soube que lhe tẽ f.[to] m.[to] dano respondeome bẽ malas obras saõ denemjgo mas ho tẽpo esta pera sofrer porque desta fortaleza mall ou bẽ e cõ trabalho ade ser Dyo provydo e porque V. S. ysto sabe m.[to] mjlhor queu naõ dygo mays. Ha tres [*dias*] que chove e vẽta tãto q̃ mestrovou naõ arãquar daquy espero de ho fazer amenhã q̃ he domĩgo dezoyto de setẽbro e crea V. S. que naõ ficou nada por fazer. Oje chegou hũa fusta de Dyo a busquar mãtym.[tos] dyse mẽ que quỹta f.[ra] deyxou os arybãtes aos piquos de Danu. As mays novas da fortaleza tera V. S. pela carta do sõr dom Alv.[o] — Noso Sõr acrecẽte a vyda e estado de V. S. — De Chaull oje sabado. — *V.[co] da Cunha.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 199.)

L

Snõr

A vynta seys de setẽbro cheguey a Dyo pareçeme rezaõ dyzer a V. S. ho como ho achey porque de todo sayba ha maneyra de como ade vyr a ele. Eu as cousas da gerra tenho as ẽ m.[to] ajnda q̃ sejaõ pequenas pelos grãdes aquecym.[tos] q̃ nelas ha sem ẽbargo desta ser grãde mas naõ pera V. S. a quẽ Noso Snõr por sua m.[ta] vertude deve ter prometydas m[tas] boas vẽturas.

De santyago e san tomé naõ temos mays por noso q̃ hũ lanço de muro no qall praza a Deus naõ aja algũa royndade de polvora. Hestas oras de san tomé ate honde soya de ser a porta he dos mouros co estes tres baluartes q̃ nesta dystãcya soyaõ destar quãdo aquj chegey começavaõ a ẽtulhar ha cava da torre do al-

quayde mor e achey q̃ ho sõr dom Alv.º e ho capytaõ tynhaõ começado a cõtramjnar a torre q̃ por ser rojm ẽtulho naõ foy posyvell por se vjr todo abayxo acordamos por mjlhor vazala por bayxo e por ryba ho q̃ temos quasy feito e desta maneyra prazẽdo a Deus naõ nos poderaõ fazer nojo porque omde mjnarẽ lhe cõtramjnaremos e naõ cõtẽtes os ymjgos dysto de nova auçaõ vẽ cõ paredes ao baluarte cõbatydo dos rumes, afyrmo a V. S. q̃ tẽ feito nestes muros e baluartes m.to pera espãtar e tãto q̃ parece obra dos propyos dyabos.

A tẽçaõ delRey segũdo pareçe he ter tãto tpo çerquada esta forteleza e deve fyquala de maneyra q̃ de neçesydade lhe façaõ seus partydos porque he m.to verẽ ẽtrar tall socorro e estarẽ agora como no começo. Espero ẽ Deus q̃ co a vymda de V. S. seraõ desfeitos seus maos preposytos e os nosos motyprycaraõ poys ho temos por capytaõ e g.dor.

Do baluarte san tome temos sospeyto q̃ vẽ mjnãdo a rocha dentro ha forteleza e pareçeme q̃ he afym de derybarẽ hũa parede q̃ fycou do baluarte antre nos e beles e houtra q̃ de dentro temos feyta ou a ver se podẽ chegar a estãcya do capytaõ q̃ he no mesmo dereyto m.to perto. Per hũa cysterna da propya estãcya lhe cõtramjnamos agora ainda q̃ nos pareçe tarde porque ha pouco q̃ hos syntymos e m.to q̃ se tynha presũçaõ mas naõ sabyaõ pera honde. Ho remedyo dysto temos ja começado q̃ he as estançeas do muro retraydas mays dentro e hũa parede forte e hũ cubelo questaraõ qujze pasos do muro queste he o espaço ẽ q̃ pode aver algũa cousa.

Haõ qua per nova q̃ tẽ aquj elrey mãdado dez mjl

homẽs de socorro afora outra m.^ta^ gẽte estrãgeyra questa he a questa sẽpre no cãpo temos q̃ he de tres pera quatro mjl omẽs. Ho lugar ẽ questaõ e me dizẽ he fortysymo porque tẽ fortefyquado hos pasos por omde podemos dar neles de maneyra q̃ he espãto porque tẽ m.^tos^ baluartes e cubelos donde joga a sua artelharya e espỹgardarya e alẽ dysto paredes m.^to^ fortes e m.^tas^ q̃ tomãdo hũa fyquaõ por tomar m.^tas^ e elles recolhydos a seu sallvo mas eu tenho tamanha cõfyança ẽ Deus e na boa vẽtura de V. S. quas paredes e baluartes se aom de fazer vales verdes e q̃ teremos hũ taõ bom dya q̃ nhũa ẽveja ajamos ao do Salado.

Per cyma dysto q̃ aquy pynto a V. S. quer Noso Snõr çegar os ymjgos de maneyra q̃ he m.^to^ pera lhe dar graças dygoo porque temos magynado lugar muy cõvynyẽte per honde V. S. hade sayr do qall estaõ muy descuydados ho qall aquj naõ dyrey porque nyso vay m.^to^ nẽ V. S. sobreste caso naõ tenha pratyqua antes ao capytaõ e a mj̃ nos mãde chamar chegãdo a ylha pera dyso lhe darmos larga ẽformaçaõ e poys njsto toquo todavya ha gẽte questamos nesta forteleza forçadamẽte adyr demãdar as suas estãcyas porque per nhũ outro lugar pode ser e la he per toda mjll e trezẽtos omẽs e pera cometer hũ grãde feito. Lẽbro a V. S. q̃ hos mays deles ou todos desejaõ de ho ver vjr ẽ navyos grosos e varrẽdo as fortelezas da jmdya e poys ho dyzẽ V. S. ẽ algũa maneyra deve de vyr cõforme a opynyaõ dos mays.

Quysera escusar fazer queyxume do snõr dom Alv.^o^ a V. S. mas poys naõ pode ser sera cõ protestaçaõ que dela lhe mãde hũa grãde reprẽsaõ porque a tudo quer

acodyr e ser ho dyãteyro asy nos perygos como nos trabalhos pondo sua p.ª a eles desordenadamente e poys dygo estes males tãbẽ me pareçe rezaõ dyzer a V. S. cõ quãto amor trata a todos payrãdo nosos desconçertos e dysymulando nosas desordẽs pelo qall deve V. S. dar m.tas graças a Deus q̃ ajnda eu naõ sey sesenta anos q̃ puderaõ fazer tudo tã bẽ.

Por ser m.to noyte fyquey neste capytulo de çyma e na mesma madrugada veo falar a trãqueyra cõ nosquo hũ purtuges ho qall nos dysse na pratyqua q̃ nos gordasemos de san tyago e san tomé honde estava determjnado cometerẽnos daly a quatro dyas nos quaes lugares tyvesemos m.to tẽto e asy nos dyse q̃ a cabeça estava na quabeça pelo qal tomamos estar elRey ẽ Mãdaba e afyrmounos terẽ pera este cõbate seys mjll omẽs. E ontẽ a tarde, q̃ foy sigũda f.ra, nos deraõ hũa mostra de m.tos gyoẽs pondo ho rosto nestes lugares de sospeyta ao qall acodymos postos ẽ m.ta hordem a qall espero ẽ Deus que tenhamos sẽpre asy que he esta conta esperamos questa quj̃ta feira nos cometaõ. Ho fym a questes homẽs tyraõ deve ser fyquarẽ sobre nos dando fogo a estas duas mjnas e cõ sua artelharya fazẽ cõta q̃ nos estaraõ matãdo pera o qall como ja dygo fyzemos noso repayro e avemos de ter m.ta pedra jũta pera ho q̃ soçeder tyvemos ate quy m.ta mj̃goa de gẽte de trabalho agora nos da a vyda hũs poucos de negros destas naos de presa. V. S. este descãsado e a meu ver se lha cõpryr deve de vyr de vagar sẽ ẽbargo de ser qua m.to desejado porque todos desejamos velo fym deste negoçyo.

Nestes dous dyas q̃ tyve esta carta por acabar devysamos trabalharẽ e levarẽ m.ta pedra escõtra ho ba-

luarte de Dy.º Lopez ho qall lugar era ho q̃ atras naõ qujs dyzer e pareçya q̃ V. S. sayrya m.to a seu salvo e sẽ perygo da gẽte e per esta parte lhes saya nas costas e acaso quãdo vya demãdar esta forteleza vym oulhãdo ysto e por ver ho muro e baluarte desfeyto foy o meu prazer tamanho quẽ chegãdo o pratyquey co sõr dom Alv.º e cõ o capytaõ ẽ m.to segredo pareçẽdo lhes o mesmo q̃ pareçya a mj̃ e como os purtugeses naturallmente fazẽ e falaõ sẽpre cõtra o q̃ lhe cũpre algũs omẽs pratycos ẽtẽdyaõ o mesmo e falavaõno donde naçeo fazerẽ agora algũa obra q̃ sera m.to prejudycyall ao presẽte naõ sabemos ho q̃ fazẽ, determjna ho capytaõ mãdalo ver e systo se naõ ouvyo pareçe q̃ foy avyso dos nosos ho queu tenho por mays çerto segũdo os meos dalgũas cousas outras e por ser ja no cabo pareçe q̃ ou ho capytaõ a desemula ou as naõ sabe çerto. Pareçeome rezaõ toquar estas cousas a V. S. ajnda q̃ cõ elas faço cõprydo o processo.

Noso Sõr lhacrecẽte sua vyda e estado. Desta fortaleza e cidade de Dyo ẽ q̃ pes a elrey de Quãbaya oje terça feira cỹquo doytubro. — Beyjo as maõs de V. S. — *V.co da Cunha.* (Colecção de S. Lourenço, vol. IV, fl. 227.)

LI

Snõr

Ho bramene foy e veo ele dyra a V. S. ho q̃ la vyo e o q̃ fez, pareçeme q̃ pynta tudo ẽ nosso favor ho q̃ prouvesse a Deus q̃ fosse. Diz questaõ m.to reçeosos de V. S. e porẽ eles trazẽ artelharya de gynall e tẽna posta nos lugares neçesaryos e fazẽ cada dya baluartes

e estaõ fortes nas estãcyas e daõ pressa ao muro da cydade e cõtudo ysto me naõ dera nada se vyra hũa boa desẽbarquaçaõ a V. S. a qall espero ẽ Nosso Snõr que nos hade mostrar pera ho seu nome ser ẽxalçado.

Em estremo desejo vyr o mestyço pera ver se cõcerta cõ estoutro e asy avemos de trabalhar por tomar algũa lyngoa ho q̃ ate gora naõ pode (ser). Ho estado ẽ qujsto esta tenho escryto a V. S. e o padre frey Paulo ho dyra foy grãde perda sua má desposysaõ pera esta gẽte porque receberaõ m.to bẽ sua vȳda e sẽtẽ sua yda se se achar bẽ tragao V. S. cõsygo.

Ajmda q̃ ho capytaõ naõ tenha necesydade deu falar nele a V. S. nẽ por yso deyxarey de dizer hũa pequena parte de seus mjrycymentos o qall eu tenho pola mor q̃ pode ser q̃ he a desemulaçaõ e pacyẽcya cõ q̃ se ha comnosquo e naõ dygo ysto por nȳgẽ antes por mj̃ soo trara Deus V. S. e a ele e a todos e lhes fara m.tas merces porque todos ha merecẽ.

Ho snõr dom Alv.o fyqua ja saõ dũas febres q̃ teve de trabalhar sobejamente asy de dya como de noyte e ajnda mall porque qujs dar de sy tanto ẽxẽpro. Ha caravela dos cavouqueyros fyqua ja qua e madeyra cõ sua dylygẽçya e a meu ver pareçeme q̃ não falta nada somente galynhas pera os doentes e vacas pera os q̃ cõvalecẽ, q̃ pera os saõs abasta nos achaques e ẽmẽdalo mũdo.

Leveme V. S. ẽ cõta tornarlhe a falar nysto; diz o bramane q̃ se fazẽ fortes na cydade e q̃ mãdaõ trazer artelharya e a poẽ ẽ m.tos lugares e q̃ naõ tẽ gẽte ho q̃ pareçe fallso poys lhe [he] neçesarya m.ta pera a guardarẽ e cõtudo V. S. reçeba dele a vontade e a delygẽçya

q̃ mostra pera ho servjr poys he forçado acupalos q̃ bẽ vejo q̃ m.to mjlhor fora dũfrade de saõ Fran.co se pudera ser. Noso Snõr acrecẽte a vyda e estado de V. S. de Dyo oje sabado xxiij (23) doytubro. — *V.co da Cunha.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 231.)

CARTAS DE MESTRE PEDRO FERNANDES

LII

Snõr

Eu ẽ espaço de hũ mes escrevj tres vezes a V. M. per ho capellã do sõr voso paj e per dõ Paio e Joaõ Correa.

Agora a qua novas que V. M. esta m.to mal tratado de febres cõ a quoal nova me pesou tanto quãto tomei de prazer cõ a vjtoria grandissima e milagrosa que Deos deu ao sõr gouernador. E porẽ eu spero ẽ Deos que assi como me cõprio meus desejos ẽ favorecer ho sõr voso pai com vitoria assi mos ade conprir ẽ dar a V. M. muj çedo perfejta saude e como isto soçeder peço a V. M. m.to por merçe que naõ tome por trabalho de mandar escreuer tudo que nesta guerra de Cambaia acõteceo do dia que V. M. daqui partio ate que Deos vos deu vitoria porque pode ser que achando me eu de vagar e cõ menos trabalho tornarei tudo ẽ latin, porque nos reinos estranhos se saiba quanto devẽ de ser estimados hos portugueses e temidas suas fforças, ẽ especial do sõr governador e de toda sua progenie. Spero no sõr Deos que per esta singular vitoria que

S. S. alcansou lhe acõteça cõ elrei noso sõr ho que acõteçeo ao sõr voso avô cõ elrei dõ Joaõ ho segundo, o quoal estando voso avoo ẽ Jerusalẽ lhe mandou goardar ho officio de veador da fazenda ho quoal elle depois ẽ tempo delrei dom Manoel deu por governador de Lisboa e se agora goardar pesso e midida a justiça como atã se goardava, merçe de grandes officios se avia de fazer, o titulo de grande principe se avia de dar a quẽ princepes e reis vẽçe.

Nesta naõ diguo mais senã que estou m.to desejoso de ouvir boas novas de V. M. que assi como tẽ vitoria dos ẽmigos que assi fosse livre das febres.

Noso Sõr lhe de aquella vida e saude que ho sõr seu pai lhe deseja e eu queria pera mj̃ e assi ao sõr dõ Joaõ de tajde e ao sõr Lopo Vaz de Sequejra e a todos esses sõres. De Goa 20 de Novembro de 1546.

Servidor de V. M. — *Mestre P.º Fernandez*.

(Colecção de S. Lourenço, vol. II, fl. 218.)

LIII

Snõr

Eu tenho V. M. por tam certo meu sõr e tenho delle recebido tamanhas honrras e subidas merces q̃ a confiança disto e a m.ta acupaçaõ de meus carregos me fez nã escrever a V. M. mais cedo.

Lei foi antre certos barbaros chamados lidos que ẽ caso de morte nenhũ fosse consolar seu amjguo dentro do anno que a morte socedesse, ainda que estes lidos tinhaõ nome de barbaros, a meu ver erã nisto descretos, porque ho coraçã de novo lastimado, cõ nenhũa cousa

ho pode mais consolar q̃ cõ ajudarlhe chorar sua lastima, tudo isto diguo, illustre sõr, pera que se vos parecer q̃ escrevo tarde, que creais que senti muj çedo a dor e lastima que V. M. tem da morte do sõr dõ Fernãdo voso hirmaõ, e meu conselho neste caso seria que V. M. ha sinta como homẽ e a dissimule como descreto e valeroso cavalejro como se mostrou nessa desastrada saida de Dio q̃ dado que pera outras fosse danosa pera vos sõr foi gloriosa pello grande animo e esforçado que nella mostrastes, e pois ẽ taõ grande perigo se mostrou cavalejro que na morte de seus hirmaõs se mostre muj ẽteiro cristã que consiste ẽ se conformar cõ a divina vontade maiormente que hũ morreo como cavalejro por sua lei e seu rei e por defessã da fe catholica e outro como anjo de manejra que hũ por morrer ẽ tal peleja merece paz eterna e o outro por morrer minimo inocente sera colocado antre hos anjos e daqui adivinho que tẽ elles mais conpaixã de nos qua do que tẽ de si la e daqui affirmo que se nã descerã ẽ tã tẽpestuoso mundo é tã cheo de contrastes, pera pesoa de tã dilatado juizo como V. M. he e tã nobre e massia condiçã bẽ sinto que sã excusados mais proemios consolatorios e exẽpros antiguos pois sou certo que ẽ todo e por todo a de seguir has pisadas do sõr seu pai que neste caso deu grande opiniã de si a m.tos e alcançou m.to credito cõ todos e ganhou m.to cõ Deus, somẽte digo a V. M. que sintindo estes trabalhos como homẽ se aproveite delles como catholico e isto sera quando a Deos hos agradecer e cõ hos homens hos dissimular.

No mais que Nosso Sõr tenha V. M. e o sõr dõ Joaõ

de Taide ẽ sua goarda e a mj de sua graça pera que sempre ho sirva. De Goa 24 de setembro de 1546.

Orador e servidor de V. M. — *Mestre P.º Fernandez* (1). (Colecção de S. Lourenço, vol. II, fl. 45.)

CARTA DE PERO LOPES DE SOUSA

LIV

Snõr

Ho sõr gôr me deu tamta pressa ẽ me emviar qua que naõ tive tempo pera me poder despedir de Vosa Merce e beijarlhe as maõs mas eu tenho comfiamça de tamto seu servidor q̃ bem sei que made levar vosa merçe ẽ quãto tudo seu lhe parecer que poso nũqua erar em cousas de seu serviço.

Eu, sõr, pus toda a diligẽcia que se podia pera alquãçar o sõr dom Fernãdo e comtudo naõ no pude tomar em Baçaim q̃ era ja partido polas novas que achou destar esta forteleza ja cerquada e loguo me parti e cheguey hũ dia dipois e crea Vosa Merce que foj com asaz de maos tẽpos e borisquadas e bem se pode dizer q̃ veo o sõr dom Fernãdo por debaixo do mar e de como achamos esta forteleza naõ djrej nada a Vosa Merce senaõ que me parece que mais se arreceã de nos que nos deles porque naõ fazẽ senaõ taparse dipois q̃ souberaõ que viera o sõr dom Fernãdo e crea Vosa Merce q̃ achamos o capitaõ taõ disposto a se

(1) P.ª D. Alv.º

defemder a todo o mũdo que naõ a duvida senaõ que o fizera cõ esa pouqua gẽte que tynhamos. Jaguora estamos tãta e taõ boa que naõ roguamos a Deus senaõ que se algũ ano am de vir os turquos que seja este e porque lhe am de escrever m.to meudamente a Vosa Mercê o sõr dom Fernãdo e o capitaõ o naõ faço eu senaõ que bejarej as maõs a Vosa Merce terme em comta de taõto seu servidor como eu saõ. Beijo as maõs a Vosa Merce oje b de maio de 546 anos e eu sõr governador beijarej as maõs a Vosa Merce saber ele como ja estou qua.

Servidor de V. M. — *Pero Lopez de Sousa.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. II, fl. 188.)

CARTA DE ANTÓNIO DA CUNHA

LV

Snõr

Hao snõr Deus aprouve llevarnos ho snõr dõ Fernando para sy de que todos recebemos muy grão perda hasy pella fallta de sua pesoa como por termos nelle pera cõ V. S. havogado mas pois helle foi servido de lhe V. S. graças. Ho estado desta fortaleza ho capitaõ ho deve hescrever llarguo. Ho quemtemdo he que tem m.ta neçesidade da pesoa de V. S. porque quãodo viello himverno hesteja hem pe que doutra maneira taõ deneficada hesta que soo V. S. ha pode remedear. Co a vjmda do sõr dom Alvaro afroxamos do trabalho he os doemtes cobraõ saude prazera a Deus que nos deçer-

cara muy çedo he que lhe dara tamta vitorea como todos desejamos he esta hem rezaõ pois he f.º de V. S. — Noso Sõr hacrecẽte ha vida he hestado de V. S. De Dio a 29 dagosto. — *Ant.º da Cunha.*

(Collecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 179.)

CARTA DE SIMÃO BOTELHO

LVI

Sõr

Pelo padre frey Paulo e pelo bramene q̃ Vosa Senhorja mãdou de laa por espya q̃ vay cõ elle sabera as novas de qua q̃ vaõ sendo boas louvores a Noso Sõr. O sõr dom Alvaro achey doente e porẽ ja gora fyqua m.to bem e saõ. Acertarã de vjr na nao ẽ que vim algũas pouqas peras e marmelos verdes e outras cousjnhas com q̃ folgou prazerá a Noso Sõr q̃ cõ a vjnda de Vosa Senhoria averemos grandes vitoreas e vera V. S. m.tos cõtentamentos delle q̃ ja gora deve de ter pelo socorro q̃ deu a esta fortaleza e pelos grandes trabalhos q̃ elle nysso pasou e pelas cousas q̃ me cõtaõ q̃ neste cerquo fez de que V. S. deve dar m.tas graças a Noso Sõr.

Qua adoeçe algũa jemte e aquela q̃ pareçe q̃ nõ pode aquj cõvaleçer pareceo bem ao sõr dom Alvaro e ao capytaõ hirẽse curar a chaull. Qua fiqua m.ta jente e m.to desejosa de darmos nestes mouros mas nõ se fara até V. S. nõ vjr, estamos cõ nosa vigia a bom recado e eles cõ a sua; vaõ tirãdo cada vez menos o q̃

agora fazẽ he paredes e fortalecerẽ a çidade e pareçenos q̃ tem algũas minas feytas nõ lhe daõ foguo porque nõ vem jente onde elas estam abrjmos bonbardeyras rasas ao longo do chaõ e se nos o tempo der lugar veremos se podermos hir tapar cõ as minas. As mais cousas disto nõ sprevo porque o capytaõ e V.co da Cunha q̃ tem a ẽformaçaõ de mais tempo o faraõ mais larguo somẽte nõ sey dizer a V. S. nẽ se pode cuidar como se esta fortaleza sosteve porque os mouros tem tanta parte nela como nos e ha pouqas pedras q̃ estejam no lugar ẽ q̃ estavaõ saõ cousas de Noso Sõr a elle prazera remedear tudo per maõ de V. S.

Qua nõ ha nenhũ carvaõ, ha m.ta neçesjdade delle e denxadas e de toda maneira de ferramẽta disto mãde V. S. vir todo o q̃ poder e asy de toda sorte de mad.ra e carpynteiros. Neste almazẽ ha m.to arroz doutras cousas nõ ha nada e por yso tãbem he neçesario azeyte e civa (?) e breu e teadas ou cotonias e ferro porque nõ ha nenhũ e polvora e pelouros de pedra e repairos dartelhariã grosa de todas estas cousas ha necesjdade. As que loguo nõ ouver deixe V. S. recado pera as mãdarẽ o mais çedo q̃ poder ser porque guerra e fazer fortaleza quer abastança de tudo ysto e ajnda que qua aja m.ta gente nõ deixe V. S. de trazer toda a mais que poder, murroẽs tambem saõ neçesarios. Faço todas estas lembrãças a V. S. porque me pareçem neçesareas e porque sej que ha de ter outros m.tos cuidados.

Noso Sõr o traga cõ m.ta saude pera ver m.ta vitorea como todos dasejamos. De Dio a xxij (22) doutubro de 1546.

Taõ bem se hadaver mister dez mill cestos pera

carretar tera e m.tos caloẽs e baris de pao pera carretar agoa, cairo, fyo, e se naõ vier m.ta polvora algũ ẽxofre e pedra ume. — *Simaõ Botelho.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 233.)

CARTAS DE FR. PAULO DE SANTARÉM

LVII

Snõr

Naõ dou comta a V. S. de noso camjnho porque me pareçe que lho esprevera Vasquo da Cunha nesta fortaleza achamos novas do sõr dom Alv.º e da gemte q̃ com elle esta em Dyo e de como tem m.to trabalho e porem todos esforçados em o snõr Deus e tambem soubemos como lhe era mãdado desta fortaleza m.tos mantymentos de que tinhã necesjdade e q̃ ja o teryam laa.

Achamos aquy m.ta jemte e com m.to pouquo temor do snõr Deus que os meto emvergonha com tomar lhe o ofyçyo de suas obryguaçoẽs e tambem lhe diguo que Vosa S. fyquava de camjnho pera Dyo e trazer comsyguo os frades poys q̃ os outros omẽs a q̃ jsto mays pertemçese escomdem e gogem de obra ẽ que tem tãta homra e mereçymento se espera de ganhar. Pareçeme q̃ levaremos daquj m.to perto de çem homẽs ẽ cymqo navjos e os ẽ que nos vjemos seram sete tambem nos dyzem q̃ ẽ Baçajm acharemos m.ta jemte. Eu, sñor, fyquo m.to comtemte de Vasquo da Cunha e pareçeme verdadeyramente que Vosa S. nã podera

achar p.ª mays pera jsto e q̃ milhor o fezera porque leva daquj dous omeẽs pera espyas e tambem leva hũ omẽ comdestabre q̃ dizem q̃ he gramde omẽ dartefycyos de foguo.

Symaõ Alvarez tambem leva quj *(sic)* mezinhas e hũ solygjam e tudo faz com m.ta dylygemçya sem qua sem por cemto. Nõ esprevo a Vosa S. novas das naos q̃ vẽ do reyno q̃ nos deu o navjo de Moçambyquj *(sic)* q̃ aquj cheguou q̃ la lhas espreveram.

Nosso Snõr por sua bomdade o comsole e esforçe e lhe de esta e outras m.tas vjtoryas comtra estes jmjguos da nosa samta fee amẽ amẽ. Emcomẽdo a Vosa S. q̃ G.º Vaz se poder ser com todolos omjzyados venhã porque aos tays tẽpos tudo e neçesaryo. Oje xbj de setembro de 546.

Seu jmdyno servo e orador — *Frey Paulo de Santarẽ.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 218.)

LVIII

Snõr

Depois de ter sprito a V. S. cheguou aqui hũa nao de fartaquĩs a quall vynha de Dyo e trazia cartas do snõr dom Allv.ro e tambem o despacho dallfamdiga como pagaraõ os dr.tos como cuido que laa spreveraõ a V. S. e tambem trazia outra carta do snõr dom Allvoro ẽ que dizia que tivesẽ maõ na nao ate o fazerẽ saber a V. S. e porque o snõr dom Allvoro he tam manifiquo ẽ todallas suas cousas naõ quis que esta nao deixase de ser apresentada a V. S. e estamdo jaa pera nos partir pera

Dyo me mãdou rogar ho capitaõ desta fortaleza que lhe dese nysto meu pareçer porque pareçia muj gramde escamdallo reter esta nao e estes homẽs semdo eles de sempre nosos amiguos e vymdo jaa de Dyo e pagamdo os dr.[tos] e mais ẽ tall tempo que deixaraõ muytas amẽdoas e m.[tas] pasas e muytas tamaras ẽ Dio como V. S. laa vera polas cartas do snõr dom Allvoro. Dey meu pareçer e dise que me pareçia bem que alargasẽ a nao e toda sua fazenda e a gente que vynha nela pois que jaa tinhaõ paguos os dr.[tos] e eraõ nosos amiguos porque ysto me pareçe q̃ he mais serviço de Deus e dellRey e de Vosa S. porque estaa qua ho capitaõ tam cheyo de fazer serviços a V. S. que naõ quis fazer nada sem o pareçer de Vasquo da Cunha e meu que o naõ tenho. Esta tarde estando jaa embarcado chegou hũa fusta de Djo que avya tres dias que partira de laa e dise que a nosa gemte que laa estava estava jaa com muyto menos trabalho e tinhã jaa tempo pera poderẽ comer e todavya que os mouros trabalhã de noyte e de dia que pareçe sospeyta de fazerẽ algũas minas.

Prazera a Noso Snõr que tudo sera pera mais sua comfuzaõ. Noso Snõr por sua bomdade comsole e acrecemte o estado de V. S. de Chaul vymte dias do mes de setembro de 1546.

Seu ẽdino servo e orador — *Frey Paulo de Santarẽ.*

(Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 209.)

LIX

Snõr

De Chaull esprevi a V. S. do q̃ hi achara V.[co] da Cunha e fizera.

Quarta fr.ª q̃ foraõ xxix dias de setembro chegamos a esta fortaleza omde achamos ao sõr dom alv.º e o capitaõ da fortaleza de saude e alegres e esforçados e o sõr Deus e nos receberaõ com mujta carjdade e amor e verdadeiramente q̃ todo o povo foy taõ consollado cõ a nosa chegada q̃ me fez alegre vellos todos taõ comsolados. O sõr dom alv.º me recebeo com tamto amor quanto tẽ de todas as outras vertudes.

Naõ esprevo a V. S. meudamẽte as cousas q̃ pasamos ẽ Baçaym cõ algũs lascarjs ẽ serẽ trabalhosos de ẽbarquar porque todavya vyeraõ cõ V.co da Cunha cymco quatures e fustas e ao outro dia segymte chegaraõ tres fustas e diseraõnos q̃ de tres dias amtes q̃ chegasemos ate odia segymte de nossa chegada chegaraõ a esta fortaleza trjmta e dous navjos ẽ os quais chegou polvora de bombarda e despĩgarda cõ q̃ boamẽte podera estar a fortaleza ate a chegada das caravelas ajmda q̃ querẽdolhe eu esprever esta me dise o snõr dom alv.º q̃ chegara hũa fusta e lhe dera requado como Paio Roiz daraujo tomara hũa nao ẽ q̃ vjnha hũu parente de Coje Çofar e q̃ vynha de Mequa mujto riqua naõ lhe esprevo majs disto porque cujdo q̃ o sõr dom alv.º lhe sprevera majs largamẽte. Elle mãdou loguo buscar asy esta como outra q̃ tomaraõ huas duas fustas pera q̃ has trouvesẽ a esta fortaleza.

Nesta fortalleza ha mujtos doemtes e asy ferydos como queymados e os majs doemtes saõ de feveres e camaras; aguora Noso sõr seja louvado começaõ a guarecer cõ os mãtymẽtos q̃ acodem porque damtes á mĩgoa de mãtymẽtos naõ podiaõ ser taõ bẽ remedeados. O sõr dom Alv.º tẽ hũ espritall nas casas da fejtorja

seu e a sua custa afora ho da fortaleza. Ele e eu somos ẽfermejros os seus camjnhos saõ hir pela manhã ver aó ṣnõr Deus e daly ao espritall a visitar os doẽtes a comsolallos e do espritall a sua estamcya a quall naõ qujs alargar mas antes disse ao capitaõ desta fortaleza q̃ perãte mj̃ lhe pedio por merçe q̃ ouvese por bẽ q̃ V.co da Cunha estevese co a sua gemte na sua estamcya e q̃ ele repousarya algũ pouco dos trabalhos pasados e elle lhe respomdeo q̃ de todos os pasados e de todos os majs se oferecesẽ naõ alargarja nenhũa cousa pequena nẽ grande ate a vynda de V. S. porque ele dava graças a Noso Sõr q̃ lhe dava saude e esforço de cada vez majs.

Nesta fortaleza esta gemte arezoadamẽte e ouço eu dizer q̃ pasaraõ de mjll p.as pera cyma, os mouros estaõ derredor da fortaleza como estavaõ da primeyra; servẽse dartelharja asy como os nosos fazẽ a elles ate aguora ouve qua muyta necesidade de polvora e agora cõ a chegada destes trymta e tantos navjos ha jaa polvora com que lhes tiraõ q̃ abastara ate a chegada das caravellas mãde V. S. a majs polvora q̃ puder ser porque me dizẽ q̃ a falta della dejxaraõ de fazer gerra aos mouros taõ crua como a elles merecẽ.

Mãde V. S. q̃ venhaõ desta cydade algũs mestres pera curarẽ os ẽfermos porque saõ elles mujtos e hũ nẽ dous naõ podẽ acodir a todos. Symaõ Alvarez me dise q̃ esprevja a sua molher q̃ lhe mamdase toda a sua botiqua, pareceme q̃ V. S. deve de mamdar vir majs botiqua se puder ser porque tudo he necesarjo e taõbem todos os majs mãtymẽtos q̃ puder ser porque cõ a vynda de V. S. e com a gemte q̃ qua ha e acode

cada dia ẽ fustas prazemdo a Noso Sõr ajuntarseha gemte q̃ tudo avera mester e V. S. deve de trazer toda a majs gemte que puder e navjos os majs que puderẽ ser e qua falla todo este povo q̃ se alegrarja mujto se elle mãdase qua vir o galeam q̃ vejo de Portugall com todos os mamtymẽtos q̃ de Portugall nelle vyeraõ tudo jsto diguuo soo coreiçaõ de V. S.

Naõ poso deixar desprever a V. S. ho mujto bom avyamẽto q̃ achamos ẽ dom Geronjmo capitaõ de Baçajm porque certo bem pareçe que elle he e paremte de V. S. porque tudo tynha taõ aparelhado quamdo chegamos e taõ prestes que se hahy estevemos dous dias foy por nom poderemos ajumtar os lascarỹs. Agostynho de Teive me dise q̃ tynha caregado hum seu catur de galinhas e comservas e refrescos pera o sõr dom Alv.º e depois q̃ fuj nesta fortaleza me dise o sõr dom Alv.º q̃ ja lhe tynha mãdado Agostynho de Teyve per duas ou tres vezes mujtos refrescos e mamtymẽtos e q̃ asy fizera ao sõr dom Fernaõdo que Deus aja e a elle e a sua casa quamdo ahy pousaraõ que me roguava q̃ ho esprevese a V. S. porque ele taõbem lho avia descrever e quãta obrigaçaõ lhe era. Symaõ Alvarez o faz taõbẽ e com tanta delygemcya q̃ ho q̃ ho vou jaa ẽvejando e pareçe que se torna mãcebo de cada vez majs. Eu a feitura desta fico de hum pee maltratado de hũa pedra que me cajo nelle e tratoume mujto mal dous dedos e se me parecer q̃ nõ quer loguo ser saõ ẽcomẽdarmey ao bordaõ e jrmey ao espritall a servjr aos ẽfermos. Noso Sõr por sua bomdade console V. S. e lhe acrecemte seu estado.

Desta fortaleza oje o derrad.ro dia de setembro de

1546 annos. — Eu faço o que V. S. me maõdou no caes quãdo me ẽbarquey q̃ foy q̃ ao capitaõ dom Joam Mascarenhas q̃ com toda obediemcya e veneraçaõ o servjse e venerase e sempre o majs do tempo quamdo pode ser o sõr dom Alv.º e ele estaõ jumtos e saõ mujto gramdes amjgos.

Seu jndino servo e orador — *Frey Paulo de Santarẽ.* (Colecção de S. Lourenço, vol. V, fl. 211.)

LX

Senõr.

Este he o roll dos homẽs q̃ avoaraõ e saõ vivos que me Vosa Merce mandou fazer

Dom Dj.º de Souto Mayor avoou no baluarte e deraõ lhe hũa frechada por hũa perna e outra nas costas e foi duas vezes quejmado nas pernas e nas maõs de que he mujto mal tratado.

Dom Braś dalmejda avoou no baluarte e ouve hũa feryda na maçãa do rosto de que he mal tratado.

Bastiaõ de Sa irmaõ de Francisco de Saa.

Amtonio dazevedo avoou e cayo pera a bamda dos mouros e ouve hũa feryda na cabeça e mujtas pisaduras pelo corpo de que he mal tratado.

Jorge Nunez de Lyaõ avoou e quebrou huũ braço e ouve mujtas pisaduras no corpo e no rosto de que he aleyjado.

Johaõ Mj̃z Fr.ª avoou e ouve m.tas pisaduras no rosto e quejmado nas maõs e huũ braço quebrado de que he maltratado.

Alv.º Paez quamdo arebẽtou o baluarte ficou ẽcravado todo debaixo de pedras de que ouve mujtas pisaduras e he ajmda mal desposto.

Baltesar dalmeyda avoou e ouve m.tas pisaduras.

Francisco Rojz foj quejmado e avoou de que he m.to mal tratado das pernas.

Fernaõ Roiz de Carvalho foi m.to quejmado das pernas e avoou no baluarte de que [he] maltratado.

Afomsalvarez Pr.a foi quejmado nas pernas e avoou de que he maltratado das pernas.

Antonio Pachequo foi quejmado nas pernas e no rosto e avoou.

Dj.º da Sjllva damdrade avoou no baluarte.

Ho trõqueiro de Dio avoou e aleijado dãbas as pernas.

Ãtonjo Mor.a criado do jnfante dõ llujs avoou e aleijado dãbas as pernas.

Fernaõ Llopes aleijado dũa bõbardada dũa perna.

Luis de Sousa duas vezes quejmado nas pernas e no rosto e mujtas vezes ferjdo.

P.º Lopez de Sousa quejmado nas maõs e ferido na cabeça de hũa bombardada.

Antonio da Cunha quejmado nas pernas e nas maõs e ferydo mujtas vezes e no rosto do quartaõ e hũa frechada nũa perna e outra ẽ huũ coadryll.

Antonio Paçanha quejmado nas maõs e outras ferydas.

Afomso de Bonjfaçio queymado no pescoço e nas maõs e hũa feryda nũ braço.

Antonio Gyll hũa frechada na baryga e m.to quejmado nas pernas e nas maõs e no rosto.

Johaõ Rojz quejmado nas maõs e hũa espÿgardada por hũa coxa.

Manoell Lobo Tejx.[ra] quejmado nas pernas e nas maõs e m.[tas] vezes ferydo e hũa espymgardada por hũa perna de que he alejjado.

Mygell da Cunha hũa espimgardada por hũa coxa e hũa frechada nũa perna.

Jorge de Mẽdoça hũa frechada nũ braço e hũa espymgardada nũa coxa.

Lamçarote Barbudo jmgres m.[to] quejmado das pernas.

Estevaõ Lopez jmgres m.[tas] vezes ferydo do que he maltratado.

Gaspar Gomez quejmado nas pernas e no pescoço e ferydo no rosto duas vezes de que he maltratado.

Lyonardo Nunez quejmado nas maõs.

Mem Lopez quejmado e ferydo nũa jlharga e hũa espimgardada por huũ joelho de que he mall tratado.

Antonio Botelho quejmado nas pernas e hũa espimgardada na cabeça e hũa frechada ẽ huũ braço.

Vicẽte de Frãça quejmado nas pernas.

Francisco Mẽdez quejmado nas maõs e no pescoso.

Francisco de Moraes hũa espimgardada pelos pejtos.

André Lopez casado ferydo no rosto duũ pelouro dũ caõ e cõ hũa ẽxada cõ q̃ lhe deraõ.

André Nunez casado ferydo na cabeça de hũa bombardada.

André Diaz casado ferydo de hũa espymgardada.

Agostinho Fernandez casado ferydo de hũa espymgardada pelo rosto.

Francisco de Moura hũa frechada por hũu braço.

Gonçalo Fernandez quejmado nas maõs e no rosto e ferydo na cabeça de hũa bombardada de que he mall tratado.

Antonio Carollas ferydo na cabeça de hũa bõbardada.

Manoell daraujo quejmado nas maõs e no rosto.

Ruj daraujo quejmado nas maõs e no rosto.

Johaõ Fernandez ferydo de hũa frechada na boca.

Alv.º Mĩz padre de misa hũa frechada pola cabeça.

Bellchyor Carvalho m.tas vezes ferydo e quejmado nas maõs.

Dom Afomso de Mõroyo quejmado nas maõs e no rosto.

Dom Jorge Per.ª todo asado.

Jacome Cãsado quejmado das pernas e das maõs.

Alv.º Mẽdes de Vascogomçellos quejmado nas maõs e ferydo na cabeça de hũa espimgardada.

Bertolameu Afomso ferydo m.tas vezes e quejmado.

P.º Bayaõ hũa frechada nũ braço e ferjdo m.tas vezes.

Johaõ Freyre quejmado nas maõs e no pescoço e hũa frechada nũ braço.

Antonio Coelho hũa espimgardada pela boca.

Dom Fernãdo hũa espimgardada pela boca.

Dom Johaõ de Taide ferydo na cabeça.

Garçia Roiz de Tavora m.to quejmado nas maõs e no rosto.

Domĩgos Afomso hũa espimgardada na cabeça.

Janalvarez Magalhaẽs hũa frechada per hũa perna.

Jorge de Barçellos quejmado nas maõs e no pescoso e m.tas vezes ferydo.

Jeronjmo Butaca quejmado nas maõs e no rosto e m.[tas] vezes ferydo de que he mal tratado.

Johaõ Raposo quejmado nas maõs.

Jacome Lejte quejmado nas maõs e no pescoso.

Bellchyor Fernandez ferydo de hũa espimgardada na cabeça.

Johaõ Gonçalvez ferydo nũ braço de hũa espimgardada.

Marcos de Menorca m.[to] quejmado nas maõs e nos pés.

Bẽto Barbosa ferydo de hũa espymgardada nũ braço de que he mal tratado.

Antonio de Mendoça hũa frechada nũa perna.

Marcos Mj̃z hũa espingardada per a cabeça.

Ayres d'Oulyv.[ra] quejmado e m.[tas] vezes ferydo.

Bertolameu Coelho foi quejmado e escalavrado no rosto e hũa bombardada nũa perna.

Bras Jorge hũa bombardada nũ braço de que he malltratado.

P.[o] Dyas Magro ferydo na cabeça.

Nuno dagyar quejmado no rosto e algũas vezes ferydo.

Dj.[o] Ortj̃z m.[to] queymado nos pes e nas maos.

Fernaõ Vas Dourado quejmado nas pernas.

Bertolameu Correa ferydo e queymado.

Manoell de Sousa mestiço quejmado nas pernas.

Gregoryo de Vascogomçellos quejmado no pescoso e ẽ hũa jlharga e ferydo na cabeça e hũa espjmgardada per hũu braço de que he maltratado.

Baltezar Vieira hũa espimgardada per hũ braço de que he alejjado.

Lopo Alvarez mujtas vezes ferydo e queymado.

Antonio Moniz ferydo e quejmado nas maõs e no rosto.

Vasco Preto ferydo de hũa bombardada ẽ hũa perna de q̃ he aleijado.

P.º Maldonado hũa espimgardada pelo pescoso de que he mal desposto.

Jorge Lopez ferydo nũ braço de hũa cutilada.

Manoell Telez ferydo nũa coxa de hũa frechada.

Johaõ Ralgel *(sic)* quejmado nos pes.

Duarte Varella quejmado nos pes e nas maõs.

Dom Jorge de Meneses m.tas cutiladas e hũa espymgardada per hũa coxa.

Johaõ Figejra foj ferydo no rosto.

Alejxos dabreu ferydo no rosto e hũa espimgardada pola cabeça.

Antonio Pesoa quejmado nas maõs e no rosto.

Dj.º danhaya hũa espymgardada por huũ olho e lho quebraraõ.

Alv.º escudejro quejmado nas maõs.

Johaõ Mĩz ferido de hũa frechada no rosto.

Dom Johaõ dabrãches quejmado nas maõs e hũa frecha no pescoso.

O trõbeta de Dyo hũa espimgardada na cabeça.

(Colecção de S. Lourenço, vol. III, fl. 275.)

ADITAMENTO

ADITAMENTO

I

CARTA DE MIGUEL RODRIGUES A ELREI D. JOÃO III SOBRE OS SUCESSOS DO CÊRCO DE DIO, ETC.

Ho anno pasado de quinhentos e coremta e cimquo escreuj a V. A. por ver que em algumas cousas carecia ho seruiço de V. A. nestas partes como pelo miudo V. A. viria na minha carta, deuia de mandar prouer no que for mais seu seruiço.

Tambem nesta darei comta a V. A. dalgumas cousas que se quaa socederam| despois da partida das naos porque a tudo fui presente.

Despois da partida de martim affonso de Sousa que quaa foy guouernador a poucos dias teve ho Jdalcão humas deferenças com ho guouernador dom Johão de Crasto sobre hum comtrato que martim affonso tinha feito com ele nesta maneyra Mamdou martim affonso por embaixador ha galuão Vieguas a pedir ao Jdalcão cimquoemta mil pardaos douro e que lhe daria myale estando em goa com seguro Real de V. A. e sendo mandado buscar de dom gracia capitão de goa a Roguo do açedação e porque a este meale lhe vem ho Reyno por dereito e he muito desejado do pouoo deseya ho

Jdalcão de o acolher pera ho matar e porque este partido e comcerto não pareceo bem a dom Johão de Crasto não quis comprir a tal embaixada e polo tal Respeito quebrou ho Jdalcão as amizades que com V. A. tinha de maneyra que tolhia os mamtimemtos.

E por parecer ao gouernador dom Johão que isto vyria a mais emxercitaua os homens com fazer muytos batalhoes de homens de cauallo e em lugares que bem podiam ser vistos da terra firme pera que ho Jdalcão diso fose sabedor e tambem fazia muitos *suicos* de pee e nisto dispendia ho tempo de dominguos e dias samtos e sobre tudo mamdou dizer ao ydalcão que se detreminase de vir sobre goa que lhe mamdaria alimpar os caminhos e fazer pomtes por homde pasase.

Vendo hos Lascaris que ho guouernador tamto folgaua com emxercitar e Renouar as cousas da gerra que tam esquecidas estauão todos comprarão espimgardas e armas e os que não tinhão pose pera iso vemdião as capas e foy boom estarem apercebydos desta maneira pera o que adiante aconteceo.

Sabendo ho ydalcão que ho guouernador se não vemcia com dinheyro não fazemdo ho seruiço de V. A. cometeo pazes porque se acabaua a monção e elle tinha naos carreguadas no seu porto de dabul e por demtro no Rio estar a armada que ho gouernador ahi mandou por as tais naos não sayrem nem entrarem outras que de fora viesem pola necesydade que tinha de partirem as tais naos pera fazer seu proueito cometeo pazes as quaes lhe ho guouernador fez como compria a seruiço de V. A.

Despois das naos partidas pera ese Reino ho anno

pasado quis loguo ho guouernador saber como tinha a armada que avia tamto tempo que não fora varada nem vista começou a varar os galioes e gales e galiotas e caravelas a quall não estava pera naveguar se não fora o muito corregimemto que em todas se fez porque caravella ouve ahi que lhe tirarão todo ho tauoado por estar pasado do *busgano* e outras forarão e asy foy concertado de maneyra que esta agora noua com ho guovernador niso leuar muito trabalho que muitos dias hera duas horas da noyte e elle estava na Ribeyra e com tochas varaua hos navios por aver muito que fazer neles e o tempo ser pouco por comprir a seruiço de V. A. no fim dagosto estar armada toda comcertada por que este he o tempo e momção com que vem do estreito.

Em emtrada de mayo que he ho começo do Inverno nesta costa da Ymdia chegaram novas aho guovernador como vinha elRey de Cambaya sobre dyo e logo com muita breuidade mandou seu filho dom fernamdo e outros fidalguos e cavaleiros em catures e por todos seriam Duzemtos homens e em tres dias hos despachou e sayram pola barra de goa fora e vyeram emvernar Á dio.

Foy ho poder tamanho delRei de cambaia que sobre dio veyo e muita gemte bramca que com siguo trouxe coge cofar que era tão poderoso e Rico que com sua gemte e dinheiro bem podera ganhar hum Reino e sostentallo este coge cofar era muy emgenhoso nas artes da gerra e trazia homens em sua companhia que esteueram no cerquo de Rodes e perseuerando em sua gerra fyzeram de fromte da nosa fortaleza e muito

perto muros com baluartes homde tinham asemtadas suas estamcias dartelharia — a saber — espalhafatos, camelos, esperas, lionns, basaliscos, quoartaos e outra mais miuda e casi toda de brõos e muito bem feita com ha qual deram combate E bataria a fortaleza de V. A. e em pouco tempo lhe cegaram toda artilharia e se chegaram a ela com caneyros que de noyte faziaõ por serem muitos e bem se emxergava pola menhã não durmirem de noyte, asy no emtulhar da caua como no picar dos muros minarão hum baluarte e lhe poseram foguo onde morreo dom fernamdo filho do gouernador dom Johão de Crasto que ate a ora da sua morte bem se emxergou ser filho de seu pay e certefico a V. A. que oje em dia he mui alembrado de todos e chorado de muitos por quão bõo cavaleyro e sem medo hera e amigo de todos e mui liberal que não tinha cousa propia sua e se morrera como morreo em tempo dos pasados muito mais memoria e lembramça ficara delle, morrerão mais em sua companhia no baluarte com elle corenta ou cimquoenta fidalgos e cavaleyros que tambom Jaa esquecem E arrebemtamdo este baluarte ficou tudo raso e bõo caminho pera poderem emtrar e dom Johão mascarenhas como simgular capitão e bom caualeiro se defemdia as lamçadas e asy como lhe derribavam ho muro loguo ho tornaua a reformar o milhor que podia pera sua defensão.

Tambem fizeram um baluarte de pedra e rama e emtulho Junto com hum baluarte noso a que chamavão Sam tome ho principall e mais forte que ha fortaleza tinha o qual seu baluarte hera muito mais alto que o noso e senhoreaua toda a fortaleza vendose ho capitão

dom Johão mazcarenhas tão apresado e combatido por todalas partes com todas as artes de gerra que ate ho presente são emvemtadas e outras que elles de novo emvemtavam e com tão pouca gente pela muita que lhe tinham morta e ferida mamdou hum catur no meyo do Jnverno a baçaym com cartas pera que dahi fosem por terra ao gouernador ho quall não durmia que ao tempo que ho tall recado chegou ele tinha prestes em goa vimte e cimquo fustas e catures dos quais não herão de V. A. mais que cimquo ou seys e os outros herão de casados moradores em goa e pelo guouernador pode V. A. saber quem são que comprarão pera ho tall socorro por roguo do guouernador por ser muito amiguo das pesoas que bem seruem V. A. todos o folgaram de fazer e em tres dias despachou hos vimte e cimquo navios e seu filho dom aluaro por capitão mor deles com mui luzida gente que seria por toda seys centos homens e na companhia vinha eu com huma fusta minha que pera iso comprei e trazia comigo trimta e dous homens e sayo dom aluaro com esta armada pela barra de goa fora bespora de são tiaguo cousa que ha muito tempo que se não vio de que os naturais da terra muito se espamtaram por ser então a força do jnverno e quis ho senhor deos darlhe tão boom tempo que em tres dias chegou a chaul omde achou prestes alguns navios dos mesmos casados de chaul omde não fez nenhuma detença e partio-se de chaull com hos navios que trazia em sua companhia e com os mais que ahi achou prestes e dez legoas ao mar lhe deu tormenta de maneira que nam podendo sofrer ho mar e vemto arribou e foy tomar a ilha das vaquas que esta duas legoas de baçaym

pera dio omde se emcomtrou com dom framcisco de meneses que de baçaym partio com desaseis fustas e catures tambem pera ho socorro per mandado do governador que pera yso ho mamdou emvernar a'baçaym por estar mais perto e ahi se ajumtou toda a armada de goa e chaul e baçaym homde viriam perto de mil homens.

Partio dom aluaro com toda esta armada da ylha das vaquas e arribou algumas vezes com hos navios abertos e meos alagados e pola muita necesidade que a fortaleza tinha de socorro forçando ho mar e vento e com muito trabalho e risquo de sua pesoa e dos que com elle vinham chegou a esta fortaleza a dous por andar dagosto a qual estava muito atrebulada pela muita presa que lhe os ynimigos dauão, Jaa a este tempo coge cofar hera morto de huma bombardada e ao tempo que chegou aqui dom aluaro com ho socorro tambem veyo a eles muita gemte do estreito que la tinha coge cofar mamdado buscar — a saber — Rumes abexins nobins fartaquins que he a principall gemte de gerra que quaa ha nestas partes e foy ho seu socorro de maneira e de tam boa gemte que despois de aquy ser dom aluaro nos tomarão ho baluarte sam tome homde nos tomarão hum basalisquo e hum lião e hum camelo e ficarão senhores do dito baluarte domde nos faziam muita gerra nam ficou muro nem baluarte que não fose minado e posto por terra pola parte mais forte bem poderam emtrar molheres em chapins.

Cheguamdo As nouas ao guovernador que dom aluaro com armada que com siguo trazia era emtrado na fortaleza e jumtamente com Jso a morte de seu filho

dom fernamdo ele em lugar de doo se vestio de grãa pela fortaleza ficar segura pelo bõo socorro que nella ficaua por lho o capitão asy escreuer.

O guouernador com muita deligemcia se fez prestes com a mais fustalha que pode aver de partes que seriam amtre fustas e catures oitenta velas afora galioes e ca rauelas as gales não trouxe comsygo por escusar gastos dos muitos marinheiros que pera elas são necesarios e por se não poderem aver e com não sahir da ribeira e allmazes se partio com ha fustalha de goa no fim de setembro e mais cedo se partira se não fora por esperar polas naos do Reino por trazer a gemte que nellas vinha pola pouca que tinha por ser muita morta asy de doenças como nesta gerra e a outra amdar espalhada que ho guouernador não teve poder de ajumtar em tão breve tempo e com esta fustalha se veyo poor em baçaym sem se desembarcar de huma fusta em que vinha e a quem lhe niso falaua davalhe em reposta que não quisese Deos que os caualeyros estiuesem nos muros de dio pelejamdo e ele em terra leuamdo boa vida que não avia de desembarcar ate que hos não discercase nem poor o pee em terra senão em dio e por escusar leitura chegou a este porto de dio que com siguo trazia hum domimgo a tarde sete de nouembro e os *muros* nem por Jso deixarem seus muros nem suas estamcias nem artelharia mudada domde ha tinhão mas amtes se fizerão prestes com muitos arteficios de gerra pera receberem ho governador.

Ho guovernador como simgular capitão mandou desembarcar a gemte na fortaleza de noite e tres carauellas a bataria no baluarte de diogo lopes homde

eles tinhão muita artelharia parecemdolhe que por aly avia ho guovernador de desembarcar e ameaçou os por hum cabo e deulhes por outro não por elles não estarem apercebydos por todas as partes de mar a mar.

Quarta feyra dez de nouembro em amenhecemdo deu ho gouernador nelles e sayo pela porta da fortaleza e a diamteira leuava dom Johão mazcarenhas capitão da fortaleza e em sua companhia hia eu com trimta soldados que em minha companhia tinha e tenho e casi todos com muy boas espimgardas e pasa de quatro meses que de goa parti e sempre hos sostive a minha custa e sostenho oje em dia e arremeteo o capitão aos seus muros com ha gente que comsigo leuava sem temer as muytas bombardadas nem espingardadas nem frechadas nem Roquas de foguo e panellas de poluora e outros arteficios da gerra que de cima dos muros nos deitauão e ao entrar das paredes nos mataram perto de coremta homens e firiram muitos emtramos demtro has lamçadas e cutilladas e quis ho senhor Deos darnos tamanha vitoria que em obra de duas horas matamos muitos emfimdos e os que escaparam a unha de cavallo se pasaram a terra firme por terem ho Rio emtulhado de bamda a bamda e nos ficou a sua cidade e ilha livre e por de V. A. com ha artelharia que nos tinham tomada e outra muita sua e a ninguem se daua a vida nem a molher nem a meninos porque asy ho tinha mamdado ho gouernador e amdamdo eu as cutilladas e lançadas com eles me firiram em huma perna de huma frechada que maa pasou da outra bamda de que ja estou são Deos seya louuado e huma cutillada me deram na mão dereyta de que ao presente estou aleijado de

hum dedo e tudo ey por bem empreguado por ser em seruiço de V. A. e em companhia de tão vertuoso e bõo caualeiro como he dom Johão de Crasto.

Usamça he quando se daa uma batalha yrem os capitais gerais na traseira e dom Johão de Crasto hera demtro dos muros e em sua companhia hum frade de são francisco que ao presente serve de costodio nestas partes com huma cruz nas mãos e no campo avia mais de mil homens por emtrar. Diguo ysto a V. A. porque tornamdome firido pera me curar ho topey demtro dos muros e saymdo por eles fora vy a gemte que diguo a V. A. que não hera ainda emtrada.

Tem V. A. muyta necesidade de mamdar gemte a estas partes asy homens darmas com bombardeiros e não sejam alemais nem homens de fora da terra por que são mui ynclinados aos mouros que he muito pouca e se ho senhor Deos nos não dera esta vitoria todos os Reis destas partes se ouueram dalevantar comtra nos e tam poucos como somos não tiveramos posamça pera acudir a tamtas partes.

Martim afomso de sousa deixou muy pouco dinheiro em estas partes e os almazes mui mal prouidos das monicoes necesarias e ela toda de gerra e a armada mui desbaratada e muy poucos Remdimentos nas alfamdegas por caso das gerras. Ora veya V. A. guovernador que tudo ysto Remedeou e Remedea e sobre tudo trazer ho pouoo tão comtemte que todos ho deseyamos nesta terra por muitos annos porque hos pasados pela maior parte mudauão quaa has condições e viuer e dom Johão se bem vyue em portugal milhor viue quaa e porque isto he notorio a todos não quero ser proluxo.

Dom Johão mascarenhas capitão desta fortaleza he muito pobre e esteve cerquado sete meses omde leuou muito trabalho e emdyvidouse por dar de comer a gemte e pode V. A. crer que a vinda dos Rumes a esta terra foi graça porque baterão hum baluarte que agora esta muito mais raso do que ho elles fizerão e o mais forte que agora tinhamos e durou a sua bataria vinte e tantos dias e esta durou sete meses. V. A. he tão manifiquo primcipe e tão cristianisymo que lhe fará has merces segundo seus merecimentos.

Eu escreui ho anno pasado a V. A. de meus seruiços e em satisfação deles pedia a V. A. que me tomase por caualeiro fidalgo de sua casa com moradia nesta, não sey se me faria V. A. a tal merce merecemdo-lha eu tambem porque alem dos seruiços pasados comprei huma fusta pera este socorro e parti a vinte e quatro de Julho de goa em companhia de dom aluaro como atraz digo e des então ate gora sostíue trimta homens e sostenho e não me querendo hir pera goa honde tenho molher e filhas estou vemdemdo as peças douro e prata que tenho ganhado ha muito tempo não com cargos de V. A. pera sostemtar hos trimta homens que comigo tenho e em satisfação de todos estes gastos e ser queimado e firido me fez ho gouernador merce em nome de V. A. me daar cuidado dos fornos da cal que se faz pera esta fortaleza e isto a Requirimemto de dom Johão mascarenhas por não aver ao presente cousa que me milhor armase, nem de mais trabalho. prazera ao Senhor deos que sera ysto pera merecer mais com V. A. e com hos seus gouernadores e se quamdo emtramos hos mouros me V. A. vyra amdar as lamçadas e cutilladas

amtre cem mouros tiuera eu poucos trabalhos em meus Riquirimentos e de tudo isto he boa testemunha ho gouernador e dom Johão mascarenhas e quantos fidalgos e caualeiros se nesta batalha acharão se ho quyserem esprever a V. A. e a todo tempo estou prestes pera seruir a V. A. porque allem de saber amdar por terra e subir por muros quamdo for necesario sey tambem quamdo o sol pasa pela linha pera a bamda do norte ou do sul e não são pilloto nem viuo por Jso e se comprir a seruiço de V. A. falloey como fiel vasalo que são de V. A. ho gouernador me armou caualeiro laa mamdo ho meu aluara a V. A. pera mo confirmar se V. A. me não teuer tomado por seu no foro que atraz diguo me faça merce que me confirme ho aluara com moradia e espreva ao governador que me faça merce em nome de V. A. segumdo meus seruiços e quamdo ma fizer aja V. A. por bem de maa confirmar e não ma fazemdo sermea necesario hilla pedir a V. A. porque alem de ter gastado o dinheyro que tinha que me durou ate gora he me necesario vemder as Joias da molher pera me soster e aos soldados que tenho em minha companhia ate que se acabe a fortaleza porque eles e eu amdamos desne pola menhã ate noite acarretamdo pedra pera hos fornos da cal de que tenho carguo e por V. A. ser tão amiguo de deos e de tamta consciemcia tenho esperamça de ser prouido ou por V. A. ou por em suas cartas me emcomemdar aos gouernadores que ma fação ho senhor deos aquercemte a vida e estado de V. A. per muitos annos pera seu samto seruiço, de dio aos vinte e quatro de nouembro de quinhentos quarenta e seis. = Migell Roiz. =

(Corpo Cronológico, parte 1.ª, maço 78, documento 94), já impresso em 1837 por João C. Feo Cardoso de Castelo Branco e Torres, mas num raríssimo opusculo.

II

MUNIÇÕES DE GUERRA E MANTIMENTOS QUE O GOVERNADOR D. JOÃO DE CASTRO DEIXOU EM DEPÓSITO NA FORTALEZA DE DIO O ANO DE 1547

De pollvora de bombarda sesemta pipas.

De pollvora de bombarda cemto e huũ cayxões.

De pollvora de bombarda huũ tamque cheo que se tomou aos mouros.

De pollvora de bombarda huũa jarra que se tomou aos mouros.

De pollvora despimgarda vymte e dous cayxões.

De pollvora despimgarda huũ tamque q̃ se tomou aos mouros.

De panelas de pollvora cheas quoatro çemtas e novemta e çymquo.

De calois de polvora cheos quoremta e çymquo.

De panellas de pollvora vazias grãdes e pequenas oyto myl e duzemtas.

De calões vazios pera pollvora tres myl.

De murrões despimgarda sete çemtos.

Darmas bramquas çemto e vynte cosolletes.

De çervilheyras çemto e cymquo.

De capaçetes quoatro.

De peytos quoatro.

De piques çimquoemta e tres.

De lamças trymta e quoatro.

De chumbo çymquoemta quymtaes.

De ferro de purtuguall e da terra çemto e catorze quymtaes.

Daço de purtuguall duas arrobas.

De cobre de pasta quoatro quymtaes.

De salytre cré duas pipas.

Majs de salytre quoremta e dous quymtaes.

De salytre majs treze fardos.

Denxofre bello seys quymtaes e mea arroba.

De breu de Melymde e çamatra dez bares.

De breu de purtuguall huũa pipa.

Dazeyte de coquo çymquo pipas.

De cyfa dezaseys jarras.

De cayro trymta quymtaes, diguo que são quymze bares.

De cotonyas tres corjas.

De teadas tres corjas.

Dobra feyta de cobre dous calldeyrõis de cozer salytre e hũa sertãa de cozer salytre e huũ caldeyrão de cozer breu e huũa colher descumar, e dous tachos pera cryvos e duas folhas de cobre pera carreguadores de basalysquos, e vimte folhas de cobre pera carreguadores e tres calldeyrões pera fustas.

De pellouros de ferro coado de toda sorte tres myl e quynhemtos e vymte e nove.

De pellouros despera myl.

De pellouros de fallquão chumbados seys çemtos e tres.

De pellouros de berço duzentos e dez.

De pellouros de pedra de toda sorte huũa tamanha soma que se não puderão comtar.

Tres catures e hũua fusta pera amdarem dar-

mada e duas esquypaçois dellas paguas por nove meses.

De catures pera se comçertarem dous.

Damarras pera as fustas e catures çymquo peças e quoatro peças de betas e duas peças darpueyras, e duas peças de cabo de lynho e c.to xxiiij madeyxas de fio e xx agulhas pera coser as velas.

De paos pera remos cem peças.

De balldes de couro duzemtos.

De cestos novos quynhemtos afora pasamte de treś myl que andavão no serviço.

Demxadas novas çymquoemta.

Todollas lavamquas, jmxadas, piquões, piquadeyras, cordelỹs, colheres, marrões, e cinhas que se levarão de Guoa e fizerão em Dio com que se fez a fortaleza.

De repayros sobresalemtes trymta e duas peças afora fiquar toda ha artelharya em repayros novos.

De tavoas pera repayros oyto peças.

De traves pera eyxos duas peças.

De paos de tequa de Baçaym grosos seys peças.

De viguas de pao ferro seys peças.

De viguas que vierão da cydade dez peças.

De paos pera cabos demxadas e piquões huũa gramde soma.

Huũ gramde numero de paos de pallmeyras q̃ se não puderão comtar e asy muytas emtenas que se tomarão no arrayal dos mouros, que tudo fiqua demtro na fortaleza.

Vymte e duas agulhas pera repayros e vymte e çymquo per nos e seys canylhas.

Majs çemto e sesemta e quoatro pellouros de ferro coado de toda sorte-s-de basalysquo, serpes e aguyas.

Pera paguamento de nove meses de seys cemtos lascar͞ys trymta myl e nove çemtos xaraf͞ys.

Certidõo da artelharya q̃ o gov.or dom João de Crast.ro tomou a elrey de Cambaya na batalha de Dio

Certefiquamos nos Symão Botelho veador da fazenda delrey noso sõr e Antonio Cardoso sacretayro e Antonio Pesoa que o sõr governador Dom João de Crast.ro o dia que vemçeo a batalha em Dio aos capitães delrey de Cambaya lhe tomou no campo trymta e tres peças dartelharya-s- dous basalysquos gramdes huũ de metal e outro de ferro, tres esperas de metal, huũ lyão de metal, dous cameletes de metall, vimte meas esperas de metal emcarretadas, huũ cão de ferro, huũa sallvajem de ferro, dous camelos de metal de marqua mayor, e hũa roqueyra de ferro, as quoaes peças todas estavão em seus repayros muy fortes e fermosos e ferrados, e por asy pasar na verdade e serem entregues aos allmox.es dos allmazeys de Sua A. de Dio e Guoa o certefiquamos e asynamos aquy oje xbj dias de julho de 1547. — *Amt.o Cardoso — Symão Botelho — Amt.o Pesoa.*

Certidão de artelharya q̃ o g.or dom João de Crast.ro mamdou comcertar ẽ Dio estãdo fazemdo a fortaleza

Certifiquamos nos Symão Botelho veador da fazemda delrey noso sõr e Amt.o Cardoso sacretayro e

Amt.º Pesoa que estamdo o sõr governador dom João de Crast.ro fazemdo a fortaleza de Dio mamdou comçertar e repayrar a artelharya seguymte que em Dio achou arrebentada do trabalho do cerquo-s- huũ lyão de metal que estava arrebemtado huũ pallmo e meo da boqua e poslhe mestre Pedro huũa sobrecabeça de ferro, huũ camello de marqua mayor que estava arrebemtado dous pallmos e meo da boqua, e pos lhe huũa sobrecabeça de ferro, huũa espera de metal que tinha huũ pallmo da boqua arrebemtado e poslhe outra sobrecabeça de ferro, huũa aguea a que pos o dito mestre Pedro outra sobrecabeça de ferro, huũ basalysquo de metal a que se comçertou a escova pola ter muyto gramde, huũ espalhafato de ferro que tinha cymquo çymtas arrebemtadas e forão lhe feytas outras de metal per Lopo Fernandez fumdidor e duas sallvajẽs de ferro que por estarem ambas quebradas que o dito fumdidor comçertou e por asy pasar na verdade o certefiquamos oje xbj de julho de 1547. — *Simão Botelho — Amt.º Cardoso — Amt.º Pesoa.*

Estes são os mantimẽtos que o g.or dom João de Crast.ro leyxou ẽ deposyto na fortaleza de Dio o ano de 1547

De triguo trezemtos e vymte e nove camdis.
Darroz myl e seyscemtos e huũ camdis.
De carne de vaqua sallguada vymte e tres pipas.
De carne em tasalhos quoremta e tres fardos.
De vinagre huũa pipa e mea.
Dazeite do Reyno sete allmudes,

Dazeite de coquo quoatro pipas.
De mamteygua sete pipas.
De feyjõis vimte e huũa arroba e dezaseys arrates.
De grãos omze quymtaes.
De lemtilhas nove camdis.
De peixe serra myl e quynhemtos e cymquoemta peixes.
De alboquoras sete cemtos peixes.
De peixes bambolŷs quoremta e nove fardos.
De byscoyto quoremta e quoatro quymtaes.

Estas são as comservas e mezinhas
que fiquarão em deposyto ẽ Dio
pera os lascarys que adoeçesem.

Damemdoas vymte e dous fardos que tem seys bares e huũ quoarto.
E asy majs quoatro jarras damemdoas que valem per tudo novemta e seys arrobas.
De pasas huũ bar e majs seys jarras, tem o bar quoatro quymtaes q̃ são dezaseys arrobas.
Daçuquare bramquo oytemta e çymquo pães.
Dezoyto boyões de conserva.
De marmellos em comserva cymquo jarras.
Dameyxas pasadas dez jarras brãquas dormuz.
De marmelladas quoremta e seys cayxas.
De maçãs em comserva huũa jarra martavana.
De pinhõis huũa jarra.
De majs maçãs em comserva outra jarra martavana.
De marina cinquo frasquos.
De ruybarbo vymte e dous pedaços.

De mezynhas huũa cayxa chea que custarão çemto e dez pardaos em Guoa.

Certefiquo eu ho L.[do] Amt.[o] Cardoso secretario que fuy dante ho g.[or] que as cousas conteudas nestas oytenta e seys adiçons escritas nestas oyto fls. atras asy dartelharya que ho dito g.[or] dom Johão de Crast.[ro] tomou ẽ Dio na batalha q̃ venceo aos capitans delrey de Cãbaya como das moniçons e mantim.[tos] e mezinhas q̃ deixou em deposito na dita fortaleza quãdo se dela partio q̃ foy a x b dabril de 1547 e asy a comtia do dr.[o] q̃ vay declarado q̃ leixou p.[a] pagamento dos soldos p.[a] tẽpo de nove meses como todo ho mais q̃ nas oytenta seys adiçons se comtem pasa tudo na verdade e ficarão em Dio caregadas em recep.[ta] sobre os oficiais da feytorya de Dio e eu a yso fuy presente per mãdado do g.[dor] e vy hos c.[tos] em forma q̃ diso pasarão os oficiais e de todas estas cousas pasey certidons ao g.[dor] escritas em huũ seu livro q̃ tem p.[a] suas lembranças do qall livro se treladarão estas oytenta e seys adiçons bem e verdadeiramente sendo presentes Ruy Gonçalvez de Caminha vedor da faz.[da] e o doutor Fr.[co] Toscano Chãçarel e Cosme Anes que ora serve de secretaryo que asynarão aquy comiguo.

Em Goa aos seys dias do mes doutubro de 1547. *F.[co] Toscano — Amt.[o] Cardoso — Cosme Anes — Ruy Gonçalvez de Camjnha.*

(Corpo Cronológico, parte I, m. 79, n.º 95.)

III

Snõr

Pella verdade que devo e na que vyvo quamto a

crystão, certefyco a V. S. q̃ a noyte de terça f.[ra] que forão xb de novembro, amtre as nove e as dez da noyte que os sinos desta see e freguesyas e fortaleza notefycarão as boas novas e chegadas de Salvador Fernandez, com as cartas de Vosa Senhorya. De sobejo prazer e comtemtamento com esta verdade sequa damor e obrygação que a Vosa Senhorya tenho e devo. Fuy emvergonhado de mjm mesmo pellas lagrymas que com prazer e emtranhavell amor me vyerão aos olhos per muytas rezões.

Lembramdome ho bem gerall que os moradores que nesta peregryna tera resedimos, reçebemos pelo asoseguo presemte e muyto mayor ao futuro se espera, pelos bõs soçesos e tamanhas merçes que nos Noso Sõr faz per braço e vertude e meryçymento de Vosa Senhorya, e o conhecymento dos jmyguos que vem e comfesão que esta tera e povo tem defemsor vertuoso de nosas vydas casas e fazemdas, a outra rezão he a obra e zelo que vejo a Vosa Snõrya ter no servyço de Deos e delrey Noso Sõr com tão emteyro anymo e lembramça de sua obrygação pela quall temção Noso Snõr o ajuda em tudo, a outra he pelos esperytos ocupados que todos tynhamos esperamdo a boa ora com taes e melhoradas novas, todos promtos em sua viagem, com as vezes sermos comvydados desta umana fraqueza e arreçeos pelo jmterese que a todos toqua, não descomfyamdo nas merçes que nos Noso Snõr faz per Vosa Senõrya porque nesta eramos muy çertos e comfyados mas comtudo não se pode as vezes esperar arreçeando novydades que as vezes pelos pecados do povo se permytẽ porque nos

taes arreçeos vyve quem espera jmdolhe muyto, mas não que nos deserdase a comfyamça que acyma diguo a outra rezão senõr he a lembramça das merçes que Vosa Snorya de Noso Snõr recebe pelas vytoryas e boa amdamça sua, pelo quall os jmigos de corações vemçydos lhe não osão ver a magestade com a esperyemçya de suas obras q̃ eles mesmo vem pelo olho. De que tudo, Snõr, por me chamar feytura de Vosa Snõrya são tão ledo e comtemte q̃ ysto me faz tomar esta lyçemça, a escrever a Vosa Snõrya sem mo ele mamdar e da desobydiemçya peço a Vosa Snõrya perdão, e a culpa torne ao amor e partesypação que de seus bẽs e comtẽtam.[tos] por ser seu tenho.

. . . .

Desta cydade de Goa aos xbj de novembro de 1547.

Feytura de Vosa Snõrya que suas mãos beyjo. — *Joam Roiz paaz.* (Cartas de Goa a D. João de Castro, fl. 112.)

IV

CARTA DOS MISTERES DA CIDADE DE GOA A D. JOÃO DE CASTRO FELICITANDO-O PELA VITÓRIA DE DIO

M.[to] Illustrissimo sõr capytão gerall e governador da Yndja.

Hos mesteres e povo desta muj nobre e lleall cidade de Goa damos llouvores a Noso Sõr q̃ nos deu em tal tenpo V. S. por g.[or] e assy lhe damos mujtas graças pollas boas novas q̃ sosedeo da sua jda e nos espreveo. Temos e cremos por verdade q̃ o seu justo e honesto vjver de mujtos llouvores vyrtudes tem tanta parte ante

ho sõr deos q̃ per seus merytos sera sẽpre vencedor de seus jmjgos da nossa sãta fee catollyca e asy vemos per esperyençya q̃ seu grãde esforço e cavallarya é ajudado dajudas devynaes e sẽpre será vensedor e a jndya he reganhada per vosa S.ª e llyvre de tantas afrõtas como tjnhamos todos hos povos da Jndja pello qall cõ rezõ lhe ficara perpetua memorea e nome proprio de defensor da Indja, e nosos jnjmjgos costrangidos per força darmas a estarẽ pollas lleys da pas q̃ Vosa S. lhes dara esperamos em Deos q̃ senpre será de bem em mjlhor e que noso sõr aos tam notaves feytos q̃ste ano Vosa S. fez do vỹcymento dellrey de cãbaya e destroysom de grãdes çidades de nosos jmjgos nos ho sprevemos a ellrey nosso sõr e a raynha e ynfante dom Llojs nosos sõres e afyncadamente lhe pydymos q̃ destes tã grãdes e notaves feytos acõtecidos cõ tanta honra do seu real estado deve mãdar fazer em seu reyno festas dobradas e no espyrytoall cõ sollenes prjcjçóes e outras festas de llouvor porque os feytos som taes q̃ pasõ em grandeza a m.tos dos pasados e tem myrycym.to de m.to llouvor em esta cidade se fezerõ em llouvor de Deos mujtas pricições de dya e de noyte cõ sollenes sacrefyçios pera alcãsar de Noso Sõr as graças e notoreas q̃ lhe da e asy pera que ho garde de todo mall, e de prezẽte lhe pydymos por amor do sõr Deos e a nos fazer m.ta merçe q̃ nã arrysque sua p.ª em outros trabalhos porque ho que he feyto por elle sõ feytos de grãde vantagem e de muj notaves cavallaryas e grãde costancya e autos vyrtuosos cujos llouvores serã pera contar aos prezẽtes he vỹdouros e memorea pera sẽpre. Praza ao sõr deos q̃ prospere a V. S. cõ grãde estado e

saude e do sõr dom Allv.º seu filho. Dos mesteres da cjdade de Goa oje xb de novembro de mjll bᶜ e corẽta e sete anos. — *Martinho Gomez*, etc.

(Tôrre do Tombo, *Cartas de Goa a D. João de Castro*, fl. 110.)

V

CARTA DE D. JOÃO III PARA D. JOÃO DE CASTRO
A RESPEITO DO CÊRCO DE DIO

Viso Rey Amiguo:

Eu el-Rey vos emvio muyto saudar. A vitoria que Noso Sõr vos deu contra os capitães e poder delRey de Cãbaya foy de tam grande contentamento pera mỹ como era rezã que eu tivese por tal e tamanho vencimento e por quão grandes merces e ajudas niso recebestes de Noso Sõr pelas quaes ele seja muyto louvado e muyto se deve a vosa prudençia e grande animo que naquele dia mostrastes e asy no que fizestes no grande e apresado socorro que mandastes a fortaleza de Dio em tão desvairado tempo, oferecendo ao mar vosos filhos em que se vio bem quanto mais pode convosquo o que jmportava a meu serviço que o afeito natural de pay o que eu asy jstimo como he rezão vendo que não somente desbaratastes tão grande poder de jmigos, mas ajnda destes muyta segurãça a toda a India no grande receo que aos jmigos de la fiquã cõ esta tamanha vitoria, cujo serviço asy he rezão que o eu tenha na conta que ele mereçe, como que tenha dele o contentamento que se requere, e do falecimento de voso filho, Dom

Fernando receby muy grande desprazer asy por ele ser voso filho como porque hia bem mostrando naquela hidade quem ouvera de ser em toda a outra e pois acabou tão honradamente e em tam grande serviço de Noso Sõr e meu devejs de sentir menos sua perda e dar graças a Noso Sõr por como foy servido que acabase o que sey que vos fizestes mostrando ajnda no esquecimento da morte do filho a lenbrança do que compria a meu serviço, das quaes cousas asy serey sempre lenbrado que nam somente volas conhecerey cõ grande contentamento delas mas ajnda com muyta merçe, a que agora quis dar principio nas que faço a vos e a vosso filho dom Alvaro guardando o remate dela pera o cabo de voso serviço que eu confio e tenho por muy certo que sera tal como foram os que ategora me tendes feitos e com esta confiança e cõ a experiencia que eu diso tenho desejando muyto neste tempo vos fazer em tudo merçe, considerando porem quanto isto compria a meu serviço e vendo por vosas obras quanta mais conta tinheis com ele que com todas vosas cousas, ouve por bem de vos nam dar licença pera vos virdes como me pedieys, pelo que vos encomendo muyto e mando que ho ajaes asy por bem e que nese carego me queiraes ajnda servjr outros tres annos no fim dos quaes vos mandarey licença pera vos virdes embora e eu espero em Noso Sõr que vos dee muy boa disposição pera o fazerdes, e porem se por cima do que tanto compre a meu serviço como he ficardesme ajnda servindo nesas partes por este tempo, vos a vos parecer que tendes todavia necesidade de vos virdes folgarey de mo escreverdes e entretanto esperareis minha reposta.

Pero dalcaçova Carneiro a fez em Lixboa a x x dias doutubro de mil b^c R b i j (1547). — *Rey.*

(Tôrre do Tombo, *Cartas de D. João III a D. João de Castro*, fl. 86.)

VI

CARTA DA RAÍNHA D. CATARINA PARA D. JOÃO DE CASTRO

Viso Rey:

Eu a Rainha vos envjo muito saudar:

. . . .

Quanto ao negocio do cerquo e guerra da fortaleza de Dio foj muy grande merce de Nosso Sñor a vitoria que vos aly deu contra tamanho numero e poder dos jmigos de sua santa fee catholica que de tam diversas partes ali eram juntos, e muy claro sinal de elle ter de sua maão o estado desas partes e lhe dou por tudo tantos louvores como he rezam e lhe devo e muito acrescenta no grande contẽtamento que ElRey meu sñor e eu temos de tamanho vencimento ver com quanta prudencia e descriçam provestes em todas as cousas que pera se poder alcançar eram necessarias e quam animosamente vos ouvestes no dia da batalha e com quanta presteza socorrestes aquela forteleza oferecendo a isso vossos filhos em tam fortes tempos e o conhecimento que Sua Alteza e eu temos de todas estas obras e do grande fruito que se delas seguio he muy conforme aa calidade e grandeza delas e asj confio que

o Sua Alteza mostrara na honra e merçe que vos fara e por tudo se vos deve e bem o deu a entender no gosto e contentamento com que logo quis a isso dar principio nas que agora fez a vos e a vosso filho dom Alvaro, segundo vereis per sua carta.

Do falecimento de dom Fernando vosso filho recebi muy grande desprazer asy porquanto sey que o avieis de sentir como pela perda de sua pessoa que segundo tinha mostrado naquele fejto se pode bem ver que foy grande, mas eu tenho tal conhecimento de vos e de vossa muita prudencia e virtude que sey certo que em todo o tempo em que Nosso Sñor o levara pera sj vos comformareis vos com sua vontade e o tomareis de sua maão quãto mais sendo naquele em que por defensam de sua fee e em tamanho serviço de Sua Alteza tam honrradamente acabou e comprio com a obrigaçam de quem era que sam rezões muy grandes pera vos muito mais o deverdes fazer asj e muito menos sentirdes sua morte.

Quanto ao que me pedis, açerqua de vossa vinda em que dona Lianor vossa molher que eu muito folgei de ver pelo merecimento de sua pesoa e virtudes e pela muita boa vontade que lhe tenho, me falou de vossa parte como em cousa que tanto deseja, jstimara eu muito de bom gosto e contentamento delrey meu sñor poder nisso satisfazer a vos e a ella mas pelo muito que Sua Alteza tem de vosso tam bõ serviço e pela grande falta que la poderia fazer em tal tempo ouve por bem de se servir ajudala de vos outros tres anos segundo per sua carta vereis e tenho por muy certo que por todas estas rezões o avereis asy por bem e vos

roguo muito que asj seja e espero em Noso Snõr que nos dara saude e forças pera os poderdes fazer e vos ajudara e esforçara em todos vossos trabalhos pois deles se sege tanto seu serviço e pois sabe que o principal respeito porque Sua Alteza o ha asy por bem he saber que sera ele la de vos jnteiramente servido.

. . . .

Pero Fernandez a fez em Lixboa a xxx dias de octubro de 1547. — *Raynha.*

(Tôrre do Tombo, *Cartas de D. João III a D. João de Castro*, fl. 87.)

VII

Dom Alvaro de Crasto amigo:

Recebi a carta que mescrevestes na armada de L.ço Pirez de Tavora em que me daes conta particularmente do cerco de Dio e da victoria delle q̃ he tamanha que se nom pode nella falar, porque, por muito que se diga he ficar aquem do que se deve dizer, por as muitas particularidades que nisto ha e muitas mostras e sinaes de grandes virtudes e esforços e muito boõa ventura que Nosso Senhor deu a vosso pai e aos que com elle forão, que fez neste negocio todo boõ oficio, assi no socorro que mandou cõ Dom Fernando vosso irmão: e no que mandou per vos, como da vinda em pessoa que fez, que tudo parecem obras inspiradas per Deus e por ellas lhe devẽ dar todos muitas graças. Pois o que vos fizestes e os trabalhos e perigos que pasastes no mar e o esforço com que pelejastes na terra, e a honrra que nisso ganhastes he muito pera louvar e pera ElRey

meu sõr gratificar com honra e merçe, pera o que mostra ter boõa vontade como verẽs per obra no que vos escreve e manda. Da morte de vosso irmão me pesou muito e ouve por mui grande perda a de sua pessoa por os sinaes que tinha dados de sua virtude e esforço, e porem elle acabou tambem que basta pera vos consolardes e dardes muitas graças a Nosso Sõr como creio que terês feito.

Scrita em Lixboa a xvij de outubro de MDXLVIJ (1547) — *Inf.te dõ Luis.*

(Tôrre do Tombo, *Carta de D. João III a D. João de Castro*, fl. 91.)

VIII

Dom Alvaro de Castro:

Eu ElRey vos envio muito saudar, vy a carta que me escrevestes em que me dais comta da guerra que se moveo cõ o Idallcão por causa do miale e assy do çerquo e guerra da fortaleza de Dio e do cuidado e dellygençia com que o guovernador vosso pay a tudo proveo e trabalhos que nisso levou e como em tudo me servio que foy tam cõforme ha cõfiança q̃ delle tenho q̃ não posso eu deixar de ter disso o contentamento que he rezão e se deve aos merecimentos de sua pessoa e serviços e nos trabalhos que sey que vos levastes e sofrestes em forçar os tempos e os mares pera em tal tempo socorrerdes a dita fortaleza se vio quanto mais pode o desejo que temdes de me servir que o receo de tamanho periguo como em tal tempo naquelle caminho se vos ofereçia; e na maneira em que a ela cheguastes

ẽ em como pelejastes na deffensão dela, cõpristes bem com a obriguação que tendes de filho de vosso pay; e de quanto tudo acresçentou na honrra e mereçimento de vossa pesoa tenho eu tanto contentamento como do serviço que nisso fizestes a Nosso Snõr e a mim, o quall eu istimo tanto e tenho naquella cõta que a calidade dele e o fruito que se dele seguio o mereçe, e assy vollo agradeço e essa cõfiança tenho de vos que em tudo o que se offereçer de meu serviço tomareys sẽpre tanta parte dos trabalhos de vosso pay e o ajudareys nelles tanto como neste feito o fizestes e vos encomendo muito que o façais asy pera que a muito boa vontade que vos tenho e a obriguação de vos fazer merçe por vossos serviços vaa sempre cõ elles em muito crescimento.

Antonyo Ferraz a fez ẽ Lix.ª a xjx dias de fev.º de 1548. — *Rey*.

(Tôrre do Tombo, *Cartas de D. João III a D. João de Castro*, fl. 92.)

IX

Sõr

Foi tamta a leticia que com ver a de V. S. recebi q̃ se nõ fora notorio a todo homẽ q̃ tem juizo nõ ser esta so a victoria e honrra q̃ Nosso Sõr lhe ade dar de seus imigos por quã cristianissimo he e deseioso de acrecemtar e aumẽtar sua sãta fé de puro prazer perdera o siso e por esta rezam posto que desbaratara V. S. hũ tam grande e poderoso prĩcipe como he elrei de Cãbaia será cousa muito grãde e q̃ nũqua se viu nem cuidou

nestas partes espero nele q̃ pela sua sacratissima morte e paixam asi a ele como aos mais reis pagãos a de trazer e subjectar debaixo de seus pees e com esta confiança este seu povo e eu com ele lhe pedimos per vezes saimdo de San Francisco depois das duas da mea noite com devotas precissões das quaes foi autor o padre Custodio q̃ a V. S. dará majs larga comta da võtade e deseio q̃ em todas achou pera lho pedir he certo q̃ muitos de vos parecia verse já emvoltos no prazer q̃ tamto q̃ a nova chegou recebemos. Disto e muito majs he V. S. merecedor e os moradores destas partes bem avẽturados pois lhe deu o sõr Deus primcipe e capitam que por seu descanso joga sua vida tam alheo de cobiça e outras cousas de que ho mũdo está cheo pelo que a ele verdadeiro Deus he V. S. em muita obrigaçam prazera a ele q̃ o conservará em seu serviço e que com grande acrecemtamento de vida e estado lhe dará o que V. S. deseja e os seus lhe requeriam.

. . . .

Desta sua cidade de Goa oje dezaseis de novembro de 1547 (1).

(Tôrre do Tombo, *Cartas de Goa a D. João de Castro*, fl. 114.)

X

Sõr

Pelas cartas que V. S. espreveo a esta tera soube das vitoreas dinas de prepetua memoria q̃ o sõr Deus lhe deu cõtra elrej de Cãbaia, que nõ pode ser mor

---

(1) Ilegível a assinatura por ter sido cortado, sabe-se pelo sobrescrito que é do vedor da fazenda dos contos.

cousa q̃ pelejar V. S. cõ ele em cãpo cõ tão pouca jente e o desbaratar de man.[ra] q̃ nõ se atreveo a resistir á furia cõ que V. S. o cometeo senão cõ as armas dos vencidos q̃ são fugir e alargar o campo e çerto que tamanhas cousas e tão novas nesta tera nõ as da o sõr Deus senão a quẽ por seu serviço alarga toda cobiça e sensualidade, cõ que outros tamtos se abraçarão, porẽ os q̃ isto quiserão levarão dinheiro cõ q̃ no reino tiverão trabalhos V. S. levará homra e mereçimentos pera Deus e Sua A. lhe fazerẽ mujta merçe e qua deixara fama *cujus nõ erit finis* e premitira Noso Sõr que dará V. S. a se saber ẽ toda a cristamdade que tres mil purtugueses, temdo tal capitão poderão emtrar por toda Cãbaia, que inda eu nõ lj nos feitos do magno Alexandre q̃ cõ tão pouca jente desbaratase tamanho rej e tão poderoso como he elrej de Cãbaia, e bem mostra V. S. aos prigiçosos e amigos de luxurioso repouso q̃ ajnda agora ha cousas de q̃ esprever se as eles quizesẽ buscar porẽ cada hũ acha o q̃ busca e V. S. acha vitoreas cõ q̃ Deus e elrej são servidos e outros direitos cõ q̃ perdẽ o gosto da vida neste mũdo e no outro alma pera sempre.

Nõ deixo de sintir q̃ espreveo V. S. estas novas a homẽs q̃ não são mais seus servidores do que o eu sou e ejde ser ẽquãto viver e de mj nõ se lembrou porque este queixume nõ ej eu de fazer a njguẽ senão a ele q̃ sej q̃ conheçera mjnhas fraquezas e as remedeara cõ sua clemẽcia porque nũqua ouve anjmo forte pera soberbos enemigos q̃ o nõ fose afavel e brãdo pera os suditos.

Noso Sõr traga V. S. a esta tera cõ mujta saude q̃

nõ majs nõ ha q̃ por taxa pois nõ sabemos ate omde V. S. quer por a bamdeira real. De Goa o dia das tão boas novas dezaseis de novẽbro de 1547. — *O L.dó Jeronimo Rujz.* (Tôrre do Tombo *Cartas de Goa a D. João de Castro*, fl. 115.)

XI

Yllustre e m.to manifico sõr

Despois desta cõfraria ter esprito a V. S. hũa que ho padre Costodeo leva em comprimento de o emcomẽdar ao provedor da casa q̃ lhe esprevese chegou a esta cydade a nova da vitorea q̃ lhe Noso Sõr deu delrey de Cãobaya de que todos demos m.tas graças e llouvores a Noso Sõr polla presemte e pasadas e outras muytas q̃ esperamos nelle todo poderoso sõr q̃ lhe dará, e crea q̃ allẽ da parte q̃ nos a todos os que nestas partes vivemos cabe de suas vitoreas. Pello que toca a sua manyfica p.a llevamos m.to comtemtam.to e desejamos todos ẽ gerall e cada hũ em espeçiall ver tudo feyto e acabado per sua manyfica p.a com m.ta avemtagem de seus amtepasados no cargo e pois Noso Sõr ate gora tem mostrado avello asy por bẽ e seu sãto serviço prazera a elle q̃ todallas majs cousas q̃ começar jrão de bẽ pera mylhor e as começadas averão ho fim por V. S. desejado.

. . . .

Feyta em cabido por mỹ P.o Gonçalvez esprivão da casa de Goa oje xbj de novẽbro de 1547. — *Manoel Fidalguo* etc., e outras assinaturas.

(Tôrre do Tombo, *Cartas de Goa a D. João de Castro*, fl. 111.)

XII

Sõr

Terça feira vindo da tranqueira de Bardes veio ter comjgo Salvador Fernandez he me deu hũa carta de V. S. he nela tã boas novas como prazera a Deus que cada dia V. S. me escreva has quais novas mãdei logo repiqar he a mesma ora fizerão os frades hũa precisão he pela menhã fizemos outra mesturado cõ algũas esquaramuças de prazeres como era rezão a tã boa nova, o negocio foi muj grãde he eu nã tenho nenhũa duvida a ser isto m.[to] igoal cõ a batalha que V. S. vẽceo ẽ Dio. de man.[ra] que jaa agora nã haa que fazer ẽ Cãbaya porque nã faltava mais que dar V. S. batalha ao proprio rei de Cãbaya he desbaratalo he fogir-lhe.

As festas que V. S. escreve que se fação elas se farão da man.[ra] que V. S. seja contẽte porque nã falta võtade pera se destas vitorias que Noso Sõr daa a V. S. se lhe dar m.[tas] graças com m.[tas] precisois he outros oficios que nã pareçamos jmgratos a tamanhas merces he a V. S. com m.[tos] touros e canas he cõ outros m.[tos] prazeres os quais poreles todos estamos m.[to] alvoroçados cõ m.[to] boas vontades; he eu cõ m.[to] mais que todos pois tenho m.[ta] mais parte ate gastar o casamento que ouve cõ dona M.[a] ho qual esta sẽpre prestes pera servir V. S. ẽ tudo aquilo que levar cõtẽtamento.

Noso Sõr acresẽte vida e hestado de V. S. he o leve a Portugal como ele deseja. De Goa a x b i j de novẽbro de 547. — Servidor de V. S. — *Dõ Diogo d'Almeida.*

(Tôrre do Tombo, *Cartas de Goa a D. João de Castro*, fl. 116.)

XIII

Muyto eycel.te sõr

M.to craro he a todos por as obras que vemos de V. S. q̃ o seu ponto he por o risco por çyma dos pasados e qe estes sam seus fumdamentos avante pasalos he preçedelos de que aos porvyr que o quyserẽ ymytar se seguyra mujto trabalho suas obras he gramdes he belycosos feytos depois que he nesta terra em qe vemos q̃ aventura e arrisca sua eyçelente p.a dam disso testemunho por ho qal lhe dizemos q̃ esta cydade por ho amor q̃ lhe tem por as onrras em qe a poem e deseja acreçentar estava sospẽsa esperamdo novas de V. S. e ẽmẽtes as nom teve hũs e os outros parnosticamdo em seu favor bõs acontecym.tos mas nam tamanhos nem tam favoraveys como os tem de seu nacimẽto e lhos ho snõr Deus deu por que lhe damos mujtos louvores e que seja verdade do coraçam forte e jeneroso sayrẽ as obras fortes e jinerosas todavya lenbramos a V. S. por os cargos q̃ temos e por seus servjdores que ao diante nom queyra mais pasar o lymyte da rezam e se ysto nom abastar da parte de Deus e delrey noso sõr e da sua reqeremos que ho queyra cõpryr.

Qarta feira pela menham dezaseys de novẽbro com as boas novas de V. S. nos fomos a See omde foram jumtas as cruzes das fregesyas e ẽ persysam saymos dar louvores a Deus na casa de Nosa Sõra da sera he a mỹa e nos recolhemos por a rua direita e todos ou os maes depoys da obra de Deus acabada nos fomos

a camara abryr e ler a carta de V. S. que na See nos foy dada e depois douvida em cõpanhya do capitam qe presente era se sayram os çydadãos festejar as novas de tamanha merçe como de Deus por meo de V. S. que as cava recebemos e nos ficamos na mesa ordenamdo outra perçysam solene qe ao outro dia pela menham fizemos cõ mujto contentam.[to] de todos as ruas alegres he vestidas os baixos feytos ortas demxabregas a tarde touros e canas ao som dos estromẽtos que na terra ha asy qe os dias foram de cõtẽtamento he prazer.

Ja escrevemos a V. S. o que fizemos qamdo veo artelharya de Baroche, dia do bem aventurado sam martinho pela menham com hũa persysam lhe fomos per hum retavolo qe mandamos fazer da sua jnvocaçam no mesmo muro da vytorea num lugar que pera yso se fez. Pero Godinho he Ant.[o] Fernandez ho levaram nas mãos.

. . . .

Escryta na camara de Goa aos dezoyto de novẽbro... era de ȷ̃ b[c] R b i j anos.—*(Seguem-se as assinaturas).*

(Tôrre do Tombo, *Cartás de Goa a D. João de Castro*, fl. 117.)

XIV

Sõr

. . . .

Ao tempo que a fortaleza de Dyo estava de çerqo vym durmuz ter a ela ẽ hũa nao cõ quorẽta homẽs e trazia quĩze mill pardaos alẽ de dez mill que tinha mandados a Goa q̃ nõ foy pouqo esforço pera os soldados dizerlhe q̃ lhe trazia aly dr.[o] e tanto que chegey pus loguo mesa e dava de comer a estes que trouxe e

a todos os que mais querião sem ẽ todo este tempo asy no çerqo como no fazer da fortaleza me darẽ mãtym.tos nẽ cousa algũa dos almazẽs de V. A. como davão a outros pelos eu nõ pedir de que tenho certidões ẽ que gastey m.to de mjnha fazenda e tanto que desẽbarquej cõ a jemte que trazia fiz hũ ẽtulho muy grãde pera asemtar hum espalhafato e ẽ outra parte hũ rejmão e noutra hũa serpe e ẽ hũ baluarte outras por tudo pera se dar batarja nos muros cõ que os mouros nos tinhão çercados tanto que o Visorrej chegase como de feito se deu dous dias antes q̃ saysemos cõ que lhe desmãchamos m.ta parte deles e fizemos portajes por onde ẽtramos que se eles nõ forã m.ta duvyda ouvera e podermos ẽtrar, as quais estançias eu corja e vjsjtava e se algũa peça arrebentava acodia loguo aly cõ outra cõ minha jente o que tudo carregava sobre mỹ porque dom Joã Mazcarenhas ãdava tão camsado e tinha fejto tanto que nõ podia mais e dom Alvaro e Vasco da Cunha estavã doentes ẽ cama e a nojte antes que se deu a batalha tendo o visorey cõselho sobre yso ouve algũas pesoas e de m.ta autorjdade que nomearey quãdo for necesario as quais dezião q̃ nõ hera bem q̃ se dese aqele dia a batalha e tinhão de todo abalado o visorej a yso. E eu me alevãtey por tres ou quatro vezes e djse alto q̃ ẽ todo caso cũpria q̃ saisemos aqele dia porque se asy nõ fosse q̃ nos perderiamos e a fortaleza sabendo os mouros q̃ estava aly a p.a do go.or e que nõ ousavamos de dar neles e fiz cõ que saisemos e fuj com as estancias todas da parte do g.or pera que se fizesẽ prestes, como de tudo serã boas testemunhas dõ Joã Mazcarenhas e o sacretario Ant.o Cardoso e L.ço Pirez de Tavora q̃ nõ

fora mao dizelo a V. A. mas já vejo que estas cousas nĩgẽ as diz pelo que cũpre a cada hũ fazelo, pois tãbem na batalha fuj ferjdo e seis ou sete da minha companhia jũto comjguo e não forã as ferjdas nas costas; antes a Lopo Botelho meu primo filho de João Gaguo o ferirão no rosto e asy por ysto como pelo que trabalhou no fazer da fortaleza e aver dez anos que serve nestas partes mereçja merce como os outros e asy ferido andey recolhendo toda artelharja. E depois no fazer da fortaleza fyz m.[to] serviço a V. A. e a prova diso he de quã pouqa desp.[a] se fez nela porque corja tudo por mjnha mão e ẽ meu poder estava o dr.[o] e presente mỹ se fazião todas as desp.[as].

. . . .

De Baçaym a xxiiij de dez.[o] de 1548. — *Simão Botelho.* — Sob. A ElRey noso sõr. — De Simão Botelho veador da fazenda.

(Corpo Cronológico, parte I, m. 81, n.[o] 123.)

XV

RELATÓRIO ENVIADO POR D. JOÃO DE CASTRO A D. JOÃO III, NA PARTE RESPEITANTE AO CÊRCO DE DIO

A quatorze d'abril me derão hũa carta de Dom João Mascarenhas, em que me fazia saber, que ficava cercado dos Guzarates, de quem era capitão Coje Çofar. Pelo que, com a maior brevidade que pude, fiz prestes nove fustas, e catures em espaço de tres dias, nos quaes mandei obra de dozentos homens mui escolhidos, e

todos arcabuzeiros, e vinte e cinco pipas de polvora de bombarda, e duas despinguarda, e mais vinte quintaes de chumbo, com muitas enchadas, alferses, piquões, e omze mil pardáos douro para pagamento da gente, e dez bombardeiros.

De Baçaym mandei lá passar mais cincoenta homēs com muitos mantimentos: e de Chaul outros cincoenta. Antes deste socorro, sem ter nova algũa, tinha eu já mandar emvernar a Dio, Gregorio de Vasconcellos com hũa companhia de cem Lascarins, e assĩ hũa caravella com quinze pipas de polvora de bombarda, e hũa despinguarda, e dez quintaes de cobre de pasta, pera se fazerem carreguadores, e cincoenta vigas, e dez candis de cairo, com outras muitas cousas necessarias á fortaleza. Os fidalgos, que mandei por capitães destas nove fustas, e catures forão: dom Fernando, meu filho; dom João dabrantes, filho do capitão dom Amtão; dom Francisco d'almeida, filho de dom Lopo d'almeida; Jorge da silva, filho danrrique correa da silva; Gracia Rodriguez de Tavora, filho de Christovão de Tavora; Diogo de Reinoso, filho de Fernão de anes de Souto-mayor; Antonio da Cunha, irmão de Vasco da Cunha; Diogo da Silva, filho de Fernão Peres dandrade; Pero lopes de Souza, filho dafonso lopes da costa; Antonio moniz, filho damrrique moniz.

Os quaes todos se me vierão oferecer; pera que os mandasse todos a Dio servir a V. A., salvo dom Fernando, que me queria fogir; pello que me pareceo melhor mandal o por minha vontade; pera com sua ida obriguar mais os homēs, a trabalharem de cheguar, e emtrar na fortaleza; por caso de ser ja emtrada den-

verno, e a travessa da enseada mui perigosa neste tempo. A boa vontade, com que todos forão servir a V. A. causada pelas muitas mercês, que V. A. fez ás pessoas, que da outra vez, em tempo do Viso-rey dom Gracia defenderão a fortaleza de Dio; e assĩ as que cada dia faz aos que o servem. Alem destes fidalgos per si, e de lhes ficar per erança e benção de seus pais, e avós, folgarem de servir V. A. Este socorro entrou todo em Dio a salvamento, tirando tres catures, que arribarão a Baçaym com tempo; mas os outros, passando grandes trabalhos no mar, por causa de ser ja passada a monção, chegarão a Dio. A emtrada foi mui requestada; por que os Guzarates tinhão feito á borda do rio hũ grande bastião, e posta nelle muita artelharia, que varejava polo rio abaxo até á barra; e tendo nelle grão numero darcabuzes, prezumião de tolherem a desembarcação aos nossos. Na companhia de dom Fernando mandei Bastião coelho, por ser homem abil, exprimentado assĩ na guerra do mar, como na da terra, e ter visto muitos cercos, e combates, e saber bem todalas maneiras, com que se hade defender, e repairar hũa fortaleza. De maneira que, acabado dentrar este socorro em Dio, se çarrarão as barras, e ficou o mar innavegavel, e a fortaleza com a gente, mantimentos, e monições, que assima digo a V. A., e com dom João Mascarenhas dentro por capitão, que he tal fidalgo, e cavaleiro, que primeiro o farão em postas, que lhe tomem hũa só amea (1).

---

(1) *Instituto*, 2.º vol., pág. 282. Encontra-se uma cópia do princípio do século XIX no manuscrito 1.047 da Tôrre do Tombo. Contêm ligeiras variantes, e atribui êstes factos ao dia 13.

. . . .

A dezanove de Julho me derão outra carta de dom João Mascarenhas, pedindo-me, que o mandasse socorrer com mais gente, por caso de o terem muito apertado a gente, e capitães delrei de Cambaya, os quaes lhe tinhão ja derrubado hum baluarte chamado S. João, e céga a artelharia, e travezes do baluarte S. Thomé, seu respondente; e assĩ tinhão feitas quatro estradas cubertas mui larguas, que ião sahir á cava; pera por ellas a entulharem. E que elrei de Cambaya estivera onze dias em pessoa dentro na cidade. Fazendo-me mais a saber, como dia de S. João fora morto Coje Çofar dũ tiro perdido, que acaso se tirou da fortaleza, que foi hũa das maiores bõas venturas, que a esta terra podia vir. Esta carta foi feita a dous dias de julho, e mandou-a por mar a Baçaim e D. Jeronymo ma mandou por hum patamar. Como isto soube, em espaço de cinco dias fiz prestes vinte fustas, e seis catures com obra de quinhentos Lascarĩs arcabuzeiros, a mais escolhida gente de toda a India, e os mandei pola barra fora a vintatres de Julho, caminho de Dio. E porque era cousa estranha, e nova, e até agorã não vista, nem pratycada aver se de naveguar esta costa no mes de Julho, que he o coração do inverno; e por esta causa estava certo a gente recusar de se querer embarcar: pareceo-me justo e necessario mandar por capitão mór desta armada dom Alvaro, meu filho; porque não soomente per esta via obriguasse os homẽs a quererem ir, mas tãobem os apenhorava atodos se ofereçerem a fazer esta jornada de boa vontade.

E era hũ meio onesto pera não aceitar escusa a nenhũ.

E tambem, com mandar a pessoa de meu filho, lhes metya em cabeça não serem os trabalhos tamanhos, como se pintavão, nem os tempos tão feios, que seguramente se não pudesse naveguar esta costa, porque não era de crer, que eu aventurasse dom Alvaro a perigos evidentes contra toda a rezão, e opinião commũ, em tempos inavegaveis, e em que jamais se virão lavrar, e caminhar estes mares; salvo sabendo algũ segredo, ou arte pera o fazer seguramente.

E juntamente com isso não posso neguar, que ponho de maa vontade em perigos os filhos alheios por serviço de V. A., deixando fóra os meus, ja que eu pessoalmente não posso emtrar e acodir a todos. De maneyra, que elle partio desta cidade de Goa a vinte e tres dias de Julho, e lhe deu Nosso Senhor tão bom tempo, que aos vinte e sete emtrou em Chaul, o que foi tido em toda a India por hũ millagre muito grande. Os capitaẽs dos navios, que forão com elle são: dom João de Taide, que não sey palavras, com que o possa gabar a V. A. senão com dizer, que he bem irmão de dom Luiz de Tayde: Manoel de Souza, Pero de Tayde, Baltezar da Silva, Nuno Pereira, Belchior Muniz, dom Afonso de Monr- roio, dom Duarte de Saa, Lopo Vaz Coutinho, Antonio de Saa, Francisco Tavares, Duarte Pereira, Atanasio Freire, Miguel Rodriguez, Baltezar da Costa, Manuel Affonso, Diogo Fernandez, Lopo de Faria, Baltezar Lobato, Belchior Pinheiro, Pero Gonçalves, Francisco de Barros, Jorge Pires, Antonio Martins, Jeronimo Rodriguez, e os filhos do Chançarell Francisco Toscano, o qual comprou hũa fusta, e aparelhou com muitos homẽs, mandando nella dous filhos, que tem. Parece-me,

que, se mais tivera, que mais mandára; porque não somente se contenta de servir V. A. com fazer muita justiça, e dar muito boas sentenças; mas tãobem o faz com os filhos e com a fazenda. Foi este socorro a couza do mundo, de que mais se espantárão os mouros, assy pola brevidade, com que o mandey, como pelo tempo, em que foi, no qual não ha memoria domẽs, que saibão naveguar-se esta costa: e acabarão de crer, que tudo o que cometessemos levariamos avante. E foi este hũ freyo mui necessario pera todolos reis, e senhores da India: porque sempre nos ameaçavão com poderem cercar nossas fortalezas no inverno, onde cuidavão, que lhe poderião fazer muito damno, per cazo de as não podermos então socorrer. Agora fiquão desenguanados, e muyto metidos por dentro, sabendo, que em todo o tempo as podemos socorrer, e naveguar estes mares. Antes deste socorro tinha já provido no mês de Junho, e mandado a dom Geronimo, que fizesse prestes cem homẽs, pera no fim de Julho se irem meter na fortaleza de Dio; posto que tivesse bôas novas do cerco, e lhe affirmassem ser alevantado: e que sabendo que durava, e se batia a fortaleza, mandasse muita gente, e com ella dom Francisco de Menezes, seu irmão, a quem escrevi, encarregando-lhe muito, que por serviço de V. A. quizesse fazer esta jornada. E assi escrevi a Antonio de Souza, capitão de Chaul, e aos moradores, e cidadões, pervenindo-os pera a este mesmo tempo estarem prestes pera acompanharem dom Alvaro, e irem socorrer a fortaleza.

O que elles fizerão cõ tanta vontade, que não sinto mercês, com que se possão satisfazer.

Chegando dom Alvaro a Chaul a vinta sete de Julho, esperou hũ dia e meo pola armada, que hia espalhada, e tanto que a teve junta, sayo polla barra fóra aos vinta nove do dito mez, e com elle todolos cazados de Chaul; os quaes, tanto que elle chegou, ármarão suas fustas, e com a mór brevidade do mundo, e grandes guastos de suas fazendas o seguirão: a saber, Pero Preto, Diogo Lopes Dagyam, Jam Nunes Homem, Jacome do Couto, Antonio Fernandes, Joam Garcez, Guaspar Lopes, Simão Fernandes Ramalho, Fernão Dias, Domingos Fernandes, feitor, que foi em Chaul, Alvaro dalmada, Gonçallo Gomes, Antonio Dias. Sendo dom Alvaro já em meo golfão com toda esta companhia, lhe deo tamanho temporal de vento oesnoroeste, que arribou á ilha das vaquas, quasi perdido com toda ha armada, e nesta ilha se encontrou com dom Francisco de Menezes, que saira de Baçaim com hũa armada de quinze fustas pera ir socorrer a Dio, como lho eu tinha mandado no inverno. E logo ambos se ajuntárão, e tornarão a acometer o golfão. Sendo entrados bom pedaço per elle dentro; lhes tornou a dar outro tempo muito rijo, e muito maior, de sorte que com grão trabalho puderão arribar com perdas de duas fustas e com toda a armada aberta, e desaparelhada. Destas duas fustas se salvou a gente de hũa dellas, por pellejarem bem, e se sostentarem na praia, té dom Alvaro lhe poder acodir; e a da outra fusta se entregou, não podendo rezistir aos mouros, e estaa catyva em poder do Bramaluco. Passada esta fortuna, tornarão outra vez dom Alvaro e dom Francisco cometer o mar, e encontrarão hũa nao de Coge Çofar, que vinha de Mequa muito

riqua, e a tomarão. Sendo quasi naveguados, lhes tornou a dar outro tempo muito maior, que os passados, por onde tornárão a arribar millagrosamente. Ja neste tempo se lhes desarmavão as armadas, porque os Lascarins, enfadados do mar, e da maa vida, que passavão com as grandes chuvas, e frios, lhes fogião todos.

Neste comenos Antonio Moniz, filho danrrique Moniz, e Gracia Rodriguez de Tavora com oyto companheiros entrarão nũa galvêta e determinárão de morrer, ou entrarem em Dyo. Os quaes aventurãdo-se ao caminho, forão o mais do tempo debaxo do mar té cheguarem a Dio, aonde entrárão na fortaleza, e derão novas como dom Alvaro ficava no golfão com hũa armada de cincoenta e cinco fustas O que deo grande esforço aos nossos; porque a este tempo estavão em estrema necessidade, e esperava-se cada dia, que os mouros os entrassem. Foi este feito mui notavel, que fizerão estes dous mancebos, que por elle merecem muita mercê a V. A.

Passado este terceiro temporal tornou dom Alvaro, e dom Francisco a sua perfia. E desta quarta vez aprove a nosso Senhor de os levar a Dio a vinta cinco dias do mez dagosto, posto que com grandissimo trabalho: porem de suas armadas somentes os acompanhárão dezesseis fustas; porque as outras, hũas por não poderem, outras por não quererem, arribarão, e não cheguarão com elles. Os capitães, que os acompanharão são os seguintes: dom Duarte de Menezes, dom João de Taide, Nuno Pereira, Baltezar da Silva, dom Afonso de Monrroyo, Duarte Pereira, Antonio de Valadares, Francisco Guylhem, Diogo Fernandez, Pero Gonçalves,

Ruy Fernandez, Pero Preto, Antonio Fernandez, Jam Rodriguez Correa, Alvaro d'Almada, Domingos Fernandez, Miguel da Cunha, Lopo de Souza, dom Jorge de Menezes, Jorge da Silva, dom João de Abranches, dom Duarte Déssa, Fernão de Souza, Antonio Nunes, e Luiz de Mello em outra galveta. Os que não quizerão cheguar a Dio, me pareceo bem callar, tomando exemplo da Sagrada Escritura, que sempre nos poem os nomes dos bõos, e dissimulla, e cala o nome dos máos. Parece, que se tardara dom Alvaro mais seis dias, se perdêra a fortaleza de Dio sem nenhũ remedio. Donde nasceo hũ proverbio em toda a India, dizendo: que dom João Mascarenhas defendera a fortaleza, e dom Alvaro a salvára. Porque a maneira, de que achou a fortaleza foi grande piedade pera ver; como quer que os muros e baluartes erão todos arrazados com o chão, e as cavas emtupidas, sem aver sinal donde forão: a gente quasi toda morta; e a que ficava era ferida, e doente. Antre os quaes mortos achárão dom Fernando, meu filho, o qual morreo com toda a nobreza, que estava em Dio, desta maneira.

Tinham os mouros minado o baluarte São Tyago, e hũa parte do muro, e por essa parte punhão toda sua forsa, pera entrar a fortaleza; pelo que como a luguar mais perigozo de todos acodia dom Fernando á guarda delle com toda a mancebia, e gente nobre, que na fortaleza estava: fazendo os mouros mostra de dar hũ combate dia de São Tyago, acodio dom Fernando á guarda delle, como acostumava: estando em sima defendendo a entrada aos de fóra, derão os mouros fogo ás minas, e fizerão revoar o baluarte, e muro, aonde

morreo dom Fernando, e toda a principal gente, que no baluarte estava. Dizem, que dom João entendera o negocio, e os mandára avisar; mas por parecer de hũ certo homẽ o deixarão de fazer. A sua tenção foi parecer-lhe ser mais serviço de V. A.; mas a obra mostrou, que mais acertado fôra fazer o que dom João lhe mandára dizer. O que até esse tempo fez dom Fernando deixo de dizer a V. A.; por que não pode ser que os homẽs sejão tão máos, que alguns delles não tenhão cuidado de dizer a V. A. os serviços, e grandes trabalhos, que passão meus filhos pelo servir; pois ho eu tive sempre, e tenho tão prompto pera aprezentar mui meudamente ante V. A. todos aqueles, que lhe fazem os alheios (1).

Entrados dom Alvaro e dom Francisco na fortaleza, retirarão os mouros a sua artelharia, e fizerão mostra de querer alevantar o campo; polo que se amotinarão todos os Lascarins, requerendo o dom João, que saisse fóra a dar nas estancias: e não o querendo elle fazer, por conselho de dom Francisco, e d'outras pessoas, que entendião bem a guerra, lhe fizerão tamanhas afrontas, que lhe comprio, mal que lhe pez, sair fóra, e dando nos seus baluartes, e muralhas, dom Alvaro, e dom Francisco passarão alem com obra de quinze homẽs, entre os quaes hia Luiz de Mello, e Jorge de Mendonça, filhos de Antonio de Mendonça, Dom Duarte Pereira, Pero Lopes de Souza, dom Jorge de Menezes, o qual dizem que entrou primeiro que todos, Francisco Guilhem, Jam Pires de Chaul: sendo passados alem, arrancando os mouros de suas estancias, e levando-os todos

(1) *Instituto*, vol. II, pág. 293.

de vencida: quiz o pecado, que os nossos Lascarins sem nenhũa causa fogissem, deixando seus capitães no campo. Pello que, tornando os mouros a voltar, mataram dom Francisco, que foi hũa grão perda; porque era hũ dos gentis cavaleiros, que se podião achar em nosso tempo, e as suas partes e virtudes erão tamanhas, que raramente se poderão achar tantas nũa soo pessoa. Dom Alvaro ficou no campo alem de suas muralhas com cinco ou seis pessoas, onde os ajudou muito Jorge de Mendonça, e Luiz de Mello, e Pero Lopes de Souza, os quaes se defenderão muito espaço de tempo de toda a gente de mouros. Neste comenos disserão a Dom João como dom Alvaro ficava perdido. Pollo que tornou logo com algũa gente a o favorecer. Com esta tornada afroxarão algũ tanto os mouros; com o que aprouve a nosso Senhor de os salvar, fóra de toda a openião e rezão; crendo os que isto virão da fortaleza, que fora millagre mui evidente. Dom Alvaro trouxe a cabeça mui mal aviada de grandes cantos, que lhe derão sobre o capacete ao sobir das muralhas, e as armas mui passadas de setas, e espinguardadas. Affirmão todos, que, se esse dia não fogirão os Lascariĩs, que avião os nossos comprido victoria, e o cerco fôra alevantado, com grande honrra e fama dos Portugueses. Isto assim feito, cobrarão os mouros animo, e tornarão a assentar a sua artelharia, e cerquar de novo a fortaleza. Pelo que, dom João e dom Alvaro logo me mandarão fazer a saber os acontecimentos passados, e os trabalhos, que tinhão prezentes, pedindo-me socorro de gente e moniçóes. Pello que, em spaço de dez dias lancei sete caravelas ao mar, e as armei, e aparelhei de cousas ne-

cessarias; nas quaes embarquei trezentos e cincoenta Lascariĩs, e dozentos pedreiros, e cavouqueiros com grande cantydade de monições, e as mandei caminho de Dyo, dentro nestes dez dias. Os capitães destas caravellas forão: Antonio Correa, Cosmo de Paiva, Jorge de Souza, Payo Rodrigues d'Araujo, Tristão de Paiva, Gomes Vidal, e Afonso Madeira, mestre das obras, que levou os predeiros. De todas estas caravelas o primeiro que chegou a Dio foi Jorge de Souza, e o segundo Paio Rodrigues, o qual no caminho tomou uma náo de Coje Çofar, que vinha do estreito com um capitão seu parente, que fora fazer gente ao Cairo. E como chegou a Dio com ella, mandou dom Alvaro cortar a cabeça ao capitão, e a todolos Turcos, que nella vinhão: as mercadorias que na náu vinhão, mandou a Gôa; pera que se entreguassem ao veador da Fazenda. A cheguada destas caravellas poz grande esforço aos nossos, e quebrantou muito aos mouros; por que os capitães dellas erão homens muito onrrados, e valentes cavaleiros, e levavão muito, e boa gente. Dom Alvaro, como lhe pareceo, que a fortaleza tinha gente em abastança pera sua defensão, mandou certas fustas e catures d'armada ao longo da costa, aonde tomarão muitas náos de preza, que vinhão, do estreito, das quaes, posto que se furtasse muito, se tirou muito proveito dellas pera V. A. Com todo este socorro, e gente que mandei á fortaleza de Dio, não deixarão os mouros de levar sua perfia adiante, e combater muitas vezes a fortaleza, fazendo muitas minas, com que acabarão de derribar os pedaços dos muros, e baluartes, que ficavão. Dizer a V. A. particularmente o como se ouve dom João Mascarenhas

com todos estes trabalhos seria nunca acabar; porque nas pelejas se mostrava muito valente soldado, e na maneira do guerrear grande capitão, e no cuidado, e aguazalhado de sua gente muito virtuoso; de maneira que seus serviços e merecimentos cõ nenhũa soficiencia se acabarão de louvar, que mais não sejão. Dentro neste tempo fui avisado, que por toda a enseada andavão muitos capitães de fustas, e catures, dos que mandei de Gôa com dom Alvaro, roubando, e fazendo couzas muito mal feitas, e contra serviço de V. A., sem quererem entrar na fortaleza de Dio. E porque eram muitos, e trazião muita gente, pareceo-me couza mui importante mandar la hũa pessoa soficiente; e de muito sizo, esperiencia, e saber com grandes poderes pera os ajuntar, e ou por força, ou per sua vontade os levar todos á fortaleza. E por em Vasco da Cunha aver todas estas calydades, o escolhi pera isso, e o mandei de Goa a sete de setembro, e com elle Symão Alvares boticario mór com muitas meizinhas, e couzas de botica, pera curar os doentes, e frey Paulo guardião de São Francisco; por ser homem muito virtuozo, e de grande authoridade, e gerallmente bem quisto dos homens; a fim de envergonhar todolos reveis, que não querião entrar na fortaleza de Dio. Chegando Vasco da Cunha a Chaul, e Baçain, e a outros logares da enseada, obrou tanto com seu bom sizo, e dilligencia, e muitos poderes, que de mĩ levava, que ouve de levar diante si todos estes descuidados de suas honras e serviço de V. A.; posto que com grande trabalho seu, e entrou com elles em Dio a vinte sete de setembro, que foi mui grande ajuda aos cercados: comessando logo a trabalhar, e servir V.

A., como delle se esperava, e como quem levava poderes sopremos sobre todos os da fortaleza, por causa do desarranjo, que fizerão na saida, sendo contra o meu regimento. Tanto que tive despedido Vasco da Cunha comecei a entender em me fazer prestes com toda a gente, e armada, que fosse possivel. E posto que sobre minha partida ouvesse muitas opiniões, dizendo, que me não devia abalar sem todalas náos, galeões, e gualés, que avia na India, e sem esperar toda a gente do reino, e a de Choromandel, eu entendi o contrario, e me pareceo, que com a maior dilligencia do mundo me devia embarcar em fustas, e catures, e irme por na fortaleza de Baçain, pera ali ajuntar toda a gente, e armada, que pudesse, e hir dar batalha aos capitães delrei de Cambaia. As rezões, que tive para isto sam estas. Em todolos reis e senhores da India erão lançados embaxadores delrei de Cambaia, fazendo saber a todos, como tinha tomado a fortaleza de Dio, persuadindo-os a se alevantarem, e me fazerem guerra: dizendolhe quam facil lhes seria tomarem as nossas fortalezas, que estivessem em suas terras; pois nos elle tinha tomado a mais forte de todas, e morta tanta, e tão boa gente: prometendo lhes ajuda, e dinheiro pera isso. E já em todas côrtes, e cidades dos mouros, e gentios se fazião grandes festas, e alegrias, e davão muitas alviçaras pola boa nova. E com isto andava tão grande alvoroço nos mouros, que faltava pouco pera se fazer um alevantamento universal: o que senão podia amansar com outra cousa, senão com tomar conclusão com grande presteza no descerquar a fortaleza de Dio. Polo que me não compria esperar, e guastar tempo; posto que a dilação

me acrescentasse gente, e armada; maiormente sendo ja avisado, que de Choromandel me não acodia ninguem, e de Cochĩm se me fôra toda pera Malaqua, Paleacate, e outras terras, por remissão, e máo cuidado do capitão; e as náos do reino tardavão tanto, que se tinha por averiguado averem denvernar em Moçambique. De maneira que me não ficava outra gente, em que escorar, salvo a que se achasse nas fortalezas, que se contem de Cananor ate Baçaim, a qual nunqua se acabaria de ajuntar em Goa, e ajuntada fóra mui mao darrancar: (tantas são as delicias e passatempos desta cidade)! E sabendo os homens, que eu estava em Baçaim, era causa de se envergonharem, e acabarem de arranquar mais cedo de suas casas; e o tempo, que em Baçaim ouvesse de esperar por ella, e acabar de fazer, e ordenar, minha armada atromentava toda Cambaia, e guerreava a enseada, e tolhia os mantimentos ao campo dos mouros. Pollo que me detreminei, e parti de Goa a vinta cinco de setembro com hũa armada de trinta e cinco fustas e catures, e tres galeões, nas quaes fustas vinhão muitos cazados, e moradores de Goa por capitães, e ás suas proprias custas, e despezas; a saber, Antonio Ferrão, Juiz d'Alfandegua, Simão da Cunha, Diogo Gentil, Jam Juzarte, Jorge Cardim, Antonio Martins; e em poucos dias cheguei ao logar de Baçaim. Estrondeou tanto minha vinda, que por toda a costa de Cambaia se começárão logo arrecear. Tanto que cheguei a Baçaim despedi logo dom Manoel de Lima pera a enseada com algũas fustas, e catures, para tolher os mantimentos, que por mar se levavão ao campo dos mouros; o que elle fez com tamanha dilligencia, e bom

cuidado, que em breve espaço tomou passante de trinta navios carreguados de muita sorte de mantimentos, passando toda a gente delles pola espada, como levava por meu regimento. E acabado o tempo, que lhe eu tinha ordenado, se veio ter comigo a Baçaim, e entrou polo porto com as vergas das suas fustas todas cheias denforcados; o que poz grande espanto, e temor dos mouros. Isto assĩ feito, comessei a entender no preparamento de minha gente, e armada. E já cada dia entravão muitas náos, fustas, catures, Lascarĩs de Goa; e de todalas fortalezas da India me acodião de maneira, que a vinta quatro d'outubro tinha já comigo sessenta fustas, e catures, e doze náos, e galeões, e obra de mil e quatrocentos homens, e trezentos pioens Canarĩs. Polo que, parecendo-me, que já me não podia acodir mais gente, e armada, antes fazendo demora, me fogiriã muita da que tinha, me fiz prestes, e parti de Baçaim ha vinte seis doutubro, e fui surgir na ilha das vaquas. Deste logar de Baçaim se embarcarão muitos homẽs fidalgos, e creados de V. A., a saber, Alvaro da Gama, o qual veio á sua custa nũ galeão, e com hũa fusta, em que trouxe muita gente, e mui bem ataviada, e dom Diogo de Noronha com hũa fusta sua, e hum Anrrique de Souza, que qua ha muitos annos, que anda servindo V. A.; e assĩ Nuno Fernandes Peguado com outra fusta, e Simão Galego em outra, Antonio Saa Pereira em outra. E porque era necessario hir tomar a ilha dos mortos; assĩ pera fazer auguada, como pera ajuntar toda a armada, que no atravessar do golfão de necessidade se avia de perder de mĩ, por caso das grandes correntes: mandei diante dom Manoel

de Lima com vinte fustas pera correr toda a enseada, e queimar, e tallar toda a costa do mar, no que mostrou bem sua cavalaria, e dilligencia; porque fez a mór destruição na costa, que nunqua jamais foi visto, nem esperado; destroindo todolos lugares, que estão de Damão até Boroche sem ficar delles memoria: e toda a gente, que tomou foi feita em postas, sem perdoar a nenhũa couza viva. Queimou obra de vinte náos, e cento e cincoenta cotijas; de maneira que toda a costa de Cambaia era hũa lavareda e viva chama, e as praias se vião cheias de mortos. O que meteo grande medo, e temor em todo o reino de Cambaia.

E ao tempo que levava em meu regimento, se foi com sua armada ajuntar comigo a ilha dos mortos, onde eu ja tinha recolhido toda a minha armada; e ao proprio dia, que chegou, me fiz á vella, e fui surgir á vista da fortaleza de Dio, o que deu grande alegria aos nossos, e poz grande tristeza nos mouros. E logo a noute seguinte veio ter comigo Lourenço Pires de Tavora, capitão mór das náos da carreira, o qual, tanto que chegou a Cochim, e soube do grande trabalho, em que Dio estava, e como eu caminhava para laa, se meteo em hũ catur, e com a maior diligencia, que se nunqua vio, veio em minha busca; pera participar de tamanho perigo, e servir V. A. em jornada tão importante. Em grande estremo me fez lêdo sua cheguada, polo muito que esperava de me aproveitar de seu conselho, e esforço, como se vio ao diante. E logo ao outro dia me fiz á vella, e fui sorgir de fóra da barra de Dio em lugar acostumado, e comecei a mandar desembarquar a gente, e pratiquei com o capitão dom João de Mascharenhas, e

com todolos outros capitães de minha armada sobre o luguar, e modo de minha desembarcação: no que ouve tantas duvidas, e tão diversos pareceres, como nos semelhantes casos soe acontecer; porque a hũs parecia dever eu desembarcar em hũa praya, que estaa no baluarte chamado de Diogo Lopes de Sequeira; e a outros parecia, que em hũa ponte de entulho, que os mouros fizerão, com que atravessavão o rio; e a outros, que dentro da fortaleza. Todavia venceo a parte dos que tinhão o parecer de desembarquar na fortaleza, no qual ensistia muito dom João Mascarenhas. Como isto foi ordenado, e ordenei de dar a entender aos mouros, que queria desembarcar pollos lugares, per onde já tinha assentado de o não fazer; a fim de fazer acodir a elles muita gente, e artelharia; pera que desta maneira me ficasse menos força de gente, e artelharia sobre a fortaleza, por onde tinha ja assentado de os cometer. Pello que me fui com algũs capitães a espiar, e ver a desembarcação do baluarte de Diogo Lopes, sem embargo de trabalharem muito os mouros de defenderem com sua artelharia a tal conservação: e tanto que delaa fiz prestes tres caravellas, pera ao outro dia pela menhã irem bater as paredes, e baluartes que os mouros tinhão feitos em defensão da praya; para lhes mais fazer crer, que por essa parte fazia fundamento de pousar em terra; e nellas mandei por capitães Luiz de Almeida, Antonio Leme, Francisco Fernandes por sobrenome Moricale; por serem boõs cavaleiros, e homens de muita esperiencia no mar: os quaes se forão apeguar com os muros, e baluartes dos mouros, e os baterão desque amanheceo até noite, com grande perigo seu; porque de terra lhes

tiravão muita artelharia, que lhes passava os navios de parte a parte per muitos lugares; mas aprouve a nosso Senhor, que não morresse ninguem. Acabada esta bataria, apertei cincoenta fustas desemmasteadas, e as fiz caminhar hũ pouco para laa, e surgir de largo, que lhes acabou de fazer crer, que hia eu nellas para desembarcar por aquelle lugar, que as caravellas baterão. Nestas fustas não hia mais gente, que os marinheiros, que as remavão, e bombardeiras, que avião de tirar, e muitos estromentos de guerra, a saber, trombetas, ataballes, charamellas. Fiz capitão desta armada a Nicoláo Gonçalves, mestre das náos da carreira, homẽ de grande siso, e experiencia do mar e valente homẽ, ao qual dei por regimento, que quando eu saisse da fortaleza a combater as muralhas dos mouros, arremetesse elle a praia do baluarte de Dyogo Lopes, fazendo que queria desembarcar, com grande estrondo de tangeres, e gritas, e dartilharia, para que os mouros acodissem a essa parte. E para que não pudesse aver algum enleo a deixarmos de cometer no mesmo tempo aos mouros, lhe dei por sinal, que quando visse lançar tres foguetes da fortaleza, acodisse, e fosse fazer a sua obra; porque então sairia eu da fortaleza. Isto assĩ ordenado, me desembarquei de noite com toda a gente; e a maneira de que achei a fortaleza não é cousa para se poder crer, nem sinto termos por que se possa escrever a V. A. Porque os mouros tinhão entulhadas as casas de maneira, que não avia sinal dellas, nem poderse saber onde forão; e os muros derribados até o fundamento; os baluartes tomados, e os mouros postos em sima com muitas estancias dartilharia, com que atiravão ás casas da for-

taleza; e por derredor donde forão os muros, tinhão alevantado grandes e poderosos baluartes, e cavaleiros, e postas grandes montanhas de terra, e pedras donde tinhão assentados muitos trebuquos, com que tiravão muitas jarras de polvora, e muitas pedras aas cazas. Arredado hũ pouco da fortaleza tinhão feito hũa muralha de treze palmos de largo, e vinte d'alto, toda de muito fermosa cantaria, com muitos baluartes, e travezes, com a qual cingião a fortaleza de mar a mar. E desta muralha, para os nossos baluartes, que elles já tinhão ganhados, e muros, hião tantas ruas cobertas, trincheiras, laberintos de paredes, que era cousa estranha, e muito pera notar. Antrelles, e os nossos não avia mais que hũa estreita paredinha de pedra emsoça. Desta maneira a defendeo dom João Mascarenhas, muito tempo per seu grande esforço, e cavalaria. Estas obras, que os mouros tinhão feitas, fizerão cinco engenheiros, que Coje Çofar mandou buscar a cõstantinopla a soldo de cada hũ a trezentos cruzados por mêz. Acabado de desembarquar pratiquei cõm dom João, e com todolos capitães da armada a maneira, que teria em minha saida. E posto que na pratica ouvesse muitas e diversas openiões, pareceo-me bem, que por sima de todolos inconvenientes devia de sahir amanhecendo; porque me pareceo, que se perdia muita reputação saberem, que o Governador da India, estivera cercado um soo dia. Polo que manhã clara ordenei duas batalhas de toda a gente. A da vanguarda com toda a gente da fortaleza dei ao capitão dom João Mascarenhas, o qual avia de levàr doze escadas pera sobirmos as muralhas dos muros; e eu fiquei na retaguarda com a

gente darmada. Na fortaleza deixei por capitão Antonio Correa, homẽ muito honrado, e que tem muito bem servido V. A., e valente cavaleiro; o qual fiquou muito contra sua vontade, mas forceyo a isso, assĩ porque pera o cazo compria pessoa de suas calidades, como por ser aleijado dũa perna por serviço de V. A., e por este empedimento não ter soficiencia pera saltar paredes: e por me recear muito, que tanto que saisse fóra a combater as muralhas, me entrassem os mouros a fortaleza; por cazo de nos terem ganhados todolos baluartes, e muros; e entre nós e elles não aver outro empedimento, salvo as paredinhas de pedra emsosa, que já disse a V. A. Saindo dom João com sua batalha pola ponte, desparou a artelharia, e arquabuzaria nelle, e lhe matou muita gente; mas nem por isso deixou de passar avante, e cheguar ao pé das muralhas, onde trabalhando polas sobir, e os mouros pelas defender, se começou hũa grande, e cruel peleja. A este tempo era eu ja saido com minha batalha, em a ponte tornou outra vez desparar toda a artelharia em mĩ, e me matou muita gente. Os Lascarins, que comigo hião, vendo a grande grita da batalha de dom João, que estava ao pé das muralhas, e a gente, que na minha batalha cahia morta da artelharia, temeo, e comessou de recuar; onde me tiveram de todo ponto derribado da ponte abaxo, e quasi desesperado da victoria. Polo que me foi necessario as cotyladas abrir caminho pera passar adiante com Lourenço Pires de Tavora, que nunqua se de mĩ apartou, e assĩ o secretario Antonio Cardoso, e frey Antonio do Cazal, custodio de São Francisco com hũ crucifixo nas mãos. E commessando de caminhar para

as muralhas, fiz bradar, dizendo a grandes vozes, victoria, victoria! os mouros fogem, os nossos vão em seu alcanse, e o Governador é passado da outra banda dos mouros. Com esta nova falsa abalou a batalha, e chegou ao pé do muro, e sobirão, e passarão a outra banda, a pezar dos imigos. A este tempo tinha eu já comessado a peleja com obra de vinta cinco pessoas. Antes de minha gente sobir as muralhas carregou grão pezo de mouros sobre mĩ, e me tiverão de todo desbaratado. Lourenço Pires de Tavora foi o primeiro que deu nelles, e eu o segundo: digo isto, por não tirar a gloria a cada hũ. E logo todos comessarão mui valentemente a batalha, a qual duraria espaço de duas horas. Em quanto se estas cousas fazião, cometerão os mouros a emtrar a fortaleza per muitos logares; mas Antonio Correa lhes rezistiu tão esforçadamente, que os fez tornar atraz, e botados dos muros, se veio á porta, e despedio muita gente; pera que me fosse buscar, e acompanhar. Em todo o tempo do perigo, e que a couza esteve em duvida, sempre me acompanhou Lourenço Pires de Tavora, fazendo obras de muito esforçado cavaleiro. E assĩ me acompanhou o secretario, e Custodio de São Francisco, e Simão Botelho veador da fazenda, sem embargo de andar ferido dũa frechada. Os fidalgos, e capitães andavão demvolta cõ os mouros, e como o campo era grande, e as suas vontades muito maiores, pera se vingarem delles, não tinhão tento em mais, que em os matar, e vencer; polo que a este tempo não estava rodeado delles; por lhes parecer, que assĩ fazião mais serviço a V. A. Ora levando eu cada vez a melhor dos mouros, os ouvemos de arrincar do campo; e se

forão recolhendo pera a cidade, sempre pelejando. E seguindo apoz elles, entramos demvolta com elles na cidade, onde se comessou outra brava, e forte peleja, da qual tãobem nos deo nosso Senhor inteira victoria, tomandolhe per força darmas a cidade. E seguindo o alcance apos elles, entramos polo campo espaço de mea legoa. Nesta batalha não entrou dom Alvaro, meu filho, por estar doente de grandes febres; mas assĩ como estava se mandou levar em hũ leito ao pé dos muros da fortaleza, aonde esteve em quanto a peleja durou. Morrerão na batalha passante de tres mil mouros, a milhor, e mais luzida gente do campo, a saber; Turcos, Abexins, Arabios, e Reybutros; afora outra muita gente, que se matou no alcance dos mouros, quando fogião, e no saco da cidade, e em toda a ilha, que foi numero infinito. Serião cativos mais de seiscentos, por mais que eu o defendesse, e tivesse mandado, que a nenhũ se desse vida. Morreo tambem nesta batalha Rumequão, capitão geral delrei de Cambaia; e a bandeira real delrei foi tomada, e prezo Juzarquão, hũ dos tres maiores senhores, e capitães do reino, e tomadas trinta e cinco peças d'artilharia, a saber, basaliscos, liões, esperas; salvages, e outras de muitas sortes, entre as quaes entrarão certas peças, que os Guzarates, tinhão tomado no tempo passado a V. A. em hũa galee, que peleijou mal com elles. Que não foi para mĩ pequena gloria tirar de seu poder as armas reaes de V. A. Tão bem lhe tomamos mais todalas monições de seu campo, e os Lascarins concedi o saco da cidade. Da minha gente morrerão obra de sessenta homẽs, e ficarião feridos trezentos. Os mais destes mortos e feridos forão ao sair

da fortaleza, e trepar das muralhas, que sobimos sem escadas, nem outro estormento de guerra, salvo ajudando huns a outros. Para o que nos deu grande alivio Nicoláo Gonçalves, o qual com a armada das fustas, que lhe deixei, arremeteo a praya do baluarte de Diogo Lopes em amanhecendo com grande estrom de trombetas, e atabales, que era o tempo, que eu saia da fortaleza, desparando toda a artelharia dos navios. E no de mais se deo a tão boa manha, mostrando que dezembarquava, e fazendo cheguar as fustas á praya, que teve sospenso muito tempo hũ capitão, que com muita gente estava em deffensão della, para registir a sayda por aquella parte. O qual capitão nunqua acabou de conhecer a cylada, senão depois que tinhamos avido grão parte da victoria: de maneira que foi grande ajuda, e mui importante a deste ardil; como quer que constrageo aos mouros a tirar de sobre a fortaleza muita parte de sua artelharia, e gente, pera a pôr em defensão desta praya. O numero da gente, que estava sobre a fortaleza era sessenta mil homẽs; a saber, Rumes, Arabios, Abexins, Reisbutros vinte mil: e de Guzarates corenta mil. Esta victoria assim como foi a maior, que se vio em todo o Oriente, assĩ he bem, que V. A. a festeje; e saiba, que se não podia alcansar sem muitos, e evidentes millagres, como todos tem por cauza mui averiguada, e os mouros o afirmão, verem sobre a igreja hũa molher muito resplandecente, que os ceguava, e não deixava ter o rosto direito aos christãos. Polo que he necessario, que V. A. mande fazer muitas porcições, e dar muitas graças a Nosso Senhor; pois lhe fez tamanha mercê: que a dez de novembro, vespora de São Martinho lhe

deo de novo toda a India, e hũa tamanha victoria com obra de dous mil homẽs, que pera todo sempre ficaraa della memoria nestas partes. E tãobem fazerme mercê da minha joia, como sempre foi costume dos reis e principes, quando algũu seu capitão vence batalha, ou toma cidade, o que eu tudo fiz em hũ soo dia com ajuda de nosso Senhor. Mas porque pode ser, que V. A. ma faça dalgũa cousa impropria a minha condição, e maneira de vida, lha quero nomear, e pedir, e he, que me faça mercê de hũ castanhal, que tem na serra de Cintra, onde chamão a fonte delrei, que estaa a par da minha quinta; para que, tendo os meus moços que comer no meu, não vão destruir, e fazer damno no alheio. O castanhal poderaa valer de compra dez ou doze mil reis; mas para mĩ serão muitos mil cruzados. Hos homẽs nobres, e fidalgos, que nesta batalha morrerão são os seguintes: Dom João Manoel, filho de dom Bernardo Manoel, o qual foi hũ dos primeiros homẽs, que cheguarão ás muralhas: ferido de hũa espinguardada, e tendo hũa mão em sima pera sobir, lha cortárão, e com a outra tornou a ferrar do muro: e comessou de sobir, sem embargo de lhe darem muitas feridas, e sobindo em sima desparou nelle hũa peça dartelharia, que o matou logo. Morreo mais Jorge de Souza, filho d'Anrrique de Souza, que tãobem foi dos primeiros ao sobir dos muros, e o matarão nessa demanda como valente cavaleiro. Falleceo tambem Francisco dAzevedo na dianteira, de hũa espinguardada que lhe deu, e Cosmo de Paiva, alem das muralhas, e Jam Falcão como valente homẽ que era. Morreo mais Vasco Fernandez, capitão dos pyões, de Goa, e Julião Fernandes, Duarte Rodrigues Mousinho,

Lucas d'Abreu, Balthezar Jorge, Ayres Gomes de Quadros. Os feridos forão: Manoel de Souza de Sepulveda, o qual, ao passar das muralhas, lhe derão com hũ canto na cabeça, e outro no rosto, de que o desatinarão; mas tornando em si; tornou a emtrar na batalha. Taobem foi ferido Jorge de Mendonça, Miguel da Cunha, Pero Lopes de Souza, Jam Figueira, dom João d'Abranches, filho de dom Antão, Garcia Rodrigues de Tavora, filho de Christovão de Tavora, Manoel Telles, Alvaro da Gama, filho de Antonio de Sequeira, Lopo Botelho, filho de Jam Guago, Luiz d'Almeida, que steve em hũa caravella na bataria, Simão Botelho, veador da Fazenda, e Tristão de Paiva.

Ho serviço, que este dia fizerão os fidalgos a V. A., e quão bem pelejarão todos, e quão bem me acompanharão sempre em toda a jornada com grandes gastos de suas fazendas he cousa para nunqua se acabar de dizer: a saber, Gracia de Saa, dom Manoel de Lima, dom Manoel da Silveira, Manoel de Souza de Sepulveda, Francisco da Cunha, Paio Rodrigues d'Araujo, capitão, que foi de Cochim, Jorge Cabral, o qual, tendo sua molher em Goa, nunqua se quiz ir té se acabarem as obras, e trabalhos de Dio: Dyegalvares Telles, Jam Juzarte, Antonio de Saa, dom João Lobo, dom Alvaro de Crasto, dom Roque Tello, com os quaes me aconselhava sempre em todalas couzas, que avia de fazer; por nelles aver muito sizo, e cavalaria, e grandes desejos de em tudo servirem a V. A. E assĩ fui tambem mui ajudado, e guardado de Francisco de Almeida, Manoel Sodree, dom Jorge de Saa, Heronimo de Souza, Fernão Peres d'Andrade, Jam de Magalhães. Polo que todos

merecem a V. A. fazer-lhes muita honrra; e mercê. Pois os leterados não comerão seus ordenados muito ociosos; por que o secretario veio em hũa fusta, o ouvidor geral em outra com muitos homẽs, e armas, os quaes na batalha se ouverão mais como valentes cavaleiros que como leterados mui sesudos que elles são. As finezas, que fizerão os cazados de Goa e Chaul nunca se lerão de Romanos; porque ás suas custas, e com muitos homẽs vierão servir V. A. e não contentes com isto, me ofereciāo dinheiro pera as couzas de seu serviço. Em todo o tempo, que durou o cerco derão de comer a muita gente, e vigiarão a fortaleza, pelejando em todolos còmbates mui estremadamente, Tristão de Payva, Jam Guarces, Domingos Fernandes, Antonio Fernandes, Jacome do Couto, Domingos Pires, Paio Rodrigues d'Araujo, Jorge de Souza, Pero Preto, Tristão d'orta, o qual veio comigo em hũ galeão com muita gente, e sempre deu meza a muitos homẽs, e assĩ na batalha, como no fazer das obras servio V. A. muito bem. Antonio Martins tãobem trouxe muita gente, e lhe deu sempre de comer, e servio grandemente nas obras, e em todalas outras couzas, que se quá fizerão. Miguel Rodrigues, cazado de Gôa, me ofereceo por muitas vezes dinheiro pera as necessidades, que eu tinha, e veio com dom Alvaro em hũa fusta com muitos homẽs, aos quaes deu de comer todo o tempo, que durou o cerco; pelejou sempre muito bem. O dia da batalha foi ferido ao passar das muralhas; mas nem por isso deixou demtrar na batalha, e peleijar como valente homẽ. Polos quaes serviços V. A. me fará mercê descrever hũa carta á cidade de Gôa, e outra á de Chaul

de muitos aguardecimentos e contentamentos do que fizerão: porque será a grande parte para doutras vezes folgarem de guastar suas fazendas, e pôr em risco suas pessoas por serviço de V. A. E assĩ escrever particularmente, a todalas pessoas, que nesta carta lhe nomeey; porque nenhũa couza dá qua espirito aos homẽs, e os aviventa tanto como as cartas, e favores de V. A. Acabado de me nosso Senhor dar esta victoria, a primeira couza que fiz, foy cortar as pontes, com que o rio estava atravessado, e fazello navegavel de maneira, que ficasse em ilha como dantes. E logo mandei recolher toda a artelharia, e monições para dentro da fortaleza, e juntamente mandei derribar os muros da cidade, que correm ao longo do rio; para que ficasse aberta da banda do mar. Estas pontes era hũa obra tão espantosa, que parecia escorecer as que Xerxes fez sobre o Elesponto pera passar a Europa; porque com ellas ajuntarão a ilha de Dio da outra banda da terra firme, e por esta maneira ficava a ilha em terra firme. A primeira ponte, que fizerão, a dalfandegua da cidade até á villa dos Rumes, tem de comprido cento e trinta braças, de largo seis, e dalto outras seis, toda de mui grandes, e poderosas pedras lavradas. A ponte de sima he muito mais comprida, e larga. As obras que fizerão sobre a fortaleza parecem mais que de humanas; porque o proprio capitão, e moradores della me não sabião dizer onde estavão os baluartes, e por onde corrião os muros, e o luguar, onde jazia a cava: tamanhas montanhas de pedra tinhão lansado em todas estas partes, de maneira que parecia impossivel, e hum trabalho incomportavel poder tirar esta pedra e terra, e tornar a

erguer a fortaleza polo luguar, por onde primeiro estava. Polo que me foi forçado fazella de novo per fóra da cava; assĩ porque se pudesse fazer neste verão, como por ser por esta parte mais forte; por caso de hũs oiteiros altos, onde os baluartes caem. O que me dera muito trabalho, senão acertara de vir do reino Francisco Pires; porque não ha qua official, que saiba nada. E por esta rezão me cumpre têllo qua este verão, e não no mandar a Moçambique. A maneira de que faço a fortaleza he pollo debuxo de Ceyta. Parece-me, que espantaraa muito a gente desta terra, mayormente depois que se fizer hũa cava per fóra do muro novo; porque então ficaraa Dyo com duas cavas, e duas muralhas, remedeando-se os muros velhos de maneira, que fiquem em terraplenos sobre a cava antigua. E posto que os modernos não aprovem aver muitos recursos nas fortalezas; todavia para estes mouros servẽ assĩ muito, e vem mais a preposito; maiormente, que não era possivel poderse fazer doutra maneira dentro deste verão, por em todo elle senão poder fazer luguar polos muros velhos pera comessar a obra, como já tenho dito a V. A. Eu estive muito perto de acabar de desfazer de todo esta fortaleza, e hilla fazer na ilha dos mortos: porque creia V. A. que Dio daa muito maior opreção á India, que os Rumes; e cada vez que quizer elrey de Cambaia poraa todo o estado da India a hũ tombo de dado; nem nos serve esta fortaleza qua pera outra couza, salvo pera nos pôr de contino as tripas na boca: o que escuzara de todo, se a fizera na ilha dos mortos; por caso de ser hũa ilha mui forte de sytio, e estar mais apartada da terra firme, e ter grande, e singular porto, no qual com

todolos ventos podem entrar e sair. Polas quaes rezões a não podia nunqua vir cercar elrei de Cambaia, e não na cercando, lhe puderamos fazer tanta guerra, por mar, que fora nosso tributario: o que até agora: por não poderem os governadores levar o milhor de Cambaia lhe sofreram tantas injurias e ofensas, para lhe não vir cercar Dio: per onde tinhão jaa os portuguezes perdido todo o credito e reputação entre os Guzarates. Mas lembrando-me que foi pregoado em Portugal nos pulpitos a tomada de Dio; e que em Roma se fizerão muitas percições, e de toda a christandade mandarão dar os profaças a V. A.: não ouzei de fazer tamanha novidade. E tãobem estava já em toda a India tão assentado nos mouros, e gentyos, que elrei de Cambaia tinha tomado esta fortaleza, que, se a deixára, sem embargo de grande victoria, que ouve, e a descercar com tamanha honra de V. A., nunqua acabarão de crer a couza como passou, e soara per todo o mundo, que elrei de Cambaia nos tomára a fortaleza de Dio. E como quer que nestas partes, mais que noutras algũas se viva de credito: podera nos esta infamia vir a fazer muito mal. Tendo per esta maneira que digo a V. A., descercado a fortaleza de Dio, provi logo a costa do Malavar... (1).

---

(1) *Instituto,* vol. 3.º, págs. 23, 34 e 74.

Livro das mercês que fez (D. João de Castro) aos homens que serviram el-rei N. S. no cerco de Dio (1)
(Bibliotheca da Ajuda 51-VIII-46)

A Lourenço Pires de Tavora, capitão-mór da armada do reino, fiz mercê, em nome d'El-Rei N. S. a 17 de novembro de 1546 de 2:000 pardaos pagos no feitor do Cochim, por o dito Lourenço Pires deixar a armada e sua fazenda e me vir buscar para ser na batalha que havia de dar aos mouros.

Idem a 4 de outubro de 1546, a Diogo da Silva, de 50 pardáos pagos no feitor de Gôa, para se curar por vir muito doente de Dio.

Idem a 23 de novembro de 546 a João Freire, de 100 pardáos por vir para o reino e vir servir a Dio, além da capitania de uma náo da carreira chamada *Frol de la mar*.

Idem a 10 de outubro de 546 a Lançarote Gonçalves, morador em Cananor, de 20 pardáos por ir á fortaleza de Dio com muita diligencia.

Idem a 20 de novembro de 546 a Duarte Barbudo, de cem pardáos por levar a bandeira real no dia q̃

(1) D'este códice fazemos um extracto de todas estas verbas, modernisando a grafia.

vemcy os capitães delrey de Cambaya e o fazer muyto bem.

Idem a 13 de dezembro de 546 a Luis Alvares de Sousa, de cem pardáos *por vyr servjr S. A. no çerquo de Dio e hyr darmada comtra os prividres.*

Idem a 13 de dezembro de 546 a D. Diogo de Noronha, de cem pardáos *por vyr servyr S. A. no çerquo de Dio e o mandar darmada a Baçaym.*

Idem a 14 de dezembro de 546, a um judeu por trazer da Turquia um português a Ormuz, cem pardáos.

Idem a 18 de dezembro de 546 a Vicente Carneiro, de 40 pardáos por vir servir S. A. a Dio.

Idem a 8 de dezembro de 546, a Duarte Pereira, de 310 pardáos, *por vir duas vezes no jnverno socorrer a Dio.*

Idem a 8 de dezembro de 546, a Antonio Martins, licença para mandar um navio a Bengala e d'ahi a Ormuz, *por servir El-Rei N. S. em Dio com muyto gasto de sua fazẽda,*

Idem a Antonio Martins no dia 8 de dezembro de 546 licença para mandar uma fusta a Ceilão.

Idem, em novembro de 546, a Francisco Montesinho, icença para mandar um seu navio a Ormuz.

Idem, a 14 de dezembro de 546, a Gomes Farinha, licença para ir em um seu navio a Bengala.

Idem a 15 de dezembro de 546, a Diogo Lopes d'Aguião, perdão de suas culpas, *por servir elrey N. S. no çerquo de Dio cõ huũa fusta e duas galvetas armadas á sua custa e nas obras de Dio fazer muito serviço a S. A.*

Idem, no mesmo dia, a Diogo Lopes d'Aguião, de parte de um navio e licença para poder mandar duas fustas suas e um catur e duas galvetas ao longo da costa de Dio a Cochim sempre que quizésse.

Idem, em dezembro de 546, a Diogo Lopes Cardim, licença para poder mandar uma fusta sua a Bengala em 1548.

Idem, a 16 de dezembro de 546, a Antonio Leme, licença para poder mandar fazer um navio d'alto bordo na costa do Malabar.

Idem, no mesmo dia, a Antonio Leme, licença para um seu navio ir a Bengala a qualquer dos portos por *hyr ẽ huũa caravela a bataryа ao baluarte de Diogo Lopez.*

Idem, em dezembro de 546, a Alvaro Fragôso, de 50 pardáos, *polo aleyjarem de hũu pe no çerquo de Dio.*

Idem, em dezembro de 546, a Bartolomeu Alvares,

que ora vay a Moçambyque por capitão do navio do trato, que no luguar de dous homẽs que tem posa ter huũ escravo seu, e vemça solldo cu ordenado que o dito homẽ avia de vemçer; e além d'isso 50 *bretanigjs* pelo preço que se dão aos escrivães da feitoria.

Idem, em novembro de 546, a Antonio Fernandes, uma náo de mouros, em desconto de seu sôldo, podendo mandá la a Ormuz, por ter gasto muita fazenda, no cêrco de Dio.

Idem, em novembro de 546, a Pedro Afonso, moradôr em Chaul, uma navêta que tornou de prêsa em desconto de seu sôldo.

Idem, em dezembro de 546, a Luis d'Almeida, da feitoria de Bengala, por ter ido em uma caravéla á portaria do baluarte de Diogo Lopes.

Idem, em novembro de 546, a Jorge de Mendonça, da capitania de uma náo da carreira, mandando-lhe pagar todo o seu vencimento, por ter sido muito ferido no cêrco de Dio.

Idem, em novembro de 546, a Gaspar Lopes, moradôr em Chaul, do oficio de corredor dos cavalos em Chaul.

Idem, em novembro de 546, a João Nunes Homem, para poder mandar uma sua náo a Ormuz.

Idem, em novembro de 546, a Gabriel de Barros,

morador em Chaul, para poder mandar um seu navio a Ormuz.

Idem, em novembro de 546, a Domingos Marques, p.ª poder mandar um navio seu a Ormuz.

Idem, em dezembro de 546, a Jorge Nunes de Lião de cem pardáos do seu sôldo.

Idem, em dezembro de 546, a Fernão Rodrigues, criado de Jorge de Mendonça, de 30 pardáos.

Idem, em novembro de 546, a Inacio de Lila, de uma cotia que estava em Dio.

Idem, em novembro de 546, a Cide de Sousa, capitão do navio do *trato* que anda da India para Moçambique, e os pardáos e licença para mandar duas cotias a Cambaya a fazer roupa p.ª a sua viagem.

Idem a Cide de Sousa para poder levar duas caixas de lençoes a Sofála.

Idem, em novembro de 546, a Diogo Luis, feitor de Sofala, para poder servir este logar, por *ele vyr comyguo ao socorro desta fortaleza de Dio.*

Idem, em dezembro de 546, a Pero Fernandes, de Chaul, para poder tomar qualquer porto da India em seu navio e ia a Calaiate, Mascate e Ormuz.

Idem, em novembro de 546, Henrique de Sousa,

morador em Baçaim, para nesse logar lhe ser pago o sôldo e mantimentos, aos quarteis.

Idem, em novembro de 546, a Diogo Alvares Teles, da capitania da náo Frol de la mar, d'el-rei, por se ir este ano para o reino.

Idem, em novembro de 546, a Manoel da Fonsêca, para poder fazer uma fusta na costa do Malabar.

Idem, em novembro de 546, a Heitor de Sousa, para poder mandar acabar uma sua fusta que tem na costa do Malabar.

Idem, em novembro de 546, a Antonio Pessoa, de 50 pardáos, por ter invernàdo na fortaleza de Dio.

Idem, em novembro de 546, a Diogo Gemtyl, para poder mandar um navio seu a Bengala, por ter vindo, numa sua fusta, em socorro da fortaleza de Dio.

Idem, em novembro de 546, a D. Manoel de Lima, de um caválo arabe que tinha o feitor de Chaul em nome d'El-Rei.

Idem, em novembro de 546, a Pero Fernandes, lascarim, da escrivaninha da náo *Santesprito* que vae para o reino.

Idem, em novembro de 546, a Pero preto, morador em Chaul, para poder mandar uma cotia a Cambaya fazer sua fazenda.

Idem, em novembro de 546, a Leonardo Nunes, do oficio de escrivão d'ante o provedor-mór dos defuntos por tempo de tres anos por *me* (a D. João de Castro) *dezerem ser valemte homem e ter bem servido S. A.*

Idem, em novembro de 546, a Antonio Fernandes, do oficio de escrivão d'ante o ouvidor geral por *me dizerem ser valemte homem e ter bem servido S. A.*

Idem, a 20 de dezembro de 546, a Tristão d'Orta, para ir no seu navio ou mandar a Ormuz e d'ahi a Bengala, sendo obrigado a vir a Gôa pagar os direitos na alfandega, por se *achar na batalha e vir de Guoa em huũ galeão cõ muytos homẽs e gasto de sua fazenda.*

Idem, a 20 de dezembro de 546, a D. Diogo de Souto-Mayor de 40 pardáos por *ser muitas vezes ferido e estar doente e não ter com que se curar.*

Idem, a 21 de dezembro de 546, a Pero Fernandes, p.ª poder mandar a sua náo a Ormuz, por vir á fortaleza de Dio, *carreguada de cal.*

Idem, a 21 de dezembro de 546, a Gomes Eanes para poder mandar a sua náo a Ormuz por vir a Dio *carreguada de cal.*

Idem, a 22 de dezembro de 546, a João d'Almeida, p.ª fazer uma fusta na costa do Malabar.

Idem, em novembro de 546, a Garcia Rodrigues de

Tavora, da capitania-mór do mar da costa de Melinde, *por ser ferydo e queymado.*

Idem, a 26 de dezembro de 546, a Antonio de Brito, de cem pardáos, por ser ferido e queimado no cêrco de Dio e ficar cego de um olho da polvora.

Idem, a 24 de dezembro de 546, a D. Lucrecia, mulher de Jorge Cabral, de 200 pardáos, por seu marido ter servido em Dio, com muita fidalguia e não se querer retirar.

Idem, a 27 de dezembro de 546, a Miguel d'Amil do sôldo e moradia devidos, de 40 pardáos por vir a Dio numa galvêta com Antonio Moniz q.do Dio estava em estrema necessidade de gente e por ter ficado aleijado d'uma perca por causa de uma espingardada.

Idem, a 2 de jan.ro de 547, a Luis d'Almeida, capitão do baluarte do mar, 50 pardáos, por causa da despêsa que ha-de fazer nesse baluarte.

Idem, a 3 de jan.ro de 547 a Francisco Gonçalves, lascarim, de 20 pardáos por ser ferido no cêrco.

Idem, a 10 de janeiro de 547, a Miguel Ferreira, p.a poder ir com um navio ao porto grande de Bengala, carregando primeiro que os outros navios, sobre os quaes terá jurisdicção por vir de *Choramandel servir na guerra de Cambaya com hũa fusta e huũ catur armados á sua custa.*

Idem, a 10 de janeiro de 547, a Braz de Goes p.[a] poder ir numa fusta sua a Bengala, por ter vindo de Choramandel servir em Dio.

Idem, a 10 de janeiro de 547, a Nicoláo Jorge, morador em Chaul, p.[a] poder ir com um navio seu tomar carga a Chaul, por ter vindo a Dio com uma náo carregada de cal.

Idem, a 9 de janeiro de 547, a D. Paio de Noronha, de 200$000 rs. do seu ordenado por *se vyr pera my tamto que cheguou dormuz e se achar na batalha que dey aos capitães delrey de Cambaya e servir nas obras da fortaleza muyto bem;* tambem a náo em que ele ia devia carregar primeiro que qualquer outra.

Idem, a 3 de janeiro de 547, a Gonçalo Gomes, da parte d'el-rei na prêsa de 109 candis d'arroz em Ormuz, por ter vindo no inverno em socôrro de Dio numa fusta á sua custa.

Idem, a 8 de janeiro de 547, a Fernão d'Araujo dos off.[os] de alcaide-mór e adail de Gôa durante o impedimento de Galvão Viégas e mais cem pardáos.

Idem, a 5 de jan.[ro] de 547, a João Gonçalves, lascarim, dos oficios de provedôr dos defuntos da costa de Melinde e d'escrivão da armada que ahi anda.

Idem, a 5 de janeiro de 547, a Fernão Rodrigues, lascarim, dos oficios de apontador da Ribeira e vida das obras de Cochim.

Idem, a 5 de janeiro de 547, a Matheus Jaques, de escrivão da fazenda ante Simão Botelho.

Idem, a 5 de janeiro de 547, a Duarte Carvalho, o oficio de escrivão da feitoria de Dabul.

Idem, a 15 de janeiro de 547, a Francisco Fernandes, moricale, de 50 pardáos por estar *em hũa caravella na bataryа.*

Idem, a 18 de janeiro de 547, a 8 lascarins, de 30 pardáos, por irem á vila dos Ormus tomar um mouro.

No dia em que venci (D. João de C.[tro]) a batalha mandei assentar em soldo todos os mestiços que se nela acharam.

Mandei apregoar que todo o homem que o aleijaram no cêrco de Dio ou na batalha se fôsse escrever em um livro a casa do ouvidôr geral para lhes dar terras e comidas em Baçaim, de que vivessem.

A todo o homem degradado e que tinha feito delictos, tendo perdão da parte, perdoei livremente.

A todo o homem que veio de Portugal este ano com condição de não vencer sôldo da sua chegada a um ano mandei que vencesse soldo do dia que chegou, havendo respeito a se acharem na batalha.

A todo o moço que não chegava á idade de 18 anos e se achou na batalha mandei assentar em sôldo.

A 30 de janeiro de 547, a Gabriel Teixeira, 30 pardáos por na batalha ter tomado a bandeira d'el-rei de Cambaya.

A 30 de janeiro de 547 a mestre Pedro, vigario geral, cem pardáos pelo seu trabalho em vir prégar a esta fortaleza de Dio.

No ultimo de janeiro de 547 a Antonio Martins, p.ª poder mandar trazer de Maluco 10 bares de cravo pagando os direitos.

No ultimo de janeiro de 547 a Ayres da Silva, de 50 pardáos, por ter adoecido em Dio.

No ultimo de janeiro de 547, ao capitão Correia, de 50 pardáos, por estar mt.º pobre e doente e não ter com que se curar.

No ultimo de janeiro de 547 a D. Diogo d'Almeida, um ano adeantado de ordenado.

A 3 de fev.ʳº de 547 a Antonio Correia, da feitoria de Cochim, por trazer uma caravéla com muita gente, e nos combates e pelejas como no fazer das obras ter servido muito bem.

A 3 de fev.ʳº de 547, a Anton.º Correia, o de Gôa, p.ª poder uma náo sua ir a Malaca, por agasalhar em sua casa uma orfã que veio do reino.

No ultimo de janeiro de 547, a Alvaro Pires, de condestabre da náo que fôr a Maluco em 1548.

No ultimo de janeiro de 547, a Estevão Martins, da escrevaninha da náo que fôr a Maluco em 1548.

A 5 de fevereiro de 547 a Miguel Rodrigues, de licença para de Ormuz mandar a Bengala um seu navio, por se achar no cêrco de Dio, onde gastou muito da sua fazenda, pelejando muitas vezes e sendo ferido e *se achar na batalha omde ho fez como valente homem.*

A 5 de fevereiro de 547 ainda a Miguel Rodrigues, dos direitos de dois cavalos arabes em desconto do seu vencimento e p.ª lhe ser tomada uma sua fusta em Ormuz para a avaliação p.ª El Rei.

A 7 de fevereiro de 547 a Bartolomeu Bispo de 100 pardáos por trazer a D. João de Castro o emprestimo que lhe fez a cidade de Gôa.

A 7 de fev.ro de 547 a Antonio da Cunha, de cem pardáos por o ter mandado d'armada á costa de Aden.

Mercês a Fernão de Lima, quando foi servir a sua capitania de Maluco, por ser estado em Dio:

Um ano adeantado de seu ordenado, isto é, mil cruzados; licença para, de Malaca, poder levar uma náo comsigo a Maluco e de lá mandá-la com fazenda á India; gasalhado para sua viagem, como nunca se deu a capitão; poder, jurisdição e alçada como tiveram os capitães passados.

Mercês a Luis Mendes de Vasconcélos, que servio em Dio e na batalha:

Poder para, em Paleão, tomar doze casas de tecelões para lhes fazerem sua fazenda e roupa; provisão para que não possa carregar nenhuma náo nem navio sem ser carregada a náo de S. A.; provisão para que o capitão de Malaca deixe vir os mercadores que forem na náo de S. A. para Choromandel; provisão para que possa nomear quatro mercadores para irem na náo de S. A. com suas fazendas das quaes pagarão fretes; que na náo de S. A. tivésse os bares e gasalhados forros da maneira que houve Jorge Pimentel; para poder carregar na náo de S. A. a terça parte do lastro d'arroz, de que não pagará fretes; um ano adeantado do seu ordenado.

A 4 de fevereiro de 547, a Garcia de Sá, para poder mandar uma náo a Maluco e carregar-se de cravo depois da náo d'El-Rei.

A 7 de fevereiro de 547, a Coje Mamede, de 40 pardáos por ter ido com um recado ao rei de Mogores.

A 7 de fevereiro de 547, a Lourenço Ribeiro, licença para poder ir ou mandar uma fusta a Bengala, em 1548 e poder comprar uma fusta na costa do Malabar, não sendo nos logares defesos.

A 8 de fevereiro de 547, a Francisco Maciel, para

poder ir a Malaca e d'ahi poder ir a Sião num seu navio.

A 10 de fev.ro de 547, a Jorge Cabral, direitos de dois cavalos.

A 13 de fevereiro de 547, a Fernão Rodrigues Carvalho, uma viagem para Bengala em 1548.

A 13 de fevereiro de 547, a Bartolomau Cerveira, uma viagem para Bengala numa fusta sua em 1548.

A 18 de fevereiro de 547 a Miguel Rodrigues, o oficio de almoxarife do armazem de Gôa por tres anos, por vir no inverno na companhia de D. Alvaro, estar no cêrco onde deu de comer a muitos homens, pelejou muitas vezes e foi ferido e se achou na batalha onde foi ferido, pelejando nela como um valente.

A 18 de fevereiro de 1547, a Baltasar de Freitas, o oficio de escrivão do armazem de Gôa, que na batalha foi ferido com uma espingardada.

A 18 de fevereiro de 547, a João de Magalhães, do cargo de juiz d'alfandega de Ormuz, sendo o guazil d'isso contente; ordem par lhe ser pago um ano de ordenado da feitoria de Baçaim; e licença para de Ormuz poder mandar a Bengala uma sua fusta em 1548.

A 19 de fevereiro de 547, a Antonio Correia, licença para poder mandar um navio por ano a Bengala, em-

quanto fôr feitor, por ter vindo servir com uma caravéla o Dio, pelejar no cêrco, dando de comer a muita gente e no dia da batalha ficou por capitão da fortaleza onde pelejou com os mouros; teve tambem licença para poder mandar cada ano uma náo a Malaca e licença para poder tratar com sua fazenda, embora fosse feitôr de Cochim; licença para poder mandar fazer um navio fóra dos limites de Cochim ou o possa compar achando-se feito dentro dos limites de Cochim; provisão para que nenhuma pessôa entenda na fazenda e feitoria de Cochim; provisão para se poder pagar em si de seu ordenado e a outros tantos homens seu sôldo.

A 19 de fevereiro de 547, aos filhos de Domingos Pires, de Chaul, para poder um d'eles ir a Bengala num navio em 1548, por seu pae ter trazido muitos mantimentos á fortaleza onde não quis ganhar dinheiro, tendo ido muito doente para sua casa em consequencia do muito trabalho de que faleceu; a todos nove candis e meio de trigo no feitor de Chaul, por os trazerem á fortaleza de Dio e os darem pelo preço do custo.

A 19 de fevereiro de 547, a Francisco Dayora, para poder mandar a Ormuz dez bares de canéla que lhe deu el-rei de Ceylão.

A 19 de fevereiro de 547, a Fernão Carreiro, para poder fazer uma fusta fóra dos limites ou comprá-la dentro d'eles, afim de fazer uma viagem a Bengala em 548.

A 19 de fevereiro de 547, a João de Lamar, moço da camara d'el-rei, da escrevaninha da feitoria de Coulão.

Mercés a D. Manoel de Lima quando foi servir a capitania de Ormuz:

Autorização para poder mandar uma náo a Bengala num dos anos da sua capitania, vindo pagar os direitos á cidade de Gôa, por ter sido mandado duas veses d'armada á enseada de Cambaya; e licença para poder mandar um navio cada ano a Bengala, com vinte cavalos cada ano; licença p.ª poder mandar cada ano a Malaca uma náo fazer sua fazenda, vindo pagar os direitos á alfandega de Gôa; poder mandar trazer de Bengala, no navio que lá ha-de mandar, 20 bares de lacre e levá-los a Ormuz; um ano adeantado de seu ordenado; poder trazer mais dez bares de lacre, além dos vinte acima, em cada ano da sua capitania; licença para mandar a Chaul, em cada ano da sua capitania, 20 cavalos; e além d'esses mais dez; licença para poder mandar fazer em Agaçaim, nas terras de Baçaim, um navio pregadiço de quatrocentos candis; o feitor de Ormuz que fizesse quaesquer despesas necessarias em cousas de guerra; poder ter os *piães e tochas* que tiveram todos os capitães passados; poder prover todos os oficios vagos da dita fortaleza; poder mandar pagar aos quarteis a todos os seus criados e parentes os seus sôldos, mantimentos e moradias; uma sua fusta lhe seja tomada pela avaliação.

A 21 de fevereiro de 547, a Manoel Lobo, filho do

dr. Francisco de Maris, de 30 pardáos no feitor de Baçaim, por vir de Cochim na sahida do inverno em socorro de Dio, onde adoeceu.

A 21 de Fevereiro de 547, a Pedralvares, moradôr em Cananor, de 30 pardáos, por vir em seu catur ao socorro de Dio.

A 21 de fevereiro de 547, a Manoel Lourenço, sindico dos frades de S. Francisco de Cochim, licença para poder mandar uma fusta a Bengala em 1548, pelos serviços ao mosteiro.

A 21 de fev.ro de 547, a Manoel de Sousa de Sepulveda, poder mandar um navio a Bengala por 1548, por ter vindo servir a Dio e o grande gasto em dar ahi de comer.

A 25 de fev.ro de 547, a Alvaro de Andrade, irmão do padre fr. Antonio do Casal, custodio de S. Francisco, para poder fazer um navio na ilha de Ceylão e uma viagem a Bengala.

A 25 de fev.ro de 547, a Fernão Martins, morador em Chaul, para poder mandar uma sua náo a Mascate com mercadorias, por ter vindo a sua náo carregada de lenha á fortaleza de Dio.

A 25 de fev.ro de 547, a Aleixo Braz, da parte que coube a El-Rei, de arroz e roupa tomada em Ormuz.

A 25 de fevereiro de 547, a Miguel Carvalho, licença para poder mandar a Ormuz dez bares de canela que lhe deu el-rei de Ceylão, por ter vindo de Ceylão servir à Dio num bargantim.

A 25 de fevereiro de 547, a Antonio Moniz, de 300 pardáos em Gôa, por conta da presa que tomou.

A 27 de fevereiro de 547, ao sobredito Antonio Moniz, licença para poder fazer um navio em Ceilão e mandá-lo a Bengala.

A 27 de fevereiro de 547, a D. Brás d'Almeida, de 150 pardáos, por ter tomado quatro navios de ladrões.

A 6 de março de 547, a D. Diogo de Almeida, capitão da cidade de Gôa, para poder mandar a Bengala um navio seu nesta monção de Abril.

A Ruy Gonçalves de Caminha, poder mandar um navio seu a Bengala nesta monção de Abril.

A 6 de março de 547, a Diogo Alvares Teles, para poder ir a Bengala num navio seu, ao porto pequeno, fazer sua fazenda e ir como capitão-mór dos navios que a esse porto fossem.

A 9 de março de 547, a João Alvares de Magalhães, de juiz do peso de Malaca, por ter vindo a Dio com D. Alvaro, e achar-se na batalha e nas obras da fortaleza.

A 10 de março de 547, a Pantaleão Luiz, da escrevaninha da armada que fôr a Bengala ao pôrto pequeno e assim de escrivão dos defuntos e poder trazer de lá dez bares de lacre da terra, por ser criado de Brás d'Araujo, védor da fazenda.

A 11 de março de 547, a Nicoláo d'Azevedo, do oficio de juiz da alfandega de Malaca, por ser sobrinho do sobredito Brás d'Araujo.

A 12 de março de 547, ao chanceler Francisco Toscano, para poder mandar um navio a Bengala, por ter mandado os filhos no inverno em socorro de Dio, fazendo com eles muito gasto e despêsa.

A 10 de março de 574, a Duarte Barbudo, poder mandar a Ormuz 6 bares de canéla, que de Ceylão lhe vieram por mandado do védor da fazenda.

A 10 de março de 547, a Afonso de Rojes, poder mandar a Ormuz 6 bares de canéla, que de Ceylão lhe vieram por ordem do védor da fazenda.

A 10 de março de 547, ao ouvidôr geral, poder mandar 20 bares de roupa, forros, na náo d'El-Rei que vai a Malaca pela via de Choromandel.

A 10 de março de 547, ao secretario Antonio Cardoso, poder mandar 20 bares de roupa, forros, na náo d'El-Rei que vae a Malaca pela via de Choromandel.

A 18 de março de 547, a Francisco da Cunha, poder mandar dois homens a Bengala e trazer de lá vinte bares de lacre e mandá-los a Ormuz.

A 18 de março de 547, a Duarte Barbudo, para poder mandar dez bares de roupa, forros, na náo que vae a Malaca pela via de Choromandel.

A 18 de março de 547, a Antonio Pessoa, poder mandar fazer uma náo a Ceylão e mandá-la a Bengala.

A 18 de março de 547, a Vasco da Cunha, poder mandar uma fusta sua a Bengala nesta monção de Abril.

A 18 de março de 547, a Gaspar Luis da Veiga, poder mandar um navio seu a Malaca.

A 19 de março de 547, a João Nunes Homem, poder ir num navio seu invernar a Choromandel em 1548 e d'ahi ir a Martanáo (?) com sua fazenda e levar dois mercadores consigo depois de carregar o navio d'El Rei que vae para Pegú.

A 20 de março de 547, a Fernão de Sousa de Faria, de 40 pardáos.

A 21 de março de 547, a D. João de Tayde, de 150 pardáos.

Mercês a Bernardo da Fonseca, capitão de Coulão:

Cem mil reaes adeantados do seu ordenado; poder mandar um navio a Bengala; poder mandar fazer um navio d'alto bordo na costa do Malabar, poder pagar, emquanto servir os cargos de capitão e feitor de Coulão, a 12 criados seu sôldo e mantimentos aos quarteis; poder prover, em Coulão, os oficios vagos.

A 23 de março de 547, a Antonio Rodrigues, do *mestradeguo* de qualquer galeão, náo ou navio que vá a Ceilão pela canela, por tres viagens, por ter estado na bataria do baluarte de Diogo Lopes com o seu navio.

A 23 de março de 547, a Pero Queiroz, de aforamento de duas aldeias, nas terras de Baçaim.

A 23 de março de 547, a Lopo Fernandes, 50 pardáos, por ter concertado as peças d'artelharia quebradas, nesta fortaleza.

A 23 de março de 547, ao Dr. Simão Martins, ouvidor geral, 58 pardáos.

A 23 de março de 547, a Belchior Rebêlo, poder fazer um navio na costa do Malabar e uma viagem a Bengala. Foi ferido no cêrco.

A 8 de abril de 547, a D. Artur de Castro, 30 par-

dáos d'ouro, por ter adoecido com as obras da fortaleza.

A 8 de abril de 547, a Antonio Dornellas, de 30 pardáos d'ouro, por ter adoecido com as obras da fortaleza.

A 30 de março de 547, a Acenso Fernandes, do cargo de juiz dos orfãos em Ormuz por tres anos.

A 30 de março de 548, a Alvaro Pires, poder ir como condestabre da náo que vae a Maluco buscar o cravo e carregar nela 15 bares de cravo.

A 31 de março de 547, a João Mendes e a Gaspar Nogueira, para poderem ir nesta monção de abril, em um navio seu a Malaca.

A 31 de março de 547, a Gonçalo Lopes, condestabre que foi da fortaleza de Dio, oito mêses de ordenado, que lhe eram devidos, por ter ficado cégo d'uma bombardada.

A 31 de março de 547, a Acensio Fernandes, dez candis de ferro que lhe tomaram em Ormuz.

A 31 de março de 547, a Francisco d'Almeida, p.ª poder mandar um navio seu a Bengala em 1548, por ter vindo numa fusta socorrer Dio.

A 1 de abril de 547, a Manuel da Fonseca, p.ª poder ir num seu navio a Bengala.

A 1 de abril de 547, a Antonio de Mondoça, que os direitos de um cavalo arabe lhe sejam tomados em desconto do seu sôldo.

A 2 de abril de 547, a Antonio Gil, da feitoria da feitoria da fortaleza de Dio.

A 2 de abril de 547, a Antonio da Costa, do cargo de almoxarife da sisa de Chaul.

A 2 de abril de 547, a Manoel Gago, da parte dos nove candis e meio de *mũguo* que pertencerem ao rei.

A 2 de abril de 547, a Duarte Leitão, cavaleiro da casa d'El-Rei, da capitania de uma caravéla.

A 12 de abril de 547, a D. João Mascarenhas, capitão da fortalêza de Dio, mil pardáos, por causa do muito gasto que teve.

A 12 de abril de 547, a Luis Figueira, 300 pardáos, por ficar em Dio servindo S. A. e *dar mesa.*

A 12 de abril de 547, a Antonio Pereira, 300 pardáos, por ficar em Dio servindo S. A. e *dar mesa.*

A 12 de abril de 547, a Pero de Tayde, 300 pardáos, por ficar em Dio servindo S. A. e *dar mesa.*

A 12 de abril de 547, a Francisco da Silva, 300 pardáos.

A 12 de abril de 547, a João Figueira, 50 pardáos, por ser ferido na batalha e ficar em Dio.

A 12 de abril de 547, Diogo d'Anhaya, 50 pardáos, por ficar cego d'um dos olhos e invernar na fortaleza.

A 12 de abril de 547, a Jorge da Silva, 50 pardáos, por ter adoecido no cêrco de Dio.

A 12 de abril de 547, a Fernão de Sousa de Faria, 40 pardáos, por ter adoecido no cêrco de Dio.

A 12 de abril de 547, a Alvaro Lopes, cem pardáos.

A 12 de abril de 547, a Pero Fernandes, 50 pardáos.

A 12 de abril de 547, a Antonio Dourado, 30 pardáos, por se achar na batalha, sarvindo continuamente nos fornos da cal.

A 12 de abril de 547, a Antonio Gil, feitor de Dio, para poder mandar um navio seu a Bengala.

Á 12 de abril de 547, a Martim Correia, para poder mandar uma sua fusta a Bengala.

A 30 de abril de 547, a Afonso de Rojas, para poder carregar na náo d'El-Rei que vae a Malaca pela via de Paleacate, vinte bares de roupas e fazendas.

A 2 de maio de 547, a Lourenço Machado, para poder ir no ano que vem a Bengala num seu navio.

A 2 de maio de 547, a Gaspar Moreira, para poder fazer uma fusta na costa do Malabar, por ter sido aleijado em Dio.

A 3 de maio de 547, a Gomes Carvalho, para poder mandar um navio seu a Malaca.

A 3 de maio de 547, a Fernão Lopes, para poder fazer uma sua fusta na costa do Malabar, por ter sido aleijado em Dio.

A 3 de maio de 547, a Pero Afonso, 92 pardáos, producto duma manêta que se lhe deu.

A 3 de maio de 547, a Garcia de Sá, para poder mandar uma fusta a Bengala, por ter gasto muito dinheiro em Dio.

A 4 de maio de 557, a Tristão de Sousa, para poder ir num navio seu a Bengala.

A 4 de maio de 547, a Pantaleão Luis, para poder ir num navio seu a Bengala.

A 4 de maio de 547, a Francisco Martins, para poder ir numa sua fusta a Bengala.

A 4 de maio de 547, a Francisco Martins, dispensa de ir a Bengala nas náos de S. A.

A 4 de maio de 547, a Fernão Peres de Andrade, para poder fazer uma fusta na costa do Malabar, ou comprá-la, podendo ir nela a Bengala fazer uma viagem em 1548, por ter vindo de Cochim num seu catur com muitos homens e ir ao socorro de Dio.

A 4 de maio de 547, a Antonio Pereira, p.ª poder mandar comprar um catur e concertar uma fusta em Cochim para servir El-Rei.

A 6 de maio de 547, a Francisco Fernandes moricalle, licença para poder mandar um navio a Bengala na monsão de setembro, por ter vindo de Cochim num seu catur, indo servir a Dio, estar numa caravela *na bataria* e depois na batalha.

A 6 de maio de 547, a Rodrigo Alvares, para poder mandar um navio a Bengala por ter ido numa fusta em socorro de Dio.

A 6 de maio de 547, a Rodrigo Alvares, para poder fazer uma fusta.

A 6 de maio de 547, a Tristão de Paiva, licença para poder ir numa sua náo a Maluco com quatro homens, etc., por ir numa caravela ao socorro da fortaleza de Dio onde deu de comer a muitos homens e se achar na batalha onde foi ferido duma espingardada numa perna.

A 11 de maio de 547, ao capitão Correia, de 50 pardáos por exercitar os lascarins na ordenança.

A 11 de maio de 547, a Mendo d'Abreu, para poder fazer uma viagem a Bengala, por ter ido em socorro de Dio, em cuja batalha se achou.

A 12 de maio de 547 a Francisco de Sequeira, 45$000 rs. que lhe eram devidos da sua tença, por ter vindo com quatro fustas com gente a socorrer Dio.

A 12 de maio de 547, ao mesmo, licença para mandar fazer uma fusta na costa do Malabar.

A 12 de maio de 547 nova mercê, ao mesmo, de poder mandar fazer um navio.

A 13 de maio de 547, a Heitor Velôso, do oficio de escrivão de qualquer náo que fôr a Bengala.

A 17 de maio de 547, a Jacome do Couto, morador em Chaul, para poder ir ou mandar um seu navio a Bengala e depois a Malaca ou Ormuz, por ter ido a Dio com D. Alvaro.

A 17 de maio de 547, a Antonio Coelho de Sousa, capitão de Chale, para poder mandar a Bengala uma fusta.

A 23 de maio de 547, a Alvaro da Costa, anadel dos espingardeiros, de 50 pardáos.

A 27 de maio de 547, a Beatriz de Proença, 15 pardáos, do sôldo do seu marido, por se ter perdido quando ia em socorro de Dio.

A 27 de maio de 547, a Gonçalo Barroso, lascarim, para poder ir a Bengala numa sua fusta.

A 27 de maio de 547, a Beatriz Barradas, de 20 pardáos do soldo de seu marido, defunto.

A 27 de maio de 547, a Francisco de Barros lascarim, para poder mandar uma sua fusta a Bengala.

A 28 de maio de 547, a Beatriz do Couto, viuva, oito pardáos.

A 28 de maio de 547, a Antonio de Bos, bombardeiro alemão, dez pardáos.

A 1 de maio de 547, a Manoel de Mesquita, 200 pardáos, por ir a Salsête.

A 6 de maio de 547, ao mesmo, 240 pardáos mais.

A 6 de maio de 547, a Antonio Leme, 50 pardáos, para ajuda do comer aos soldados.

A 7 de maio de 547, a D. Alvaro de Castro, 500 pardáos p.ª ajuda do gasto de comer com os soldados.

A 29 de maio de 547, a Gregorio de Vasconcelos, 100 pardáos por invernar na fortaleza de Dio, gastando sua fazenda em dar de comer no cêrco onde foi ferido, ficando aleijado dum braço.

A mestre Pedro, mestre dos ferreiros, uma peça de chamalote e 12 covados de setim, pelo trabalho que teve em concertar muitas peças de artilharia no cêrco de Dio.

A Diogo Fernandes, pilôto, uma peça de chamalote e 20 covados de tafetá, pelo trabalho que teve em Dio no desfazer da ponte.

A Luis Castanho, pedreiro, duas peças de chamalote e oito covados de tafetá.

A Alvaro Lopes, uma peça de chamalote e 10 covados de setim.

A Vasco da Cunha, tres peças de chamalote e dezasete covados de setim.

A 2 de junho de 547, a Francisco de Mello Pereira, a capitania de Salsête com 2000 pardáos por ano de ordenado e mais 1000 para dar de comer á sua gente.

A 2 de junho de 547, a Luis de Braga Girão, de tesoureiro da casa do armazem das armas e munições de Gôa.

A 4 de junho de 547, a Cristovão de Matos, de 50 pardáos.

A 4 de junho de 547, a Ana de Faria, viuva dum

homem que, em defêsa de Dio morreu, trinta pardáos.

A 4 de junho de 547, a Domingos Dias, p.ª poder comprar uma fusta na costa do Malabar e fazer uma viagem a Bengala e dahi a Ormuz.

A 5 de junho de 547 a Jorge Carvalho, de 20 bares de pimenta que ficaram no pôrto de Ovar.

A 5 de junho de 547, a João Moreno, da aldeia do Baleão aforada em fatiota.

A 8 de junho de 547, a Antonio Coelho, lascarim, p.ª poder comprar uma fusta na costa do Malabar e nela ir a Bengala, por se achar na batalha de Dio, onde lhe deram uma espingardada pela bôca.

A 8 de junho de 547, ao contador, Domingos Pires Guedes, de cem pardáos.

A 8 de junho de 547, a Baltasar Ferreira, 20 pardáos.

A 10 de junho de 547, a D. João de Castro, cristão da terra, 30 pardáos.

A 14 de junho de 547, a Pedro Fernandes, escrivão dos defuntos, de 50 pardáos.

A 14 de junho de 547, a Antonio de Revoreda, da aldeia de Camão para lha aforarem em fatiota.

A 14 de junho de 547, a Pero Esteves, da aldeia de Allubolym.

A 14 de junho de 547, a Antonio Coresma da aldeia Cholem.

A 16 de junho de 547, a Joana de Meneses, viuva de Thomarym Fernandes, 30 pardáos.

A 16 de junho de 547, a Francisco Nunes, para poder mandar uma sua fusta a Bengala, foi mt.º ferido no cerco de Dio.

A 16 de junho de 547, a João Gomes, 40 pardáos; cortaram-lhe uma mão em Dio.

A 17 de junho de 547, a Manoel Gonçalves, lascarim, 40 pardáos; ficou aleijado em Dio.

A 18 de junho de 547, a Áfonso Rodrigues, p.ª porteiro da alfandega de Malaca.

A 18 de junho de 547, a Antonio Leite, l.ça para mandar uma sua fusta a Bengala; foi queimado de fôgo de polvora e ferido em Dio.

A 18 de junho de 547, a Filipa Mendes, viuva de Pedro Alvares Mendes, trinta pardáos.

A 21 de junho de 547, a Cristovão de Castro, para poder mandar uma fusta a Bengala.

A 21 de junho de 547, a Jeronimo *Butaqua* da capitania de uma fusta e um catur mandado ajudar os reis das ilhas Maldivas, com 7$000 rs. por mês, por invernar em Dio onde pelejou muito bem e foi muito queimado no rosto de fôgo da polvora.

A 21 de junho de 547, a Jorge Borges, lascarim, dos oficios de tabelião publico e escrivão dos defuntos da costa de Melinde.

A 25 de junho de 547, a Manoel Lourenço de Cochim, para poder ir em um navio seu a Bengala.

A 25 de junho de 547, a mestre Francisco, para poder ir em um navio seu a Bengala, por ter, em Dio, exercitado os lascarins nas armas.

A 25 de junho de 547, a Lucas Veiga p.ª poder ir numa sua fusta a Bengala.

A 26 de junho de 547, a Domingos Leitão, da capitania de qualquer fusta que vá ás Ilhas de Maldiva com Jerónymo Bütaca.

A 26 de junho de 547, a Simão da Rocha p.ª poder mandar um navio seu a Malaca.

A 27 de junho de 547, a Bernardo da Fonsêca, capitão de Coulão, para poder mandar um navio seu a Bengala.

A 28 de junho de 547, a Christovão de Azevedo, um chão detrás da fortalêsa de Cochim.

A 28 de junho de 547, a Leonel de Lima, os terços e fretes, que era obrigado a pagar, dos dez barcos de cravo que embarcou em Maluco, por causa do gasto que fez na viagem a Maluco, com Fernão de Sousa de Tavora.

A 28 de junho de 547, a Manoel Nunes, cirurgião, para poder mandar fazer um navio d'alto bôrdo na costa do Malabar e ir nele a Malaca, por ter ido a Dio com D. Alvaro de Castro e ahi curar muitos feridos.

A 29 de junho de 547, a Gregorio de Vasconcelos, cem pardáos, por ter dado de comer no cêrco a muitos lasearins.

A 30 de junho de 547, a Gaspar Rodrigues, para poder fazer uma fusta na costa do Malabar e ir nela a Bengala.

A 30 de junho de 547, a Francisco Navaes Pereira, para poder ir numa fusta a Bengala.

A 30 de junho de 447, a Bastião Lopes Lobato, do cargo de alcaide-mór de Gôa.

A 30 de junho de 547, a Antonio da Cunha, cem pardáos.

A 30 de junho de 547, a Belchior Gonçalves, capitão do catur S. Jorge, do vencimento em atraso.

A 30 de junho de 1547, a Manuoel de Sousa de Sepulveda, m.cê da náo tomada por Antonio Moniz, por ir com D. João de Castro ao socorro de Dio, levando duas fustas com muita gente, e por ter dado mesa a muitos lascarins que trabalharam nas obras de Dio.

A 14 de julho de 547, a João de Castro, de 20 pardáos por servir de lingua.

A 3 de julho de 547, a João da Costa, de tres aldeias nas terras de Baçaim.

A 8 de julho de 547, a Mem Lopes, lascarim, licença para poder ir a Bengala e Ormuz num navio d'alto bôrdo.

A 8 de julho de 547, a Aleixo Fernandes, lascarim, para poder fazer uma fusta e ir nela a Bengala, por ter sido muito ferido em Dio.

A 8 de julho de 547, a Gabriel de Barros, para poder mandar uma fusta e um catur a todas as fortalêsas da costa da India, do cabo de Comorim até Dio.

A 8 de julho de 547, a Antonio Marinho, p.a poder ir a Bengala.

A 8 de julho de 547, a João Lagarto, para poder fazer uma fusta na costa do Malabar.

A 8 de julho de 547, a Luis d'Orta, da escrevaninha da náo que ha-de ir a Maluco.

A 8 de julho de 547, ao dr. Simão Martins, ouvidor geral da India, de 20 bares de cravo.

A 8 de julho de 547, ao sobredito doutôr, mais 40 bares de fazenda.

A 9 de julho de 547, a Diogo da Silva de Menêses, para poder mandar um navio seu a Bengala.

A 9 de julho de 547, a Manoel Pereira, para poder ir num navio seu a Bengala.

A 9 de julho de 547, a Mecia da Costa, viuva do contadôr Julião Fernandes, morto na batalha de Dio, de certo cravo e roupa devidos ao seu marido.

A 11 de julho de 547, a Jorge Cardim, de 4 aldeias das terras de Baçaim.

A 11 de julho de 547, a Francisco Fernandes, liçença para poder ir a Malaca.

A 11 de julho de 547, a Lançarote Gonçalves, licença para poder fazer um navio na costa do Malabar e nele ir a Bengala e Malaca.

A 13 de julho de 547, a Antonio Camêlo de varios oficios.

A 13 de julho de 547, a André Rodrigues, 30 pardáos.

A 13 de julho de 547, a Jacome de Palhares de certo oficio.

A 17 de julho de 547, a Martim Gomes, licença para poder ir á Bengala.

A 18 de julho de 547, a Manuel d'Abreu, moço da camara d'El-Rei, licença para poder ir a Bengala.

A 18 de julho de 547, a Domingos Dias, licença para poder mandar fazer uma fusta.

A 18 de julho de 547, a Francisco Mendes, licença para poder mandar fazer uma fusta.

A 21 de julho de 547, a Diogo Fernandes, duas aldeias nes terras de Baçaim.

A 4 de agôsto, a Diogo Franco certa aldeia.

A 4 d'agôsto de 547, a Domingos da Fonsêca, licença para poder mandar uma fusta a Bengala.

A 7 de agôsto de 547, a Fernão Vaz, licença para poder ir a Bengala.

A 7 de agôsto de 547, a Pero Fernandes, pilôto da náo que vae a Ceylão por canela, seis bares de canéla.

A 7 de agôsto de 547, a Pero Figueira, de porteiro e guarda da alfandega de Malaca.

A 11 de agôsto de 547, a Simão Morêno, dos oficios de almoxarife e apontadôr da ribeira de Cochim.

A 11 de agôsto de 547, a Ant.º Gomes, de duas aldeias.

A 11 de agôsto de 547, a Vicente Chacho, licença para poder ir a Bengala em um navio seu.

A 11 de agôsto de 547, a Bastião Teles, licença para poder ir num navio seu a Bengala.

A 11 de agósto de 547, a Miguel Rodrigues, capitão das terras de Bardez, 200 pardáos.

A 11 de agôsto de 547, a João Jusarte, mil pardáos.

A 15 de agosto de 547, a mestre Pedro, vigario geral, sessenta pardáos.

A 16 de agôsto de 547, ao mesmo mestre Pedro, p.ª poder mandar trazer de Ceylão vinte bares de canela.

A 16 de agôsto de 547, a D. Afonso de Monroe, de 50 pardáos.

A 20 de agôsto de 547, a Duarte Teixeira, da alcaidaria-mór da fortalêza de Dio.

A 20 de agôsto de 547, ao antecedente de 50 pardáos.

A 20 de agôsto de 547 a Bastião Dias, moço da camara d'El-Rei, licença para poder mandar comprar em Ceylão dez bares de canéla.

. . . .

A 12 de Outubro de 547, licença a Jerónimo Butaca, que ora vae por capitão ás ilhas de Maldiva, para, emquanto lá andar, poder mandar a Bengala, a Ceilão e a Martanão, cada ano, um navio, não levando cousas defesas, por ter estado em todo o cêrco de Dio, onde pelejou muito bem e foi queimado e se achou na batalha e trabalhar nas obras.

*

A fl. 234 do códice da Biblioteca da Ajuda, 51-VIII-42 começa o «Caderno das despesas que se fizerão no fazimento da fortaleza de Dio que o sr.or g.or D. J.o de Castro fez de novo que foy começada a xxij dias de nov.bro de j bc R bj (1546) e acabou a xb dabryll de j bc R b ij (1547)».

A fl. 278 v.º, encontra se o seguinte:

Artelharya q̃ ho sñor g.or tomou aos capitaẽs del-Rey de Cambaya quãdo descerqou esta fortaleza e desbaratou os capitãis del-Rey de Cãbaya em batalha que deu e lhe tomou a sua cidade de Dio:

Hũ bazalisco gramde de metall que tem de comprido vinte palmos e tyra de pelouro sesenta e seis harrates;

Hũa espera de metal;

Hũ camelete de metall que nõ tira pedra por não ter camara;

Duas meyas esperas;

Hũa salvajẽ de ferro muito boa;

Hũ cão de ferro cõ seu rabo e pyão;

Hũa roqueira de ferro a que chamão ha forneira cõ sua camara;

Ha qual artelharya estaa toda cõ seus repayros ferrados cõ suas rodas e novos;

Seis repayros novos que vyerão de Baçaym;

Dezaseys repayros novos que vyerão de Goa V-s.-. quatro de lyoẽs e agras e quatro desperas, e quatro de camelos gramdes e quatro de cameletes;

Tres repayros -s.- hũ do bazalisco q̃ hestava ha see., os quaes se fizerão aquy;

Dous taboẽs pera fazer hũ repayro despalhafato;

Hũ reparo pera o Reymão;

Dezoito rodas novas que vyerã de Goa;

Dous pedaços de paos que vyerão de Goa pera eixos de repayros;

Correjerão se seis repayros -s.- de heixos quatro -s.- quatro de agras e lyoẽs a que tyraraõ hos monyletes e puseraõ lhe heixos e hũ camelete e outro de m.ª espera.

Pelouros de ferro coado

Dous myl e trezentos e oytenta e sete pelouros de ferro coado de toda a sorte;

Seys cemtos e tres pelouros de ferro chũbados de falcão;

Cento e noventa e dous pelouros de ferro chũbado;

Vintatres pelouros de ferro coado despera;

Duzentos e sessenta pelouros de pedra de toda a sorte;

Myl pelouros de ferro coado de toda a sorte, são despera todos;

Myl pelouros de m.ª espera;

Mais cimqoemta pelouros de ferro de bazalisco;

Mais vimte pelouros de ferro coado de serpe;

Mais dez pelouros de ferro coado de lyaõ;

Mais quynhentos pelouros de pedra -s.- duzentos de salvajẽ e trezemtos de camelo de marca mayor;

Dezaseis pelouros de ferro de lyaõ;

Vimtatres pelouros de ferro coado;

Quorenta e dous pelouros de berço;

Vimte pelouros de bazalisco;

Quatro quymtaes de pastas de cobre;

Quoremta e nove quymtaes tres arrobas e m.ª de chumbo;

Nove peças de cobre -s.- duas cald.ras de cozer salitre, hũa nova e outra velha;

Hũa sertã demxugar salitre;

Hũ caldeyraó gramde de cozer bem;

Tres caldeyroẽs de fustas e catures pera fazer de comer ha marinheiros e hũa colher descumar salitre;

Dous tachos de cobre pera fazer crivos pera a polvora;

Duas folhas de cobre de bazalisco pera carregadores dele;

Vimte folhas de cobre pera carregadores de serpe e camelos e esperas;

Cemto e vimte corcoletes e cemto e cimq.º cervilheyras e quatro capacetes e quatro peitos;

Cimqoemta e tres piques;

Trimta e hũa lamças;

Tres lamças mais;

De ferro de Portugal quatorze quimtaes;

De ferro da terra cem quimtaes;

Daço duas harrobas;

De panelas de polvora cheas quatrocemtas e cimqoemta;

De pelouros de pedra de toda sorte hũa grande soma;

De panelas de polvora vazias grandes e pequenas oyto mil;

De caloẽs cheos e meyos de polvora quoremta e cinco;

Mais sesemta pipas de polvora de bombarda cheas;

De polvora despimgarda vimte caixoẽs;

Dous tamques de polvora de bombarda que se tomarã haos mouros de que he hũa de bõbarda e outro despimguarda;

Outro caixão de polvora de bombarda de mouro;

Hũa jarra de polvora de mouro de bombarda;

De salitre eram duas pipas;

Mais de salitre quorẽta e dous quintaes;

Demxofre belo duas arrobas e m.ª;
Mais demxofre eram hũ quintal e m.º;
Demxofre mais setemta e cimqo quintaes e sesemta arrates;
Mais demxofre belo cimqo quintaes e duas arrobas;
De madeira de Baçaỹ grosa sejs paos;
Mais seis taboas pera repayros;
Hũa soma de paos pera cabos demxadas e picoẽs;
Seis m.as vigas de pao ferro;
Mais dez vigas que vyerã da cidade que se tyrarã das casas;
Oyto escadas q̃ se aqy fyzerã de pao que mãdou fazer o snõr. g.or pera o dia da batalha;
Dous vayveẽs forrados com seus cabos;
Tres escadas m.to gramdes q̃ mandou trazer o snõr. g.or;
De baldes duzemtos;
De çestos quynhemtos;
De murroẽs despingardas setecentos;
Tres catures concertados;
Hũa fusta mt.º boa;
Outros dous catures pera poderẽ correjer;
Cem paos pera remos deles;
Tres corjas de cotovyas;
Quatro corjas de teadas que tem o feitor em sua maõ;
De breu de Melymde e Çamatra dez bares;
De breu de Portugal pouco menos de hũa pipa;
De cayar quinze bares;
De cippa dezaseis jarras:
Dazeite de coco cimqo pipas;
Damarras pera fustas e catures cimqo amarras;

De lenha pera carvaõ de polvora despȳgarda hũa grãde soma;
De betas quatro peças;
Duas arppoeyras de linho;
De linho duas peças de cabos;
De ferro c.[to] e vimte madeixas;
Mais duas madeixas de ferro groso;
Dagulhas vimte;
M.[ta] mad.[ra] de palmas de que hos mouros fazião seus bastiaẽs e trãqueyras e repayros e caneyros q̃ fica demtro na fortaleza;

As quaes cousas q̃ ho snõr. g.[or] leixa nesta fortaeza p.[a] provimento dela e por asy pasar em verdade pasamos esta certidaõ — Amt[o] Neto almoxarife de Dio e P.[o] Maldonado scripvaõ do dito carrego... .. Dio a quatorze dabril de 547.

. . . .

E asy comçertaraõ mais estas peças dartilharia abaixo decraradas que ho snõr. g.[or] mandou comçertar:

Hũ lyaõ de metal q̃ hestava arrebẽtado hũ palmo e e m.[o] da boca e pos lhe m.[tre] P.[o] hũa sobrecabeça de ferro;
Hũ camelo de marca mayor q̃ estava arrebemtado dous palmos e m.[o] da boca pos lhe m.[tre] P.[o] hũa sobrecabeça de ferro;
Hũa espera de metal q̃ tinha hũ palmo da boca arre-

bentado e pos lhe m.tre P.o outra sobrecabeça de ferro;

Hũa agra lhe pos m.tre P.o hũa sobrecabeça de ferro;

Hũ bazalisco de metal...

Hũ espalhafato de ferro...

Duas selvajẽs de ferro...

ÍNDICE

PAG.

PAG.

ADITAMENTO

(1) Esta carta encontra-se na íntegra a pág. 18 das *Cartas de Simão Botelho*, publicadas juntamente com o Tombo do Estado da Índia por Lima Felner.

Historia quinhentista do segundo cêrco de Diu

A. Botelho da Costa Veiga

Antigo lente do curso do Estado Maior